



LESLEY LIVINGSTON

A PORTA ENTRE OS MUNDOS ESTÁ ABERTA



1º ATO

 GUTENBERG

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



LESLEY LIVINGSTON

A PORTA ENTRE OS MUNDOS ESTÁ ABERTA

Nove Noites
e um
sonho de outono

1º ATO

TRADUÇÃO

ANGELA TESHEINER E CLÁUDIA SANTANA MARTINS


GUTENBERG

Copyright © 2009 Lesley Livingston
Copyright © 2012 HaperTeen, um selo da HaperCollins Publishers.
Copyright © 2014 Editora Gutenberg

Título original: *Wondrous Strange*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL

Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITOR ASSISTENTE

Denis Araki

ASSISTENTES EDITORIAIS

Carol Christo

Felipe Castilho

PRODUÇÃO EDITORIAL

Ab Aeterno Produção Editorial

PREPARAÇÃO

Karina Danza

REVISÃO

Ana Paula Santos

Camile Mendrot

Malvina Tomáz

CAPA

Marina Ávila

DIAGRAMAÇÃO

SGuerra Design

PRODUÇÃO DO E-BOOK

Schaffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Livingston, Lesley

Nove noites e um sonho de outono / Lesley Livingston ; tradução Angela Cristina Tesheiner e Cláudia Santana Martins. – 1. ed. – Belo Horizonte : Gutenberg Editora, 2014.

Título original: *Wondrous Strange*.

ISBN 978-85-8235-023-2

1. Ficção brasileira 2. Amizade I. Título.

14-01148

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

EDITORA GUTENBERG LTDA.

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Teleendas: 0800 283 13 22

www.editoragutenberg.com.br

Para meu pai

Agradecimentos

Devo sinceros agradecimentos e afeição a um monte de gente. A Jessica Regel e Laura Arnold – minha agente e minha editora de textos, duas das mulheres mais incríveis que já conheci. Elas conspiraram engenhosamente para me fazer escrever este livro e foram muito além do que manda o dever para cuidar de mim enquanto eu o escrevia! Obrigada a Jean Naggar e ao pessoal da JVNLA por me acolherem no grupo, e à maravilhosa equipe da HarperCollins: à diretora editorial, Barbara Lalicki, por sua aguda percepção e apoio; a Maggie Herold, minha genial editora de produção, por me fazer parecer muito mais inteligente do que sou; e a Sasha Illingworth, minha espetacular *designer*, por fazer tudo parecer tão lindo! Obrigada a Lynne Missen, editora de texto, e a todos na HarperCollins Canada pela calorosa acolhida. Obrigada, Mark e Danielle, por sua amizade e hospitalidade nova-iorquina, e por todas as longas caminhadas pelo Central Park – principalmente aquelas à noite! Obrigada, Adrienne, por todo o apoio. Obrigada, Cec-monster, pela ajuda durante todos esses anos. Muito amor e gratidão à minha família – especialmente à minha mãe – por, de algum jeito, entender que eu acabaria chegando aqui, mesmo que eu nem sempre ajudasse. E, acima de tudo... obrigada a John – por muitas razões, entre as quais o fato de que, sem você, eu jamais teria passado do “E se...?”.

ENSAIOS: NA AVALON GRANDE, NA RUA 52
SEGUNDAS E QUINTAS, ÀS 10 HORAS
SÁBADOS, ÀS 11 HORAS

ROTEIRO DA KELLEY

FAVOR DEVOLVER (ESTOU
FALANDO COM VOCÊ,
BOB)

SUBSTITUTA

“SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO”, DE WILLIAM SHAKESPEARE
~LISTA DE PERSONAGENS~

SERES MÁGICOS

OBÉRON – rei das fadas: Oberon briga com a sua rainha, Titânia, por causa de uma criança que está aos cuidados dela – um menino mortal, raptado do berço, que o rei deseja transformar em pajem e servo.

TITÂNIA – rainha das fadas: guardiã de uma criança mortal, raptada do berço, que ela se recusa a entregar a Oberon. Essa briga entre os dois monarcas do Reino Encantado provocou muitos cataclismos na natureza, alterando as estações.

PUCK – às vezes chamado de Robin Goodfellow: este espírito travesso é o principal cúmplice de Oberon. Puck transforma Bottom, um simples trabalhador de Atenas, em um monstro com cabeça de burro e – sob as ordens mal-intencionadas de Oberon – ministra à Titânia, sem que ela perceba, uma poção de amor que faz com que a rainha se apaixone por Bottom, apesar de sua aparência temporariamente monstruosa.

Puck é também responsável por criar o caos entre os amantes atenienses quando ministra, acidentalmente, a mesma poção de amor ao pretendente errado.

E FLOR DE ERVILHA, TEIA DE ARANHA, MARIPOSA, SEMENTE DE MOSTARDA e outros ajudantes mágicos da rainha Titânia.

OS ATENIENSES

TESEU – duque de Atenas: noivo da poderosa rainha das amazonas, Hipólita.

HIPÓLITA – rainha das amazonas: noiva do poderoso duque guerreiro, Teseu.

LISANDRO – o amor de Hérnia.

HÉRMIA – o amor de Lisandro.

HELENA – apaixonada por Demétrio.

DEMÉTRIO – apaixonado por Hérnia, mas depois se apaixona por Helena (graças à intromissão de Puck).

EGEU – pai de Hérnia: quer forçá-la a se casar com Demétrio.

FILÓSTRATO – mestre de cerimônias da corte de Teseu.

OS “TRABALHADORES BRAÇAIS”

*Trabalhadores simples de Atenas
ensaiam na floresta a peça Píramo e Tisbe, que será apresentada
a Teseu e Hipólita em sua cerimônia de casamento.*

NICK BOTTOM – desempenha o papel de Píramo em *Píramo e Tisbe*: Bottom é um sujeito alegre e egoísta, que simplesmente não tem a menor ideia de que a sua cabeça foi transformada em uma cabeça de burro!

Além de **PETER QUINCE, FRANCIS FLUTE, ROBIN STARVELING, TOM SNOOT** e **SNUG**, todos trabalhadores, que são aterrorizados na floresta por seres mágicos travessos e por um monstro com cabeça de burro!

NOITE DE ESTREIA: 1º DE NOVEMBRO!!!

PURPURINA DEMAISS!
FALAR C/ MIND!

ENCURTAR A SAIA

ENCONTRAR
SANDÁLIAS

ARRUMAR
ORELHA DA
CABEÇA DE
BURRO

“SENHOR, COMO
SÃO TOLOS ESSES
MORTAIS!”

Sumário

Samhain 31 de outubro

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

XXXII

XXXIII

XXXIV

XXXV

XXXVI

Noite de estreia 1º de novembro

SAMHAIN

31 de outubro

*Sobe e desce, sobe e desce,
Vou guiá-los, sobe e desce...
Se entro em cena, o medo cresce!
Vai, duende, sobe e desce...*

As palavras torturadas de Puck ressoavam nos ouvidos de Kelley quando ela ergueu a cabeça, lutando contra a escuridão que ameaçava descer sobre ela. Ela viu, com horror, o carrossel do Central Park tremer sob o luar fragmentado pelas nuvens. Embora ninguém estivesse lá para operar a máquina, a plataforma se pôs em movimento e os cavalos pintados começaram a balançar para cima e para baixo. Os enfeites dourados e as joias nas selas e nos cabrestos cintilavam, piscando para Kelley como centenas de olhos sinistros e maléficos.

No céu acima do carrossel, entre nuvens manchadas de roxo e negro por ventos fortíssimos, surgiu uma figura – pairando no ar, montada em um feroso Cavalo Ruão. Kelley sentiu lágrimas quentes lhe arderem nas faces ao olhar para cima e ver os olhos do Cavaleiro. Ele a fitou – frio, impiedoso, sem nenhum sinal de reconhecimento no belo rosto atormentado.

Enlouquecido pela presença do Cavaleiro na garupa, o Cavalo Ruão relinchava, em resistência. Pinoteando e erguendo-se nas patas traseiras, debatia-se com os cascos de chamas.

O carrossel começou a girar.

Ao longe, Kelley ouviu o som de cães de caça.

O Cavaleiro sacou a espada, a lâmina se incendiando como um tição. A respiração de Kelley ficou-lhe presa na garganta quando o carrossel passou a girar cada vez mais depressa.

Figuras esfumaçadas e cintilantes se materializaram do nada para cavalgar as montarias pintadas. Sanguinários e de olhos vermelhos, brandindo espadas de chamas, a alegria deles era algo terrível de observar. Sob eles, os cavalos de madeira se transformaram, resfolegando furiosamente e batendo os cascos na plataforma giratória do carrossel.

Então, eles se precipitaram para a frente. Movendo as pernas com violência, eles galoparam loucamente noite adentro, subindo uma trilha invisível rumo ao coração da tempestade em turbilhão.

Depois de séculos aprisionada, acorrentada por um sono encantado e inquieto, a Caçada Selvagem havia despertado.

Era Samhain. Naquela noite, cavalgariam. Naquela noite, matariam. Nada no mundo deteria o esquadrão de seres mágicos – não com o Cavaleiro e o Cavalo Ruão na liderança...

Se entro em cena, o medo cresce!

Vai, duende, sobe e desce...

I

“Como assim, *promovida?*”

Kelley Winslow sentiu a pulsação acelerar. Era a quinta semana de ensaios para a produção de *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare, no Avalon Grande. Não importava que os Avalon Players – uma companhia de repertório de terceira categoria, tão distante dos padrões da Broadway que poderia muito bem estar em outro estado – houvessem contratado Kelley apenas como atriz substituta, o que, na prática, era um título chique para ajudante de palco. Era seu primeiro emprego de verdade como atriz após uma passagem desastrosa pela escola de teatro e, com apenas dezessete anos, Kelley ficara grata pela oportunidade de incrementar o currículo. Entretanto, naquele dia, assim que chegara ao teatro, Mindi, a diretora de cena, surpreendeu-a.

Kelley carregava uma caixa de objetos cenográficos que fora buscar no furgão da companhia, estacionado do lado de fora, e tinha um par de asas de fada amarrado aos ombros – era o único jeito de carregá-las sem esmagar a estrutura de arame.

“Mindi, o que você quer dizer?”, ela perguntou de novo.

“Quero dizer que você não precisa tirar as asas, menina.” Mindi pegou a caixa de objetos cenográficos das mãos dela. “Nossa querida diva, deWinter, quebrou a perna. Ela está fora da peça, e isso significa que você, pequena substituta, assumirá o papel principal como Titânia, a rainha das fadas, por toda a temporada.”

Kelley ficou sem fala. Sonhara com aquilo – mas, por mais vezes que houvesse assistido Barbara deWinter repassar suas cenas nos ensaios, com canastrice demais e charme de menos, nunca tinha desejado que algo de *ruim* lhe acontecesse. Kelley foi tomada por um sentimento de euforia tingido de culpa. *Consegui. Esta é minha grande oportunidade!*

“Ei!” Mindi deu-lhe um empurrão, de brincadeira. “Chega de sonhar acordada. Estreamos em dez dias, e Quentin está... Bem, pra não ser grosseira, nosso estimado diretor está pirando agora. Por isso, sugiro que você vista uma saia de ensaio e suba lá no palco, pra que o Poderoso Q possa passar as suas cenas com você. Boa sorte.”

Minhas cenas. Minhas cenas...

Com os pensamentos em redemoinho, Kelley quase atropelou o ator que interpretava Puck, quando este pulou graciosamente do andaime que era parte do cenário cantando *Am I blue?*... Engraçado, já que ele, na verdade, era verde – um tom pálido iridescente da cabeça aos pés, cabelo, pele, olhos, até a túnica feita de folhas. Um dos outros atores havia dito a Kelley que o nome dele era Bob, mas que este levava ao extremo o método de interpretação em que o ator busca desenvolver em si os pensamentos e os sentimentos de seu personagem, e por isso exigia que todos se referissem a ele somente como Puck enquanto estivesse fantasiado e maquiado, ameaçando abandonar a produção caso não fosse atendido.

Atores lunáticos.

Pensando nele e no diretor igualmente exigente e muito britânico, Quentin St. John Smyth, Kelley começava a achar que havia se juntado a um verdadeiro hospício no Avalon Grande. Ela abriu as portas do depósito de figurino e remexeu nos cabides com as saias de ensaio, vestindo uma delas por cima dos jeans e abotoando-a o melhor que podia, com os dedos trêmulos.

“Fadas, partamos...”, murmurou ela, em voz alta. “Não... Está errado...”

Ai, meu Deus, pensou Kelley, frenética. *Qual é a minha primeira fala?*

“Isso são só invenções do ciúme... Ah, droga!” Tinha dado branco. “Essa nem é a fala certa!”

O coração martelava-lhe no peito, e ela apoiou a cabeça no batente da porta.

Você sonhou com isso toda a sua vida, disse a si mesma, com severidade. Todos aqueles anos declamando monólogos para os bichos de estimação, e todos aqueles meses implorando à tia Emma que a deixasse se mudar para Manhattan e tentar a sorte. *É isso aí. Vá para o palco e mostre a eles do que é capaz!*

Sentindo-se levemente mais confiante, Kelley inspirou fundo e seguiu rapidamente pelo corredor, atravessando os bastidores – no exato momento em que “Puck” lançava um punhado de purpurina no ar. Ela se assustou quando a nuvem de centelhas lhe caiu sobre o cabelo, o rosto e os ombros.

“Ai... Valeu mesmo, *Bob...*”, resmungou Kelley, removendo o pó cintilante com as mãos, enquanto o ator excêntrico dava uma risada maldosa e corria em direção à coxa esquerda do palco.

Não havia nada a fazer – ela estava coberta de purpurina.

“Fantástico. Pareço uma bola de discoteca.”

Pelo menos combinava com a purpurina da camiseta antiga com a estampa de uma das princesas de “Meu Pequeno Pônei” que estava vestindo.

“Ela vai aparecer ainda HOJE?”

Kelley ouviu o tom furioso de Quentin ecoar pelo teatro, e o nervosismo voltou quando ela ergueu a saia e correu em direção ao palco.

Uma vez lá, Kelley descobriu que, sob as luzes, o pó de fadas era tão brilhante que chegava a cegar. Distraída, viu-se tropeçando tanto na barra da saia quanto em suas falas. O coração começou a palpitar-lhe no peito ao ouvir os grunhidos exagerados e os suspiros de frustração que vinham das fileiras escuras de assentos, de onde o diretor a observava atrapalhando-se toda, como uma idiota.

Depois de quarenta e cinco minutos, haviam progredido apenas pouco mais do que uma página desde a primeira aparição de Titânia. Kelley já tinha conseguido errar metade de suas falas, tropeçar em um banco e pisar no pé de Oberon. Quando ela quase caiu do palco para o fosso da orquestra, Quentin teve misericórdia e interrompeu o ensaio.

“Kelley. Você se chama Kelley, não é isso?” Ele não esperou que ela confirmasse. “Certo. Muito bem. Diga-me... Esse último trecho... era do *Inferno* de Dante?”

“Ahn... não”, balbuciou Kelley, sentindo as faces quentes.

“Não mesmo?”

Estou encrencada.

“Tem certeza?”, continuou ele. “Porque *certamente* não era *desta* peça. E parecia mesmo *infern*al...”

“Eu...”

“Sabe, por mais... Bem, sejamos francos, está bem? Por mais *absolutamente* incompetente que a nossa ex-diva se mostrasse nesse papel...” Quentin subiu lentamente no palco, onde ficou circundando Kelley como um tubarão. “... *ainda assim*, tinha uma *minúscula* vantagem sobre *você*, amoreco.”

“Ela... ela tinha?”

“É *claro* que tinha. Ela sabia a *droga* das falas dela!”

Todo o elenco recuou um passo, a fim de evitar o raio de alcance da explosão de Quentin.

“Além disso, embora eu *obviamente* aprecie *todo* o seu esforço em se fazer *cintilante*...”

Kelley lançou um olhar rápido a Bob, que achara algo especialmente fascinante para examinar sob uma de suas unhas. Provavelmente, purpurina.

“Que tipo de SUBS-TI-TU-TA de *merda* não sabe a *droga* das FALAS?”, esbravejou Quentin.

“Mas eu sei as falas!”, ela protestou. “Quer dizer... eu sabia. Um segundo atrás. Nos bastidores...”

O olhar de escárnio do Poderoso Q se intensificou.

“Ora, mas isso é *maravilhoso*. Quem sabe, devíamos convidar o público para o seu *camarim*, em grupos de *dois* ou *três*, para que você possa atuar de *lá*.”

“Eu...”

Ai, meu Deus, refletiu Kelley, *isso é como voltar à escola de teatro*. O sangue latejava em seus ouvidos e, por um momento, ela pensou que fosse desmaiar. Ou vomitar, talvez. Bem ali, na frente de todo o elenco. As faces ardiam de embaraço.

“*Presumindo* que sua adorável antecessora não se cure milagrosamente, então *você* tem *menos* de duas semanas para *aprender* o papel. Menos de *duas* semanas. Esta produção estreia no dia *primeiro* de novembro, mesmo sob *vendavais* ou *tempestades*. A *esta* altura, *eu* estou apostando nos *dois*.”

Ele girou subitamente nos calcanhares e acenou com a mão, dispensando-os.

“Certo. Paramos aqui para almoçar, lacaios. Não vejo sentido em continuar martelando as mesmas coisas. Estejam de volta às duas, para ensaiarmos as cenas de conjunto. *Você*”, disse Quentin, olhando fixamente para Kelley, “leia o seu maldito roteiro.”

O teatro se esvaziou rapidamente. Depois daquilo, parecia que ninguém queria ficar muito tempo por ali, ou perto dela. Kelley cambaleou às cegas e deixou-se cair sentada nos degraus.

“Kelley?”

Ela se virou ao som do nome dela, dito pelo “Cavalheiro” Jack Savage, o ator que interpretava Oberon, o rei das fadas, na peça. Ele era um veterano dos palcos – com cinquenta e poucos anos, uma sólida presença e uma voz capaz de derreter gelo ou descascar a pintura, dependendo da maneira como decidisse utilizá-la.

“Oi, Jack”, ela respondeu, secando os olhos, envergonhada.

“Pardês, minha querida”, ele a repreendeu, com gentileza. “Sei que o Poderoso Q uiva como uma *banshee*, mas, falando sério... Você não pode se deixar abalar por aquele velho chato.”

Ele se sentou ao lado dela nos degraus e desatarraxou a tampa da sua garrafa térmica velha e amassada, servindo-se de uma xícara de café. O aroma dos grãos colombianos bem torrados era reconfortante.

Kelley deu-lhe um sorriso choroso.

“Jack... Você sabe que as pessoas... a *maioria* delas... não costumam mais usar a expressão “pardês” em conversas cotidianas, não sabe?”

“Estou numa cruzada de um homem só para colocá-la de novo em voga. Junto com *homessa*, *bofé* e, não podemos esquecer, *uxte*.” Ele tomou um gole de café e deu um tapinha no joelho de Kelley, com afeição paternal. “Todos precisam de um propósito na vida, minha cara. Esse é o meu, por mais quixotesco que seja.”

“E se *eu* não tiver?” Kelley fitou os próprios tênis intensamente, forçando-se a conter as lágrimas que lhe ardiam sob as pálpebras. Sentia... Sabia... que tinha arruinado sua grande oportunidade. “Se eu não tiver um propósito, quero dizer. Um destino.”

“Impossível.”

Ela olhou para ele, ansiosa por sua opinião honesta.

“Por que diz isso?”

Jack arqueou uma elegante sobancelha grisalha.

“Sou o soberano do Reino Encantado, minha cara”, replicou ele, com uma piscadela. “Todo aquele pó mágico me deu poderes extremamente fortes de observação.”

“Não estou brincando, Jack.”

“Nem eu.” Jack fitou-a, com o rosto sério. “Kelley... você tem dezessete anos. Está morando sozinha em Nova York. E está em busca de um sonho que a maioria das pessoas sensatas considera inatingível ou uma absoluta perda de tempo. *Acredite* em mim, eu sei. Tudo isso me diz que você é destemida ou só um pouquinho tola. Imagino que seja as duas coisas. E também imagino que você é uma das raras e preciosas pessoas com talento natural suficiente para ter sucesso.”

Kelley deu uma risadinha cética.

“Você *viu* o que acabei de fazer lá dentro, não viu?”

“E ouvi, sim”, riu Jack. “Você estropiou um pouco mais de cinquenta por cento das suas falas. Não me interessa o que Quentin diz; para uma novata, não está tão ruim. Bem... metade *estava* ruim; mas é isso o que estou tentando dizer. A outra metade estava *boa*.”

“Você... acha mesmo?”, perguntou Kelley, tentando avaliar se Jack estava sendo sincero.

Jack deu de ombros e terminou de beber seu café.

“Acho sim. Você tem boa voz. Tem presença. E, o que é mais importante, tem coração, paixão e a incrível teimosia de uma mula, e essas qualidades podem muito bem levá-la a lugares que a maioria de nós mal se atreve a imaginar.” Ele fechou a tampa da garrafa térmica. “Agora, se quiser chamar isso de destino... ou de propósito... O que quer que seja, minha cara, você tem de sobra.”

Kelley não estava de todo convencida, mas sorriu, grata pela bondade dele.

“Alguém já lhe disse que você tem o dom da fala, Jack?”

“Várias pessoas. Infelizmente, nenhum crítico.”

“Obrigada.”

“Não há de que, minha cara.”

Levantando-se, Jack tirou um chapéu imaginário para ela e voltou para dentro do teatro.

#

A segunda metade do ensaio também terminou cedo, porém, desta vez, não foi por culpa de Kelley – seria difícil errar as falas, considerando que lhe haviam ordenado que ensaiasse com o roteiro nas mãos. Embora fosse humilhante para ela ainda precisar ler suas falas a poucos dias da estreia, a companhia passou as cenas de conjunto em tal ritmo e com tal competência que até mesmo Quentin só pôde resmungar algumas reclamações pouco sinceras.

Depois de umas duas horas, ele liberou a maior parte do elenco, retendo as duas garotas que interpretavam Hérnia e Helena para trabalhar em seus monólogos.

“Afinal”, comentou ele sugestivamente e de forma que Kelley escutasse, “elas já sabem as falas delas.”

Sorte delas, pensou Kelley, vestindo de novo as roupas normais. Juntou suas coisas e saiu rapidamente dali, antes que o Poderoso Q mudasse de ideia.

Do lado de fora, o dia estava magnífico, com o céu de outubro de um azul profundo e a temperatura amena. O sol brilhava intensamente e lembrava Kelley dos dias de outono nas montanhas Catskill. Ela foi tomada por uma onda súbita de saudade.

Por que estou fazendo isso?

Nos seis meses que passara em Nova York, nem uma vez Kelley questionara as escolhas que fizera na vida: formar-se cedo no ensino médio, abandonar a escola de teatro para se mudar para a cidade grande, deixar para trás os poucos amigos que tinha, para não falar da tia – que a criara sozinha desde a morte dos pais, doze anos antes. Kelley era tudo para Emma, e elas se adoravam, mas, em vez de continuar os estudos em uma universidade próxima, visitando Emma nos fins de semana, ali estava ela, vivendo na cidade mais árdua dos Estados Unidos, perseguindo um sonho egoísta, para o qual – *Vamos encarar os fatos*, ordenou ela a si mesma, desolada – ela parecia não ter nenhum talento, a despeito do que Jack dissera.

Ela arrastou os pés ao vagar pela Oitava Avenida, relutando em seguir em direção ao centro, para o apartamento no quarto andar de um prédio sem elevador, o lugar que ela chamava de lar. No entanto, lar era outra coisa. Era o céu, a grama, as árvores do bosque do lado de fora de sua velha janela, e a paz.

Kelley parou na esquina da rua 55. O Central Park ficava a apenas algumas quadras de distância. Haveria árvores e grama, e bancos nos quais ela poderia se sentar com tranquilidade e estudar suas falas, longe da multidão da cidade. Virando à direita, ela seguiu rumo ao Leste, em uma leve corrida.

II

Sonny Flannery abriu as portas duplas envidraçadas e saiu no terraço de pedra de seu apartamento de cobertura. Com a agilidade de um felino, pulou para se encarapitar no granito liso e amplo do parapeito. Sem medo de uma queda de dezenove andares até o chão lá embaixo, ele se agachou como uma gárgula – os ombros descansando nos joelhos e as longas mãos delgadas pendendo à sua frente –, observando, enquanto as sombras vespertinas dos inúmeros arranha-céus de Nova York começavam a se alongar por sobre o Central Park.

Era cedo demais para ele estar tão agitado – o Portal só se abriria dali a várias horas. Ainda assim... só de pensar no que aconteceria, a adrenalina pulsava nas veias de Sonny como a canção de uma sereia. Ele escutara a canção de uma sereia certa vez, e não fora nada bonito. Sedutor, sim. Bonito... não. Por baixo da superfície excruciantemente encantadora das melodias das sereias, tudo o que ele ouvira haviam sido notas dissonantes de fome e raiva. Carência. Loucura e pesadelos. Compulsão.

O mesmo tipo de compulsão que o levava ao parque todas as noites durante quase um ano, em preparação para o que aconteceria quando o Portal de Samhain se abrisse e tudo o que restasse entre o Outro Mundo e o reino mortal fossem treze Guardiões Janos. Incluindo Sonny Flannery, o mais novo membro daquele grupo de elite.

Aquele era o seu primeiro ano de serviço como um Jano, e seria a primeira vez também que ele guardaria o Portal. Mal podia esperar.

A brisa de outubro era fria naquelas alturas, mas, mesmo sem camisa e de pés descalços, vestindo apenas uma calça jeans, o frio não exercia nenhum efeito sobre Sonny. Ainda assim, quando a temperatura despencou dentro do apartamento às suas costas, ele não pôde deixar de notar.

“Meu rei”, saudou Sonny, sem se virar para olhar. “Bem-vindo.”

A resposta chegou até ele, ressoando nos ares.

“Sonny.”

Do parapeito em que estava encarapitado, Sonny se virou para ver Auberon, rei da Corte do Inverno dos seres mágicos, recostado na ombreira da porta. Uma cabeleira cinza-escura entremeada de fios grisalhos derramava-se pelas suas costas, e um manto costurado com peles de lobos cinzentos caía-lhe dos ombros, em vívidas camadas prateadas.

“A sua porta”, a voz de Auberon era grave e melodiosa, com tons semelhantes ao lento estalar e ribombar de um lago congelado quebrando-se em uma noite de pleno inverno, “estava destrancada.”

“Eu sei. A maioria dos visitantes indesejados nunca passa da recepção do prédio. Ou são barrados lá embaixo ou não são do tipo que subiria de elevador, então, em geral, eu não me preocupo.”

Sonny sabia muito bem que Auberon não fora lá para falar de portas. O rei da Corte do Inverno não precisava de coisas tão triviais quanto portas. Ele estava apenas sendo bem-educado – em seu jeito peculiar.

Os lábios pálidos do rei das fadas se crisparam.

“Visitantes indesejados?”

“Não o senhor, meu rei, é claro.”

Sonny sorriu e pulou para o chão de ladrilhos. Os pés descalços não fizeram nenhum ruído ao atravessar o terraço.

“É claro que não.”

“Eu só quis dizer que logo terei portas o bastante para me preocupar em manter fechadas.”

Os olhos frios de Auberon cintilaram.

“Terá mesmo.”

“E, de qualquer forma, este é o *seu* apartamento.” Sonny fez um gesto, englobando a extensão de pisos encerados e mobília elegante. “Eu apenas moro aqui.”

Era verdade. Os decretos de Auberon haviam proibido os seres mágicos de ter quaisquer interações com o reino mortal, e seus encantos as tornaram praticamente impossíveis. Entretanto, sendo o rei do Inverno, a mais poderosa das Quatro Cortes dos Seres Mágicos, Auberon podia ir e vir quando desejasse. Ele vinha fazendo isso ao longo dos anos e, em suas relações com os humanos, Auberon havia – entre outras coisas – reunido uma coleção impressionante de imóveis valiosos, incluindo a cobertura de Sonny em uma esquina da avenida Central Park West. Para a maioria das pessoas, “luxuosas” seria pouco para descrever as acomodações do jovem Jano – os nova-iorquinos venderiam partes de seus corpos para conseguir um lugar como aquele. Contudo, Sonny crescera no inimaginável esplendor dos palácios de Auberon.

Sonny nascera no reino mortal, mas, ainda criança, fora raptado por seres divinos, que raramente geravam filhos próprios. Levando um século ou mais em vez de anos para chegar à idade adulta (pois o tempo no Outro Mundo se comportava de modo diferente em relação ao reino mortal), os mortais raptados serviam como descendentes substitutos dos seres mágicos, entrando nos saguões brilhantes de palácios reluzentes, descansando e banquetecendo-se em caramanchões com tetos abobadados. Mortais transformados em quase imortais, eles viviam naquele local atemporal, onírico, adorados ou ignorados por seus caprichosos senhores, às vezes estimados, outras vezes torturados.

No entanto, sempre sob o domínio dos seres mágicos.

A voz do rei acordou Sonny do devaneio.

“Considera estas acomodações adequadas, espero?”

“Não é o meu lar, se é o que está perguntando.”

“Não foi o que perguntei.”

“Claro, meu rei.” Sonny inclinou a cabeça, lembrando-se de quem era. E de com quem falava. “O apartamento é excelente. Obrigado.”

“Que sorte o seu antecessor ter desocupado o local antes de você assumir o posto.”

“O pescoço dele foi cortado por uma glaistig¹ no ano passado.”

“Foi.” Os lábios do rei se reviraram em um sorriso sem alegria. “Mas o momento em que isso aconteceu foi afortunado.”

Sonny procurou um jeito de mudar de assunto.

“Gostaria de beber alguma coisa?”

“A ocasião merece que *eu* faça a oferta.” Auberon se moveu mais para dentro da sala, um frio crescente percorreu o ar à sua passagem. Ele ergueu uma garrafa negra fechada por uma rolha prateada, e Sonny ficou com água na boca de imediato. Vinho encantado. As libações mortais não eram nem mesmo uma sombra da perfeição que havia dentro daquela garrafa. O rei parecia se divertir com a expressão no rosto de Sonny. “Precisamos celebrar o seu primeiro ano como Guardião Jano.”

“É muita gentileza de sua parte, meu senhor. Contudo, eu ainda não demonstrei as minhas capacidades.”

“Se eu tivesse qualquer dúvida sobre as suas capacidades, rapaz, eu não estaria aqui. E, obviamente... nem você.”

Sonny não estava certo se o rei das fadas dissera aquilo como uma ameaça ou não. Observou Auberon entrando na cozinha e retirando dois cálices de vinho do suporte suspenso para copos. Com um giro hábil, ele removeu a rolha prateada e serviu doses generosas do líquido.

“Não tenho dúvidas.” Auberon deu de ombros com elegância, estendendo uma taça para Sonny. “Você é o melhor Jano que eu já escolhi. Melhor até do que Maddox, ou que o Lobo Fenris.”

Sonny lutou contra o impulso de defender o amigo Maddox, sabendo que não seria prudente discordar do elogio do rei.

“Muitas felicidades para você”, brindou o rei. “E boa caça.”

Sonny ergueu a própria taça em retribuição e tomou um gole, contendo um gemido de prazer diante do sabor. O vinho encantado cintilava tanto que parecia feito de minúsculas estrelas.

“Titânia manda lembranças...”

O prazer que Sonny extraía do vinho se evaporou, e ele estremeceu involuntariamente ao pensar na rainha da Corte do Verão. *Titânia*. Todo o encanto e a beleza elementar de uma tempestade de verão... e tão perigosa quanto ela.

“Ela lhe deseja sorte.”

Aposto que ela não especificou se seria “boa” ou “má” sorte, pensou Sonny, tendo o cuidado de manter o pensamento para si mesmo.

“Isso significa que o senhor e a rainha do Verão estão em bons termos, então, meu rei?”

“No momento.”

É claro que, no Outro Mundo – no Reino Encantado –, o tempo não tinha significado. E, portanto, aquele “momento” poderia durar anos... ou se esvaír em um instante. Pelo menos, ponderou Sonny, se Auberón e Titânia estavam se dando bem, isso significava que não haveria interferência da parte dela durante as próximas Nove Noites, e isso era um alívio – o Verão e o Inverno dificilmente entravam em acordo. Sonny pensou, por um instante, nas outras duas cortes – as chamadas “cortes das sombras” –, com seus monarcas imprevisíveis; a rainha Mab, caprichosa governante da malévola Corte do Outono, e Gwyn ap Nudd, o estranho e misterioso soberano da Primavera. As alianças entre os monarcas eram traiçoeiras, mudavam constantemente, e Sonny se maravilhava com a habilidade de seu rei de navegar naqueles mares tempestuosos.

Auberón moveu-se pelo apartamento, fazendo um gesto para que Sonny o seguisse até o terraço. Por um longo instante, eles permaneceram em silêncio, inclinados no parapeito. Lá embaixo, bucólicos e tranquilos, estendiam-se os gramados verdes do Central Park.

“Você não pode falhar, Sonny.”

“Não falharei, meu senhor. Neste ano, entre todos os anos... eu não devo falhar.”

Um silêncio pesado pairou entre eles, e Sonny lançou um olhar de esguelha para Auberón. A pele clara e perfeita ao redor dos olhos do rei das fadas parecia tensa, suas feições contraídas.

“O senhor parece... cansado, meu rei. Algo parece perturbá-lo...”

Auberón se virou, murmurando consigo mesmo, como se o jovem Jano houvesse desaparecido de repente e ele tivesse ficado a sós.

“Meus súditos puxam com violência as correntes diante do Portal de Samhain, usando unhas e dentes. Golpeiam as portas... portas que *eu* fechei... com malhos e espadas. Eles arrancariam um a um os membros uns dos outros e morreriam uivando, mesmo que só para arriscar a possibilidade de abrir caminho à força por aquela infernal fenda entre os mundos. Para escapar de *lá* para *cá*. Para este reino... doentio e... corrompido. Como, então, eu deveria me sentir, quando há aqueles que fugiriam do meu reino... apenas para fazer estripulias com os mortais?”, indagou o rei do Inverno, a última palavra saiu de seus lábios como se a cuspsisse.

“Eu... sou mortal, meu senhor”, replicou Sonny, em voz baixa.

“Você é um Jano. Eu o fiz. A mortalidade não tem nada a ver com você.” Auberón jogou a cabeça para trás e engoliu o restante do vinho em um só gole. “A não ser, é claro, que você morra.”

O rei das fadas saltou para o parapeito. Estendendo o manto, ele pisou no nada, o ar sutil turvou-se ao seu redor, como fumaça.

Em seu lugar, um falcão de asas cor de carvão alçou voo sobre o parque, gritando com fúria.

#

Menos de meia hora depois, Sonny espreitava como um felino na caça os caminhos serpenteantes da área do Central Park conhecida como Ramble, vasculhando com a mente todos os quatro cantos do Portal de Samhain.

Ele costumava se perguntar o que os nova-iorquinos pensariam se algum dia descobrissem a verdade sobre o seu querido Central Park: que os quase três quilômetros quadrados e meio do santuário verde ondulante no meio da cidade não eram nada mais do que um disfarce, uma fachada cuidadosamente construída para ocultar um Portal entre o mundo mortal e o Reino Encantado.

Apenas um século e meio atrás, havia quatro desses portais – Samhain, Beltane, Imbolc e Lúnasa –, espalhados pelo Velho Mundo (passagens pelas quais o Bom Povo podia ir e vir, interagindo com o reino mortal). Contudo, uma vez que os seres mágicos começaram a se mudar para o Novo Mundo, seguindo a imigração em grande escala dos seres humanos, que atravessavam o oceano, as Cortes do Reino Encantado decidiram transferir um dos quatro Grandes Portais para esta nova terra, onde tantos mortais – do tipo que ainda acreditavam nos seres mágicos – haviam se estabelecido.

À medida que o Central Park era construído, no final do século XIX, o Portal de Samhain se formou dentro de suas fronteiras. Escondido do povo da cidade, ele se fundia orgânica e invisivelmente com o oásis urbano em crescimento, fornecendo um perfeito parque de recreação para aqueles que atravessavam o Portal, um local de preservação da natureza e, portanto, um *habitat* natural para os seres mágicos, bem no meio de uma área de tanta agitação humana.

O Portal de Samhain havia proporcionado infindável diversão para os habitantes do Reino Encantado, mas não duraria muito tempo.

Poucas décadas após a finalização do parque, por volta da virada do século XX, Auberón decidiu fechar todos os quatro portais. Enfurecido pela transgressão de um mortal, o rei lançara um encanto que os selaria para sempre, de modo que o Reino Encantado e o mundo dos mortais permanecessem separados.

Todavia, o encanto de Auberón tinha um defeito.

Uma brecha continuou aberta em um dos portais.

O Portal que ficava no centro da fervilhante metrópole do Novo Mundo se abria durante uma noite todos os anos, do pôr do sol do dia 31 de outubro até o nascer do sol do dia 1º de novembro. Mais do que isso: a cada nove anos, o Portal escancarava-se durante nove noites inteiras, sendo o Samhain o último deles.

Assim, Auberón havia decidido que, como não conseguiria manter o Portal fechado, ele reuniria os mais promissores de todos os mortais que haviam sido raptados no berço e criados no Reino Encantado. Selecionando treze deles, Auberón treinou-os e dotou-os de habilidades que lhes permitiriam guardar o Portal para ele.

A ironia não passava despercebida aos recém-nomeados Guardiões Janos – mas eles eram um grupo bastante pragmático e entendiam a realidade da situação: ou serviam ao rei das fadas, ou morriam. Assim, todos decidiam servir.

Eles serviam tão bem, na verdade, que a maioria deles nunca podia voltar para casa – jamais retornavam à sua vida no Outro Mundo. A Guarda de Janos de Auberón ganhara uma reputação tão temível que eles não eram bem-vindos; eram insultados e repelidos como assassinos, chamados de monstros pelos mesmos seres mágicos que antes os haviam tratado como bichinhos de estimação e brinquedos. Era uma missão solitária.

Sonny afastou aquele pensamento e concentrou-se no Portal. Sendo um Jano, não era apenas o parque que Sonny podia sentir. Ele sentia cada uma das almas vivas *no* parque. Elas bruxuleavam em sua mente como chamas de velas; um fogo amarelo-claro, pálido – caso fossem humanos. Havia menos deles do que de costume. Os mortais, pelo que lhe informaram, tendiam a evitar instintivamente o Central Park por volta da hora em que o Portal se abria.

Espalhadas aqui e ali por todo o perímetro do parque, ele percebia outras chamas, azuis e verdes, além de umas poucas vermelhas. Eram Seres Mágicos Perdidos, aqueles que tinham conseguido escapar dos Guardiões em anos anteriores e, depois de atravessar o Portal, viviam agora em segredo no reino mortal. Eles não lhe diziam respeito, e logo iriam embora – bem antes do pôr do sol, a fim de evitar dar de cara com os Janos.

No entanto, havia algo mais.

Algo – alguém – *diferente* havia entrado no parque.

Concentrando-se, Sonny perscrutou com a mente até tocar em uma presença... Uma presença nitidamente diferente de todas as outras chamas de velas na mente de Sonny. Esta não queimava com um brilho estável.

Faiscava de modo errático, como aqueles fogos de artifício chamados de “estrelinhas”.

Com as sensibilidades de Jano alertas e a curiosidade desperta, Sonny decidiu investigar. A anomalia se movia devagar, deslocando-se em um padrão serpenteante que Sonny reconhecia como o de quem segue um dos caminhos da parte do Central Park conhecida como Jardim de Shakespeare. Olhou para o céu. Faltava só um pouco mais de uma hora para o crepúsculo e a abertura do Portal, mas, fascinado pela perspectiva de um pouco de mistério antes do espetáculo, ele saiu correndo, seguindo a centelha.

Quando chegou ao bosque em que a sua “estrelinha” parara, Sonny desacelerou e aproximou-se com cautela. Empregando a magia que Auberon lhe dera, invocou um véu sutil, para se proteger caso sua presa tivesse a habilidade de senti-lo. Ele ainda não sabia com o que lidava.

Esgueirou-se até estar perto o bastante para ter um vislumbre da criatura, mas, ainda assim, não conseguiu saber com certeza. Era uma garota. Isso ele podia ver. Mesmo daquela distância, dava para ver que ela era bem jovem – dezessete anos, talvez. A mesma idade que ele, em termos de idade *mortal*. No máximo, dezoito...

Ele também pôde ver que ela era bonita. Os cabelos tinham o brilho do cobre antigo, lustroso, e os olhos bem separados eram verdes.

Intrigado, Sonny se moveu, sem fazer barulho, sobre as folhas secas, para se agachar nas densas sombras de um teixo. Através dos galhos de seu esconderijo, ele observou a garota se movendo, agitada, andando de um lado para o outro na pequena clareira gramada, batendo com uma unha nos dentes da frente.

Então, ela começou a murmurar consigo mesma – e a gesticular nos ares.

Ah, Sonny suspirou, apenas mais um dos loucos do Central Park...

Os mortais desajustados – aqueles com um parafuso a menos – às vezes apareciam de modo diferente no “radar” de Sonny. Devia ter sido isso o que havia acontecido com aquela garota, ele pensou. Entretanto... ele se sentiu surpreendentemente desapontado ao se virar para ir embora.

A voz da garota ressoou, de repente.

“Querer sair do bosque é um plano vão!”

Sobressaltado, Sonny voltou-se novamente e viu-a apontando em sua direção. Ficou paralisado, com a respiração presa na garganta. Não havia *nenhum* jeito de a garota saber que ele se achava ali. Ele estava muito bem oculto – tanto pela folhagem quanto pelo véu que invocara.

“No bosque ficarás, queiras ou não”, disse ela claramente, em tom imperativo.

Olhando para ela, Sonny notou que ela reluzia. Cabelos, pele, aquelas longas mãos graciosas – cada centímetro dela parecia faiscar.

“Um espírito eu sou, muito invulgar”, continuou a garota reluzente, os cantos da boca se erguendo em um sorriso brincalhão, delicadamente superior.

Espírito?, perguntou-se Sonny, subitamente alarmado.

“O verão ainda impera no meu lar”, ela prosseguiu, dando um passo na direção dele, com uma expressão sonhadora, olhos desfocados.

O *verão*... Sonny sentiu o pânico subindo-lhe devagar à garganta. *Por favor... Não uma das criaturas de Titânia*... Ele se ergueu, pronto para sair correndo.

“E eu te amo muito...”

O *quê?*

“Vem comigo, então...”

Sem perceber o que estava fazendo, Sonny havia começado a estender a mão por entre os galhos do teixo em resposta ao chamado. Recuou a mão abruptamente. Com o que, exatamente, ele tinha se deparado? De repente, ele notou que, por baixo da jaqueta aberta, ela usava uma camiseta com um pônei e um arco-íris cintilantes... e a palavra “princesa”... Sonny sentiu o coração batendo mais depressa do que devia.

“Dar-te-ei silfos; servos teus serão...”, a voz dela, doce como mel, tentava-o com sua música, mantendo-o cativo em um momento de enlevo, “que te trarão do mar joias preciosas... e embalarão teu sono sobre rosas...”

Foi a rima que, finalmente, o alertou.

As palavras dela haviam começado a soar terrivelmente familiares, e a compreensão atingiu-o como um golpe de martelo.

Ah, pelos Sete Infernos!, praguejou ele, cerrando os dentes. Seu amigo Maddox morreria de rir se Sonny lhe contasse aquilo. O que, é claro, ele não faria. Fuzilou a garota com os olhos, mesmo sabendo que ela não podia vê-lo.

Com aquele sorriso encantador, ela anunciou:

“Da rudeza mortal vou te livrar, tornando-te um espírito do ar!”

Em seguida, ela se virou, olhando para trás com um ar sedutor, parecendo chamá-lo com os olhos.

Entretanto, não era realmente a *ele* que ela estava chamando. Sonny sentiu uma estranha pontada de tristeza.

Então, de modo bastante abrupto, a garota estancou, e todo o seu estado de espírito se alterou. Cerrando os punhos, rodopiou em uma pequena dança de frustração. Sonny observou

em silêncio, enquanto ela apanhava um maço de papéis que havia depositado sobre o banco, ao lado da bolsa. A garota bateu nas palavras sobre a folha, praguejando.

“Droga, droga, droga! Está vendo? Está *vendo*? Você *sabe* as falas, idiota! Por que diabos você não consegue fazer *isso* num ensaio? Por quê? Maldição!”

Ela deu um pontapé, furiosa, atingindo uma rocha coberta de musgo com o dedão do pé.

“Ai!”

Sonny soltou a respiração devagar, divertindo-se com a ironia da situação.

Um roteiro. Uma atriz.

O fato de que essa garota um tanto ridícula o houvesse feito pensar que talvez ela fosse... Sonny parou, não querendo nem mesmo se aventurar a prosseguir naquela linha de pensamento. Ele era um Jano. Ele, mais do que ninguém, devia ser capaz de perceber a diferença. Preparando-se para ir embora, ele se virou por um último segundo para observar a garota. Ela andou mancando até um banco e sentou-se pesadamente. De súbito, dobrou-se para a frente, o rosto enterrado nas mãos.

Os ombros dela sacudiam, com soluços silenciosos.

Sonny sentiu o queixo cair.

Ele devia ir. Devia deixar aquela criatura patética curtindo sua dor em privacidade. Sem dúvida nenhuma, ele devia ir...

Em vez disso, Sonny olhou em torno, procurando por alguma coisa que servisse naquele jardim castigado pelo clima. Avistou uma roseira com uma última flor murcha. As pétalas aderiam ao receptáculo em um bloco ressecado, e as folhas na haste estavam quebradiças quase a ponto de virar pó.

Serviria bem, pensou ele, colhendo a flor. Ao tocar na rosa aberta, ela estremeceu e reluziu entre os seus dedos, recuperando a cor lentamente; as pétalas se abriram em um tom cor de pêssego vívido e cremoso, e as folhas adquiriram novamente um verde cheio de vida. Sonny respirou fundo e entrou na clareira.

“Com licença... senhorita?”

A cabeça da garota se ergueu de súbito, e uma pequena nuvem de purpurina irrompeu-lhe dos cabelos. A mão correu na direção da enorme bolsa, o braço desaparecendo até o cotovelo lá dentro.

Boba, refletiu Sonny consigo mesmo – embora tivesse tido o cuidado de impedir que o pensamento se estampasse em seu rosto. *Se eu quisesse machucá-la, eu já poderia ter feito isso facilmente a esta altura...* Havia um traço de medo nos olhos dela, mas apenas um traço. Isso o deixou impressionado.

“Desculpe-me, eu não quis assustar você.” Ele olhou para a bolsa dela. “Por favor. Se está pensando em pegar o *spray* de gás de pimenta, não precisa. Eu... Eu só queria lhe dar isto.” Ele estendeu-lhe a rosa. “Achei que isto poderia alegrá-la.”

A expressão da garota passou de preocupada a maravilhada.

“Uau!”, ela exclamou, baixinho.

Ela estendeu a mão para a flor, hesitante, erguendo os olhos para fitá-lo. Ele deu mais um passo cauteloso à frente e depositou a rosa gentilmente na mão dela.

“É linda...”, ela murmurou, olhando para a rosa perfeita em sua palma. O estonteante perfume da flor encheu a pequena clareira, e a garota inalou profundamente, o rosto suavizando-se em um sorriso. “Obrigada.”

Quando ela ergueu novamente o olhar, ele já havia ido embora.

1 Espécie de vampiro da mitologia escocesa que aparece sob a forma de uma bela mulher de cabelos longos, cuja metade inferior (oculta por um vestido verde) tem a forma de cabra. (N. T.)

III

Kelley olhou para a clareira ao redor, atônita, mas o rapaz misterioso – e atraente – havia desaparecido sem fazer nenhum ruído. Ela se sentou no banco por mais algum tempo, segurando a rosa e escutando.

Nada.

Finalmente, juntando suas coisas, ela seguiu por uma das trilhas que a levaria para fora do jardim e em direção ao Terraço de Bethesda. Era hora de ir para casa.

Talvez ele ainda esteja por aqui, em algum lugar, ela pensou, caminhando a passos tranquilos. *Eu devia, pelo menos, tentar encontrá-lo. Agradecer direito por tentar me alegrar...* Kelley ponderou sobre a tentadora ideia, brincando com o pingente de âmbar verde na corrente de prata que trazia no pescoço. Fora um presente da tia Emma – um trevo-de-quatro-folhas para dar sorte.

Infelizmente, embora mantivesse os olhos atentos, parecia que ela estava *sem* sorte, pelo menos no que dizia respeito ao Belo Estranho.

Ela suspirou, lembrando-se do modo como ele a olhara, com aqueles extraordinários olhos cinza-prateados. O rosto dele era majestoso. Maçãs da face elevadas. Boca reta e firme. Não sorria, mas não era severo – embora Kelley tivesse a impressão de que a expressão dele poderia mudar facilmente nesse aspecto...

“Ah, qual é?”, repreendeu-se Kelley, em voz alta. “Deixe de ser ridícula! Você viu o cara por doze segundos, no máximo!”

Caminhando rumo ao Sul, ela deu a volta no Ramble até chegar à margem norte do lago, do outro lado do afloramento rochoso de Henshead.

De alguma forma, anoitecera. Kelley sempre se sentira segura no Central Park – mas, por outro lado, nunca perambulara por ele depois do pôr do sol. Nervosa, estreitou os olhos para um céu que passara do azul mais escuro para o índigo com uma rapidez surpreendente. Percebeu que tudo estava estranhamente imóvel no parque. Em silêncio absoluto. Um fino véu de névoa baixa redemoinhou, atravessando a trilha à sua frente. Kelley acelerou os passos, quase correndo.

A superfície do lago à sua direita era como uma vasta poça negra de óleo, e tão imóvel que refletia tudo como um perfeito espelho. Ela planejava dar a volta na margem até chegar ao lado Leste, perto de onde poderia atravessar o parque e sair junto à rua 72. A partir dali, era só uma caminhada de dez minutos até o apartamento.

Ela não tinha ido longe quando sons de gritos rasgaram o ar da noite.

O ruído bruto estilhaçou o silêncio, horrível e arrepiante. Kelley congelou, ouvindo os gritos agudos. Soavam como se viessem do meio do lago.

“Ei!”, gritou Kelley, assustada. “Ei! Precisa de ajuda?”

Uma cacofonia de ruídos frenéticos na água alcançou-lhe os ouvidos em resposta. Ela começou a correr em direção à origem do som. Misturado aos horríveis berros que lhe haviam chamado a atenção a princípio, escutou um profundo arquejar, pontuado pelas batidas frenéticas na água – como se alguém estivesse se debatendo em pânico. Afogando-se.

Ou melhor, não alguém, mas *algo*. Kelley parou à beira do lago, percebendo, surpresa, que havia algo claramente não humano naquele ruído. Ela estreitou os olhos e mal conseguiu avistar o ponto no meio do lago, onde a água espumava, branca. De repente, algo se levantou do centro do turbilhão, pinoteando e erguendo-se violentamente nas patas traseiras. Com o coração disparado, ela viu a cabeça de um *cavalo* debatendo-se no escuro.

Os cascos da frente do animal agitavam-se na água, como se tentassem escalar o ar. Então, ele afundou mais. A água se fechou mais uma vez sobre a cabeça da criatura que se afogava, sufocando os sons de relinchos aterrorizados. Kelley olhou ao redor, em pânico.

“Socorro!”, berrou ela, mas a voz soou fraca na noite.

Não havia ninguém por perto para ouvi-la.

Ela se virou de novo para o lago, desesperada, e viu o cavalo romper a superfície da água mais uma vez, com dificuldade, perdendo as forças.

A ideia de um animal se afogando enquanto ela ficava ali assistindo era algo que Kelley não suportava. Ela largou a bolsa, tirou a jaqueta e os sapatos. Em seguida, mergulhou no lago, em um arco raso.

O frio do ar de outubro não era nada, se comparado à temperatura do lago. Ao atingir a água, Kelley pensou por um breve e horrível momento que seu coração pararia de bater com o choque. Quando voltou à superfície, segundos mais tarde, ela inspirou com dificuldade e hesitou.

O cavalo relinchou de novo, desta vez parecendo muito mais fraco. Kelley afastou dos pensamentos o frio cortante e passou a nadar com braçadas fortes e determinadas. Parou a menos de dois metros da criatura aterrorizada, boiando em pé, tomando cuidado com os cascos, agitados e letais como martelos.

“Ôa... ôa...” Kelley tentou impedir os dentes de bater, enquanto acalmava o animal com sua voz. “Bom cavalinho... belo cavalo... calma aí, amigo...”

O animal balançou a cabeça loucamente, os olhos negros se arregalando e as narinas se dilatando.

“Está tudo bem. Está tudo bem...”, ela estendeu a mão ao se aproximar, boiando em água tão fria que quase parecia neve derretida. Se não conseguisse ajudar a pobre criatura a sair do lago rapidamente, sabia que teria de desistir. Os dedos dos pés já estavam dormentes. “Você está bem. Estou aqui. Vou ajudar...”

Ela estendeu ainda mais a mão, as pontas dos dedos tocando de leve a pele aveludada do focinho do cavalo.

Por favor, não me morda, ela pensou, em desespero.

Em vez disso, porém, o animal pressionou o focinho contra a mão dela, batendo-lhe gentilmente nos dedos e soprando ar quente.

“Certo. *Bom cavalinho. Muito bem...*” Kelley nadou mais para perto, ainda com o cuidado de evitar as agitadas patas dianteiras do cavalo. “Vamos tirar você daqui...”

Ela passou as mãos ao longo do flanco do animal sob a superfície da água, para ver se descobria o que estava errado. O cavalo não parecia estar ferido, pelo pouco que dava para ver, mas seus fortes quadris não se moviam da maneira como deviam para manter a criatura boiando. Ela esticou mais o braço sob a água, em direção ao traseiro do cavalo, e por um segundo pensou ter sentido algo frio e áspero... quase viscoso – como escamas de peixe...

Kelley recolheu a mão.

Você não é um cavalo!

Aquilo era ridículo, claro. O frio está afetando o seu cérebro, idiota. Você está imaginando coisas.

Ela esticou o braço de novo e, tateando com as mãos, percebeu que uma rede emaranhada de algas escorregadias se enrolara na parte traseira do animal – provavelmente, fora isso que ela confundira com escama de peixe.

Kelley puxou os fios da vegetação encordoada, mas o material fibroso era forte, e ela não conseguiu um bom apoio. Ficava escorregando de seus dedos, que já estavam endurecidos pelo frio. Grunhindo de frustração, ela ergueu de novo o olhar e viu que o cavalo não estava mais lutando. Apenas observava-a, com olhos lamentosos. As narinas dilatadas mal se mantinham acima da superfície da água.

Ele se afogaria.

A determinação tomou conta de Kelley. Ela se afastou um pouco do flanco do cavalo para juntar todas as forças que tinha. Tomou fôlego três vezes, enchendo os pulmões ao máximo com o cortante ar gelado, e então mergulhou na água.

Nadando o mais fundo que podia, agarrou os fios compactos de vegetação no ponto em que esta se enraizara no lodo no fundo do lago. Kelley girou as pernas sob o corpo, plantou os pés nus no lodo e enrolou os fios em torno das mãos. Em seguida, puxou-os com todas as suas forças.

As algas viscosas ficaram rígidas, porém se recusaram a quebrar ou a se soltar do chão.

Mais uma vez. *Puxe...*

Com os pulmões ardendo, ela tentou de novo. *Puxe, droga...*

Puxe!

Quando suas forças começaram a se esvaír, Kelley deu um último puxão fraco nas algas. Estrelas começaram a explodir diante de seus olhos, à medida que o cérebro ficava sem oxigênio. Ela sacudiu a cabeça. Uma nuvem de bolhas escapou-lhe da boca e do nariz – o que lhe restava de ar. Ouviu uma música, suave e distante, e imaginou ver uma estranha luz fulgurante dançar sobre a água, girando e se materializando ao redor dela. Sentiu-se aquecida. Uma última débil tentativa... e Kelley sentiu a planta viscosa se soltar só um pouquinho. De repente, um puxão violento nas algas jogou-a para a frente, torcendo-lhe dolorosamente os braços e os ombros.

E, então, tudo ao redor ficou completamente escuro.

IV

“Sonny!”

Ele se virou ao som de seu nome e viu um colega Jano saindo por entre as árvores.

“Maddox.”

Ele estendeu a mão, e eles apertaram os antebraços um do outro, sorrindo.

“Como está indo o seu dia, Sonn?”, perguntou Maddox, com uma entonação levemente afetuosa na voz.

Sonny deu de ombros.

“Você já captou alguma coisa diferente hoje?”

Maddox sacudiu a cabeça.

“Que nada. Parece igual a todos os outros anos. Calmo, sereno, pacífico... mas logo isso mudará. Em menos de uma hora, as fendas começarão a aparecer no Portal. E a cada noite depois desta, durante as próximas oito noites, haverá mais fendas. Cada vez maiores. Até a noite de Samhain, quando todos os demônios estarão à solta. Conforme-se, Sonn...” Maddox baixou a voz, embora não houvesse ninguém ali que pudesse ouvi-los. “Nove noites com o Portal se abrindo cada vez mais e só um punhado de Janos para guardá-lo. Há muitos seres mágicos, principalmente os mais malignos, dispostos a correr o risco.”

Sonny fez uma careta. Ele não entendia por que qualquer um dos seres mágicos ia querer viver naquele mundo. *Ele*, com certeza, não queria. Só o barulho já era quase o bastante para enlouquecê-lo.

“Você se acostumou, Maddox?”, indagou Sonny, com certa hesitação. “A este lugar, quero dizer.”

“Sou a pessoa errada pra você perguntar”, resmungou Maddox. “Antes de mais nada, acho que não estou aqui há tempo suficiente. O simples *conceito* de eletricidade ainda me dá calafrios.”

“Depois de três anos?”, perguntou Sonny, surpreso.

“Bom... É verdade que nós dois fomos, sabe como é... *levados*... quando a iluminação a gás ainda estava em uso, Sonn, mas *eu* tinha idade o bastante quando fui... quando aconteceu... pra me lembrar daquele mundo. Daquela época. Eu só tento não pensar nisso agora.”

Sonny pensou sobre a questão por um instante. Ele era bebê quando foi levado. A única vida que conhecera havia sido a que o Bom Povo lhe dera. Devia ser difícil para aqueles como

Maddox... Aqueles que sabiam, desde o início, que aquele povo brilhante, magnífico que os tinha educado não era o seu. Que eles jamais pertenceriam realmente àquele povo. E, pior: saber que o seu próprio mundo não era mais seu – e nunca mais poderia ser... Sonny se sentiu desconfortável. Não era um assunto sobre o qual ele tivesse, alguma vez, tido vontade de refletir profundamente, embora não soubesse explicar por quê.

Pararam junto à Bow Bridge, a ponte em arco que atravessava o lago do parque a oeste do Terraço de Bethesda, que liga o mundo relativamente selvagem do Ramble aos jardins mais artificiais e bem cuidados de Cherry Hill. *A ponte era uma boa metáfora para o próprio Portal*, pensou Sonny. Eles fitaram as águas em silêncio, por um longo instante.

“E, afinal de contas”, Maddox deu de ombros, como se quisesse livrar-se do clima subitamente sombrio, e apontou para a beleza diante deles, “este lugar *tem* os seus encantos...” Ele deu um tapinha nas costas de Sonny. “Vamos lá. Não queremos chegar atrasados à abertura.”

#

Ao redor de Sonny e Maddox, o ar vibrava em tensa expectativa, quando eles chegaram ao pico da Great Hill e foram recebidos no círculo de seus colegas Janos. Eles eram treze, todos mortais criados no Reino Encantado.

Lá estava o Lobo Fenris, célebre por suas raivas sanguinárias e temperamento mal-humorado. Segundo Maddox, o berço de onde Fen havia sido roubado, por volta do século IX, pertencia a um príncipe *viking*. As habilidades guerreiras estavam em seu sangue – ou, pelo menos, era isso que ele sempre dizia a Sonny.

Camina e Bellamy eram gêmeos, irmã e irmão. Esguios, elegantes e quietos, eles tinham sido Guardiões Janos quase desde o início, e eram notoriamente eficientes.

Godwyn era genial, bonito e... impiedoso.

Bryan e Beni – um da luz, outro das trevas. Diferentes como a noite e o dia, insanamente competitivos e profundamente inseparáveis, “os rapazes” geralmente podiam ser encontrados entretidos em algum tipo de competição, fosse o arremesso de dardos, um jogo de sinuca ou apenas uma troca de socos para ver quem resistia mais tempo.

Lá estava também o Fantasma. Delgado e silencioso, com olhos negros em um rosto pálido – mais atormentado do que atormentador, Sonny sempre achara. Não sabia o nome real do Fantasma, ou mesmo de que parte do mundo ele fora raptado. Um jovem estranho, mas, afinal de contas... ele fora levado pela Rainha Mab.

Ao lado do Fantasma, postava-se Aaneel – o mais velho, que há muito tempo deixara seu lar na Índia e era um dos pouquíssimos mortais raptados que vivera o suficiente no Outro Mundo para ter chegado à idade adulta. Seus cabelos negros tinham começado a ficar grisalhos nas têmporas, contrastando com a pele de um forte tom acobreado.

Junto a Aaneel estava Perry – Percival –, o mais jovem, a não ser por Sonny. Perry havia sido roubado em 1719 de um minúsculo vilarejo no norte da França que vinha sofrendo com más

colheitas ano após ano. Em troca de Perry, Titânia garantiria ao lugar clima ameno e solo fértil e, assim, uma vila que estava quase morta sobrevivera.

Finalmente, Selene, pálida e bonita, com cabelos castanho-avermelhados e um punhado de sardas – além de uma pontaria absolutamente letal com o arco longo; e Cait – apesar de hábil em mais estilos de combate corpo a corpo do que qualquer outro do grupo, ela preferia lançar feitiços de ataque e encantos de defesa.

Juntos, eles observavam enquanto o sol, enfim, afundava completamente sob o horizonte e o parque mergulhava na escuridão. A primeira das Nove Noites começara. Com um único propósito, os Janos se moveram, espalhando-se para cobrir os quatro cantos do Central Park.

Distanciando-se dos outros para seguir para o Sul, Sonny correu pelo traiçoeiro terreno rochoso do vale conhecido como Ravine, buscando no fundo da mente, sondando por meio das delicadas e ofuscantes névoas do encanto defeituoso de Auberon, até os locais em que as muralhas entre os mundos eram tão finas que se tornavam portas. Procurou sentir qual daquelas portas poderia se abrir naquela noite...

Lá.

Cerca de um quilômetro – talvez um pouco mais – a Leste. Sonny subiu a trilha e parou, membros flexíveis e preparados, o sangue aquecido pela corrida e pela expectativa da luta que se seguiria. Alguns dos seres mágicos que tentassem atravessar voltariam para o Outro Mundo ao primeiro vislumbre de um Jano nas vizinhanças. Contudo, os mais medrosos entre os membros do Bom Povo dificilmente tentariam atravessar.

Sonny enfiou a mão na bolsa de couro que levava a tiracolo e retirou três gravetos curtos e retos, amarrados em um maço com um cordão de couro vermelho: um ramo de carvalho, outro de freixo e mais outro de espinheiro. Sonny murmurou um antigo encanto secreto e uma espada com lâmina de prata apareceu em sua mão no lugar deles. Ele a manteve ao seu lado, pronta para ser usada.

De repente, a muralha de granito diante de Sonny começou a oscilar como uma miragem, e então se rachou. Uma luz espectral, iridescente, penetrou pela fissura aberta na pedra. Sob o fulgor, Sonny vislumbrou os vultos de seres minúsculos. Um rosto pequeno e enrugado espreitou-o. Ao ver o Jano ali postado, a criatura não se virou nem correu de volta para o Reino Encantado. Em vez disso, deu uma risadinha aguda e irritante.

Uma pixie.

Sonny tentou não revirar os olhos, enquanto enfiava a mão na bolsa novamente e retirava um punhado de sal-gema. Atirou o sal no rosto malicioso da *pixie*. A criatura deu um grito estridente e desapareceu do outro lado da fenda.

Essa foi fácil demais, pensou ele, arreganhando os dentes. Talvez nem tivesse de usar a espada, no fim das contas.

Essa reflexão foi interrompida por um zumbido furioso. Era como se Sonny tivesse acabado de jogar uma pedra em um vespeiro. Arranhando umas às outras e às bordas da fenda, um enxame de minúsculas *pixies* sedentas de sangue lançaram-se sobre ele, os corpos esguios e pálidos brilhando como facas na escuridão.

Sonny levou quase uma hora, e a carnificina, mesmo em uma escala diminuta como a das *pixies*, foi considerável.

Enquanto limpava o sangue verde e reluzente das *pixies* da lâmina da espada e guardava-a outra vez, ele não sentiu remorso. As *pixies* que o atacaram haviam recebido o que mereciam. Nem todas as *pixies* eram malévolas – algumas, lá no Reino Encantado, até costumavam ser úteis –, embora as suas travessuras malvadas fossem irritantes como o diabo.

No entanto, aquelas tinham se comportado como verdadeiras assassinas, e em um número muito maior do que o descrito em qualquer dos alertas que Sonny recebera.

Maddox o atormentaria por causa do tempo que Sonny levava para derrotar seres mágicos tão insignificantes. Sonny se perguntou como Maddox estaria se saindo. E todos os outros, aliás. Como existiam apenas treze Janos, dificilmente seus caminhos se cruzariam muito durante as nove noites seguintes. Eles tinham o parque inteiro para cobrir.

O chão aos pés de Sonny estava repleto de cristais de sal-gema e achatado pelas pegadas de suas botas, em um círculo irregular que se estendia ao seu redor por um pouco menos de três metros de diâmetro. Naquela loucura, ele não percebera quão grande era o enxame. Andou pelo diâmetro do círculo. Grande *mesmo*. Principalmente para criaturas com apenas uns quinze centímetros de altura.

Sonny observou a terra pisoteada e franziu o cenho. Aquilo não fazia muito sentido.

Pixies não eram os seres mágicos mais espertos, mas, em geral, elas eram bem astutas. Ele esperaria que elas tivessem se espalhado. Que caíssem sobre ele em ondas alternadas. Que encontrassem mais do que apenas uma brecha. No entanto, parecia que elas haviam lançado um ataque em massa naquele ponto para mantê-lo ocupado e preso ali...

Sonny praguejou com violência e girou em círculo, sondando com sua percepção de Jano, que estivera tão ocupada até aquele momento. Uma súbita e ofuscante luz escarlate atravessou-lhe a mente. Suas entranhas gelaram. Havia algo terrivelmente errado em algum lugar ao Sul. Ele se esforçou para se concentrar – para identificar a luz ofuscante no mapa de sua mente...

Lá estava. Ou melhor, *estivera*.

Sonny saiu em disparada.

Mas sabia, em seu coração, que já era tarde demais.

Agachando-se junto à margem do lago, Sonny encostou a face no chão frio e inspecionou a superfície das águas, ainda girando em um turbilhão iridescente – evidência de uma passagem recente do Outro Mundo para este reino pelo Portal de Samhain.

Algo mais, além das *pixies*, passara pelo Portal, bem recentemente. Talvez cerca de meia hora antes. Sonny se deitou com a face encostada no chão, para ter uma visão melhor, e fitou, ao nível dos olhos, a superfície vítrea do lago.

Ali.

Havia um rastro fracamente brilhante que levava para fora da água. Sonny se levantou de um pulo e correu para investigar.

A terra macia da margem do lago tinha sido revirada e transformada em lama. Parecia ter acontecido algum tipo de luta, ou como se alguém houvesse sido arrastado para fora da água até a trilha. Aqui e ali, Sonny viu as marcas circulares alongadas do que só podiam ser cascos.

Agachou-se na trilha, para observar mais de perto.

Ali era o Central Park, afinal de contas. Cavalos puxavam carruagens e cavaleiros ricos conduziam suas montarias pelos percursos equestres. No entanto, aquelas pegadas vinham de cascos sem ferraduras. E a água que se acumulava dentro delas estava coberta por uma camada iridescente muito reveladora.

Um kelpie? Sonny refletiu sobre as pistas em sua mente.

Em uma das pegadas, Sonny encontrou grossos pelos vermelhos de crina de cavalo e três contas de ônix negro reluzentes, esculpidas na forma de minúsculas cabeças de veado.

Guardou no bolso os pelos e as contas e ficou em pé, olhando ao redor. Com o canto do olho, Sonny viu algo branco oculto na grama. Recolheu o objeto e esfregou-o com a mão, a fim de retirar a vegetação úmida da superfície. Era um roteiro; as folhas presas como em um fichário, com ferragens de latão. A capa havia se perdido, mas a página com a lista de personagens permanecia quase intacta, apesar de manchada com uma pegada de casco, cujos contornos pareciam levemente chamuscados. Notas manuscritas estavam rabiscadas nas margens e no topo da página; uma nota escrita à caneta dizia “Roteiro da Kelley”. Sonny franziu o cenho, folheando a peça, até que um trecho de diálogo lhe chamou a atenção.

“Querer sair do bosque é um plano vão!”, começava a fala, e Sonny, surpreso, quase largou as folhas.

Ele escutara aquelas mesmas palavras não fazia muito tempo.

Sonny vasculhou as margens do lago uma última vez e ajoelhou-se junto à trilha.

Enterrados quase completamente na lama, jaziam os restos pisoteados de uma única rosa cor de pêssego. Sonny pegou uma pétala machucada e segurou-a diante dos olhos. O roteiro. A garota do Jardim de Shakespeare.

A sua estrelinha.

Kelley...

V

Exausta, enlameada e encharcada até os ossos, Kelley deu um chute para fechar a porta atrás de si e gritou para chamar a colega que dividia o apartamento com ela. Não houve resposta – *Tyff deve ter saído*, pensou. Melhor assim. Ela agora não estava mesmo com vontade de recapitular a sua estranha aventura no parque. O frio do lago ainda lhe gelava os ossos, embora ela houvesse corrido os últimos poucos quarteirões até chegar à casa. O frio tornava seus processos mentais lentos e preguiçosos.

Tiritando a ponto de bater os dentes, Kelley foi largando as roupas em uma pilha no chão, arrancou a manta do encosto do sofá e enrolou-a ao redor do corpo, enquanto cambaleava até o banheiro e abria as torneiras do chuveiro, ajustando a temperatura para o nível mais quente possível. Sabia que a única coisa que afastaria a hipotermia iminente seria o mais longo e quente banho que já tomara, seguido por uma grande caneca de chocolate ainda mais quente.

O banho foi maravilhoso – ela não imaginaria nada mais paradisíaco. O vapor subia em nuvens ao seu redor e, com o tempo, o bater dos dentes parou e os músculos relaxaram o bastante para permitir que ela ficasse ereta. Quando o calor restaurou as suas faculdades mentais em um grau suficiente, Kelley se permitiu refletir a respeito dos bizarros acontecimentos daquele entardecer.

Ao recobrar os sentidos, vira-se deitada com o rosto para baixo na trilha junto ao lago, cuspidando água turva, com o cavalo esfregando o focinho em seu ombro. Quando conseguira recuperar o senso de orientação e levantar-se, a criatura desaparecera na escuridão, e Kelley havia sido deixada com apenas alguns longos pelos avermelhados encerrados em seu punho fechado. Encharcada e tremendo, ela pegara os sapatos, o casaco e tudo o que caíra de sua bolsa e voltara para casa.

Isso era o que ela se lembrava.

Contudo...

A mente de Kelley estava um tanto confusa. Ela se lembrava – nos momentos antes de ter perdido os sentidos – de um amontoado de imagens. Fugazes impressões de luzes e sons – uma estranha e bela música...

Ou, para usar o termo técnico, privação de oxigênio.

Kelley apoiou a cabeça na parede ladrilhada. Pelo menos, ela não havia se afogado realmente.

Como era mesmo aquele velho provérbio? *A sorte ajuda os loucos*. Cavalos imbecis. Ela esperava que ele tivesse encontrado o caminho para casa. Com a água começando a ficar morna, Kelley, com relutância, fechou as torneiras e puxou a cortina para o lado.

E gritou.

O “cavalos imbecis” estava bem diante dela, ocupando quase todo o espaço disponível no minúsculo banheiro com o seu grande corpo esguio. As patas traseiras do cavalo – na verdade, toda a sua metade traseira – ainda estavam do lado de fora. Metade dele se achava no banheiro, e a outra metade, no patamar da escada de emergência. Kelley via o vapor subindo do cavalo, dissipando-se no ar frio da noite. Ele relinchou baixinho e empurrou-lhe o ombro com o focinho aveludado.

Kelley procurou às pressas algo para se cobrir e tentou não entrar em pânico.

Quando desejara que o cavalo tivesse encontrado o caminho para casa, Kelley não quisera dizer a casa *dela*! Enrolou-se em uma toalha e contornou o animal, saindo do pequeno banheiro. Assim que conseguiu, fechou a porta entre eles com um estrondo e comprimiu-se contra ela, o coração batendo disparado.

Isto é impossível, ela ajuizou. *Isto não está acontecendo*.

Ela estava imaginando coisas. Sua cabeça havia sido afetada pelo frio. *Muito* afetada. Não como quando se toma uma raspadinha muito depressa e se tem uma dor de cabeça. Não. Era como quando se pula em um lago no fim de outubro e se começa a ter alucinações de verdade.

O cavalo gemeu de leve.

“Pare com isso!” Kelley tapou os ouvidos com as mãos. “Você não é real! Eu não estou escutando você, porque você *não* é real!”

Ouviu outro borbulhar equino atrás da porta, seguido de sons de coisas arrastadas e batidas. Depois, mais nada. Kelley deslizou até se sentar no chão, com as costas apoiadas na porta. Aquilo não estava acontecendo realmente. Porque, se *estivesse*, Kelley teria um monte de problemas.

Sua colega de apartamento iria matá-la. Ou expulsá-la do apartamento.

Santo Deus, se Tyff a mandasse embora, talvez ela tivesse de voltar para casa! Não que a tia Emma houvesse gostado da ideia de Kelley se mudar para Nova York, para início de conversa. Apenas o fato de Kelley ter encontrado um lugar tão bom para ficar é que a fizera concordar. Tyff Meyers era modelo – com os nervos à flor da pele –, e Kelley se lembrava claramente das palavras do anúncio dela na lista de classificados na internet:

Quarto para alugar: absurdamente caro, ridiculamente pequeno, sem vista, edifício em Upper East Side, c/ cozinha/banheiro/sala de estar compartilhados. Só p/ mulheres solteiras. Proibido fumar, beber ou incomodar. Nada de chegar tarde, amigos barulhentos, festas ou qualquer esquisitice. Precisa ser asseada e civilizada, e não mexer nas minhas coisas – principalmente alimentos e produtos de higiene. Entrevista obrigatória, com questionário a respeito das qualificações. Caso esteja seriamente interessada, contate: dragaovoraz@hotmail.com.

NADA DE MALUQUICES. NADA DE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO.

Um cavalo no banheiro violava tanto a cláusula de “NADA DE MALUQUICES” como a de “NADA DE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO”, pensou Kelley, ainda tentando, desesperadamente, não entrar em pânico.

Ficou agachada junto à porta por um longo tempo, a mente correndo como um trem descontrolado. Aquilo não podia estar acontecendo. Depois de uns poucos e longos minutos de silêncio, ela ousou esperar que o seu ataque de alucinação houvesse se encerrado.

Então, escutou o som de água correndo.

Ajoelhando-se, aproximou o olho do buraco da fechadura e, estupefata, notou que o cavalo havia passado inteiramente – impossivelmente – pela pequena janela e estava agora em pé na banheira.

Parecia também estar preparando um banho.

#

“Não, senhora, não estou bêbada”, afirmou Kelley, pela terceira vez. Isso depois de ter passado uma hora e vinte e cinco minutos tentando falar com uma pessoa de carne e osso no Departamento de Controle de Animais da cidade de Nova York. “Como falei, ele deve ter subido pela escada de emergência.”

Escutou um clique no fone.

“Alô? Alô?”

Quase indo às lágrimas de exasperação, Kelley colocou o fone no gancho e começou a andar de um lado para o outro. Talvez a mulher do Departamento de Controle de Animais estivesse certa. Talvez ela *estivesse* bêbada. Tudo bem – ela não bebera *nada*, mas isso fazia tanto sentido quanto um cavalo adulto segui-la até sua casa desde o Central Park como um cãozinho perdido, subir pela escada de emergência e espremer-se por uma janelinha minúscula para entrar em seu banheiro. Ou não? Parou de andar de um lado para o outro e foi verificar a situação. Ainda torcendo, contra todas as probabilidades que ela *estivesse*, de fato, tendo uma alucinação, entreabriu a porta. O cavalo revirou um grande olho castanho para ela, com expressão intrigada.

Kelley suspirou de frustração e cansaço, e decidiu tentar retirar ela mesma o animal da banheira. Tentou empurrar por trás, puxar pela frente, cutucar, espetar, tentá-lo com uma cenoura murcha que encontrara no fundo da gaveta de verduras da geladeira...

O cavalo permaneceu amigável o tempo todo – além de teimoso como uma mula.

O animal – *um macho*, ela notou – farejou-lhe afetuosamente o ombro, esfregou-lhe o focinho nos dedos e continuou não demonstrando absolutamente nenhuma intenção de sair da banheira, que estava cheia até a metade. Kelley se apoiou na beira da pia e enterrou a cabeça entre as mãos, ainda não acreditando que aquilo estivesse realmente acontecendo.

Então, ela sentiu um aroma de lavanda, ergueu a cabeça e viu uma espuma branca brilhando ao redor das patas do cavalo.

Foi só *aí* que o estado de choque de Kelley se dissipou, e o pânico se estabeleceu de verdade.

O fato de haver um cavalo em sua banheira não era nada. A única coisa que importava para Kelley naquele exato momento era que o cavalo tinha virado uma garrafa do óleo de banho *absurdamente* caro de sua colega de apartamento, esvaziando o conteúdo roxo cintilante na água. A garrafa, com seu elegante rótulo de letras douradas, flutuava na superfície.

Tyff ia mesmo matá-la.

* * *

Por volta das quatro horas da madrugada, Kelley se resignou ao destino e saiu para a sala de estar, a fim de esperar que Tyff voltasse do encontro com o namorado. Pelo menos, ela poderia tentar decorar algumas falas do roteiro. Entretanto, além de todo o ocorrido, ela não conseguia encontrar o maldito roteiro.

A única coisa que passava na TV àquela hora da madrugada eram infomerciais; assim, ela acabou adormecendo no sofá durante uma promoção de vendas dos “*Hit-explosions*: os hits mais explosivos dos anos 1980!”. No fundo de seu cérebro sonolento, os refrões pegajosos do Wham! se retorciam e rodavam em tons menores, mesclando-se perfeitamente com a música misteriosa e sedutora que Kelley escutara quando o mundo havia desaparecido ao seu redor sob as águas do lago do Central Park. A música a cativara, conduzindo-a a uma sequência de paisagens oníricas fantásticas e estranhas.

Contudo, ao acordar tarde na manhã seguinte, não pôde se lembrar da melodia.

VI

Querer sair do bosque é um plano vão...

E eu te amo muito...

Olhos verdes brilhavam para ele das sombras sob os galhos de uma floresta de pesadelos. Risadas ressoavam-lhe nos ouvidos. O martelar dos cascos dava-lhe a impressão de que o seu coração explodiria.

Eu te amo...

Longas mãos brancas estenderam-se da escuridão, chamando-o, e ele desejava segui-las com toda a sua alma.

Amo...

Sonny despertou sobressaltado quando os galhos da árvore, pingando veneno, esticaram-se na direção dele.

Sentou-se na cama, no quarto escuro, e levou as mãos ao peito dolorido. A cabeça latejou quando ele se levantou e abriu as pesadas cortinas da janela do quarto, fazendo uma careta ante a luz do fim da manhã. Fazia um dia bonito lá fora. Com um grunhido, ele fechou as cortinas novamente, mergulhando o quarto mais uma vez na abençoada escuridão.

Uma batida na porta o assustou. Sonny sentiu que era Maddox.

“Entre”, gritou ele, e vestiu um par de jeans e uma camiseta de mangas compridas.

“Boa tarde, Sonn”, Maddox o cumprimentou ao passar pelo batente da porta, o sorriso amigável de costume iluminava o aposento. “Está tão escuro aqui. Acabou de acordar?”

“É.”

“Pensei em ir com você até o Ramble hoje à noite. Alguma objeção?”

“Não. É bom ter companhia.”

Sonny passou as mãos pelo cabelo negro e puxou-o para trás, em um rabo de cavalo, prendendo-o com uma tira de couro.

“Ótimo. O Portal perto do centro do parque foi um absoluto tédio na noite passada.”

“Não passou nada?”, perguntou Sonny, tentando afugentar o pesadelo que tivera e pensar em um modo de contar a Maddox sobre sua descoberta.

“Não, acho que não. Um enxame inteiro de *nixes* irritados nos deu um pouco de diversão na primeira hora, mas, depois disso, tudo ficou calmo como um túmulo.”

Sonny franziu o cenho, pensando no encontro similar que tivera com as *pixies*. E no fato de que aquela distração o impedira de chegar a tempo de apanhar o que quer que houvesse atravessado pelo lago. Perguntou-se se todos os outros Janos haviam ficado ocupados da mesma forma naquela primeira hora.

“Onde estava o Lobo?”, indagou ele.

“Ah, Fenris não gosta de multidões... Você sabe disso. Ele assumiu a área superior do parque como se pertencesse a ele. Vai ver até urinou em todos os arbustos por lá. Ele luta contra qualquer coisa... até mesmo outro Jano... que se meter no caminho dele.” Maddox lançou a Sonny um olhar examinador. “Falando nisso... Como foi a *sua* noite?”

“Foi... interessante.”

Os olhos de Maddox brilharam de curiosidade.

“Alguma coisa asquerosa?”

Sonny foi até um armário e apanhou um par de botas e uma jaqueta.

“Talvez. Escute, estou faminto. Vamos comer alguma coisa e aí eu conto o que aconteceu.”

#

Sentados à mesa do fundo de uma lanchonete, os dois Janos estavam distantes o suficiente dos outros fregueses para não precisar falar baixo, mas o assunto exigia que o fizessem mesmo assim. Como Sonny havia predito, Maddox achou muita graça no relato da briga com as *pixies*.

“Não fique chateado, Sonn”, pediu ele, entre garfadas de uma omelete gigantesca com presunto, pimentão e cebola. “Pelo menos, não eram *hinky-punks!*”

“No dia em que um *hinky-punk* me derrotar, eu penduro isto”, grunhiu Sonny, dando um tapinha no medalhão de ferro que pendia de uma corda trançada de couro, a qual trazia no pescoço. O seu “distintivo” de Jano. “Com o meu pescoço junto.”

“Especialmente considerando que eles só têm uma perna pra chutar!” Maddox riu e, empurrando o prato que tinha sido “limpo” até a última migalha, suspirou satisfeito. “Muito bem. Deixando de lado os *nixes* e as *pixies* e todas essas ninharias, por que não me conta o que deixou você tão encafifado?”

“O que você quer dizer com isso?”

“Quero dizer, velho Sonn, que alguma coisa que aconteceu ontem à noite deixou uma nuvem de tempestade em cima da sua cabeça, e não foi um ataque de *pixie* que fez isso. Você tem senso de humor o bastante pra não deixar algo assim aborrecer você.”

Sonny pegou uma colher de café e brincou com ela por um momento. Então, recostou-se no assento e contou a Maddox o que acontecera durante o tempo em que estivera se defendendo do ataque das *pixies*. Ou, pelo menos, o que achava que tinha acontecido – a teoria dele se baseava, afinal, em provas circunstanciais.

Maddox ficou em silêncio durante todo o relato, mordendo o lábio inferior, pensativo.

“Um *kelpie*, é?”, ele questionou, então.

“Acho que sim”, respondeu Sonny. “Pelo de cavalo e marcas de cascos indicariam isso.”

“Sabe... eu nunca vi um.”

“Vi um, uma vez... de muito longe... enquanto acompanhava Auberon numa visita às Terras Fronteiriças da rainha Mab... Em geral, eles ficam junto aos pântanos. Bichos horríveis.”

Nos tempos em que todos os Portais estavam abertos, sabia-se que os *kelpies* apareciam junto a fontes de água. Tomavam a forma de belos cavalos, a fim de atrair mortais descuidados. Quando alguém o montava, o *kelpie* mergulhava no lago ou rio, arrastando a infeliz vítima para o Outro Mundo, ou para a morte por afogamento. Alguns *kelpies* chegavam a devorar suas vítimas.

“Quando eu era pequeno, você sabe, antes de eu ser levado, ouvi muitas histórias”, contou Maddox. “As velhas da aldeia berravam como loucas se qualquer um de nós, crianças, chegasse perto demais das margens do rio. Diziam que o *kelpie* viria nos buscar e nos levaria embora pra nos afogar.”

“Bem, esse já havia ido embora quando cheguei lá, e não deixou muitas pistas.”

“Em outras palavras, nada de sangue ou partes de corpos espalhadas pra tudo quanto é lado.”

“Certo. Nada disso. Só arbustos pisoteados e isto aqui.”

Sonny tirou as contas de pedras negras de sua bolsa e colocou-as sobre a mesa. Ainda havia alguns fios de crina de cavalo, reluzentes como filamentos de cobre, amarrados às contas.

Maddox apanhou uma e examinou-a minuciosamente.

“Hum. Estranho. O que é isso?”

“Não sei.”

Ele devolveu a conta a Sonny.

“É claro que a ausência de partes de corpos espalhadas pra tudo quanto é lado não quer dizer, necessariamente, que não tenha havido um rapto...”

Sonny assentiu com a cabeça, sem dizer nada. Pensou, com preocupação, no roteiro pisoteado que encontrara e na possibilidade de que algo terrível pudesse ter acontecido com a garota que se habituara a chamar de “Estrelinha” em sua cabeça. Após um momento, decidiu pedir a ajuda de Maddox para um pequeno trabalho de detetive.

“Havia algo mais no parque ontem, Madd. Ou melhor, *alguém* mais.”

Maddox se recostou, cruzando os braços sobre o tórax, e esperou.

Sonny tirou a cópia rasgada do roteiro da bolsa e colocou-a sobre a mesa. Contou a Maddox sobre a “anomalia” que sentira no Jardim de Shakespeare – a garota – e sobre como encontrara o roteiro mais tarde na margem do lago. Como Janos, nenhum dos dois era muito inclinado a acreditar em coincidências, e Maddox estava intrigado.

“Você teve um dia bem cheio ontem”, ele comentou.

“Nada mau para o novato do grupo, não é? Escute... Temos bastante tempo até o pôr do sol... Quer vir comigo e bisbilhotar um pouco? Ver se conseguimos encontrar a minha criatura desgarrada?”

“Qual delas? O *kelpie*? Ou a garota?”

“Eu vejo as coisas assim: encontramos um... e talvez a gente acabe encontrando o outro.”

“E como propõe que façamos isso?”

Sonny apontou para a nota rabiscada no roteiro: *Ensaio: Avalon Grande, rua 52.*

“Começamos visitando esse lugar.” Sonny apontou de novo para as letras, indicando que aquele era o “Roteiro da Kelley”. “E fazendo algumas perguntas pra essa garota.”

VII

“Não entre aí!”, gritou Tyff para Kelley, enquanto esta se arrastava, meio zozna, na direção do banheiro.

Com a mão no trinco da porta, Kelley se virou para fitar, com olhos enevoados, a sua colega de apartamento, que se achava postada no canto mais distante da sala de estar – tão longe do banheiro quanto possível dentro do apartamento.

“Fique longe dessa porta, Kelley!”, insistiu Tyff, com olhos arregalados.

Kelley fez o que ela mandava, tentando, ao mesmo tempo, fazer o cérebro começar a funcionar de novo.

Tyff devia ter chegado bem tarde – ou bem cedo –, e Kelley não a escutara entrar, pois, exausta, caíra em um sono profundo no sofá. Restos de sonhos confusos percorriam-lhe o cérebro – uma música estranha da qual ela não se lembrava bem e luzes dançantes, o rosto pálido e perfeito de uma mulher de olhos dourados e cabelos que flutuavam atrás dela como algas na correnteza. E algo mais. Algo a respeito de um...

“Cavalo! Tem um *cavalo* na banheira!”

Ah, claro. Um cavalo.

Kelley fechou os olhos com força. *Não tinha* sido um pesadelo, afinal.

“Ahn... Tyff...”

“Na banheira!”, repetiu Tyff, apontando com um dedo impecavelmente cuidado, os traços de modelo tensos por causa da inquietação.

“Sobre isso...” Kelley esfregou a nuca. “Eu ia lhe contar. Acho que caí no sono...”

Kelley fitou com cautela a colega de apartamento que, por sua vez, fitava a porta do banheiro.

“Tyff, acredite em mim... Se eu soubesse que ele sairia do parque e me seguiria até aqui, eu não o teria salvado. Isto é, não, eu provavelmente o teria salvado de qualquer jeito, mas o que eu quero dizer é que...”

“Espere um minuto.” A cabeça de Tyff girou na direção de Kelley. “Você está dizendo que isto é culpa *sua*?”

“Acho que é. Eu não tive a intenção, mas...” Kelley se interrompeu, confusa. “De quem mais poderia ser a culpa?”

“Deixe isso pra lá. Continue a história”, ordenou Tyff, fazendo um gesto para que Kelley continuasse, os olhos ainda fixos na porta do banheiro.

Kelley afundou no sofá e contou toda a história à Tyff.

Quando terminou, Tyff parecia ter se acalmado – um pouco.

“Você poderia, pelo menos, tirá-lo da banheira?”, ela perguntou.

“Esse é o problema. Ele não quer se mexer. Eu tentei, na noite passada. Talvez...”

Kelley hesitou antes de sugerir, e acabou falando:

“Talvez a gente devesse chamar a polícia.”

“Não! Você está louca? Se o proprietário do apartamento fica sabendo disso, nós *duas* vamos para o olho da rua!”

“Eu sei, eu sei... Também pensei nisso.”

De um jeito que não lhe era habitual, Tyff mordiscou com os dentes o canto de uma unha pintada. Ela era uma modelo de “partes do corpo”; recebia uma fortuna para que suas mãos, suas pernas e seus pés fossem fotografados para anúncios de revistas de luxo. Roer uma unha, portanto, era – para Tyff – um sinal de *enorme* tensão.

“Que diabos nós... ou melhor, que diabos *você* vai fazer com ele?”

“Eu não sei!”, gemeu Kelley.

Kelley se levantou com o corpo rígido e mancou até o quarto para procurar alguma coisa para vestir. Não tinha a menor ideia de que horas eram, mas, a julgar pela luz que penetrava pela janela, era bem mais tarde do que ela desejava.

Vestindo uma calça jeans e um agasalho com capuz, ela falou:

“Escute, eu telefonei para o Departamento de Controle de Animais da cidade, mas eles não quiseram acreditar em mim.” Kelley foi até a porta do banheiro e a abriu. O cavalo continuava lá, as patas mergulhadas na água perfumada, mascando placidamente o canto de uma toalha de banho. “Acho que a mulher que atendeu pensou que eu tinha fumado alguma coisa.”

Tyff fuzilou-a com os olhos.

“Se isso é verdade, considerando as circunstâncias, é melhor você me dar um pouco.” Ela se aproximou para espiar, nervosa, por sobre o ombro de Kelley. “Por que ele tem essas contas no pelo?”

“O quê?” Kelley não notara aquilo. “Onde?”

“Ali.” Tyff apontou. “E ali. Continhas pretas, brilhantes. Elas estão espalhadas por todo o pelo dele. Pela crina.”

Kelley avançou mais para dentro do pequeno banheiro, a fim de ver melhor. As luzes das lâmpadas se refletiam nas dezenas de contas de ônix.

“Não tenho a menor ideia...” Kelley estava perplexa. “Elas estão presas em toda a cauda dele, também. Ei... Talvez seja um cavalo de circo! Isso explicaria como ele conseguiu subir a escada de emergência.”

Kelley estendeu a mão para acariciar o flanco vermelho lúcido do cavalo, e ele relinchou de prazer.

“Sabe, se nós *duas* empurrarmos, talvez a gente consiga fazer ele ir para a sala de estar...”

Tyff ergueu uma sobrancelha, em censura silenciosa àquela ideia.

O alarme do telefone celular de Kelley disparou. Ela foi até a cozinha, ergueu-o do balcão e olhou para o relógio. Ela só teria ensaio à tarde, então provavelmente não havia problema... porém, o celular já marcava 12h35.

“Ah, não!” Kelley não conseguia acreditar que havia dormido tanto. “Vou me atrasar para o ensaio! Preciso sair correndo!”

A voz de Tyff assumiu um tom ameaçador, ao passo que Kelley se aproximava da porta.

“Kelley...”

“Escute, Tyff... Tem um saco de aveia em flocos entre os seus mantimentos, no fundo do armário da cozinha...”

“Winslow...”

Kelley estremeceu. Tyff só a chamava pelo sobrenome quando estava realmente zangada.

“Será que você podia dar um pouco pra ele? Talvez você consiga atraí-lo para fora da banheira!”

“Você é uma companheira de quarto execrável.”

“Voltarei assim que o ensaio terminar...”

“Execrável.”

“Ficarei eternamente grata, Tyff... Prometo que volto o mais depressa possível!”

“Não diga isso. Eu não *escutei* isso. Lá-lá-lá...”

Tyff enfiou os dedos nos ouvidos e continuou cantando “lá-lá-lá”, enquanto Kelley deslizava pela porta da frente e saía para o corredor tão depressa quanto seus pés dentro dos tênis lhe permitiam. A última coisa que ela escutou ao chegar à relativa segurança do poço da escada foi o grito indignado de Tyff:

“Isto aqui é a minha espuma de banho francesa?!”

#

Quando Kelley chegou ao teatro, não sabia o que a fazia sentir-se pior – a culpa por ter deixado Tyff numa enrascada ou o sono irrequieto que tivera na noite anterior. Enquanto as fadas bailarinas se aqueciam no palco, ela ficou sentada em seu camarim com a cabeça entre as mãos, lutando contra uma dor de cabeça monumental.

“Ei, menina...”

Kelley ergueu os olhos e viu Mindi em pé na entrada, com o corpete do traje de Titânia nas mãos. Tivera de ser reduzido drasticamente, e a maioria dos ilhoses dos laços havia sido substituída.

“Mandei o pessoal do figurino fazer o trabalho na noite passada, porque você precisa se acostumar com ele no corpo. Está vendo aqui? Eles acrescentaram um arremate com renda pra esconder as costuras que precisaram fazer. O que acha?”

Kelley passou um dedo pelo arremate, apreciando o trabalho.

“Puxa, Mindi... É lindo! Parece novinho em folha.” Olhou para o rosto da mulher mais velha, sentindo-se subitamente culpada. “Acho que isso significa que Barbara não vai mesmo vir,

né?”

“Francamente, querida, acho melhor assim. Você está fazendo um trabalho muito bom. Bem, pelo menos... vai fazer. Sabe como é, aquilo de ontem... foi o seu primeiro ensaio, não é?” Mindi deu de ombros. “E esse papel precisava de sangue novo, se quer saber a minha opinião. Agora, deixe-me ver se está bem ajustado...”

Mindi virou o rosto de Kelley para o espelho e envolveu-lhe a parte superior do corpo com o traje rígido e cintilante, segurando as duas extremidades juntas às costas.

“Perfeito.”

Kelley sorriu pela primeira vez naquele dia. Vestir o traje sempre era uma das melhores partes de todo o processo para ela. Mirou seu reflexo no espelho e quase pôde ver uma rainha das fadas espreitando ali dentro, em algum lugar. A luz se refletiu nos falsos diamantes, ressaltando a bainha superior e a frente bordada do corpete.

“Ei, Mindi?” Kelley tocou em seu colar, que também brilhava no reflexo do espelho. “Você acha que eu posso ficar com este pingente durante o espetáculo?”

“O que é isso?” Mindi observou pelos óculos de meia armação equilibrados na ponta do nariz. “Um trevo-de-quatro-folhas ou coisa parecida?”

“Isso mesmo... A pedra é âmbar verde. Minha tia me deu quando eu era bebê. É um tipo de amuleto da sorte”, confessou Kelley, revirando os olhos de leve.

“Claro, querida”, respondeu Mindi. “É bonito. O verde combina com o seu traje. E, na minha opinião, esta produção precisa de toda a sorte que puder mendigar, emprestar ou roubar!”

“Obrigada, Mindi.”

“De nada. Agora, saia daqui. Você precisa entrar no palco para a cena do caramanchão em cinco minutos.”

Tirando as asas do gancho na porta, Kelley atravessou o corredor às pressas, deixando para trás, no camarim, o cansaço que pesara sobre ela durante toda a manhã.

VIII

O Avalon Grande era, na verdade, uma velha igreja transformada em teatro, e reservava mais de uma surpresa para Sonny e Maddox. Além do fato de que era desconcertante assistir a um bando de mortais que andavam de um lado para o outro fingindo ser nobres das Cortes dos Seres Mágicos, era ainda *mais* desconcertante descobrir que nem todos os atores eram realmente mortais. Foi Maddox quem notou.

“Veja só”, murmurou ele, em um tom de voz que fez com que Sonny se voltasse para fitá-lo. “Ali temos algo muito interessante.”

Sonny esticou o pescoço para ver o que Maddox havia visto.

“O quê? Onde?”

“Ali.”

“Maddox, se você está apontando para alguma coisa, eu não estou vendo. Nós estamos invisíveis”, sussurrou Sonny.

Eles tinham se escondido em uma alcova escura nos bastidores e invocado poderosos véus para se proteger.

“Aquele ali, vestido com a túnica verde. Aquele que faz o papel de Puck.”

“O que tem ele?”

“Vamos dizer que ele não está exatamente ‘representando’ o papel.”

Os olhos de Sonny se arregalaram.

“Ele é um *bucca*?”

“Silêncio!”

Os véus poderiam escondê-los da vista de seres humanos – até mesmo de outro Jano – e de todos os seres mágicos, exceto os mais poderosos, mas não ocultavam os sons de suas vozes, e a acústica do prédio era surpreendentemente boa.

“Desculpe.” Sonny observou o ator de verde, que fazia acrobacias pelo palco. “Está falando sério, Madd?”

“Seriíssimo.”

O tom de Maddox tingia-se de preocupação. Os *buccas* eram uma espécie mágica rara, quase tão poderosos quanto a mais alta realeza dos seres mágicos. Tipicamente misteriosos e notoriamente inconstantes em seu humor e em suas alianças, eles costumavam servir às várias

cortes de seres mágicos, porém, em geral, preferiam servir a si mesmos. Onde quer que existisse um *bucca*, as histórias de travessuras e tumultos proliferavam. Eles eram um grupo animado, mas também tinham fama de perigosos quando provocados.

Sonny estava em dúvida: a figura que dava cambalhotas como um palhaço pelo palco, pendurando-se de cabeça para baixo pelos joelhos em um andaime enquanto dizia suas falas, não parecia muito ameaçadora.

“Por todos os deuses! Não admira que tenha vindo parar num teatro. Os *buccas* são uns palhaços, eles e suas malditas pantomimas.”

“Pois é, mas... *eu* não o chamaria de ‘palhaço’ na frente dele, se fosse você.”

“Ai, estou morrendo de medo”, zombou Sonny, mas direcionou os seus sentidos de Jano para o *bucca* para ver se entendia o que tinha nele para deixar Maddox tão impressionado. Depois de um instante, ele franziu o cenho. “Não estou captando nada vindo dele.”

“Não está mesmo, nem vai captar.” Havia profundo respeito na voz de Maddox. “Esse aí não é um *bucca* qualquer. A magia dele é *antiga*. Poderosa. Um *bucca* como esse consegue passar despercebido pelo seu radar de Jano sem precisar sequer se esforçar muito.”

“Como você tem tanta certeza?”

“Eu o conheço. Eu costumava vê-lo entrando e saindo da Corte do Inverno nos tempos antes de Auberon fechar os Portais. Antes do seu tempo, Sonn.”

Sonny pestanejou.

“Você não está querendo dizer que ele é o Puck *original*, está?”

“Não sei...” Maddox ficou pensativo. “Ouvi falar que o *verdadeiro* Puck está preso no reino mortal há cerca de cem anos. Fechado num pote de mel, enterrado sob uma rocha em algum lugar da Irlanda. Desde que ele fez uma coisa que deixou um *leprechaun* zangado pra valer.”

“Uau.” Sonny assobiou baixinho. “Gostaria de saber o que ele fez pra merecer isso...”

“Quem sabe? Considere isso uma história de alerta.” Maddox deu uma risada. “Os *leprechauns* também têm uma boa dose de magia antiga, e *nenhum* senso de humor discernível.”

De um assento na plateia, um dos mortais – o diretor, ao que tudo indicava – havia interrompido a cena do *bucca*, aparentemente satisfeito com o desempenho dele (ou talvez tivesse apenas se cansado de dizer a “Puck” que “parasse de ficar pulando por todo o maldito palco”). De qualquer forma, eles passaram a uma cena em que a garota que Sonny encontrara no parque participava.

“Vamos lá... Vamos chegar mais perto”, sussurrou Sonny para Maddox, enquanto adentrava as coxias, aproximando-se do palco propriamente dito.

“Por quê?”

“Talvez a gente consiga descobrir alguma coisa sobre ela. Sabe como é... Uma pista.”

“Faça como quiser. Eu não vou chegar nem um centímetro mais perto do que o necessário daquele *bucca*.”

“Tudo bem. Então vá dar uma olhada lá fora. Veja se encontra um *kelpie* amarrado em algum lugar.”

“Não entendo nem mesmo por que você acha que existe alguma ligação. Essa garota poderia ter perdido o roteiro muito tempo antes”, resmungou Maddox, virando-se para sair. “Ele pode ter

ficado lá jogado durante dias. Semanas.”

Sonny pensara nessa possibilidade, mas ele também havia visto a garota – “Kelley” – com o mesmo roteiro apenas uma ou duas horas antes de tê-lo encontrado junto ao lago. Ele encontrara a rosa despedaçada. Era dela, sem dúvida. Ele sabia. Agora, ele só precisava descobrir o que ela estivera fazendo lá. E o que ela sabia, se é que sabia de alguma coisa, sobre um perigoso cavalo mágico.

#

“Eia! Ao rondó e a uma canção de fadas...”

A garota fez a sua entrada pelo arco no centro do palco, erguendo a barra da saia, subindo graciosamente um lance de escadas até a plataforma flutuante suspensa por cabos que representava o caramanchão de Titânia. Grinaldas de flores de seda pendiam do alto dos postes, com ramos de hera entrelaçados, e cortinas de gaze e organza caíam em painéis transparentes nas laterais e nos fundos. O cenário todo era iluminado em tons de verde, dourado e azul, para imitar uma floresta sombreada.

Até que é bonito, pensou Sonny, mas não se parecia em nada com nenhum dos lugares que Titânia e sua Corte do Verão costumavam frequentar.

Asas de gaze brotaram dos ombros da garota, presas com tiras de elástico. De algum modo, apesar dos ridículos artifícios, “Titânia” transmitia um tipo de elegância mágica às falas, enquanto distribuía as tarefas entre seus ajudantes mágicos.

“Outros de vós espantai a coruja que pia a noite toda enquanto observa nosso estranho bando.” A garota terminou de dar ordens, reclinando-se entre almofadas. “Cantai agora então para que eu durma, depois para o trabalho retirai-vos.”

Algumas das fadas bailarinas saíram voando para os bastidores, a fim de cumprir as ordens da rainha, enquanto as demais se agrupavam, ajoelhando-se ou empoleirando-se nas traves do cenário. Elas começaram a cantar:

*Serpentes de duas línguas, pontilhadas,
Afastai-vos. Ouriços espinhosos,
Salamandras, licranços asquerosos,
Não perturbeis a rainha das fadas.*

A estranha letra da canção de Shakespeare cortou os ares.

Filomela, vem cantar

A cantiga de ninar

Lá, lará, lará, lará.

A canção era como um feitiço.

As luzes do palco pareceram bruxulear e escurecer.

E a garota no caramanchão começou a reluzir.

IX

Kelley deu um suspiro de rainha das fadas e baixou a cabeça, para descansá-la no braço. Adorava aquela parte da peça. O coro de fadas cantoras tinha vozes maravilhosas, e a melodia da canção *Filomela* era um autêntico rondó elisabetano. Todavia era estranho. Embora Kelley houvesse flagrado a si mesma cantarolando a melodia quase o tempo todo nas últimas semanas, naquele dia era como se ela nunca a tivesse escutado.

Acho que isso acontece quando se está no palco, em vez de nos bastidores, ela ponderou, sorrindo consigo mesma. Kelley sentiu as pálpebras começarem a se fechar, enquanto o refrão cantarolado fluía como um riacho tagarela.

*Nenhum mal,
Feitiço ou encanto,
Toque a rainha estival.
Dorme bem, escuta o canto...*

Fracamente, como se viesse de uma grande distância, ela escutou a atriz que fazia o papel da fada Teia de Aranha dizer a sua fala:

“Saíamos, mas com cautela... Fique um de sentinela.”

Essa era a deixa para Jack entrar como Oberon, insinuando-se para ungir os olhos de Titânia com uma poção mágica como parte de seu ardil. Kelley ficou imóvel, esperando para ouvir a voz melíflua de Jack. Por baixo das pálpebras fechadas, ela sentiu as luzes ficando mais quentes. Deviam ter virado um holofote para ela.

Parte dela queria abrir os olhos e ver como eram as luzes, mas ela estava se sentindo bem demais do jeito que estava. E, de qualquer forma, como estavam ensaiando aquela cena sem interrompê-la para a parte dos “amantes”, logo ela veria – assim que Jack dissesse a sua fala...

“Quando teus olhos abrires, amarás de coração o primeiro a quem tu vires...”

A voz de Jack soava *muito* diferente do habitual: as palavras silvavam como uma serpente – sibilantes e sinuosas para os ouvidos dela. O responsável pelo som estava, sem dúvida nenhuma, fazendo das suas. Era um efeito muito interessante. Assustador.

“Ama-o, mesmo que em vão...”

O resto da fala se esvaiu no silêncio. Kelley abriu os olhos e viu-se em uma encosta coberta de musgo. Por todos os lados, a floresta assomava, uma altíssima muralha negra de ramos enroscados e nodosos; mas ali onde estava, na minúscula clareira iluminada pela lua, tudo era puro e belo.

Ela se virou e viu alguém em pé nas sombras. Cabelos longos soltos em uma nuvem negra sobre os ombros, emoldurando-lhe os traços firmes do rosto e do maxilar. Um rosto que ela conhecia. Kelley sentiu o sangue fugir-lhe da cabeça, enquanto o coração batia acelerado. O luar brilhava nos olhos dele, transformando-lhe o olhar em fogo prateado, e os ramos totalmente brancos das bétulas arqueavam-se sobre a cabeça dele como as galhadas de um cervo real. Vestia apenas *legging* de couro leve marrom-escuro, com um cinto prateado; tinha os pés descalços e o tórax nu. Em volta do pescoço havia uma corda fina trançada da qual pendia um medalhão de ferro cinza. Um fio escuro de sangue reluzente escorria de debaixo do amuleto até o meio do peito.

Quando teus olhos abrires...

Ele sorriu. Era a expressão mais triste que ela já vira – cheia de um desejo e pesar inexprimíveis. Kelley sentiu o coração se partir.

Ao longe, escutou o grito hostil e agudo de um falcão de caça...

#

Os olhos de Kelley se abriram, e ela se aprumou, olhando ao redor, sobressaltada.

Estava no teatro, no caramanchão. Virou a cabeça freneticamente para olhar para trás. Por um instante, ela o viu. Ele estava postado no corredor sombrio das coxias do lado esquerdo do palco. Em vez de um desejo pesaroso, contudo, a expressão dele era de absoluta surpresa. Os olhos verdes dela se encontraram com os cinzentos pelo mais breve dos instantes, e depois ele se foi.

“Embora eu não defenda o uso de estimulantes artificiais, será que alguém poderia, *por favor*, providenciar um comprimido de Acordazil para a nossa rainha das fadas antes do próximo ensaio?”, gritou Quentin da plateia.

Sonhando. Ela caíra no sono e sonhara...

Kelley sentiu o calor voltar a subir pelo pescoço e chegar ao rosto ao perceber que, além do olhar de medusa do diretor, havia cerca de uma dezena de outros pares de olhos sobre ela, todos expressando variados graus de irritação ou divertimento.

“Muito bem. Por hoje *chega*, então, crianças.” Quentin se levantou e andou em passadas largas na direção de seu escritório. “Dê um jeito de *dormir* um pouco, senhorita Winslow, ou então não exagere tanto assim no método de *encarnar* a personagem, hein?”

Kelley olhou para o restante do elenco à sua volta, sentindo-se culpada, as faces queimando de vergonha. Seu olhar recaiu sobre Alec Oakland, o ator que fazia o papel de Bottom, sentado na borda da plataforma do caramanchão com a falsa cabeça de burro enfiada embaixo do braço.

Felizmente, ele estava sorrindo.

“Caramba, Winslow”, reclamou ele. “Eu deixei você assim tão entediada?”

“Santo Deus, Alec... Desculpe! Eu quase não dormi na noite passada, e...”

“Não se preocupe com isso.” Alec fez um gesto com a mão, indicando que aquilo não tinha importância. “Acho que Q não ia mesmo trabalhar muito na nossa cena hoje, de qualquer jeito. Já está quase na hora de terminar o ensaio.”

Ele se levantou e ergueu a cabeça de burro. Kelley olhou para ela com uma sensação de incômodo, lembrando-se, de repente, do cavalo na banheira. Alec estendeu a mão para ajudá-la a se levantar.

“Eu estava pensando”, falou ele enquanto ela se erguia “em lhe perguntar... se você gostaria de tomar um café comigo uma hora dessas.”

Uma pontada de dor atingiu a cabeça de Kelley, acompanhada pela imagem do vulto entre as sombras da floresta que vira no sonho. – Kelley? Você está bem?

“Estou...”

Alec estava fitando-a, preocupado.

“Claro, obrigada. É só a falta de sono, acho. Ahn... café. Café seria uma boa. Uma hora dessas.”

“Você parece estar precisando de um”, brincou ele, um ar esperançoso no belo rosto sardento. “Vamos procurar uma Starbucks?”

Kelley riu e ergueu a mão.

“Acho que hoje não. Acho melhor eu ir pra casa e tentar dormir, sabe?”

“Claro. Tudo bem.”

Alec assentiu com um gesto de cabeça e recuou um passo. Kelley se sentiu vagamente culpada e bastante confusa com a própria reação. Uma semana antes, ela teria pulado de alegria diante da oportunidade de sair com Alec. Agora? Agora ela só conseguia ver os galhos retorcidos da floresta de seu sonho – e o jovem de cabelos negros em pé sob eles, os olhos cheios de angústia. Um momento de silêncio constrangedor se seguiu. Kelley estendeu a mão para coçar a cabeça de burro atrás de uma falsa orelha peluda.

“Podemos adiar para outro dia?”, ela perguntou, tentando injetar algum entusiasmo na voz.

Alec fez que sim com a cabeça, com um meio sorriso retornando-lhe aos lábios.

“Claro! Vejo você amanhã”, respondeu ele, antes de caminhar a passos largos na direção dos camarins.

Depois de um minuto, ela seguiu atrás dele, passando propositalmente pelo caminho entre as coxias sombrias onde ela havia visto – onde ela *pensara* ter visto – alguém. No entanto, é claro que não tinha ninguém lá.

X

O *bucca* agarrou Sonny pelo pescoço.

Sonny estava furioso consigo mesmo por ter baixado a guarda – Maddox o avisara para não chegar perto demais do *bucca*. Entretanto, ele se distraíra com o rapaz que carregava a ridícula cabeça de burro embaixo do braço e com a perturbadora onda de emoção que sentira ao vê-lo segurar a mão da garota.

O *bucca* franziu o nariz, uma expressão de prazer cruel no rosto verde-claro.

“Estou sentindo cheiro de matador de seres mágicos.”

“E eu estou sentindo cheiro de *pucaria*”, rosnou Sonny por entre os dentes cerrados. “Qual de nós dois fede mais?”

Um longo e tenso silêncio estabeleceu-se entre eles, e então o *bucca* jogou a cabeça para trás e riu, relaxando o doloroso aperto na garganta de Sonny.

“O que um Jano está fazendo no Hell’s Kitchen em uma das Nove Noites?”

Sonny esfregou o pescoço, estremeando. Avaliando o *bucca*, enfiou a mão na bolsa e atirou para ele uma das contas de ônix.

“Onde está? *O que é?*”, questionou Sonny.

O *bucca* pegou a conta no ar, observou-a por um bom tempo, sem demonstrar nenhuma emoção, depois a jogou de volta.

“Não tenho a menor ideia.”

“Tudo bem, então.”

Se Sonny queria obter alguma resposta, ele percebeu que teria de jogar duro. Os seres mágicos podiam ser compelidos a obedecer a ordens, caso se soubesse o segredo de seu nome verdadeiro. Sonny encarou o *bucca* olhos nos olhos e disse, solenemente:

“Eu ordeno que...”

O *bucca* cobriu as orelhas pontudas e começou a choramingar.

Sonny prosseguiu, inclemente:

“Pelo teu nome mais verdadeiro, eu ordeno que obedças às minhas ordens, pois eu te chamo *Robin Goodfellow*.”

As lamúrias do *bucca* se transformaram, de repente, em gargalhadas estrondosas. Enfim, ele conseguiu dizer, ofegando de alegria:

“Ora, faça-me o favor. Esse nome não é exatamente o segredo explosivo que era antes, sabe como é?” Enxugou uma lágrima, ainda gargalhando. “Valentão estúpido. Você devia ir mais ao teatro!”

Sonny ficou ali em pé, mortificado, o rubor de vergonha subindo-lhe às faces.

“Shakespeare revelou esse segredo há bastante tempo. Como você espera que eu entre no palco noite após noite se cada vez que alguém disser ‘Robin Goodfellow’ eu tiver de me jogar no chão em submissão irracional?” O *bucca* sacudiu a cabeça entre divertido e indignado. “Eu avisei o velho Willie. Até cheguei a infestá-lo com pulgas terríveis. Bah... escritores! Um bando de teimosos. Depois disso, o nome meio que perdeu o poder, entende? O mesmo aconteceu com ‘Puck’, então nem vale a pena você tentar. Esses nomes exercem tanto poder sobre mim agora quanto se você me gritasse ‘Olá, amigão!’...”

Ele bufou e fez um último comentário:

“Pelo que vejo, o pessoal que Auberon está treinando hoje em dia é fraco de inteligência...”

As mãos de Sonny cerraram-se diante do insulto. Então, ele se lembrou do roteiro que encontrara, com as palavras rabiscadas: *Roteiro da Kelley. Favor devolver – estou falando com VOCÊ, Bob!*

Os *buccas* eram notórios ladrões.

“Vamos tentar esta, então. Eu te ordeno pelo nome... Bob.”

O *bucca* ficou rígido e estancou. Virou-se e lançou a Sonny um olhar astuto.

“Vai me ajudar?”, implorou Sonny.

Mais disposto a colaborar, Bob, o *bucca*, falou:

“Não tenho a menor ideia de onde está. Mas... eu sei o *que é*.”

“É um *kelpie*, não é?”

“Se você já sabe o que é, então por que precisa de mim?”

Aquilo pareceu confirmar as suspeitas de Sonny. Poderia pressionar ainda mais o *bucca* a respeito do *kelpie*, mas havia outras coisas que precisava entender agora, e ele não sabia quanto poderia abusar da sorte.

“Tudo bem. Outra pergunta, então.”

Bob esperou.

“Aquela garota. A atriz que faz o papel de Titânia.” Sonny fez um gesto de cabeça na direção dos camarins, para onde ela fora. “Ela me viu, agora há pouco.”

“Eu reparei.”

Sonny começava a perder a paciência.

“Eu estava embaixo do véu e ela me *viu*.”

Bob inclinou a cabeça, em uma expressão irritantemente inescrutável, e disse:

“Como isso é possível para uma mortal?”

“É isso o que estou lhe perguntando. Como é possível uma mortal ter visto através do meu véu?”

“Não é possível.”

A cautela de Sonny diante do antigo e poderoso *bucca* entrou em conflito com a sua absoluta necessidade de saber.

“O que você está querendo dizer?”

“Você faz muitas perguntas.”

Sonny respirou fundo. Se deixasse Bob irritado, o *bucca* provavelmente desapareceria sem dizer mais nada.

“Por favor. É... importante pra mim.”

Bob inclinou a cabeça de lado, meditando a respeito da questão. Ele parecia se transformar e variar levemente em tamanho e proporção enquanto Sonny falava com ele. Era algo sutil, difícil de notar, a não ser que se olhasse para ele de esguelha – como se a aparência dele espelhasse o aspecto esquivo de sua fala.

“Você sabe *por que* Auberon fechou os Portais, jovem Sonny Flannery?”, indagou o *bucca*.

“Claro que sei.” Sonny quase não continha a frustração. “Eu sou um Jano, diabos.”

“Você é um Jano, com certeza. E estou certo de que é bom no que faz”, declarou Bob, quase sem sarcasmo. Ele ergueu a mão, para evitar ser interrompido. “E você foi tirado do berço de um lar mortal e levado para o Outro Mundo, assim como o restante dos seus colegas. No entanto, *diferentemente* do restante deles... eu sei que você é também o único Jano que Auberon escolheu a dedo para criar sob o próprio teto, bem no centro da Corte do Inverno, quase como se você fosse filho dele.”

“Você está querendo chegar a algum lugar com tudo isso?”

“Sim, estou.” Bob balançou a cabeça devagar, retribuindo o olhar firme de Sonny. “Mas não a seu respeito. A respeito *dele*.”

Sonny sabia muito bem como Auberon era encarado pela maioria dos mortais raptados que viviam no Reino Encantado e também por uma grande parte dos seres mágicos: com desconfiança e medo.

Todavia, o rei *tratara* Sonny como se fosse da família e, apesar de uma arrogância que às vezes beirava a crueldade indiferente, ele jamais dera ao jovem mortal nenhuma razão para que não confiasse nele. Para ser sincero, Sonny devotava a Auberon lealdade e respeito.

“Que historinha sobre o fechamento dos Portais o poderoso Auberon contou, diante da lareira, ao seu ávido cãozinho Jano?”, perguntou Bob, em tom de zombaria.

Sonny fuzilou-o com os olhos.

“Ele fechou os Portais para nos proteger.”

“Para ‘nos’ proteger? E a quem se refere esse ‘nos’, meu jovem raptado dos mortais e criado pelos seres mágicos?”, indagou Bob em tom sarcástico, inclinando a cabeça. “Aos mortais ou aos seres mágicos?”

“A ambos. Ele fez isso para proteger ambos os mundos. Um do outro.”

“O que você chama de ‘proteção’ uma boa parte dos seres mágicos chama de ‘prisão’. O que mais o bom rei Auberon contou a você? De que terrível ameaça do mundo mortal o nosso benevolente senhor e mestre está mantendo os seus leais súditos a salvo e em segurança?”

Sonny franziu o cenho. Não conseguia ver o que aquilo tinha a ver com ele, com o *kelpie*, com a garota ou com qualquer coisa que ele realmente *desejava* saber do *bucca*. Contudo, Sonny obviamente não tinha escolha, a não ser continuar aquele jogo de perguntas e respostas que Bob iniciara.

“Ele me disse que, por volta da virada do século XIX para o século XX, segundo o calendário dos mortais, uma mulher humana conseguiu passar por um dos Portais do Outro Mundo. E que ela raptou uma criança mágica do berço e fugiu de volta para o reino mortal. Então, o rei fechou os Portais, para impedir que isso voltasse a acontecer.”

“Isso é o que eu chamo de uma hipocrisia monumental!” Bob executou uma pequena dança e pulou com destreza para a plataforma das escadas de emergência. Havia um brilho intenso em seus olhos. “Deixando de lado por um instante o fato de que raptar crianças *daqui* para *lá* era, até aquela época, uma espécie de passatempo nacional para os seres mágicos... você não acha que toda essa história é um tanto quanto estranha? Medidas muito drásticas para uma criancinha perdida, não acha?”

“Não foi uma criança mágica *qualquer* que aquela mortal roubou!”, protestou Sonny. “Sem dúvida, deve ter sido uma decisão desagradável naquela época... mas Auberon tinha todo o direito de tomá-la. O bebê recém-nascido era herdeiro dele!”

Bob era implacável.

“E o fato de que *você* era... o que *você* era mesmo? Ah, o filho de um pobre fazendeiro? Ou que o seu amigo que está esperando do lado de fora... qual é mesmo o nome dele? Maddox... Que ele era filho de um reles ferreiro... Será que isso torna justo para os seres mágicos atravessar as fronteiras e roubar *vocês* do *seu* povo?”

“Eu...”

“Você não acha que a sua mãe chorou lágrimas amargas pela sua perda? Que não arrancou os belos cabelos loiros e se jogou no chão em agonia de saudade pelo filho perdido?”

“O que *você* sabe sobre a minha mãe?”, indagou Sonny, subitamente furioso.

“Bonita, com uma vontade ferrenha e apaixonada. Olhos azuis. Lindo rosto... Quer dizer, quando não estava todo deformado pela dor.” O *bucca* falava em voz baixa e melodiosa. O brilho travesso desaparecera-lhe dos olhos. “O seu rapto a destruiu. Destruiu toda a família. Todos eles pensaram que ela havia enlouquecido. O marido a deixou porque não conseguia suportar a dor que ela sentia.”

“Pare com isso!”

“Você acha que uma mulher como aquela não teria jurado se vingar?” Os olhos do *bucca* emitiram um brilho verde ao fitar Sonny de modo penetrante. “Uma criança por uma criança?”

“A minha mãe...”

“*Jamais* poderia ter passado para o Outro Mundo. Por mais forte, apaixonada ou determinada que fosse. Não sem ajuda.”

“Mas *você* acabou de dizer...”

“Sim. Eu disse.”

Sonny só podia ficar ali, fitando o *bucca* com perplexidade.

“Isso dá o que *pensar*, não é?”

Então Bob ficou em silêncio. Agachou-se na plataforma, absolutamente imóvel, observando Sonny sem nem sequer piscar.

Charadas. Por que ele está me propondo charadas? Perguntas sem respostas, tudo eclipsado pelo impacto emocional dos pensamentos sobre sua mãe. A vida mortal que ele poderia ter tido...

Reprimiu a vontade de fazer mais perguntas e virou-se para ir embora.

Entretanto, havia mais uma coisa que ele queria saber. Mera curiosidade, mas na qual ele não conseguia parar de pensar...

“Diga-me uma coisa.”

Bob encarou-o de frente.

“Isso é uma ordem?”

“Não. É um favor.” Sonny ergueu a mão. “Quer dizer... é algo que eu gostaria de saber. Se você estiver disposto a me contar. A história que ouvi sobre você e o *leprechaun*...”

“E o pote de mel?”

“Isso. Aconteceu mesmo? De verdade?”

“Bem... os meus ouvidos ainda estão grudentos por dentro.” Ele deu uma risadinha. “E, às vezes, eu atraio a atenção de uma ou outra abelha apaixonada. Nem lhe conto!”

“Como você saiu?”

“Que os deuses abençoem o progresso.” Bob ergueu os olhos para o teto. “Oito ou nove anos atrás, uns empreiteiros sem escrúpulos apareceram e construíram um hotel cinco estrelas com campo de golfe bem naquele local. No dia em que eles começaram as obras, eles quebraram meu pote!”

Sonny não conteve o riso.

Bob deu de ombros.

“É um belo campo. Tenho certeza de que os jogadores se perguntam, no entanto, por que perdem tantas bolas. E o encanamento do prédio costuma se comportar de um jeito... peculiar.”

“Nunca aborreça um *leprechaun*.”

“Exato.”

“O que você fez que o deixou tão zangado?”

A expressão de Bob ficou séria.

“Isso eu não vou lhe contar.”

“Mas por quê...?”

“O que eu *vou* lhe dizer é o seguinte... Está me ouvindo?”

Sonny fez que sim com a cabeça, em silêncio. O olhar do *bucca* era tão intenso que Sonny quase podia senti-lo fisicamente.

“Certa vez, muito tempo atrás”, prosseguiu Bob, “eu trabalhei para Auberon, assim como você. Mas eu *nunca* o deixei me fazer de bobo. E não sou totalmente desprovido de compaixão.”

E então Bob, também chamado de Puck, também chamado de Robin Goodfellow, deu uma risadinha e pulou agilmente da plataforma, desaparecendo nas sombras das traves do palco mais alto. Suas últimas palavras ecoaram na escuridão:

“Cuide dela, Sonny Flannery. Eu cuidei...”

XI

Kelley tomou um banho no minúsculo banheiro anexo ao camarim e secou os cabelos com secador. É claro que, ao olhar pela pequena janela alta, notou com irritação que, de repente, começara a chover a cântaros. Ainda bem que sua jaqueta tinha um capuz, pensou Kelley, pois ela perdera o guarda-chuva alguns dias antes. Ela suspeitava que Bob o tivesse pegado.

Com um suspiro, guardou suas coisas na bolsa e preparou-se para ir para casa e passar uma noite tranquila e agradável, tentando achar um modo de tirar um cavalo da banheira – e do apartamento – sem atrair a atenção da vizinhança.

De pé na entrada, vendo uma cortina de água cair do telhado íngreme, Kelley considerou por um momento a ideia de dormir no teatro naquela noite. Pensando na tempestade e na colega de apartamento que estaria, sem dúvida, ainda mais tempestuosa...

Covarde.

Endireitando os ombros, ela vestiu o capuz e saiu na chuva gelada. Teve, no mesmo instante, a sensação de que havia mergulhado em águas geladas e tentava correr submersa. Mal conseguia enxergar por causa do aguaceiro; baixando a cabeça, rumou para o beco lateral, onde os beirais do Avalon ofereciam alguma proteção. Ao erguer o olhar das poças, Kelley parou, surpresa, ao ver um vulto empoleirado sobre um velho caixote de madeira e espiando pela janela suja de vidro chumbado que dava para um dos aposentos do teatro. Para o camarim dela.

Onde acabei de passar os últimos quinze minutos enrolada numa toalha!

Kelley abafou um grito com uma das mãos, enquanto a outra se moveu para a bolsa abarrotada pendurada em seu ombro, na qual a lata de *spray* de pimenta estava enterrada em algum lugar bem no fundo. Ela tentou recuar o mais silenciosamente possível, mas o sujeito se empertigou, como se tivesse ouvido o som dos tênis dela, apesar do forte pipocar da chuva nas latas de lixo. Kelley se virou para correr de volta até a entrada do teatro. Contudo, de algum modo, o sujeito saiu de cima do caixote e bloqueou o caminho antes que Kelley pudesse dar um só passo.

Como alguém consegue se mover tão depressa?, ela se perguntou.

Então, ela o olhou nos olhos e todos os outros pensamentos se desvaneceram.

Belo Estranho.

O rosto dele era exatamente da maneira que ela se lembrava – tanto do parque como do sonho que tivera no meio do ensaio. Desta vez, o olhar dele brilhava não com compaixão ou simpatia, mas com ameaça. Os belos lábios estavam esticados em uma linha fina e tensa.

A expressão dele pôs Kelley na defensiva.

“Ora, se não é o entregador de Flores no Mundo Todo”, ela disse, erguendo o queixo em desafio. “O que está fazendo aqui?”

“Procurando por você.”

Três palavras que fizeram o coração dela martelar dolorosamente no peito. Kelley teve de se segurar para não recuar um passo. Não era bem assim que imaginara encontrar o Belo Estranho novamente. Aquilo parecia perigoso.

“O que você estava fazendo no parque ontem, depois do anoitecer?”, inquiriu ele, em tom ríspido.

A fúria tomou conta de Kelley.

“O que o faz pensar que eu estava no parque depois do anoitecer?”

“Eu sei que estava. Sei que ficou lá depois que a deixei no jardim, e sei que encontrou... algo.” Ele a observava com muita atenção. “Preciso saber o que foi. Diga-me. Agora.”

“Vá pro inferno.”

Ele piscou, surpreso.

“Como?”

O vazio em sua expressão subitamente o fez parecer com um menino, e Kelley percebeu que ele não devia ser muito mais velho do que ela – talvez tivesse dezoito ou dezenove anos. Não que essa idade o fizesse necessariamente menos ameaçador.

Entretanto, Kelley fora criada por uma impetuosa tia irlandesa. Ela pronunciou cada palavra separadamente ao repetir:

“Vá-Pro-Inferno.”

O Belo Estranho pareceu confuso, como se nunca antes alguém lhe houvesse mandado pastar.

“Você não está entendendo. Preciso saber o que você encontrou. É para o seu próprio bem... Precisa confiar em mim.”

“Confiar em você? Pelo amor de Deus, você está de tocaia num beco. Obviamente, você me seguiu até aqui e estava espiando pela janela do meu camarim enquanto eu trocava de roupa! Acho que “confiança” não é a questão aqui!”

“Eu não estava espiando você trocar de roupa.”

“É claro que não.”

Pelo menos ele teve a decência de corar, refletiu Kelley.

“Só o que vi foi você saindo do camarim. Eu queria ver se estava sozinha para que eu pudesse conversar com você.”

“Sei!”, zombou Kelley. “Pra que pudesse ‘conversar’ comigo?”

A bem da verdade, ele parecera tão perplexo com a acusação de Kelley que ela estava inclinada a acreditar nele – ela só não se sentia muito inclinada a se importar.

“É por isso que estava espreitando os bastidores antes?”

A pergunta não provocou nenhuma das reações que Kelley teria esperado. Os olhos dele se arregalaram, e ele se afastou dela em um movimento rápido – quase como se Kelley o tivesse golpeado fisicamente.

Mas que diabos?...

“Está me perseguindo?”, ela indagou.

Kelley olhou para trás para ver se alguém do elenco ou da equipe se achava por perto, mas a chuva afugentara todos, fazendo com que fossem embora ou voltassem para dentro.

“É claro que não!”, replicou ele, parecendo chocado.

Ele deu um passo em direção a Kelley, que se afastou rapidamente.

“Se você encostar um *dedinho* em mim, vou gritar como uma *banshee*.”

Isso o deteve. De novo, aquela expressão de menino confuso surgiu no rosto dele.

Kelley arriscou encará-lo olhos nos olhos e ficou com a respiração presa na garganta. A intensidade ardente do olhar dele era como o foco de um holofote. Ele a estava ameaçando. Ainda assim, tudo que ela queria era estender a mão e tocar-lhe a face.

Quando teus olhos abrires...

Kelley forçou-se a despertar do devaneio indesejado. Recuou ao notar que ele estava nitidamente se contendo para não gritar com ela.

“Está ficando tarde e não tenho tempo pra isso”, resmungou ele com impaciência, lançando um olhar rápido para o céu.

Kelley seguiu o olhar dele. *Como diabos ele pode saber que horas são?* O céu estivera com a mesma tonalidade sombria de azul acinzentado o dia inteiro.

Ele deu mais um passo na direção dela, e todos os nervos de Kelley dispararam como alarmes de carro, incitando-a a fugir. Ela sentiu um formigamento estranho ao longo da espinha até as pontas dos dedos, como se asas estivessem mesmo brotando em suas costas. Os pés, porém, permaneceram fincados no chão e, capturada pelo olhar dele, ela segurou a respiração.

Ele estendeu a mão para ela, os dedos roçando-lhe o braço. De repente, um choque elétrico lançou-o para trás, sacudindo todo o lado direito de seu corpo. Ele estremeceu e, quando o contato visual se rompeu, Kelley conseguiu, de repente, mover-se de novo. Todavia, com uma velocidade sobrenatural, ele se recobrou e moveu a mão na direção dela, agarrando o capuz e um punhado de seu cabelo. Ele a empurrou para trás, e Kelley sentiu um estalo quando o fecho do colar de prata se soltou e o trevo-de-quatro-folhas caiu em uma poça.

A raiva se incendiou no peito de Kelley, sobrepujando o medo, e ela se voltou contra seu atacante.

Ela girou um dos punhos cegamente em um grande círculo, e o jovem voou pelos ares, chocando-se violentamente contra a parede de tijolos do teatro atrás dele.

“Como se *atreve?*”, ela berrou, o ar ao redor de repente lhe parecendo tão frio quanto sua fúria alimentada pela adrenalina.

Os olhos dele, cinzentos e tempestuosos, arregalaram-se de medo ao fitá-la...

XII

... e a luz resplandeceu como fogos de artifício explodindo na ruela.

“Como você se *atreve?*”, ela gritou de novo, e sua voz trovejante lançou-o contra a parede pela segunda vez. Sonny escondeu o rosto sob o braço para proteger os olhos. O chão embaixo dele girou vertiginosamente e, por um momento, ele achou que fosse vomitar. Com os olhos semicerrados, olhou para o local onde, até um instante atrás, a garota havia estado, ensopada e desafiadora. Seu queixo caiu.

Uma aura de luz refulgia em torno dela, como asas de um brilho diamantino.

Ele quis pedir desculpas. Oferecer-lhe a vida por aquela grave ofensa. Humilhar-se diante dela. A criatura que estava diante dele, gloriosa como as estrelas, devia ser venerada e temida. O peito lhe doía como se ele tivesse sido chutado com botas de pedra, e lágrimas de remorso se acumularam em seus olhos. Era como se ele fosse um menininho outra vez, correndo pelos saguões do palácio de Auberon, sabendo que jamais seria um dos seres mágicos; um brinquedo, um bichinho de estimação, mas nunca realmente amado por eles. Por criaturas como a deusa postada diante dele. A luz dela se derramava sobre ele, e ele sabia que era terrivelmente indigno...

E aí, de modo tão súbito quanto tudo se iluminara com a explosão das estrelas, tudo escureceu outra vez.

“Idiota...”

Sonny sacudiu a cabeça, confuso e desorientado, seu campo de visão ainda ofuscado pela luz e salpicado por resíduos de imagens. Pestanejou, contemplando a garota que o fitava, zangada, enquanto prendia novamente o fecho da corrente.

“Você quase quebrou a pedra!”

Por um instante, Sonny pensou ainda estar vendo a aura refulgente ao redor dela, porém, mais pálida, espectral. Depois, desapareceu totalmente. Ela não podia estar se escondendo atrás de um feitiço. A sensibilidade de Jano que Sonny possuía permitia-lhe rasgar o disfarce de qualquer ser mágico como se fosse de gaze, mesmo a uma grande distância do Portal, como era o caso.

“Você é retardado?” A garota enfiou o pingente dentro da camiseta de novo. “Que diabos você está olhando?”

Sonny se ergueu, cambaleante. A garota havia tirado o *spray* de pimenta da bolsa e agora apontava-o direto para o nariz dele.

“O que é? Está drogado ou coisa assim? Qual é o problema com você?”

“Quem é você?”, perguntou ele, esfregando o braço nos locais que ainda latejavam.

“Você já não devia saber isso?”, ela zombou. “Quer dizer, considerando que você está me seguindo.”

“Eu não estou seguindo você.” Ele sacudiu a cabeça. Contudo, provavelmente, era o que parecia, ele precisava admitir. “Não exatamente. Só achei que talvez você pudesse me ajudar.”

“Ah, quer saber de uma coisa?” Ela inclinou a cabeça, os olhos ainda brilhando de raiva. “Não estou me sentindo especialmente prestativa no momento. Talvez em outro dia. Quem sabe, no Dia de São Nunca?”

Sonny se afastou, sentindo-se frustrado e impotente.

“Tudo bem. Eu entendo. Sinto muito se assustei você.”

“Certo. É isso aí. Tente não ficar espreitando. Nem atacar. Vou cair fora daqui”, ela declarou, recuando. O *spray* permanecia firme em sua mão. “E não ouse me seguir.”

“Pode deixar. Não vou incomodá-la outra vez.” Sonny ergueu as mãos com as palmas para fora, como quem pede calma. “Prometo.”

“É melhor não me incomodar mesmo”, avisou Kelley.

Ela se virou e saiu correndo.

#

Ela saiu correndo dele. Tinha medo dele.

Sonny não gostava nada daquilo...

“Pelo que vi, saiu tudo bem”, disse Maddox, sarcástico, ao dispersar o véu que o mantivera invisível e sair de trás de uma caçamba de lixo. Sonny se virou para olhar feio para ele. “Não, é sério. Acho que ela gosta de você.”

“Maddox...”

“Tudo bem, já estou de boca fechada.”

“Você devia ter ficado de vigília”, resmungou Sonny.

“Eu fiquei. Ela é rápida.” Ele deu de ombros. “E, de qualquer forma, *you* devia ter ficado sob o véu.”

Sonny olhou na direção em que a garota fora.

“Não estou certo de que teria feito alguma diferença.”

“Por que não?”

“Ela me viu. Lá no palco. Ela me viu. Mesmo com o véu. Você viu aquilo? *A garota?*” Sonny se virou e agarrou o ombro do amigo. “Quer dizer, agora há pouco... Você viu o que aconteceu com ela?”

A expressão de Maddox era reservada, impenetrável. A chuva estava diminuindo, mas a água ainda escorria pelo rosto de ambos. Nenhum dos dois notava.

“Eu vi... algo”, admitiu Maddox. A voz dele era neutra, cuidadosamente desprovida de qualquer emoção. No entanto, as palavras seguintes tornaram os sentimentos dele perfeitamente claros. “E o que eu posso dizer é que me deixou apavorado como o diabo.”

“Devíamos ir atrás dela.”

Maddox já estava sacudindo a cabeça energicamente.

“Isso não. Não, não e não... Você acabou de prometer a ela que *não* a seguiria. Eu pensaria duas vezes antes de quebrar uma promessa a uma garota gentil e bonita... e incrivelmente *assustadora*... como essa. Principalmente considerando que ela pode jogar você contra uma parede com a maior facilidade.”

“Escute... Eu não consegui tirar nada do *bucca* além de alertas vagos, um tanto aterrorizantes, sobre o *kelpie*. Mas essa ‘garota gentil e bonita’ sabe mais sobre o que aconteceu no lago do que ela está dizendo, e eu acho que nós devíamos descobrir o que é.”

Sonny deixou de mencionar que Bob também lhe dissera para “cuidar dela”.

“Deixe isso pra lá, Sonn” Maddox se virou para seguir na direção oposta àquela em que a garota correria. “Eu sei reconhecer uma encrenca em potencial quando a vejo, e você também sabe. Tire essa garota da cabeça.”

Sonny sabia mesmo reconhecer encrencas em potencial quando as via. Por mais que ele não quisesse admitir, Maddox estava certo.

Seguiu o outro Jano com relutância, virando o rosto para olhar para trás, enquanto andava. Naquele momento, tirá-la da cabeça parecia a tarefa mais difícil que ele já tivera de cumprir.

XIII

De pé, do lado de fora do seu apartamento, Kelley respirou fundo e girou a chave na fechadura.

“Tyff?”, chamou ela, hesitante. “Hum... Eu... ahn... cheguei... e sinto muito...”

Silêncio.

“Tyff?”

“Ele comeu o meu sabonete.” Tyff saiu lentamente do banheiro, braços cruzados sobre o peito, o tom de voz tranquilo, como o de quem está tendo uma conversa descontraída. “Minha barra de sabonete artesanal de oitenta dólares com ervas japonesas. Do Japão. Ele comeu.”

“Ah...”

“Ele também comeu o seu sabonete Primavera Irlandesa de dois dólares. Esse eu *deixei* que ele comesse.”

“Tyff... Eu sinto muito, muito mesmo...”

“Na verdade, eu dei pra ele comer.” Tyff sorriu com doçura. Após um momento lançando um olhar de fúria adocicada à Kelley, ela franziu a testa. “Sabia que está toda molhada?”

“Fui pega pela chuva...”

“Vá vestir um roupão ou coisa assim, antes que o piso estrague, está bem?”

Kelley olhou para os pés e viu que havia uma poça se formando em volta deles. Passou correndo por Tyff, que ficou de pé junto à porta do banheiro, balançando a cabeça. Kelley ouviu uma saudação relinchada, que vinha lá de dentro.

Tirando a jaqueta e a calça jeans, ela vestiu seu grande roupão felpudo, pensando em como ela *não* estava se divertindo nem um pouco com aquela história de voltar toda ensopada para casa dois dias seguidos. Uma xícara de chá cairia bem – e daria a ela uma desculpa para evitar o banheiro enquanto punha a chaleira no fogo.

“Ele... hum... Ele comeu a aveia?”, ela perguntou, com um sorriso hesitante ao passar por Tyff. “Você sabe... Depois do sabonete?”

Tyff seguiu-a até a minúscula cozinha.

“Não. Mas, no esforço de evitar o consumo de mais cosméticos, tentei dar a ele um pouco daquele seu cereal ridículo para crianças.” Ela indicou a caixa de Lucky Charms² que estava

aberta sobre o balcão. “Esse pareceu dar certo. Coçar atrás da orelha esquerda dele também funciona...”

Kelley lançou um olhar rápido para sua companheira de quarto, extremamente surpresa ao ver a tranquilidade com que ela estava encarando a coisa toda.

“Não que eu goste do bicho ou coisa assim!”, disse Tyff. “Porque eu não gosto.”

“Certo...”

“Quero dizer... Mesmo que ele tenha sido um cavalinho bem-comportado até agora e não tenha feito nenhuma sujeira cavalares...” Tyff parou de súbito, percebendo que Kelley a fitava. “Deixe pra lá.”

“Certo...”, repetiu Kelley, virando-se para fazer o chá.

Tyff ficou em silêncio por um momento.

“Winslow... O que *aconteceu* com você hoje?”

“O que você quer dizer?”

“Você parece meio... assustada. Tensa. E não é porque temos um pônei devorador de sabonetes no apartamento. O que há de errado com você?”

Kelley mordeu o lábio inferior para impedi-lo de tremer. Agora que ela estava a salvo em casa, a lembrança do que acontecera no beco lhe voltava. Deu-se conta, de repente, de que estivera em uma situação bem apavorante.

“Kelley?”

“Encontrei um cara no parque ontem. Nunca tinha visto ele antes, mas ele me deu uma rosa e... bom... depois ele meio que desapareceu.”

“E daí? O que tem ele?”

“Acho que pode estar... me seguindo.”

“Certo...”, pronunciou Tyff, devagar. “Sei que você é nova na cidade grande e tudo o mais, mas, entenda, isso não é nada *bom*, Kelley.”

“Ele estava no beco junto à saída do teatro esta tarde.”

“Em um beco? Ah, melhor ainda! Você chamou a polícia?”

“Não... mas eu falei pra ele parar de me seguir.”

“Ah, *ótimo*... Você falou com ele”, retrucou Tyff, sarcástica. “Bem simpático e seguro!”

“Eu sei, eu sei...” Kelley mexeu o chá, distraída. “Mas ele teve boas oportunidades pra me atacar, se era isso o que ele queria. E não me atacou. Ele disse que eu deveria confiar nele...”

“O quê? Confiar nele? Não é nenhum cara contratado pela doida da sua tia pra seguir você por tudo quanto é lugar ou algo assim, é?”

“Como um detetive?”

Kelley piscou para conter as lágrimas não derramadas. Magoava-a, de certo modo, saber que o gesto espontâneo dele, ao lhe ofertar uma bela flor, talvez tivesse sido, na verdade, apenas uma tática calculada para poder se aproximar dela. Parecera um gesto tão adorável naquele momento.

“É, ou algum tipo de guarda-costas”, sugeriu Tyff. “A gente sabe que a querida titia Emma não estava nem um pouco entusiasmada com a sua mudança pra cá.”

Kelley pensou sobre essa possibilidade por um momento.

“Talvez...”

Às vezes, Emma era assustadoramente superprotetora.

Tyff suspirou, olhando as horas no relógio.

“Preciso ir. Tenho um encontro e, graças aos seus heroicos esforços de resgate equino, vou ter de tomar banho na academia. Vai ficar bem aqui sozinha?”

“Vou sim”, respondeu Kelley.

Sentia-se um pouco melhor agora que estava em casa e contara a alguém sobre aquele encontro. Aquilo já não parecia mais tão importante. Só mais uma esquisitice da cidade grande, e ela era capaz de lidar com isso.

“Escute... só me faça um favor: não se meta em nenhuma encrenca”, pediu Tyff, cobrindo os ombros com uma *pashmina* e indo em direção à porta. “O nosso amiguinho ali dentro pode ser bem-comportado, porém, até agora, ele não está ajudando com o aluguel, por isso ainda preciso de você por aqui.”

Kelley sorriu e assentiu com a cabeça. Não conseguia acreditar que Tyff estivesse sendo tão compreensiva, mas estava agradecida por isso.

“Talvez você pudesse passar a noite tentando descobrir um meio de tirar Rocinante da banheira”, sugeriu Tyff, ao abrir a porta e sair para o corredor. “Mas, se for sair, tome cuidado, está bem?”

“Está bem, prometo. Divirta-se.”

A porta se fechou atrás de Tyff, e Kelley foi para a cozinha. Apanhou a caixa de Lucky Charms e sacudiu-a. Estava pela metade. Ao som do cereal chacoalhando, ouviu-se um relincho em resposta. Kelley foi até o banheiro, enfiando a cabeça entre a porta e o batente. O cavalo esticou as orelhas na direção dela. Ele resfolegou, e uma grande bolha iridescente formou-se em sua narina esquerda e cresceu até atingir o tamanho de um pequeno balão, antes de estourar ruidosamente. Kelley riu alto ante a expressão de surpresa no rosto do animal, e ele respondeu com um relincho que soava nitidamente como uma risada acanhada.

#

“Venha, cavalo...”

Kelley se sentiu uma idiota.

Para início de conversa, o cavalo parecia ser mais esperto do que ela. Ele se recusava a cair no truque de mover o punhado de cereal cada vez mais para longe, na tentativa de tirá-lo da banheira. Ele só esticava o pescoço ao máximo e, quando via que o cereal estava fora de seu alcance, inclinava a cabeça, fitando Kelley com grandes olhos tristes, até que ela se apiedasse dele e se sentasse na beirada da banheira, alimentando-o com luas, ferraduras e trevos de *marshmallow*.

Em segundo lugar, não podia continuar chamando o cavalo de “cavalo”. Parecia... bem, parecia rude, de certo modo.

Kelley derramou mais um pouco de Lucky Charms na palma da mão, erguendo-a na direção do focinho macio como veludo. Os olhos do animal pareceram brilhar de entusiasmo, e ele roçou o focinho na mão dela. Fazia cócegas, e Kelley deu risada. Um nome lhe ocorreu.

“Lucky”, ela murmurou.

O cavalo ergueu a cabeça, parecendo responder, e olhou para ela, mastigando placidamente o cereal açucarado. Bem, até que combinava. Ele tivera a sorte de ela estar no parque naquela noite, e tivera a sorte de a Sra. Madsen, do apartamento vizinho, não ter ouvido toda a confusão e chamado a polícia. Tinha a sorte de o proprietário do apartamento não ter aparecido para uma visita. E tinha a extrema sorte de Tyff, por algum motivo insondável, ainda não ter matado nem ele nem Kelley. Sortudo. Em inglês, Lucky.

Kelley coçou atrás da orelha esquerda dele, e Lucky relinchou suavemente de prazer. Ela teve a impressão de que, se fosse um gato em vez de um cavalo, ele teria começado a ronronar.

Só espero, para o bem de nós dois, que você traga boa sorte, e não má, refletiu Kelley. Ela sabia muito bem que a sorte poderia pender tanto para um lado quanto para o outro.

2 Marca de cereal matinal com aveia e pedaços de *marshmallow* em várias cores e formatos, como luas, estrelas, ferraduras, potes de ouro, corações e trevos. O nome do produto significa “Amuletos da Sorte”, e no rótulo aparece a imagem do mascote da marca, o *leprechaun* Lucky, cujo nome significa “sortudo”. (N. T.)

XIV

Sonny caiu dolorosamente de joelhos para evitar que a sua cabeça fosse arrancada por uma mordida.

O *boggart* com que lutava havia irrompido de uma fenda no jardim do Central Park conhecido como Strawberry Fields. Estava coberto de espinhos venenosos e possuía uma fileira saliente de dentes afiados. Silvando para Sonny, o *boggart* disparou em meio à escuridão. Sonny praguejou e saiu correndo atrás dele, esforçando-se para se concentrar – e esquecer aquela garota estranha e irritante.

O *boggart* rosou, saltando para dentro de um bosque cerrado. Sonny praguejou de novo e foi atrás. A clareira do outro lado estava vazia, mas Sonny podia sentir o cheiro dele – que lembrava o cheiro de asclépias. A criatura estava oculta, mas ainda perto.

Sonny ouviu as folhas das árvores se agitar sobre sua cabeça. Olhou para cima e percebeu, tarde demais, que o *boggart* o atraía direto para uma armadilha.

Uma nuvem de corvos rodopiou nos ares, e Sonny ficou gelado de apreensão. Aqueles não eram corvos normais. Eram criaturas de Mab, a rainha do Outono, das sombrias Terras Fronteiriças do Reino Encantado. Pássaros enormes de penas pretas e lustrosas, eles tinham olhos vermelhos e garras como foices, além de um horrível apetite por carne humana.

O *boggart* devia ser um dos servos de Mab também, pensou Sonny, enquanto tirava às pressas o feixe de ramos da bolsa. Quando pronunciou as palavras mágicas, os ramos se transformaram novamente na espada de lâmina de prata.

Do outro lado da clareira, o *boggart* emergiu, levantando as mãos retorcidas no ar como se estivesse fazendo sinais para suas tropas. Os corvos atacaram.

A espada de Sonny faiscou no ar quando ele abateu dois pássaros assassinos no céu. Feriu vários, entretanto, outros surgiram, e ele golpeou com força, espetando-os com a ponta da lâmina. Abaixou-se para se desviar de outro ataque, por pouco não perdendo um olho.

O rosto de Kelley surgiu diante dele em sua mente. Dessa vez, Sonny não tentou lutar contra a imagem. Pensando no sorriso dela, redobrou os esforços. Os corvos investiram outra vez contra ele e sua espada girou, traçando um arco brilhante na escuridão.

A luz do sol nascente penetrava pelas janelas quando Sonny abriu a porta de seu apartamento e entrou. No terraço, a elegante figura do rei do Inverno se sentava em uma cadeira preguiçosa. Exausto, Sonny jogou a jaqueta e a bolsa no sofá, seguindo para o terraço.

“Mab está muito aborrecida com você, meu jovem”, disse Auberon, suas palavras tingidas por um frio divertimento. “Ela gosta muito dos mascotes dela.”

“Da próxima vez, diga-lhe para mantê-los em casa. Ou, se ela realmente quiser me testar, para mandar pássaros maiores.”

Sonny esticou as costas cansadas. Na verdade, ele precisara de uma boa dose de habilidade para lidar com os corvos assassinos, mas ficara satisfeito com o resultado. Nem um único pássaro lhe escapara.

Nos tempos em que transitava livremente pelo mundo mortal, a rainha Mab fizera coisas que só se vê em pesadelos. Suas transgressões contra os mortais haviam se tornado tão terríveis que Auberon e Titânia tinham sido forçados a juntar forças e aprisioná-la dentro dos limites das Terras Fronteiriças, o seu próprio reino sombrio. Apesar disso, Mab ainda desfrutava do prazer de enviar seus servos pelos Portais, para provocar o caos – e depois acompanhar tudo por seu espelho mágico, como quem assiste a filmes de terror.

Pensar nas criaturas de Mab à solta no mundo mortal outra vez fazia Sonny encarar seus deveres como Jano com muita seriedade. Ele podia não querer viver naquele mundo, mas também não lhe desejava o mal. Principalmente quando havia nele criaturas como a sua Estrelinha...

Sonny sentiu o olhar de Auberon sobre si. Teve a sensação perturbadora de que o rei lhe fizera uma pergunta que ele nem sequer escutara.

Confuso, Sonny ergueu o rosto, para fitar os olhos do rei.

“Meu senhor?”

“Fale-me sobre a garota”, ordenou Auberon.

Sonny tentara não pensar nela. Ele certamente não planejara mencioná-la a Auberon. Entretanto, sua mente, ao que parecia, não era confiável nesse aspecto, e ele cometera o perigoso erro de trocar olhares com o rei do Inverno.

“Eu a vejo. Nos seus olhos...” O olhar sombrio de Auberon deixava Sonny paralisado como uma mosca presa no âmbar. Não conseguia desviar os olhos, mesmo sentindo a mente de Auberon penetrando na sua. “Quem é ela?”

“Eu não sei.”

“Não minta para mim, rapaz.”

A voz do rei permanecia serena, mas Sonny sabia que, Jano ou não, ele estava em grande perigo naquele momento.

“Não é mentira. Ela é... atriz. É só uma garota do parque, na verdade.”

Sonny esperava que, a qualquer momento, Auberon rasgasse as suas formidáveis defesas mentais como se fossem mero papel e descobrisse tudo o que ele sabia a respeito dela. Por

motivos que não podia explicar, Sonny não queria que o rei do Inverno se interessasse muito em descobrir o que ele sabia sobre a sua Estrelinha, por pouco que fosse.

“Hum”, murmurou Auberon.

Sonny sentiu a pressão dentro do crânio diminuir. Levantou-se – embora não tivesse notado que havia caído de joelhos – e mexeu os ombros para relaxar a tensão.

“Não consigo captá-la por meio da sua mente”, comentou o rei das fadas, parecendo intrigado. “E, no entanto, você guarda a imagem dela aí dentro.”

“Ela é bonita.” Sonny deu de ombros, tentando parecer indiferente. “Para uma mortal.”

Depois de um longo e opressivo momento, os lábios do rei se reviraram em um pálido sorriso.

“Não tão bonita, espero, a ponto de fazer você se esquecer de si mesmo, Sonny Flannery. Ou de seus deveres.”

Sonny inclinou a cabeça levemente, em respeito.

“É claro que não, meu senhor.”

“Ótimo. Porque eu tenho a inquietante sensação de que os mensageiros de Mab são, justamente, arautos de coisas que virão. Há uma boa dose de descontentamento no Reino Encantado, Sonny. E o fechamento dos Portais, embora eu tenha considerado necessário, tornou-se um motivo de conflito e um ponto em torno do qual meus inimigos se agregam. Se meus Guardiões Janos vacilarem, a situação se complicará.”

“Não vacilaremos, meu rei.”

“Assim espero”, replicou Auberon. “E que outras notícias você me traz?”

Sonny hesitou por um instante, mas apenas por um instante. Auberon era o seu rei. O propósito de Sonny como Jano era servi-lo. Como podia sequer *pensar* em esconder seus pensamentos? As palavras de Bob, o *bucca*, eram apenas um fraco eco no fundo de sua mente, e Sonny repeliu-as.

Contou a Auberon sobre seus encontros junto ao Portal. O rei já sabia a respeito do *boggart* e dos pássaros de Mab, então Sonny lhe falou do enxame de *pixies*, e ficou um tanto embaraçado com a forma como o rei se divertiu com a história – em uma reação semelhante à de Maddox. A seguir, contendo o nervosismo diante da ideia de seu fracasso, Sonny contou a Auberon sobre o lago e a criatura que passara despercebida por ele – e, na verdade, por todos os Janos: o *kelpie* que escapara pelo Portal e desaparecera no meio da noite.

“*Kelpies* são perigosos, com certeza.” Auberon deu de ombros, sem se deixar perturbar. “Mas não são espertos o bastante para escapar de toda a minha Guarda de Janos por muito tempo, creio eu.”

“Não estou certo de que seja um *kelpie qualquer*, meu senhor.”

Sonny levantou-se e entrou no apartamento para pegar a bolsa. Retirou as três gemas de ônix do bolso interno e, retornando para junto de Auberon, depositou-as sobre a palma do rei.

Alguns pelos de cavalo cor de cobre ainda se achavam presos às contas.

“Encontrei estes talismãs na lama perto do lago. Acho que nunca vi nada como isso antes.”

“Eu vi”, murmurou o rei.

Sonny não acreditava que fosse possível o rosto de Auberon ficar mais pálido do que já era normalmente, porém ficou. A testa alta permaneceu lisa, e o majestoso rosto, impassível. Contudo, a temperatura do ar no terraço de Sonny despencou a um nível glacial.

“A Caçada...”

Sonny precisou se esforçar para escutar as palavras.

“Como disse, senhor?”, perguntou ele.

Os olhos do rei eram como dois lagos negros.

“Estes amuletos podem invocar o Cavalo Ruão e trazê-lo de volta.”

O sangue de Sonny congelou nas veias. De repente, ele compreendeu o que as joias negras reluzentes significavam.

“Mas... o Cavalo Ruão lidera a Caçada Selvagem”, replicou ele, a voz saindo num mero sussurro.

“Sim. É isso mesmo.”

A mão de Auberon cerrou-se ao redor das contas; então, ele as largou, deixando-as rolar pelos ladrilhos a seus pés.

Auberon levantou-se e andou até o parapeito do terraço, olhando para o Central Park lá embaixo, e Sonny achou que o rei das fadas até havia se esquecido de que ele estava ali.

“Ah, Mab...” O tom de Auberon era áspero; a expressão em seu rosto, abatida. “Foi a isso que nos trouxe a sua loucura?”

Um turbilhão de ar se formou, e Sonny levou uma das mãos à frente do rosto, a fim de se proteger do súbito vento gelado. Quando baixou a mão, o rei se fora – seu grito fundindo-se ao crocitar de um falcão.

XV

O Avalon estava em chamas, e Kelley não podia fazer nada.

Toda Manhattan estava em chamas.

Mais iluminado do que o dia, o céu noturno tingiu-se de alaranjado com a luz das chamas, que saltavam para chamuscar as nuvens. Uma música apavorante ribombava; flautas, tambores e vozes estridentes rasgavam os ares com um ruído triunfante, medonho. O som de cascos se fez ouvir. Kelley olhou para o chão lá em baixo, bem longe, e viu que as ruas da cidade haviam ficado vermelhas de sangue.

Ela não podia impedir.

Ela não queria impedir.

Uma alegria selvagem ocupou o espaço onde seu coração deveria estar, e Kelley abriu a boca ao máximo para acrescentar a sua voz aos sons dos gritos de guerra que ressoavam pelos ares.

#

“Oi, Winslow, conseguiu dormir na noite passada?”

Kelley ergueu os olhos, sobressaltada, acordando da lembrança de seus sonhos perturbadores.

“Oi, Alec.” Ela suspirou. Cenas de carnificina haviam desfilado em sua cabeça durante a noite toda. “É, consegui dormir, sim. Demais até! Gostaria de não ter dormido tanto.”

Alec fitou-a com um sorriso.

“Você é uma garota esquisita mesmo.”

Kelley retribuiu-lhe o sorriso.

“Era o que eu estava pensando em escrever na minha biografia para o programa da peça. Isso e mais: ‘só está fazendo esse papel porque a atriz titular quebrou a perna’.”

“Ei, não se subestime... Eu acho que você arrasa como Titânia. E, cá entre nós... antes de ela quebrar a perna, eu tremia diante da ideia de ter de fazer a cena do caramanchão com a doida da Babs noite após noite. Com você, vai ser divertido!” Alec se apoiou na parede e chegou mais

perto dela. “Vamos ensaiar? Eu levo só um segundo pra pôr a minha cabeça no lugar. A cabeça do burro. Ou melhor, a minha cabeça de burro!”

Kelley deu uma gargalhada, sentindo-se bem mais animada. Era cada vez mais óbvio que, apesar das piadas ruins, Alec adoraria ir para um canto mais escuro do teatro e “ensaiar” com ela. Ela resolveu ignorar a proposta e deu-lhe um soquinho no ombro.

“Você sabe que eu ainda sou a *única* atriz contratada pra ajudar nas outras tarefas aqui do teatro, não sabe? Eu, Titânia, rainha das fadas... preciso passar o esfregão no palco antes que Mindi ponha fogo nas minhas asas”, ela declamou, em tom solene, fazendo um gesto majestoso.

Dito isso, ela se retirou, surpresa ao descobrir que seu coração martelava depressa demais no peito. Ele era bonitinho... mas não era a ideia de ensaiar em um canto escuro com Alec Oakland que fizera o coração dela disparar.

#

Evitou Alec ao final do ensaio também. Mais um dia com Lucky em sua banheira fizera com que Kelley chegasse à conclusão de que o único jeito de se livrar do cavalo era encontrar o dono dele. Ela passara a manhã trabalhando em seu computador, imprimindo folhetos em papel rosa-choque com uma fotografia de Lucky (tirada com a câmera do celular dela) e apenas as informações absolutamente necessárias, na esperança de que alguém telefonasse para ela sem chamar a polícia ou um hospício. Depois do ensaio, armada com os folhetos, um grampeador e um rolo de fita adesiva, ela entrou no Central Park e seguiu para os poucos quadros de avisos públicos espalhados por lá para afixar o anúncio. Começou na extremidade sul do parque e deu uma olhada no relógio – perguntando-se, apesar de tudo, se...

Ator entra em cena.

Devia fazer apenas uns cinco minutos que ela estava no parque quando o reflexo de um rosto que se tornava cada vez mais familiar apareceu sobre o ombro dela no vidro que protegia o quadro de avisos. Kelley nem se deu ao trabalho de se virar.

“Você não tem casa?”, ela perguntou, em tom de indiferença estudada.

Ela abriu o vidro e pregou um folheto cor-de-rosa sobre o anúncio de um concerto gratuito, apresentado no último verão e que ainda estava afixado no painel de cortiça.

Ele respondeu à pergunta dela com outra pergunta:

“O que você está fazendo aqui?”

“Estou afixando folhetos nos quadros”, ela respondeu, sacudindo um dos folhetos que segurava. “Não que isso seja da sua conta.”

“Você não devia estar aqui.”

Kelley virou o rosto para trás e viu a expressão severa com a qual ele a encarava.

“Prazer em vê-lo também”, ela respondeu, enquanto se afastava.

Ele a alcançou antes que ela desse cinco passos completos.

“Não foi isso que eu quis dizer”, retrucou ele, com certa frustração na voz.

Ela não sabia se ele estava frustrado com ela ou consigo mesmo. Percebeu que ela própria se sentia quase exatamente da mesma maneira. Eles esmagavam sob os pés as folhas secas caídas, enquanto caminhavam lado a lado no que, sob outras circunstâncias e com qualquer outro acompanhante, poderia ser considerado um silêncio amigável.

“Desculpe-me por ontem”, disse ele, enfim.

“Pelo que, exatamente, você está se desculpendo?”

Kelley não diminuiu o passo e não olhou para ele.

“Ahn... Desculpe-me por ter assustado você.”

O tom dele era brusco, desajeitado, como se não estivesse acostumado a ter de pedir desculpas.

Kelley estava determinada a não facilitar. Afinal, ele a assustara de verdade. Ela não devia nem estar falando com ele.

“Não aceito suas desculpas.”

Ao lado dela, os passos dele hesitaram, e ele ficou um pouco para trás.

“Ah. Tudo bem. Eu... entendo.”

“Não, não entende!”, ela gritou, olhando para trás de relance sem perder o ritmo.

Um instante depois, ele estava outra vez ao lado dela, tendo recuperado o atraso sem esforço com suas longas passadas. Caminhou em silêncio ao lado dela por mais algum tempo.

“Você tem razão”, ele reconheceu, enfim. “Eu não entendo mesmo.”

Kelley suspirou.

“Não vejo nenhuma razão para aceitar um pedido de desculpas desse tipo de um total desconhecido, sob essas circunstâncias em particular. Posso aceitar um ‘desculpe-me’ do cara que dá um encontrão comigo no metrô. Isso seria adequado.” Ela lançou-lhe outro breve olhar. “Por outro lado, um ‘desculpe-me’ de um cara misterioso que me dá um presente, depois desaparece, depois aparece no meu local de trabalho, depois desaparece, depois aparece espreitando no beco perto do meu local de trabalho, depois desaparece...”

“Essa última vez foi *você* quem saiu correndo!”

“Não me interrompa.”

“Descul... Continue. Por favor.”

“E *depois* aparece de novo, como por mágica, quando estou aqui no parque, tratando de meus assuntos...” Kelley parou abruptamente e ergueu o dedo para ele. “Bem... Eu *não* aceito um pedido de desculpas insípido, insuficiente, sem refinamento nem explicação, do tipo ‘desculpe-me por ter deixado você apavorada’. Não *desse* cara.”

Ela se virou para o outro lado novamente e continuou a andar pela trilha, em passo acelerado.

“Na verdade, não vou aceitar nem mesmo um pedido de desculpas criativo, impressionante, refinado e cheio de explicações desse cara. Não sem saber quem, exatamente, é esse cara. A escolha é sua”, ela completou.

Ela já havia andado vários metros quando ele a segurou pelo braço, fazendo-a parar.

“Sonny.”

Kelley ergueu o rosto para fitá-lo. Ele sacudiu a cabeça, sorrindo um pouco, e bateu no peito.

“Meu *nome* é Sonny.” Ele fez uma pausa, sua expressão tornando-se levemente cautelosa. “Sonny Flannery.”

“Kelley...”, disse ela, devagar. “Kelley Winslow...”

“E você é atriz”, observou ele, quase em tom de pergunta, como se, na verdade, ela fosse outra coisa completamente diferente e ele não tivesse certeza do quê.

“Sou...”, ela respondeu, hesitante. “Você me viu no teatro, não viu?”

“Vi.”

“Falando nisso... Sonny”, era engraçado, de repente, saber o nome dele, “considerando que você sabe muito mais sobre mim do que eu sei sobre você, que tal equilibrar a balança?”

A expressão dele ficou sombria.

“Não há nada de interessante a contar sobre mim.”

Kelley riu.

“Estou certa de que isso não é verdade!”

Sonny permaneceu em silêncio.

“Vamos ver”, ela insistiu. “Então... você está na escola? Faculdade? Trabalha? O que você faz?”

“Eu sou... guarda.” Ele deu de ombros, os pés se arrastando sobre as folhas secas. “Mais ou menos.”

“Tipo... segurança?”, deduziu Kelley.

Sonny hesitou por um instante, então assentiu com a cabeça.

“Tipo segurança... acho...”

“Certo. Então você é guarda-noturno.”

Ele deu um sorriso torto.

“... É.”

“Não há nada de errado nisso.”

Kelley se virou para retomar a caminhada, e Sonny a acompanhou. Ela se lembrou da teoria de Tyff. De que Sonny era algum tipo de aprendiz de detetive ou coisa parecida, contratado por sua tia louca para ficar de olho nela. Fazia sentido, de certa forma – principalmente se ele trabalhava para uma firma de segurança. Ela tentou visualizá-lo usando um uniforme de guarda, com calças cinzentas mal ajustadas de poliéster áspero, e decidiu, para não abusar demais da própria imaginação, que ele trabalhava usando roupas comuns.

Eles seguiram a trilha que levava para o Leste, perto da Fonte de Bethesda, e passaram por baixo de uma arcada de pedra coberta de vegetação que contornava o lado norte do Conservatory Water. Normalmente, reuniam-se ali os fanáticos por barcos de brinquedo, manejando as embarcações com controles remotos na lagoa rasa, mas, como já era tarde, o local estava deserto. Kelley cruzou os braços à frente do corpo.

“Esta noite vai ser gelada outra vez...”, ela comentou.

Sonny estancou, como se ela houvesse dito algum tipo de palavra mágica que o tivesse paralisado. Ele se virou para fitá-la, os ombros ficando tensos. Kelley ficou espantada com a súbita

mudança.

“Maldição...”, resmungou ele, baixinho.

Ela olhou ao redor, mas não conseguiu, por mais que tentasse, imaginar o que estava errado. Tudo parecia completamente imóvel e silencioso no parque.

À distância, um cachorro uivou.

“Você não devia estar aqui”, observou ele, em tom rude, olhando na direção de onde viera o som.

Sonny parecia estar a mil quilômetros de distância. Impenetrável. Inatingível.

A brusca mudança de humor de Sonny pegou Kelley desprevenida, e a fez voltar rapidamente à defensiva. Será que ela o ofendera de algum modo? *Como?*

Apesar de tudo, ela tentou manter um tom despreocupado.

“Escute, que eu saiba, este é um parque *público*. Eu...”, ela apontou para si mesma, “faço parte do público.”

O cachorro uivou de novo, desta vez mais próximo. Kelley *sabia* que era um cachorro porque ela estava no meio de uma das maiores cidades da América do Norte. Se estivesse de volta a Catskills, teria pensado que era um coiote.

Sonny virou-se para ela, os olhos cinza ainda mais escuros, e apontou para o Oeste com firmeza.

“O sol está se pondo.”

Kelley cruzou novamente os braços.

“Já reparei que ele costuma fazer isso todas as noites.”

De repente, ele pareceu bem mais velho. Ele a assustava.

“Ainda bem. Agora você deve ir, antes que se meta em mais encrenca. Como na outra noite.”

“Como assim? Aquilo *não* foi minha culpa!” Kelley estava tão estupefata que nem se preocupou em perguntar como ele sabia que ela quase se afogara. “De que forma *aquilo* poderia ter sido culpa minha?”

“Foi culpa de quem, então?”

Ela o fuzilou com os olhos.

“O quê?”, surpreendeu-se ele, perdendo, por um instante, a pose ameaçadora. “Não é possível que você esteja me culpando por... Nem sei bem do que é que você está me culpando.”

Kelley estava furiosa.

“Tudo bem. Sabe o que é? Se *you* não tivesse bancado o cavalheiro, pra início de conversa... com aquele gesto romântico, a rosa, a voz doce, os olhos comovidos e tudo o mais... *eu* não teria ficado por aqui a tempo de ver Lucky, ele não estaria agora lá na minha banheira e eu...” Kelley enfiou a mão na bolsa e retirou os folhetos rosa-choque já um pouco amassados que ela deveria estar afixando, “não precisaria ter voltado ao parque com estes folhetos estúpidos. O que significa que nós não teríamos nos encontrado de novo, e eu estou começando a pensar que isso teria sido muito bom!”

Sonny parecia não estar entendendo nada.

“Lucky’?”

Kelley sacudiu o maço de folhetos para ele, furiosa.

“É um cavalo.”

“É claro...”

“Não comece.”

“Não estou começando nada. Espere...” Os olhos de Sonny se arregalaram. “Você quer dizer que tem um *cavalo* na sua *banheira*?”

“Não me olhe assim. O pessoal do Departamento de Controle de Animais também não acreditou em mim.”

“Tem água na banheira?”

“Tem!”, exclamou Kelley, surpresa. “Como você descobriu? Todas as vezes em que tento puxar o tampão e esvaziar a banheira, ele me dá mordidinhas e consegue virar as torneiras com o focinho. Acho que é um cavalo de circo, ou coisa assim. Mas tenho medo de que os cascos dele apodreçam!”

“Ele vai ficar bem. Quer dizer, pelo menos quanto aos cascos... Você não sabe em que encrenca se meteu!”

Kelley emitiu um som de desdém e sacudiu a cabeça, recusando-se a tolerar mais daquele tipo de absurdo. Girou nos calcanhares, seguindo para o Norte.

Sonny esticou a mão e a agarrou, fazendo com que ambos ficassem parados à sombra da famosa estátua de *Alice no País das Maravilhas*.

“Você não pode ir por aí.”

“Eu posso ir para onde eu bem entender!”, protestou Kelley, desvencilhando-se dele.

Qual era o *problema* com aquele cara?

Sonny bufou de raiva.

“Por quê? *Por quê?*”

“Por que o quê?”

“Está vendo mais alguém por aqui?”, perguntou ele, apontando com a mão.

“E o que é que eu tenho com isso?”

Kelley estava confusa e zangada, embora tivesse de admitir que eles pareciam, realmente, ser as únicas almas vivas por ali.

“A maior parte dos que são como você evita este lugar como se fosse uma praga em tempos como este!”, resmungou Sonny. “Por que é que *eu* precisava encontrar a única mortal destrambelhada o bastante pra achar divertido ficar se jogando no meio do maior perigo?”

Kelley fitou-o, boquiaberta de espanto.

“Não vou nem fingir que sei do que você está falando.” Ela fincou o indicador no próprio peito. “Quanto à ‘mortal destrambelhada’, é muito óbvio que não sou *eu* que... Espere um minuto! Que diabos você quis dizer com isso?”

“Com o quê? Destrambelhada?”

“Não! Mortal!”

“Você não é?”

“Claro que sou!”

Sonny deu de ombros e resmungou:

“Está ficando cada vez mais difícil saber.”

Kelley respirou fundo.

“Tudo bem, tudo bem. Vou pra casa agora.” Ela avançou alguns passos, depois se virou de novo para trás. “Será que eu preciso lhe dizer outra vez pra não me seguir?”

“Não.” Sonny enxugou a testa com a manga. Parecia preocupado e aliviado ao mesmo tempo. “Prometi da primeira vez que não faria isso, e não fiz.”

“Então *o que* está acontecendo?”, berrou Kelley. Não fazia sentido para ela, pois ela mal o conhecia, mas aquilo a *magoava*. “Por que estou encontrando você *o tempo todo*? Coincidência? Este parque é grande, senhor Flannery. Esta cidade é grande! E, no entanto, de alguma maneira, *você* acaba me encontrando aqui. Do mesmo modo como consegui me encontrar no Avalon...”

“Aquilo foi planejado. Eu lhe contei que fui lá porque procurava por você. E *isto* não foi uma coincidência, porque *não existem* coincidências”, concluiu ele, com amargura. “*Isto* está acontecendo por causa da sua teimosia e da *minha* absoluta e terrível má-sorte. As Parcas me odeiam. O que será que eu fiz pra elas?”

“Por que você me odeia?” A voz de Kelley soou muito baixa no ar parado. “Eu nem mesmo conheço você!”

E ali estava ele. Aquele olhar. O olhar dos sonhos dela. Aquele que fazia o coração dela se partir. O rosto de Sonny se tornou intenso, ferido, sua expressão cheia de desejo e de uma estranha angústia.

“Ai, Kelley. Estou tão longe de odiar você que começo a pensar que seria bem mais seguro se odiasse mesmo. Mais seguro para nós dois... *Abaixe-se!*”

De repente, ele mergulhou nos ares, caindo sobre Kelley na trilha que levava à estátua de *Alice no País das Maravilhas*. A cabeça dela bateu no chapéu do cogumelo da Lagarta, e todo o ar foi expelido de seus pulmões. Kelley caiu no chão, ofegante, a cabeça girando por causa do choque com o bronze sólido.

O animal ululante que se precipitou no ar noturno não a atingiu por pouco, graças ao empurrão de Sonny. A enorme criatura girou com uma agilidade impressionante para o seu tamanho e saltou sobre Sonny, derrubando-o no chão a cerca de três metros de distância dela e com tal força que Kelley teve a certeza de que a coluna vertebral dele se quebrara.

Sonny ficou deitado sobre a trilha de cascalho, imóvel, enquanto o animal raivoso girava a cabeça, tão grande quanto à de um búfalo, fixando os olhos vermelhos sobre ela. As mandíbulas salivavam, incrivelmente escancaradas.

Perplexa, Kelley olhou para as patas imensas e peludas. Elas não pareciam estar tocando o chão...

Em meio a uma névoa de terror paralisante, Kelley ouviu Sonny gritar algo que soava como “*Volta-te, cão do Inferno!*”.

Ela pensou consigo mesma: *Esta é a peça errada... Isso é de Macbeth, não de Sonho de uma noite de verão... Estou na peça errada...*

Quando o animal lançou-se sobre ela, a dor de cabeça difusa que sentia transformou-se, de repente, em uma agonia ofuscante.

XVI

Um pouco além de sua esfera imediata de concentração, Sonny viu que Kelley havia perdido a consciência, e ficou aliviado com isso. Não queria que ela visse o que aconteceria a seguir – qualquer que fosse o desenlace.

Quando a criatura se lançou na direção de Kelley, Sonny saltou e passou os braços ao redor do torso corpulento do animal. Empurrou-o para o lado com toda a força, rolando com o animal que se parecia com um lobo, levando-o para o mais longe possível da garota inconsciente. Quando terminaram de rolar, Sonny estava deitado de costas. Levou os braços à frente do rosto quando a criatura se agarrou à sua garganta.

O hálito fétido soprou sobre ele como uma neblina pantanosa; as mandíbulas de dentes afiados lutavam para cerrar-se sobre a carne de Sonny. Com os braços cruzados em um escudo defensivo, Sonny agarrou as orelhas peludas da criatura, puxando uma para cada lado, com força. O animal deu uma espécie de latido perturbadoramente semelhante ao de um cachorro e jogou-se para trás. Sonny levantou-se com um pulo e mirou um pontapé nas costelas do bicho. Este gemeu de dor e ergueu-se com dificuldade, pairando vários centímetros acima do chão e recompondo-se, balançando a cabeça para a frente e para trás. Erguendo-se nas patas traseiras, ele se curvou em preparação para um novo ataque, emitindo um horrível rosnado gutural.

Antes que Sonny pudesse sacar uma arma, o animal saltou outra vez. Arqueando o pesado corpo em pleno ar, ele se esquivou de Sonny e lançou-se novamente sobre Kelley. Sonny jogou-se mais uma vez sobre ele, lutando com um braço enquanto, com o outro, buscava desesperadamente, em suas costas, a adaga afiada que carregava na bainha do cinto. Esse movimento deixou-lhe o flanco direito desprotegido por um momento, e Sonny sentiu o impacto de uma dor lancinante.

Desorientado, ele caiu no chão. Com o rosto junto ao solo, ouviu passos de corrida e mais rosnados. Escutou vagos sons de luta. Depois, o silêncio.

Após um instante, Sonny conseguiu erguer a cabeça.

Maddox estava em pé diante dele, estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar. Uma pesada maça pendia de uma corrente amarrada no pulso da outra mão do amigo.

“Bellamy e Camina devem ter sentido que você precisava de ajuda mais ou menos no mesmo momento em que eu senti”, explicou ele, indicando a trilha deserta com um gesto. “Eles

foram atrás...”

Sonny o interrompeu.

“Você não o matou, *matou?*”

Maddox enxugou a testa.

“Que nada. Talvez esteja ferido, mas não tenho certeza...”

“Pra onde ele foi?”

“Pra lá. Eu vou ajudá-los. Você pode ficar com...”

“Não! É preciso que seja eu.”

A cabeça de Maddox se ergueu em sobressalto diante do tom da voz de Sonny.

“Aquilo era um Cão Negro! Ele não feriu você, feriu?”

Sonny abriu o casaco e viu os olhos do amigo se esbugalharem de preocupação. Olhou para baixo e viu as marcas vermelho escuras de sangue pelos rasgões em sua camiseta. Podia sentir o veneno das garras do Cão Negro penetrando, um terrível frio entorpecedor aumentando devagar, espalhando-se pelo ombro.

“Vá”, ordenou Maddox, quase em pânico. “Vá atrás dele! Eu cuido da garota.”

“Leve-a para casa. Descubra onde ela mora.”

“Não se preocupe com isso agora...”

“Tem um *cavalo* na banheira dela, Madd”, explicou Sonny, impaciente.

“Ah.” Maddox pestanejou, entendendo. “Tudo bem, então.”

“Tenha cuidado, Maddox. Aquele Cão Negro... apareceu aqui com algum propósito. E não foi atrás de mim que ele veio. Ele foi direto pra cima *dela*. Ele me ignorou como se eu fosse uma pedra. Estava atrás dela.”

“Pelos Sete Infernos... Estava atrás dela sob as ordens de *quem?*”

“Não sei...”

Sonny cambaleou e quase caiu de joelhos. Maddox o amparou. Ao longe, eles ouviram latidos.

“Vá agora, Sonny. Vou tentar avisar Bell e Camina. Vou dizer a eles pra não matar o maldito animal. Mas, mesmo assim... você tem só até a meia-noite, se é que eles já não mataram o bicho.”

Sonny assentiu com a cabeça e lançou um último olhar para o local em que Kelley estava caída. Então, afastou todos os pensamentos de dor de sua mente e saiu correndo pela trilha, torcendo desesperadamente para que não fosse tarde demais.

#

O Cão Negro havia proporcionado aos gêmeos Janos uma caçada e tanto pelo Central Park. Quando Sonny finalmente os encontrou, Camina e Bellamy haviam encurralado o animal no terraço do Castelo de Belvedere. Àquela altura, Sonny era como uma assombração, arrastando-se penosamente pelos degraus desgastados de pedra com as últimas forças que lhe restavam. Camina estava prestes a enfiar uma fina lança pela boca escancarada do animal.

“Camina!”, Sonny conseguiu balbuciar. “Sou eu que preciso... Sou eu que preciso matar...”

“Sonny!” Ela avaliou o estado dele com um rápido olhar. “Bell... Espere.”

Ela virou a cabeça e gritou para Sonny:

“É melhor você se apressar. Pela sua aparência, daqui a pouco você não vai mais ser capaz de matá-lo.”

Com a espada já nas mãos, ele passou pelos outros dois Janos, sem sequer se preocupar em se esconder ou se esquivar. A lembrança de Kelley, inconsciente e à mercê da criatura que agora rosnava diante dele, era tudo o que ele precisava. Avançou dois passos, golpeou para cima com a espada de prata e depois para baixo. A cabeça do cão demoníaco tombou para um lado, o corpo para o outro.

Nos poucos segundos antes que a criatura horripilante começasse a se esvaír, Sonny contornou a longa cauda peluda e, com a ponta da lâmina suja de sangue, cortou um punhado de densos pelos negros. Mostrou os pelos que cortara a Camina e ajoelhou-se sobre o piso de pedra, com a cabeça abaixada.

“Será que você poderia...?”, murmurou ele, o ardor do veneno do Cão Negro queimando-lhe nas veias.

Camina ajoelhou-se diante dele, e Sonny observou, com a visão turva, enquanto ela trabalhava com os dedos ágeis e competentes. Logo ela estava amarrando uma tira de pelos trançados de cachorro ao redor do pulso dele com um nó intrincado.

“Como diz a sabedoria popular, mordida de cão se cura com pelo do próprio cão...”, ela brincou, erguendo o rosto devagar. “Você vai ficar bem agora...”

Devagar, a visão de Sonny começou a clarear. Ele se levantou, um tanto zozzo, e agradeceu aos irmãos pela ajuda, desejando poder ir para casa dormir. No entanto, a noite ainda não chegara ao fim, e ele precisava guardar o Portal até o nascer do sol. Enquanto Camina e Bellamy se preparavam para retornar à patrulha, Sonny ergueu a mão, sem muitas forças, para detê-los.

“Tenham cuidado, avisou ele. “Muito cuidado. Auberon acha que alguém pode estar tentando reviver a Caçada.”

XVII

Kelley ouviu os sussurros de uma conversa abafada e apressada. Sonny. E outra pessoa... Depois, alguém a sacudiu delicadamente, chamando-a pelo nome.

Ela pestanejou e tentou se levantar. Um par de mãos enormes agarrou-lhe os ombros para ajudá-la, e ela se viu diante do rosto franco e sincero de um jovem de cerca de vinte anos, cabelos loiros arruivados e um sorriso simpático.

“Olá. Sou Maddox, amigo do Sonny.”

“O que você está fazendo aqui?”, perguntou Kelley, muito confusa.

O que acontecera? Ela devia ter batido a cabeça quando aquela *coisa*...

“Eu estava a caminho de encontrar o seu Sonny”, respondeu ele, agachando-se ao lado dela. “Vi aquele cachorro sem dono atacar vocês dois e corri para ajudá-los.”

“Aquilo era um... cachorro?”

“Um bulmastife, pela aparência. Dos grandes. E raivoso como um morcego. Mas não há mais nada com que se preocupar. As autoridades estão cuidando do caso, moça.” Ele se levantou e estendeu ambas as mãos para ajudá-la a se erguer. “Agora, vamos até a rua chamar um táxi. Vou levá-la pra casa.”

“Onde está Sonny?”

Kelley achou que devia ter batido a cabeça com mais força do que pensara. Tudo parecia nebuloso e confuso.

Maddox riu – um som grave e amistoso retumbando no amplo tórax.

“Foi atrás do cachorro. Ele vai ficar de olho no animal até que o responsável pelo Controle de Cães Vadios venha recolhê-lo. Para garantir que ele não machuque ninguém.”

“Mas e se o cachorro machucá-lo?”

Ela olhou ao redor quase em desespero, o pânico sufocando-lhe a garganta.

“Calma, calma...”, Maddox tentou tranquilizá-la. “O velho Sonn sabe cuidar de si mesmo. Não se preocupe. Venha, moça. Aqui... Deixe-me ajudá-la.”

Maddox ergueu o rosto dela para poder fitar-lhe diretamente os olhos, e de repente Kelley sentiu todas as suas perguntas e medos se dissiparem.

Deixe-me ajudá-la, Lady..., ela pensou tê-lo ouvido dizer, embora estivesse certa de que os lábios dele não se haviam movido.

“Como foi que me chamou?”

Maddox franziu o cenho, confuso.

“Ahn... ‘moça?’”

“Esqueça”, resmungou Kelley. “Ele me *disse* que eu não deveria estar aqui agora...”

“E não deveria, moça. O parque não é lugar para uma dama depois que anoitece. Agora venha.”

Maddox passou o braço musculoso ao redor dos ombros dela, puxando-a para si. Ela se deixou conduzir para o Leste por uma trilha bem iluminada até uma das saídas do parque, onde ele chamou um táxi. Por alguma razão, ela não ficou surpresa ou preocupada quando ele entrou no táxi enquanto ela dava o endereço para o taxista.

Ao sair do táxi, em frente ao seu prédio, ela se lembrou de algo e, reclinando-se na direção da janela semiaberta, falou:

“Ele não é meu.”

“Como?”

“Alguns minutos atrás, quando você me disse ‘o seu Sonny’...”

“Ah, tudo bem. Foi um modo de falar. Figura de linguagem, moça.”

Contudo, quando o táxi se afastou, ela pensou tê-lo ouvido dizer: “Espero”.

#

Dentro do apartamento, Kelley ouviu um relincho de saudação vindo do banheiro.

“Oi, Lucky, cheguei”, anunciou.

Ela ainda não estava certa se havia realmente escutado uma conversa entre Sonny e seu amigo no parque ou se havia sonhado com tudo aquilo. Kelley passou a mão trêmula pelo rosto, tentando se lembrar exatamente como o cara grandão – Maddox? – chamara a criatura na conversa sussurrada que ela escutara entre ele e Sonny. Não “bulmastife”, nem “cachorro sem dono” como ele lhe falara. Ao conversar com Sonny, ele se referira ao animal por outro nome. Cão alguma coisa.

Negro. Cão Negro.

Tudo bem, o animal parecia um cão, e era negro, mas ele falara como se “Cão Negro” fosse um nome próprio. Que diabos seria um “Cão Negro”?

Ela foi para o quarto e abriu o notebook. Enquanto esperava que o sistema iniciasse, Kelley foi até a porta do banheiro para dar uma olhada em Lucky. O cavalo virou as orelhas na direção dela, balançando a cabeça em saudação.

“Olá, amiguinho!”

Kelley não pôde deixar de sorrir. Estava se afeiçoando cada vez mais àquele animal teimoso. Ela foi acariciar-lhe o focinho, mas, ao se aproximar, Lucky arqueou o pescoço de repente, e seus olhos se reviraram até ficar completamente brancos. Ele arrastou os pés na água ensaboadada, tentando recuar na banheira, embora não houvesse mais espaço. Kelley se assustou quando o cavalo começou a dar grunhidos agudos, aflitos, e a mover a cabeça com violência. As narinas se

dilataram tanto que ela pôde ver a rede de veias se expandindo na pele delicada, como se ele farejasse perigo.

Hesitante, Kelley cheirou a roupa que vestia. Não conseguiu perceber nada, mas isso não significava que Lucky também não conseguisse. Kelley supunha que o cheiro do... do que quer que fosse aquilo... (ela se contentava, por enquanto, em continuar se referindo a ele como “cachorro”) poderia ter impregnado suas roupas.

Ela recuou, afastando-se do cavalo agitado, e voltou ao quarto. Tirou a jaqueta, o suéter e os jeans, trocando-os por um roupão.

Gostaria de tomar um banho, mas a verdade é que aquilo, no momento, não era possível... Em vez disso, foi para a cozinha e esfregou a pele com um pouco de sabão líquido. Pareceu funcionar – Lucky ficou bem mais calmo quando ela voltou ao banheiro, chacoalhando uma caixa de cereais novinha.

Lucky farejou-a, resfolegou algumas vezes e espirrou. Então, aproximou o focinho da palma dela e comeu o cereal, aparentemente tranquilizado pelo perfume do sabão líquido Chuva Primavera em suas mãos. Ela não entendia exatamente por que o cavalo não queria comer nada além de cereais açucarados. Nem por que, quando ele comia outra coisa, o pouco que comia... não era eliminado. As complicadas dificuldades logísticas de ter um cavalo no banheiro nunca pareciam se materializar. O que era ao mesmo tempo bastante intrigante e uma tremenda sorte, na opinião dela – considerando que o proprietário do apartamento as expulsaria imediatamente se a presença de Lucky fosse descoberta.

Ela não queria admitir para si mesma, mas estava começando a gostar da companhia de Lucky. Havia algo estranhamente reconfortante na presença do grande animal. Algo quase... familiar. A mente racional de Kelley talvez repudiasse essa ideia, mas, especialmente depois do episódio apavorante no parque, era alentador voltar para casa e encontrar o cavalo na banheira. *Quase normal*, até.

Depois de alimentar o cavalo, Kelley voltou para o quarto, entrou no Google e digitou a expressão “Cão Negro”. Enquanto lia, um terror gelado atingiu-lhe o estômago. Além de uma descrição curta na Wikipédia, uma das primeiras páginas que apareceu parecia bastante acadêmica – apesar de devotada a aparições sobrenaturais e ao paranormal:

Cão Negro: ser espectral, semelhante a um cachorro, grande como um pônei de Shetland, com olhos vermelhos ígneos e garras venenosas afiadas. Afirmam-se que o Cão Negro e outros dos chamados Cães do Inferno vagueiam há séculos pelas colinas e pelos pântanos da Europa Continental e, em particular, das Ilhas Britânicas. Andam em alta velocidade, muitas vezes sem tocar o solo, e costumam ser considerados presságios de catástrofes. Na mitologia *férica*, costumam ser vistos acompanhando ou precedendo uma aparição do temível grupo guerreiro conhecido como *Caçada Selvagem*. Os Cães Negros eram usados pela Caçada Selvagem para perseguir a presa e forçá-la a sair de seu esconderijo (assim como fazem os cães de caça mortais), encurralando a presa, mantendo-a acuada até a chegada dos Caçadores Mágicos. *Ver também Cães do Inferno; Gwyllgi (Gales); Cão das Trevas; Cães de Herne, o Caçador; Barghest (Yorkshire) etc. etc.*

Kelley acendeu um abajur para dispersar as sombras no quarto.

Isto é ridículo, ela pensou, subitamente zangada consigo mesma.

Um cavalo na banheira era uma coisa, mas “cães do inferno”? Era o mesmo tipo de superstição tola sobre “histórias de fantasmas” que ela se esforçara para superar quando criança. Kelley fechou o notebook e decidiu passar algum tempo sentada ao lado da banheira, sentindo o cheiro reconfortante do cavalo amigo, acalmada por sua respiração regular. Exausta pelos acontecimentos da tarde e do início da noite, pela estranheza do encontro com Sonny – ao menos, agora ela podia parar de se referir a ele como Belo Estranho – e pelo misterioso ataque do animal, Kelley finalmente se levantou e deu um cansado boa-noite a Lucky.

XVIII

“A Caçada Selvagem?”, sussurrou Camina. “Quem *faria* uma coisa dessas?”

Sonny lançou-lhe um olhar melancólico.

“Quem você acha?”

“Mab não teria coragem.”

“Parece que Auberon acha que ela teria.” Ele deu de ombros. “E por que não? Foi ela quem criou a Caçada Selvagem, pra início de conversa.”

“Mas, Sonny... Esta cidade é tão cheia de gente...”, protestou Bellamy. “Soltar aquele grupo de guerreiros mágicos insaciáveis e sanguinários no meio da população inocente e mortal daqui... A carnificina seria inimaginável. O número de mortos seria catastrófico!”

“E a velha e sanguinária Mab, rainha do ar e das trevas, *já* *jamais* faria uma travessura dessas, faria?”, resmungou Sonny, a voz cansada impregnada de forte sarcasmo.

Viu Maddox atrás dos gêmeos, com os braços cruzados. O olhar em seu rosto indicou a Sonny que ele ouvira a conversa.

Maddox e os gêmeos trocaram olhares preocupados, até que Camina e Bellamy partiram para continuar a patrulha, falando em voz baixa ao se afastar.

Maddox ficou em silêncio por um momento. Em seguida, perguntou:

“Posso lhe dar um pequeno conselho?”

“Não.”

“Fique longe daquela garota.”

“Eu disse ‘não’...”

“Porque, se não ficar longe dela”, Maddox balançou a cabeça de cabelos loiros, “acabará cometendo algum erro. E qualquer erro que cometer pode acarretar graves consequências.”

“Não tenho medo”, replicou Sonny, com firmeza.

Maddox fitou-o sem piscar.

“Não quis dizer pra você. Quis dizer pra ela.”

“Você a acompanhou até a casa dela?”

“Sim.”

“Então sabe onde ela mora...”

“Você *escutou* o que eu acabei de dizer? Deixe outro Guardião buscar a droga do *kelpie*!”

“Não me interessa a droga do *kelpie*. Se ele não tentou ferir ninguém até agora, então aposto que está a salvo por enquanto. *Ela* não está.”

“E quem vai mantê-la a salvo? Você? Olhe pra você!”

Sonny afastou a mão de Maddox com um débil tapa e, com considerável esforço, enfiou os braços nas mangas da jaqueta, tentando não fazer uma careta de dor.

“Acha mesmo que Kelley ficará mais segura sem a minha proteção do que com ela?”

Maddox ignorou a pergunta.

“Você sabe que vai precisar de pontos, certo?”

Sonny lançou um olhar irritado ao outro Jano.

“Espero que você seja bom em ponto cruz.”

Maddox revirou os olhos e deu de ombros, desistindo da discussão.

“Tenho um *kit* na cobertura”, afirmou Sonny. “Acha que os outros conseguem se virar sem nós por cerca de uma hora, enquanto você me costura?”

#

À primeira vista, provavelmente não havia nada de extraordinário com o *kit* de primeiros socorros de Sonny. Continha frascos de iodo e álcool, bandagens, tesouras e coisas assim. Sob tudo isso, porém, havia uma garrafinha de uísque irlandês de duzentos anos; longos palitos de fósforos em uma caixa à prova d’água; três velas de cera virgem; um carretel de linha vermelha e prateada; um pequeno maço seco de alecrim, verbena, hastes de calêndula e visco; um anel trançado de capim-marinho; um frasco de vidro soprado com sal grosso marinho; e um diapasão. Todos esses itens cobriam vários retalhos grandes de teia de aranha – teia de aranha de verdade. Além de seis comprimidos de aspirina envoltos em um lenço de papel.

Sonny tomou quatro dos comprimidos de aspirina, engoliu uma boa dose de uísque e se deitou no sofá, enquanto Maddox tratava de remendar o estrago causado pelo Cão Negro. Não era pouco.

“Você disse que acha que o cão demoníaco foi enviado atrás dela...”, murmurou Maddox, a boca apertada em uma linha tensa enquanto se concentrava em sua tarefa.

Todos os Janos haviam sido treinados em Medicina básica, e os grandes dedos de Maddox eram surpreendentemente habilidosos.

“Partiu direto pra cima dela, a princípio. E atacou-a de novo depois que eu o fiz cair com aquele enorme traseiro medonho no chão. Por quê? Eu era a maior ameaça contra ele. Devia ter partido pra cima de mim.”

“A não ser que você esteja certo e alguém tenha enviado o Cão do Inferno especialmente pra ir atrás dela. Há algo nessa garota, estou falando. Ela traz má-sorte”, avisou-lhe Maddox, puxando um longo fio vermelho e prateado do carretel e passando-o facilmente pelo buraco de uma das agulhas de sutura mais compridas.

Maddox começou a costurar. Sonny virou o rosto ao sentir a primeira picada lancinante e o puxão que se seguiu.

“Isso você não tem como saber.”

“Você disse que Auberon perguntou sobre ela. Que ele a viu em seu olhar.”

“Não sei se ele conseguiu captar muita coisa sobre ela...”, replicou Sonny. “Não o bastante pra despertar a curiosidade dele.”

“Então você não acha que é ele quem está atrás dela?”, questionou Maddox.

Atando o último nó, ele esmagou alguns ramos de alecrim e verbena entre os dedos e salpicou-os sobre os ferimentos, por suas propriedades tanto antissépticas quanto mágicas. Em seguida, cobriu tudo com várias camadas diáfanas de teia de aranha.

“Com que propósito?”, zombou Sonny. “Não consigo ver nenhum motivo possível pra se interessar por uma atriz adolescente meio esquisita. Não importa quão bonita ela seja.”

“Está falando de Auberon? Ou de você?”

Sonny lançou-lhe um olhar irritado.

“Madd... ela é só uma menina.”

“Certo. Uma menina com um Cão Negro atrás dela.”

“Se é que era ela mesmo quem ele seguia.”

“Você disse que era. O que parece indicar que alguém está planejando despertar a Caçada Selvagem e usar essa garota como presa”, replicou Maddox, abrindo um rolo de bandagens estéreis. “Aposto na rainha Mab. Esse tipo de coisa parece bem o estilo dela.”

“Não sei, Maddox. Já me enganei antes.”

“Não se enganou, não. E, se estiver enganado *agora*, bem, isso em si já é preocupante. Segure isto”, pediu Maddox, indicando-lhe uma das extremidades da bandagem e então envolvendo-lhe o tórax com as faixas de tecido. Ao terminar de aplicá-las, prendeu a outra extremidade com cuidado, firmando o curativo. “Você não pode se dar ao luxo de se enganar. Nenhum de nós pode. Não durante as Nove Noites.”

“Eu sei. Vamos.” Sonny ergueu-se com dificuldade e vestiu uma camiseta limpa de mangas compridas. “É melhor voltarmos pra lá. Está ficando tarde, e os outros provavelmente precisarão da nossa ajuda.”

“Apesar de *você* mal conseguir ficar em pé...”, resmungou Maddox, ajudando Sonny a enfiar o braço na manga do casaco. Devolveu a bolsa a Sonny, mas o deteve no elevador. “Preste atenção... Não estou nem um pouco a fim de costurar você de novo esta noite. Por isso, tenha cuidado e se concentre no jogo. E pare de pensar naquela garota!”

#

Seguiram pela avenida Central Park West em direção à entrada do parque junto à praça Columbus Circle, passando por um trio de músicos e uma cantora que interpretavam clássicos de *jazz* suave. Eram bons, notou Sonny distraidamente, apesar de o baterista utilizar uma mala velha de laterais rígidas como tambor grave.

“Minha doce deusa!”, murmurou Maddox ao passarem.

Sonny seguiu-lhe o olhar. Banhada pela luz do poste de rua, a cantora esguia como o tronco de um salgueiro balançava-se delicadamente com a música. Vestia um suéter longo e justo e uma saia rodada; o cabelo movia-se como uma pálida cortina diante do rosto, obscurecendo-lhe parcialmente os traços, enquanto ela cantava com os olhos fechados.

No entanto, Sonny a conhecia. Todos os Janos a conheciam.

Era uma sereia chamada Chloe. Um dos primeiros seres mágicos a escapar do Reino Encantado depois que Auberon fechara os Portais, ela fizera a travessia para ficar com um homem mortal, abandonando seus hábitos letais por causa do amor. Incapaz de retornar quando ele faleceu, ela continuou vivendo no reino mortal. Sua casa, dizia-se, ficava em uma das cavernas submersas bem abaixo do Central Park, conectada por meio de túneis até os rios Hudson e East e, por conseguinte, até o mar.

Ela ainda ganhava a vida usando a voz, mas pelo menos não a usava mais para atrair marinheiros inocentes para a sua destruição.

Isso é o que ela diz, pensou Sonny. Não confiava nela.

Sonny virou-se e viu Maddox fitando-a com uma expressão sonhadora no rosto.

“Maddox?”

O outro Jano suspirou, balançando a cabeça no ritmo da música.

“Maddox!” A voz de Sonny tornou-se severa. “Saia dessa!”

“Hum? Ah. Estou bem...”

A música deslizou até eles, espiralando pela noite de fim de outubro como uma serpente lenta e preguiçosa. Linda, mas um pouco perturbadora. Sonny fechou os olhos por um breve segundo e estremeceu, abrindo-os de novo antes que a melodia vigorosa pudesse apanhá-lo. Quando se voltou para Maddox, viu que os olhos do outro Jano estavam completamente fechados. Os traços de seu rosto haviam relaxado, e um sorriso curvava-lhe os lábios.

Sonny deu-lhe uma forte cotovelada nas costelas.

“Pare com isso!”

“O quê?!” Maddox se empertigou. “Não estou fazendo nada.”

“Está *escutando*. Esse caminho leva à loucura.”

“Foi só por um segundo.”

“*Loucura*.”

“Certo. Quer dizer que você é o único que pode ficar todo deslumbrado com uma garota, é isso?”

“Cale a boca”, resmungou Sonny, dando uma olhada rápida na mulher sedutora. Pensou tê-la visto piscar para ele por trás do véu de cabelo sedoso. “E Chloe não é uma ‘garota’. Chloe é uma *sereia*. Ela costumava atrair homens para a morte, seu imbecil.”

Maddox parecia obstinado.

“Ouvi dizer que ela mudou.”

A canção terminou, e o pequeno público, composto em sua maioria por homens, que se juntara para ouvir o conjunto e sua cantora cativante, irrompeu em aplausos. Tiravam notas e punhados de moedas dos bolsos, sorrindo abobados quando Chloe passava faceira e elegante por eles com uma caixinha para gorjetas.

O conjunto iniciou outra canção. O começo era melancólico, quase sem percussão e com apenas alguns toques flutuantes do contrabaixo. Então, juntando-se à série lenta e triste de notas do saxofone, Chloe começou a cantar. A melodia era sombria, cativante... familiar.

Sonny se sobressaltou.

Ele já tinha escutado aquela canção antes.

Era exatamente a mesma melodia da canção de ninar *Filomela*, da peça de Kelley.

“De onde você tirou a música dessa canção?”, indagou Sonny, arrastando Chloe para o lado assim que o conjunto terminou; Maddox seguiu logo atrás.

Chloe sorriu.

“Do mesmo lugar de onde vêm todas as outras. Arrebatadas das memórias de uma alma que estava se afogando.”

Por mais famosas que fossem as sereias pelas belas vozes que possuíam, elas não tinham a própria música. O que cantavam era roubado – sons furtados, tirados da mente dos mortais que se afogaram.

“Pensei que tivesse largado essa vida”, disse Maddox, um forte tom de desapontamento na voz.

“Não me olhe assim.” Chloe fez beicinho. “Não tive nada a ver com isso. Não fui *eu* quem a atraiu pra dentro d’água. Ela mergulhou por conta própria.”

Sonny se inclinou para a frente, a despeito de sua aversão por sereias e toda a sua espécie.

“Quem? Quando?”

“Coisinha bonita.” Chloe observou-o com olhos estreitos. “Na primeira das Nove Noites. Quase tive de deixá-la morrer.”

Maddox franziu o cenho.

“Por quê?”

“Ela ajudava um *kelpie*.” A sereia deu de ombros.” Mordida de *kelpie*. Animais maldosos... especialmente aquele. Eu estava tentando ser esperta e me manter distante.”

“Mas não foi isso o que você fez.” Sonny fitou-a. “Você salvou a garota?”

Chloe assentiu com a cabeça.

“Por que mudou de ideia?”

A ponta da língua cor-de-rosa da sereia passou pelos dentes afiados como os de um gatinho.

“Hum... Ouvi a música na mente dela. Tão, tão bonita...”, rememorou ela, cantarolando um pouco da melodia.

Sonny sentiu uma pontada de nostalgia, e o rosto de Kelley surgiu-lhe na mente.

“Maravilhosa. Estranha e fantástica...” A sereia abriu os olhos e olhou-o de esguelha. “Bonita demais pra morrer.”

“O que aconteceu naquela noite? Com a garota.” Sonny agarrou-a pelos ombros. “O que você fez com ela?”

“Salvei a vida dela!”, gritou ela, indignada. “Não ganho pontos por isso? Fiz isso contra minha própria natureza e correndo grande risco de ser ferida pelos dentes ou pelos cascos do *kelpie!*”

“E então você roubou a canção dela.”

“Só um trechinho”, ela replicou, incapaz de enfrentar-lhe o olhar. “Achei que era uma troca justa, e isso não lhe causou mal nenhum.”

“Não?”, zombou Sonny.

Uma sereia era capaz de roubar toda a música ou só partes dela da memória de uma pessoa. Roubar apenas fragmentos não levava necessariamente à morte, mas... como doía!

“Não lhe causei nenhum mal por causa do que ela é. Ela não *sabe* o que ela é.” Então Chloe ergueu o rosto para fitá-lo, os olhos faiscando. “Eu sei.”

“Sabe?”, perguntou Sonny, sentindo o coração acelerar.

Chloe deve ter escutado. Ela se inclinou na direção dele.

“Ah, *sim*... Senti o gosto.”

Sonny a soltou.

“O que ela é?”

Os olhos de Chloe eram dourados, percebeu ele. Ela se moveu na direção dele, subitamente ameaçadora.

“Aposto que você tem doces melodias armazenadas nessa sua linda cabeça, Sonny Flannery. Vou lhe dizer o que sei se me der uma amostrinha...”

“Espere aí um instante!”, esbravejou Maddox.

Sonny manteve-se firme.

“Você não faz o meu tipo.”

“É... não faz”, concordou Maddox com ardor. “Não faz mesmo.”

Chloe sacudiu os ombros magros e girou nos calcanhares.

“Então a história da garota fica comigo.”

Ela se moveu rapidamente em direção à rua 62 Oeste.

“Droga”, praguejou Sonny baixinho, correndo pela calçada atrás dela.

Chloe desacelerou ao ouvir os passos dele e se virou.

De longe, Sonny pensou ter visto os olhos dela ficarem vermelhos, a fome brilhando em suas profundezas. Contudo, ao alcançá-la, estavam da mesma cor dourada faiscante de antes.

“Só uma amostra”, ela insistiu, em voz baixa e rouca.

Os braços dela envolveram o pescoço de Sonny como uma trepadeira. Chloe pressionou os lábios contra os de Sonny, e ele sentiu o interior da boca ficar dormente. Uma sensação oca, paralisante, desceu-lhe pela garganta, enchendo-lhe o peito. O frio terrível espalhou-se pelo cérebro, uma onda de gelo por trás dos olhos. Indefeso no abraço de ferro da sereia, ele a sentiu vasculhando-lhe as memórias. Algo se rasgou bem no fundo de sua mente, dando lugar, em seguida, a um ponto de vazio doloroso.

Ela roubara uma canção de ninar. A única lembrança que ele tinha de sua mãe mortal, de quando era bebê. De muito longe, ele ouviu um soluço aflorar-lhe à garganta. Então, viu-se

caindo para trás; Maddox segurou-o e baixou-o gentilmente, até que se sentasse com as costas apoiadas no muro de pedra que cercava o Central Park.

Com os olhos cheios de lágrimas, Sonny voltou o rosto para cima e viu Chloe de pé, imóvel como uma estátua, os olhos fechados, os longos dedos pressionando os lábios. Maddox fitou-a com raiva, antes de se voltar para Sonny, preocupado.

“Estou bem”, disse Sonny, tentando convencer a si mesmo. “Estou bem.”

Chloe abriu os olhos.

“Agora vou lhe contar sobre a garota, Sonny Flannery.”

#

“Acha que ela falou a verdade?”

“Não notei falsidade na voz dela. E acho que você também não notou, Sonn.”

Sonny ficou em silêncio.

“Informação confidencial”, observou Maddox com cautela. “E acho que podemos presumir, com base no ataque do Cão Negro, que não somos os únicos a saber disso.”

Eles saltaram – Maddox com agilidade, Sonny nem tanto – sobre o muro de pedra e aterrissaram na vegetação rasteira.

“Alguém *está* atrás daquela garota, Sonny”, continuou Maddox. “E agora sabemos por quê.”

Sonny temia que Maddox tivesse razão, e uma onda de angústia o invadiu.

“Acha que Chloe contou a mais alguém?”

“Não sei. Ela ainda está viva, por isso... provavelmente não.” Maddox pôs a mão no ombro de Sonny. “Não importa, na verdade. De um jeito ou de outro, alguém além de nós sabe. E uma história dessas se espalha. Não vai levar muito tempo até que todo o Reino Encantado saiba.”

Sonny assentiu com a cabeça, perdido na gravidade da descoberta que fizeram.

“Sonny... você encontrou a filha do rei do Inverno.”

XIX

“Orgulhosa Titânia, que infeliz é este nosso encontro à luz da lua!”

Pardês! Kelley sorriu consigo mesma. *Jack tem mesmo uma voz fantástica!*

Ela assumiu uma expressão de leve desagrado.

“Ora, o ciumento Oberon!”, ela exclamou, com uma raiva contida, enquanto descia da plataforma superior para o local no palco onde Jack, o Cavalheiro, esperava, trajando uma elegante capa de veludo.

Os cabelos espessos de Jack estavam penteados para trás, deixando a majestosa fronte descoberta, e ele parecia um rei da cabeça aos pés.

Se conseguisse parecer cinquenta por cento tão majestosa quanto ele, Kelley ficaria satisfeita. Tentou manter-se o mais ereta e aprumada possível e, ao chegar à plataforma em que estava Oberon, lançou-se à cena.

#

“Bom trabalho, Kelley. Hoje você parecia ter *nascido* para ser a rainha das fadas”, comentou Jack, erguendo a xícara de café em saudação.

Eles estavam fazendo uma pausa para descanso e haviam ido para o camarim depois de Quentin tê-los feito repassar a cena algumas vezes.

Kelley reclinou-se na cadeira e retribuiu a saudação de Jack com a xícara de café, que ele lhe servira diretamente de sua estimada garrafa térmica. O café estava delicioso. E que diabos, pensou Kelley, ela realmente merecia. Apesar de outra noite de pesadelos, inclusive aqueles ao vivo, Kelley tinha de admitir que fizera um ótimo trabalho naquela cena.

Até Quentin havia sido generoso ao elogiá-la, o que não era nada comum.

“Hummm...”, murmurara ele. “Você entrou tarde demais sob os holofotes. Meio passo a mais na direção da plateia da próxima vez, por favor...”

Para o Poderoso Q, *aquilo* era uma verdadeira demonstração de efusividade.

E havia sido tão fácil! A cena toda era sobre Oberon e Titânia, e o fato de que a ordem natural das coisas estava sendo transtornada pelas discussões e brigas entre esses dois seres

poderosos – tudo por causa de uma criança raptada. Era uma cena repleta de mal-entendidos e orgulho teimoso. Kelley se inspirara em experiências pessoais e canalizara para a cena e para o seu relacionamento com Oberon toda a frustração e irritação que sentia em relação a Sonny Flannery. Era uma motivação e tanto.

#

Quentin planejava repassar toda a cena mais uma vez depois da pausa, com o acréscimo das fadas ajudantes e de Puck – por isso, Kelley permanecera com o traje. Entretanto, como o corpete de brocado lhe dava muito calor, ela saiu para o pátio, a fim de se refrescar antes que a chamassem de volta ao palco.

Sentado em um dos velhos bancos de pedra estava Sonny Flannery, com uma aparência um tanto desmazelada. Kelley conteve o sorriso. Contudo, ao se aproximar, percebeu também que a expressão dele estava tensa. Parou diante dele, terminando de beber o café.

“Você gosta mesmo de sofrer, não é?”, ela perguntou.

“Você *nem* imagina...”, resmungou Sonny por entre os dentes cerrados, sem encará-la.

“Se veio aqui pra se desculpar pela noite passada, pode esquecer.” Ela não conseguiu evitar o tom de aborrecimento. Colocara-se, de imediato, na defensiva, lembrando-se de como ele falara com ela na noite anterior. “O seu amigo me levou a salvo até o meu apartamento e, como não vi nenhuma notícia esta manhã sobre alguém ter sido mordido por um cão raivoso, supus que o Departamento de Controle de Animais levou *o seu* telefonema a sério, pelo menos.”

Kelley reclinou-se no encosto do banco e estudou-o. Sonny permanecia sentado com os cotovelos apoiados sobre os joelhos e os dedos entrelaçados. Parecia estar se esforçando para encontrar alguma coisa para dizer. Ou, talvez, para encontrar o jeito certo de dizê-lo. Kelley desejou que ele falasse de uma vez. O silêncio se alongou entre eles.

“Kelley...”, disse ele, enfim, “você está correndo grande perigo.”

Ela se levantou e virou-se para voltar para dentro.

“Kelley, espere!” Sonny postou-se à frente dela, bloqueando-lhe a passagem. Rapidamente, mas talvez não tão depressa quanto ela se habituara a vê-lo reagir. “Você não me escutou?”

“Escutei. Só estou tentando ser educada.” Ela o encarou. “Meus pais me ensinaram que não é educado rir na cara das pessoas.”

Sonny fez uma careta de frustração. Os olhos dele, ela notou, estavam vermelhos e reluziam com uma intensidade quase febril.

“Os seus pais não lhe ensinaram isso.”

“Como é que é?”

“Eles... seja lá quem for que a criou... não eram os seus verdadeiros pais.”

Kelley pestanejou.

“Você me ouviu?”, indagou Sonny. A veia nas têmporas dele pulsou, e Kelley achou que ele fosse ter uma síncope ali, bem diante dela. A respiração dele estava irregular. “Ouviu?”

“Pare de me perguntar isso!” Ela recuou um passo. “De que diabos você está falando?”

Sonny abaixou a voz, como se tivesse receio de ser ouvido.

“Kelley... Escute... Eu sei que isso vai ser uma surpresa total pra você. Mas... você é filha de um rei.”

Ela tentou não rir.

“Sou filha de um médico.”

Sonny sacudiu a cabeça.

“Sei que foi isso o que lhe disseram, e sei que é nisso que você quer acreditar, mas... para a sua própria segurança... você precisa confiar em mim.”

“Porque eu sou a filha de um rei”, retrucou Kelley, como se aquilo fosse algo natural, e cruzou os braços na frente do peito, ignorando o puxão dos elásticos que seguravam as suas asas de fada. Ela desejou tê-las tirado antes de sair do teatro. “Um rei de verdade?”

“Sim”, respondeu ele.

Kelley abriu um sorriso açucarado.

“Entendo.”

Ele respirou fundo, um brilho de alívio se acendendo em seus olhos.

“Entende mesmo?”

“Claro. Você é doido varrido.”

A expressão de Sonny se tornou severa outra vez.

“Eles *mentiram* pra você. Fizeram isso pra proteger você, mas eram mentiras.”

“Sonny...”

“O seu pai tem poderes muito, muito antigos, e ele não é desta terra.”

“Você está *mesmo* tentando me dizer que o meu pai... quer dizer, desculpe, o meu pai ‘de verdade’... mora em outro país?”

Sonny assentiu com a cabeça.

“Em outro mundo, bem diferente deste.”

Kelley ficou sem fala, a paciência chegando ao seu fim absoluto.

Sonny respirou fundo de novo e escolheu as próximas palavras.

“O seu pai... sim, o seu pai *de verdade*... é um rei, e o nome dele é Auberon.”

Kelley deu uma gargalhada.

“É, eu sei”, continuou Sonny, “mas Shakespeare *não* inventou tudo aquilo, os contos de fadas às vezes *são* verdade, e *você* é a herdeira do trono da Corte do Inverno do Reino Encantado.”

“Pare com isso.”

“Kelley...”

“Pare. Falei pra você parar!” Ela estendeu a mão diante do rosto dele. Já havia aguentado demais. As asas de gaze às suas costas de repente lhe pareciam pesos de chumbo. “Não quero mais ouvir. Não quero que você diga o meu nome. Na verdade, não quero ouvir você dizer mais *nada*. Escute... Não sei se você é excêntrico, mentiroso ou só louco, mas precisa parar de falar comigo. Precisa parar de vir aqui. Eu tenho um trabalho a fazer e não consigo fazê-lo com você por perto!”

“Engraçado. Eu me sinto exatamente da mesma forma em relação a você cada vez que a vejo no parque”, resmungou ele, dando-lhe as costas. E, então, virou-se para ela outra vez, e seu olhar

cinzento e tempestuoso fixou-se nela de modo obsessivo. “Kelley, *escute* o que tenho a lhe dizer.”

“Não. Isso é insano. Quer dizer, tudo bem, eu entendo. Você é muito engraçado, Sonny. Um tremendo gozador.” Ela lutou, um tanto freneticamente, com os laços que lhe seguravam as asas. “Que tipo de idiota você pensa que sou? Acha mesmo que sou tão ingênua pra cair numa bobagem como essa? Você e o seu amiguinho Maddox inventaram essa quando estavam tomando uma cerveja no bar ou o quê?”

“Como é que é? Não!”

“Ahahaha... muito engraçado. Vamos aprontar uma com aquela garota que pensa que é a rainha das fadas! Sou uma atriz. Isso é um papel.” Ela conseguiu se livrar do traje com um puxão violento e jogou as asas em cima de Sonny. Elas o atingiram no peito e caíram no chão aos seus pés. “E vá pro inferno!”

“Acha que estou delirando? Que sou louco, ou coisa parecida? Que tudo isso é uma brincadeira?” Ele a agarrou pelos ombros, sacudindo-a. Depois, soltou-a e moveu os longos dedos para a frente de sua camisa, desabotoando-a com rapidez. Abriu a camisa na frente, e Kelley sufocou um grito. O tórax dele estava coberto de bandagens. Manchas escuras apareciam, em linhas paralelas, no lado direito das costelas. Ele abriu bem os braços para que Kelley pudesse ver o sangue. “Aquela criatura lá no parque foi um delírio? Uma piada? Engraçado. Aquelas garras me pareceram terrivelmente reais.”

“Era um *cachorro...*”, protestou Kelley debilmente, o estômago se contraindo diante da visão do sangue de Sonny.

A visão do verbete sobre o Cão Negro na Internet, que ela descartara como fantasia, relampejou-lhe de súbito na cabeça.

“Claro que era”, replicou Sonny. “Um cachorro do tamanho de um caminhão, com garras e olhos vermelhos como fogo e... Ah! Quase me esqueci. Quase corria sem tocar no chão.”

“Estava escuro...”

“*Eu* estava enxergando muito bem. Ele me deu a oportunidade de vê-lo bem de perto, já que tentava dilacerar a minha garganta. Não vai tentar isso de novo.”

O tom de voz dele deixava bem claro o que ele queria dizer com aquilo.

“Você matou o animal?”

Sonny ergueu o braço. No pulso, havia uma tira de densos pelos negros, trançados em um padrão intrincado.

“Tive sorte. Mas, não seja por isso! Se você realmente não acredita em mim, se não acredita que eu estava tentando protegê-la... que estou tentando protegê-la agora... pode dizer. Assim, talvez, da próxima vez que alguém do Outro Mundo... esse é o nome do lugar que o seu pai, *o rei do Inverno*, governa... tentar matá-la, eu não me preocuparei em salvá-la. Desse jeito, provavelmente vou me livrar de muita dor e sofrimento!”

Kelley ficou em silêncio. Algo que Sonny vira nos olhos dela naquele momento o fez encolher-se, como se ele a houvesse esbofeteado no rosto e lamentasse profundamente tê-lo feito. Com um rubor envergonhado nas faces, Sonny baixou os olhos e abotoou a camisa. Estendeu a mão para Kelley em um gesto que poderia ser interpretado como um pedido silencioso de desculpas, porém, ela lhe deu as costas e andou de volta para o teatro.

Jack estava postado nos degraus de entrada quando ela chegou lá. Sem dizer nada, ele abriu a porta para que ela entrasse.

Uma vez lá dentro, Kelley apoiou a cabeça contra a parede, um tanto zonza. Do outro lado da porta, escutou a voz de Jack, não tão gentil naquele momento:

“Não sei o que você disse para deixá-la tão abalada, meu jovem”, disse ele. “Nem quero saber. Mas não quero mais vê-lo por aqui outra vez. Caso contrário, há uma boa chance de que eu me esqueça de que a maioria das pessoas me chama de ‘Jack, o Cavaleiro’. Entendeu?”

Kelley espiou por uma fresta entre as velhas portas de carvalho do teatro e viu Sonny entregar as asas dela a Jack sem dizer nada. Então, ele se virou e se afastou do pátio do Avalon sem olhar para trás.

#

Kelley fechou a porta do camarim e pegou o celular.

A tia atendeu ao primeiro toque.

“Kelley? Está tudo bem?”

Kelley não respondeu à pergunta.

“Emma... Eu fui... adotada?”

Fez-se uma pausa.

“O quê?” A voz de Emma, quando se fez ouvir, estava aguda demais. “Ah, minha querida! Por que me pergunta uma coisa...”

“Não minta pra mim, Emma”, Kelley interrompeu a tia. “Eu sei sobre... sobre eles. Eu sei.”

“Oh, Kelley...O longo suspiro triste do outro lado da linha contou a Kelley tudo o que ela precisava saber. Sonny falara a verdade. Por mais louco que isso parecesse, por mais que Kelley quisesse que fosse uma brincadeira extremamente engenhosa, subitamente ela soube que Sonny não mentira. Emma?”, ela repetiu, em voz baixa. Calma. “Por favor, me conte.”

“Você não foi adotada, Kelley. Não exatamente.” A voz de Emma, por outro lado, estava trêmula de emoção. “O termo mais correto seria...”

“Raptada.”

“Eu...” O tremor quase se transformou em um soluço. “É, você foi raptada. Eu tirei você deles... *dele*... porque ele tirou o meu bebê de mim.”

“Como... Ah, Emma...” Kelley nem sabia o que dizer. “Como você *pôde* fazer isso?”

“Loucura. Dor.” O sofrimento na voz da tia refletia uma velha ferida que jamais fora completamente curada. “Eu só queria alguém a quem amar. Não é uma desculpa, e eu não vou culpar você se me odiar pra sempre.”

O ruído sibilante da ligação telefônica se alongou no silêncio que se seguiu.

“Eu não odeio você, tia”, declarou Kelley, enfim.

“Você perdeu o direito de progeneratura por minha causa.” Emma chorava. “Perdeu o seu destino. Pensei que estivesse fazendo algo de bom, mas foi muito errado, e vejo isso agora. Só espero que um dia você me perdoe.”

A dor da tia dilacerava o coração de Kelley.

“Conte pra mim sobre esse tal direito de progenitura, Emma”, ela pediu, com suavidade.

Kelley precisou esperar um minuto, enquanto Emma lutava para se acalmar, mas a tia acabou conseguindo falar:

“Você se lembra das histórias, Kelley? daquelas que eu costumava lhe contar sobre o Bom Povo?”

É claro que ela se lembrava. Fábulas. Folclore... Contos que alertavam sobre os seres mágicos e seus feitos maléficos. Aquilo marcara toda a sua infância. Não era preciso nem dar muita corda para que Emma começasse a falar e falar sobre o assunto, até que a cabeça do ouvinte explodisse. Com o tempo, Kelley se tornara imune àquilo.

E a todo o resto. Aprendera a ignorar... coisas, coisas que espreitavam nas lembranças semiesquecidas da infância. Coisas que antigamente eram mantidas afastadas pela presença constante de ramos de sorveira-brava e amuletos de ferro junto à cama dela, protegida por vasos de calêndulas campestres e primaveras no parapeito das janelas e pelas invocações sussurradas de Emma todas as noites diante da porta do quarto de Kelley.

Mais tarde, quando pensava naqueles dias, Kelley se lembrava das “superstições” de Emma como algo bizarro. Depois que crescera, Kelley parara de acreditar em coisas que vira outrora com os próprios olhos nos bosques ao redor de casa, e acabara por descartar as fábulas de Emma como apenas isso: fábulas. Quanto às próprias experiências, ela atribuíra à sua mente hiperativa de criança. Forçara-se a esquecer. Mas *agora*...

“Eu me lembro de vozes. Lá fora, perto da janela do meu quarto.”

“Você sempre me falava isso.” A voz de Emma estava sufocada pelas lembranças. “Quando você era pequena, contava-me essas coisas. E isso me deixava morrendo de medo. Eu sabia que você podia *vê-los*... Ouvir, também. Eu também podia... Afinal, eu tinha estado no mundo deles.”

“Os seres mágicos.”

“Sim, querida. Os que apareciam perto de casa eram inofensivos, na verdade. Só ficavam curiosos porque sabiam que você era diferente. Eles só não sabiam por que, exatamente. Nós fizemos todo o possível pra manter você escondida. A salvo.”

“Nós?”

“Eu, a sua mãe e o seu pai...”

“Você quer dizer os Winslow.”

“Não fique zangada com eles, Kelley”, suplicou Emma. “Eles amavam você. E se esforçaram ao máximo pra fazer o que era melhor pra você. Pra nós duas. Quando eles morreram, no acidente de carro, eu fiquei arrasada.”

“Como... Como foi que eles...”

Ela não sabia nem mesmo como colocar em palavras a pergunta. Entretanto, Emma sabia o que ela queria saber.

“Eles me encontraram vagando, fora de mim, no meio daquele maldito parque imenso, com você enfiada embaixo do meu casaco, e eles se ofereceram pra me levar pra... pra casa de campo deles.”

“Por quê? Por que eles não chamaram uma ambulância pra você? Ou a polícia?”

“Supliquei que não fizessem isso. Eu estava confusa. Aterrorizada. A milhares de quilômetros e a cem anos do meu próprio lar...”

“Não entendo.”

“Aquele lugar. O *Outro Mundo...*”, a voz de Emma suavizou-se com as recordações, “não é como aqui, Kelley. É bonito lá... bonito *demais*, de certa forma. Um lugar tão estranho, maravilhoso, como num sonho. O tempo não tem significado lá. Você entende, depois que fui até lá pra raptar você e voltei... bem... o mundo, *este* mundo, havia mudado. Décadas tinham se passado. Eu não estava mais nem no meu próprio país. Tenho certeza de que o Dr. e a Sra. Winslow acharam que eu era apenas uma pobre alma infeliz com a mente perturbada. Contudo, eles disseram que me ajudariam.”

A risada de Emma soou cansada e abatida aos ouvidos de Kelley.

“Eles queriam muito um filho também, entende? Desesperadamente, mas o destino não quis. Até que me encontraram. E a você. Nós... fizemos um acordo.”

“Entendo.”

“Eles tomariam conta de nós, criariam você como se fosse filha deles. Eu ficaria por perto para ajudá-los a criá-la. Eu não sabia mais o que fazer, então é claro que aceitei. E deu certo. Nós éramos felizes. Você era feliz.” Ela suspirou. “Mas vejo agora que fomos egoístas. Nós todos fomos muito egoístas. Você, pobrezinha, foi a única com quem ninguém se preocupou realmente. Vejo isso agora.”

Houve outra longa pausa em que só os ruídos do telefone se fizeram ouvir.

“Kelley... eu sinto muito.”

“Tudo bem, tia. Eu estou bem. Mesmo.”

“Eu esperava que você jamais tivesse de saber. Que jamais tivesse de se lembrar.”

Entretanto, ao que parecia, ela teria de começar a se lembrar, mesmo que aquilo fosse o que menos desejava. Embora a amasse muito, Kelley jamais quisera ser como a doce e louca tia Emma, que acreditava em fadas.

E que, afinal de contas, talvez não fosse assim tão louca.

Kelley precisava de tempo para absorver todas aquelas graves informações que acabara de receber, e explicou isso à tia. Antes que ela desligasse, no entanto, Emma perguntou:

“Quem lhe contou essas coisas, Kelley?”

“Um amigo. Acho.”

Kelley odiava a ideia de que Sonny pudesse não ser amigável.

“Ah, tenha cuidado, minha menina”, disse Emma. “Prometa-me.”

“Terei cuidado, Emma. Prometo.”

“O seu colar, querida, o trevo de âmbar... Você ainda está com ele no pescoço, não está?”

“Estou. Por quê?”

“Não o tire, Kelley. Por favor. Ele lhe dará... sorte.”

“Preciso desligar, tia.”

“Conversamos mais tarde?”

“Acho que provavelmente vamos ter de conversar, sim...”, ela respondeu, e fechou o celular de modo abrupto.

Kelley deu um suspiro trêmulo e olhou para o seu reflexo no espelho do camarim, deixando que a sensação de entorpecimento a dominasse. Era estranho que ela parecesse exatamente igual ao dia anterior. Como isso era possível? Com certeza, se ela não era quem pensava que era – e nunca fora –, ela não devia parecer diferente?... Espere aí... Com as mãos trêmulas, Kelley afastou os cabelos do rosto e examinou o reflexo.

As suas orelhas eram levemente pontudas.

“Ah, meu Deus...”, ela sussurrou. “Então é verdade mesmo.”

As luzes da mesa de maquiagem se refletiram no trevo-de-quatro-folhas sobre seu pescoço. O âmbar verde reluziu calidamente – quando ela era bem pequena, Emma lhe dissera que aquele âmbar era, na verdade, “a seiva de árvores muito antigas”, e Kelley achara aquela ideia muito bonita.

Franziu o cenho para si mesma no espelho e enfiou a mão sob os cabelos. Antes que abrisse o fecho da corrente, Bob apareceu – ainda todo vestido de verde – no reflexo, logo atrás dela, em pé. Ela não se mexeu quando ele lhe tomou as mãos e afastou os dedos dela delicadamente do fecho.

“É melhor escutar o conselho de sua tia, lindinha”, sussurrou-lhe ele ao ouvido, “e ficar com esse colar...”

Kelley fitou Bob no espelho, não estranhando, por alguma razão, que ele estivesse ali.

“Por quê?”

“Porque...” Ele lhe lançou um olhar intenso e respondeu à pergunta dela com versos de Shakespeare. “Escurece. Para o bosque sombrio o corvo voa. O dia se enfraquece, a luz descansa, enquanto a noite sobre a presa *avança...*”

Ela pestanejou.

“Você é a segunda pessoa que ouço citar *Macbeth* em dois dias. Por que estou com a sensação de estar na peça errada?”

“Ah... você não está. Pelo contrário. Você não poderia estar na peça mais certa”, murmurou ele. “É que apenas não existe, que eu me lembre, nenhuma citação tão poética em *Sonho de uma noite de verão* com a qual eu possa alertá-la.”

“Alertar-me?”

“Tome muito cuidado nos próximos dias, garota. E nas próximas *noites*.”

Kelley engoliu em seco para se livrar do medo que lhe sufocava a garganta.

“Você poderia ter dito apenas *isso...*”, ela sussurrou.

“O que digo te espanta, mas espera.” Bob deu um sorriso triste, terminando a funesta citação. “O que nasce no mal, no mal prospera...”

E, então, ele se foi.

Kelley jamais saberia dizer como chegou ao final do ensaio sem chorar ou gritar. As palavras de Emma, e as de Sonny, reverberavam em sua cabeça enquanto o elenco repassava a cena da briga entre Oberon e Titânia várias vezes seguidas.

As falas de Titânia saíam-lhe da boca com uma ferocidade apenas esboçada nos ensaios anteriores. Enquanto atacava Oberon, Kelley sentia como se trovões se agitassem dentro de si.

“As estações se alteram”, ela gritou, em um apelo inflamado. Os braços se abriram em um gesto que englobava tudo o que estava errado, a sua Titânia se desesperando porque o conflito entre eles provocava mudanças perigosas na própria natureza. “A primavera, o verão, o outono fértil, o furioso inverno trocam de roupa...”

Dirigiu aquela tristeza devastadora contra Oberon, a quem Titânia amava, mas com quem não podia mais conviver.

“Toda essa série de desgraças vem das nossas desavenças e dos nossos conflitos; nós somos os seus pais e a sua origem.”

A voz dela falhou um pouco ao pronunciar a palavra “pais”.

XX

Sonny caminhou do Avalon até o seu apartamento de cabeça baixa, ombros caídos. No caminho, avistou vários Seres Mágicos Perdidos: uma dríade encorajava um junípero que parecia doente em um terreno baldio; um menino alado, agachado sobre um hidrante, fitou-o com grandes olhos reluzentes quando ele passou; o vendedor de frutas em um mercado de esquina escondia os pés cobertos de penas e com garras sob um feitiço muito bem elaborado e um longo avental branco...

Onde quer que Sonny fosse, sua reputação o precedia. Ao passar pelos seres mágicos nas ruas, eles se mantinham a distância – muito embora Sonny não tivesse nada contra eles. A maioria deles já tivera de lutar contra os Janos para atravessar o Portal, e aquela era uma experiência que nenhum deles queria repetir. Existiam também aqueles seres do Outro Mundo que haviam sido aprisionados no reino mortal mais de um século atrás sem que tivessem feito nada de errado. Alguns deles até gostariam de voltar, se não fosse o cruel decreto de banimento lançado por Auberon junto com o fechamento dos Portais. Se um ser mágico fosse apanhado na companhia de seres humanos no reino mortal, teria de permanecer ali.

No entanto, não querendo parecer excessivamente vingativo aos seus leais súditos no Outro Mundo, Auberon deixara a cargo dos Janos a decisão sobre se um Ser Mágico Perdido representava ou não uma ameaça ao reino mortal. A maioria deles não era uma ameaça e, assim, os Janos os deixavam em paz.

Mesmo assim, era quase unânime entre os Seres Mágicos Perdidos o ódio passional que devotavam aos Janos. Sonny sentiu uma familiar pontada de tristeza enquanto o elevador subia rapidamente até o seu andar.

Na entrada do apartamento, captou uma presença antes mesmo de ter girado a maçaneta da porta. Estava quente lá dentro, a um ponto quase sufocante. Os pelos nos braços de Sonny se eriçaram quando ele passou cuidadosamente pela porta.

Uma Bruxa da Tempestade pairava a quase cinquenta centímetros de altura do chão, no meio da sala de estar.

“Olá, Bruxa”, ele a saudou, sem muito entusiasmo.

“Cuidado com o que dizes, mortalzinho”, ela replicou, sibilando.

Pequenos raios em forma de lança faiscavam-lhe da ponta dos dedos, e um manto escuro esvoaçava ao redor dela como nuvens de tempestade se aglomerando.

Servas de Mab, as Bruxas da Tempestade haviam sido acorrentadas, muito tempo atrás, ao reino mortal por sua cruel soberana, para que cumprissem suas ordens. As Bruxas se comunicavam por meio de espelhos encantados com Mab, também confinada no próprio território sombrio. Eram criaturas malignas, mas, por serem emissárias diretas da rainha Mab, respondiam apenas a ela e não a Auberón, nem a nenhum dos soberanos das outras cortes. Elas eram intocáveis; os Janos eram forçados a deixá-las em paz.

Por isso, era especialmente frustrante quando uma delas aparecia sem ser convidada no meio da sua sala de estar, pensou Sonny.

“A rainha Mab envia saudações.”

“A rainha Mab enviou primeiro os seus corvos.” Sonny cruzou os braços e recostou-se no balcão, de mau humor. “A saudação teria sido bem-vinda se tivesse vindo *antes* do ataque.”

Os lábios cinzentos da Bruxa da Tempestade se repuxaram em uma horrível paródia de sorriso.

“Considera-te feliz por Mab dar atenção a um verme rastejante como tu. Ela é tão poderosa quanto impiedosa. É a rainha do ar e das trevas, aquela que traz a tempestade e a guerra...”

“Não preciso ouvir o currículo dela. Diga-me o que quer e vá embora.”

“Uma aliança”, rosnou a criatura. “Este reino esconde algo que pertence a Mab. Sabias disso?”

O *kelpie*... Sonny ficou gelado, apesar da elevada temperatura da sala. *Auberón estava certo! Foi Mab.*

Ele assentiu com um gesto de cabeça, devagar.

“Ela o quer de volta. Nunca deveria ter vindo para cá. Foi um erro. Encontra-o. Devolve-o, e a rainha conceder-te-á um desejo.”

Sonny não estava inteiramente certo de desejar um favor de Mab. Ainda assim, um desejo concedido por uma rainha das Cortes Mágicas... era algo muito valioso. E Sonny tinha a sensação de que aquele presente poderia vir a ser muito útil. Precisava pensar na proposta de Mab com cuidado.

“O que dizes, mortalzinho?”, indagou a Bruxa, quase babando.

“Eu lhe digo que, se me chamar assim outra vez, Mab terá de usar de todos os seus poderes para juntar os pedacinhos de outro de seus laçaios.”

Sonny afastou-se alguns passos, tentando se concentrar. Barganhar com seres mágicos sempre era um mau negócio. Se um acordo fosse rompido, as consequências poderiam ser terríveis. Um acordo não cumprido era considerado um crime imperdoável pelas leis dos seres mágicos. Caso se quisesse romper um acordo com um ser mágico – e não se conseguisse encontrar um bom pretexto para fazê-lo –, arriscava-se a conceder à parte prejudicada um poder ilimitado na busca por uma reparação. Era melhor nunca fechar um pacto com nenhum ser mágico, mas ali estava uma oportunidade não apenas de eliminar a ameaça do retorno da Caçada Selvagem – fazendo com que o *kelpie* retornasse ao Outro Mundo – como também de obter o favor de uma rainha.

“Tudo bem. Vou dar a Mab o que ela deseja, mas só porque existe um bem maior em jogo. Aguardarei o aviso dela a respeito do momento e do local.” Ele deu às costas à Bruxa. “Agora, saia daqui e pare de babar no meu tapete.”

XXI

Ela precisava falar com Sonny.

Kelley esperou no banco junto ao carrossel, imaginando quanto tempo levaria para que ele aparecesse. Saía correndo do Avalon assim que o ensaio terminara, rumo ao Central Park. Não haviam se passado nem dez minutos quando Sonny saiu de trás das árvores e caminhou na direção dela.

Kelley se levantou.

“Que rápido!”

Ele deu de ombros.

“Eu... tinha esperanças.”

Kelley se afastou alguns passos e disse:

“Muito bem. Certo. Não foi um ‘cachorro’ que me atacou.”

“Pode chamar de cachorro, se quiser”, afirmou Sonny, em tom encorajador. “Algumas pessoas os chamam de Cães Demoníacos, ou Cães de Caça de Herne. Eu os chamo de Cães...”

“Cães Negros. Eu sei”, interrompeu Kelley. “Então, o que exatamente é esse ‘Herne’, afinal? É uma pessoa? Ele enviou aquela coisa? É um... ser mágico?”

“Herne? Não. Herne é...” Sonny fez uma pausa. “Tem *certeza* de que quer ouvir essa história toda agora?”

“Qual a melhor hora do que agora?”

“Certo.” Sonny sentou-se no banco e esperou até que Kelley cedeu e se juntou a ele. “Antigamente, Herne era um ser humano. Ele se tornou... algo mais. Você provavelmente o chamaria de um deus.”

“Um... deus.”

“Mas ele não enviaria o Cão Negro”, assegurou-lhe Sonny. “Eles só são chamados Cães de Caça de Herne porque acompanham a Caçada Selvagem. E, muito tempo atrás, Herne liderava a Caçada.”

“Entendo.” Kelley cruzou os braços e mordeu o lábio inferior, esforçando-se para acompanhar o que Sonny estava dizendo. Ela se lembrava vagamente de algo sobre uma Caçada Selvagem no verbete na Internet sobre o Cão Negro. “A Caçada Selvagem. Parece algum tipo de festa.”

“Um grupo guerreiro, na verdade”, replicou Sonny. “É um poder antigo. Muito perigoso.”

“Entendo”, ela repetiu.

“Mesmo?”

“Não”, ela suspirou, desistindo.

“Poderíamos começar do início”, sugeriu Sonny.

“Está bem”, concordou Kelley. Aquela talvez fosse uma boa ideia. “Digamos... por enquanto... que eu acredite nessa história de eu ser uma princesa das fadas.”

“Você é.”

“E você, o que é? Um tipo de príncipe das fadas ou algo assim?” Ela franziu a testa. “Isso soa *tão* absurdo...”

“Não sou um ser mágico.” Sonny não olhou para ela, mas retorceu o canto da boca. “E, com certeza, não sou nenhum príncipe.”

“Então o que você é?”

Ele manteve os olhos focados no chão enquanto falava.

“Fui... Fui levado do mundo humano pelos seres mágicos quando era bebê, e criado no Outro Mundo.”

“Levado?” Kelley fitou-o com intensidade. “Quer dizer *raptado*?”

“Eu... Sim. Suponho que sim.”

Quer dizer que não fui a única, ponderou Kelley. O pensamento a deixou um pouco enjoada.

“Quer dizer que eles vêm e vão quando bem entendem?”, ela perguntou, após algum tempo. “Esses seres mágicos?”

“Antigamente, sim”, admitiu Sonny. “Entenda, os celtas, os elisabetanos, os vitorianos... todos eles acreditavam na existência dos seres mágicos. Não apenas acreditavam... Eles compartilhavam seu mundo com eles.”

“Mas não por opção”, retrucou Kelley, tentando em vão disfarçar o desdém em sua voz.

“Não. Desde os primeiros dias, os seres mágicos sempre estiveram aqui. E eles sempre *levaram* o que queriam.”

“Esgueirando-se por portais pra roubar crianças de suas famílias.”

Sonny parecia desconfortável com o rumo da conversa.

“Levando-as embora pra que vivessem pra sempre, sim. Num lugar de beleza e magnificência onde o tempo não tem significado e os sonhos se realizam...”

“Inclusive os pesadelos?” Kelley observou-o por um momento. “É. Foi o que eu pensei. Continue.”

Sonny evitou o olhar de Kelley.

“Por volta do início do século XX, no final da era vitoriana, o mundo humano começou a parar de se interessar pelo mundo mágico.”

“Mas não o contrário?”

“Não. Os seres mágicos continuaram a vir. Continuaram... raptando bebês humanos. E então, certo dia, uma mulher mortal raptou alguém em troca.”

“Eu.”

“É.”

Sonny contou-lhe que, depois que ela havia sido raptada da Corte do Inverno, seu pai, Auberon, cheio de pesar e fúria, tentara lançar um encantamento a fim de selar as passagens entre os mundos.

“Contudo, o encantamento de Auberon não foi perfeito. E assim, uma noite por ano, o Portal de Samhain... pois é isso que este parque é... se abre.”

“Quando?”, perguntou Kelley.

“Desde o pôr do sol de 31 de outubro até o nascer do sol em 1º de novembro.”

“No Dia das Bruxas? Que meigo!”

“Costumava ser chamado de Samhain”, falou Sonny, baixinho. “Na minha época.”

Kelley olhou para o relógio.

“As datas não batem. Hoje ainda é 26 de outubro.”

“Esse é o problema com a magia, Kelley. É uma coisa complicada, até para a realeza do Outro Mundo. Parte do defeito no encanto de Auberon faz com que, a cada nove anos, o Portal fique aberto por nove noites até o Samhain. Chamamos isso de as Nove Noites.”

“Que original. Então... nove noites inteiras, é isso? Parece que meu querido papai cometeu um erro feio, não acha?”, retrucou Kelley.

Sonny fez uma careta, mas ficou calado.

Kelley fechou os olhos, afastando a súbita fúria.

“Certo. Continuando... Qual é a sua parte nisso tudo?”

“Eu trabalho para o seu pai.”

Empertigando-se, Kelley se afastou dele.

“Eu falei na outra noite que sou guarda, e isso é verdade. Auberon decretou que sempre haveria treze mortais raptados no berço – Janos, como somos chamados – cujo dever é guardar a passagem e impedir que os seres mágicos atravessem o Portal.”

“Como fazem isso?”

“Por quaisquer meios necessários.”

“Então vocês são como... o quê? Justiceiros? A gangue de capangas de Auberon?”

“Você está sendo indelicada.” Sonny finalmente encarou-a. “Não escolhi essa situação, Kelley. Não pertencço a este mundo, o seu mundo. Mas agora, por causa do que me tornei, não sou mais bem-vindo no lugar que chamava de lar.”

Por um breve momento, uma expressão vulnerável de saudade passou pelo rosto de Sonny. Kelley perguntou-se como o Outro Mundo era *realmente*. Parecia exercer uma poderosa atração sobre Sonny, mesmo que ele não pudesse voltar para lá.

“Por ser Jano, sou odiado e temido pelo Bom Povo”, continuou ele. “Mas achei que talvez *you* fosse um pouco mais compreensiva.”

Kelley baixou o olhar, as faces ardendo de vergonha.

“Especialmente considerando a pequena aventura de ontem à noite.” Sonny levantou-se, parecendo prestes a partir. “Quer mesmo que criaturas como aquela andem livres por Nova York?”

“Sinto muito. Tem razão.” Ela pôs a mão no braço dele. “Sinto muito. Isso tudo é tão...”

“Eu sei.”

Kelley olhou para ele, desejando que ele se sentasse de novo.

“Aquela coisa. O Cão Negro... *Ele* veio pelo Portal?”

Com relutância, Sonny sentou-se ao lado dela no banco.

“Sim, não haveria outra possibilidade.”

“E Lucky?”, indagou Kelley.

“Eu nunca chamaria um Cão Negro de Lucky...”

“Não, não.” Ela acenou com a mão vagamente na direção do Upper East Side. “Estou falando do cavalo. Na minha banheira.”

“O *kelpie*? Não é bem um cavalo. Na verdade... é uma criatura muito perigosa...”

“Ah, que nada!”, riu Kelley, divertindo-se pela primeira vez.

“Escute, Kelley... seu novo bicho de estimação pode se parecer com qualquer outro pônei bonitinho, mas não é. Ele é perigoso. Perigoso em si, e ainda mais perigoso por causa do encanto lançado sobre ele. Você pode levar tudo isso na brincadeira, todavia, agindo assim, você põe em grave risco não apenas a si mesma, mas a todas as pessoas desta cidade.”

Kelley parou de rir, chocada.

“Como assim?”

Sonny tirou da bolsa três contas negras cintilantes.

“Você me perguntou sobre Herne e a Caçada Selvagem. Deixe-me perguntar-lhe uma coisa: reconhece isto?”

Ela se inclinou e assentiu com a cabeça.

“Lucky tem dezenas delas trançadas por toda a crina e o rabo.”

Ele devolveu as pedras de ônix à bolsa com uma expressão sombria.

“São talismãs usados por uma das rainhas das Cortes Mágicas para lançar um encantamento. Era uma vez...”

Kelley viu os olhos de Sonny se voltarem para o carrossel. Era como se ele nunca o tivesse notado até aquele momento. Estava funcionando, embora houvesse apenas um bilheteiro por ali. A maioria das crianças ainda estava na escola. O olhar de Kelley ficou alternando entre o carrossel e o rosto de Sonny.

“‘Era uma vez’...?”, perguntou Kelley, com cautela.

De repente, Sonny se levantou e, sem esperar para ver se ela o seguiria, começou a andar na direção da alegre música do realejo.

“Venha comigo”, pediu ele, olhando para trás.

Confusa, Kelley o alcançou enquanto ele pagava por dois bilhetes. Ele lhe estendeu a mão, ajudando-a a subir na plataforma de madeira em que os cavalos pintados em cores brilhantes aguardavam. Kelley sentiu-se um pouco tola, indecisa sobre qual cavalo escolher, embora não lhe faltassem opções: eles eram as únicas duas pessoas no brinquedo. Após algum tempo, Sonny simplesmente agarrou-a pela cintura e colocou-a sem nenhum esforço no lombo de um pônei empinado. Em seguida, montou no cavalo ao lado do dela.

O carrossel rangeu, e a plataforma começou a girar lentamente. Kelley olhava para Sonny, sentado tranquilamente em sua montaria, como um cavaleiro de armadura brilhante no lombo de seu cavalo de batalha.

“Deixe-me lhe mostrar uma coisa, Kelley.” Ele ergueu a mão para tocar o medalhão de ferro que lhe pendia do pescoço. “Deixe-me lhe mostrar a história da Caçada Selvagem...”

“Mostrar?”, indagou Kelley, perplexa.

Sonny fixou-a com seu olhar penetrante, com uma expressão intensa e um pouco assustadora nos olhos cinzentos.

“Não tenha medo.”

O carrossel girava, e o coração de Kelley galopava no peito. A música espiralava em torno, estonteante; o cavalo tremia embaixo dela, subindo em um lento salto.

Os olhos de Sonny passaram daquele extraordinário cinza-prateado para um tom quase negro. Kelley sentiu, por um breve instante de desorientação, que cavalgava por um túnel cheio de névoa... E então tudo ficou claro. Ela olhou em volta.

O carrossel sumira. Nova York sumira.

O cavalo dela – não mais de madeira pintada – balançou a cabeça, e ela sentiu os músculos do animal se flexionar sob a sela. Com um sobressalto, Kelley lutou para agarrar as rédeas do cavalo enquanto, em volta, imagens de uma floresta verde e luxuriante passavam por ela em velocidade vertiginosa. Os sons de pássaros e outros animais enchiam-lhe os ouvidos. Por onde iam, sentia o vento nas faces e o cheiro das folhas das árvores recém-lavadas pela chuva. Ao longe, o som de uma trompa ressoou pelo ar como o toque de sinos de igreja. Ela ouviu o ladrar nervoso de cães de caça.

Ao seu lado, a montaria de Sonny galopava ruidosamente por entre as árvores. Mais alto do que o barulho do vento nos ouvidos, Kelley ouviu-o falar, contando-lhe a história de Herne e da Caçada Selvagem, ao mesmo tempo em que ela mesma cavalgava em direção ao grupo.

XXII

“Herne era mortal. Um príncipe que viveu há muito tempo...”

Com a voz de Sonny ecoando por todos os lados, Kelley inclinou a cabeça, agarrando-se ao pescoço do cavalo enquanto este passava por entre as árvores e saía para uma ampla clareira na floresta. Quando os cavalos diminuíram o passo, ela viu que eles haviam se juntado a um grupo de caça, magnificamente trajado e equipado.

Kelley sentiu o roçar da seda em sua pele e, olhando para baixo, viu que usava um vestido marrom avermelhado, tão longo que cobria toda a parte traseira do cavalo. As barras das mangas e da saia eram decoradas com pedras de âmbar e minúsculas pérolas em tons dourados. Olhou por sobre o ombro: os cabelos estavam cobertos com véus diáfanos. Ao seu lado, Sonny vestia uma camisa folgada de renda e um calção de couro macio, e calçava botas também de couro. Adornos de prata refulgiam-lhe ao redor do pescoço e dos pulsos quando ele se inclinou na sela, pegando as rédeas do cavalo de Kelley, e freou ambos os cavalos junto ao grupo de caça.

Os demais caçadores apearam em meio a muitos risos e diversão. Kelley fitou-os em evidente deslumbramento, percebendo, em sobressalto, que não eram humanos. Como nuvens de borboletas cintilantes, eles tremeluziam e brilhavam sob a luz do sol filtrada pela vegetação. Alguns até ostentavam os traços delicados de asas reluzentes como joias se desenrolando atrás deles.

Sonny riu da expressão dela enquanto passava uma perna por sobre o flanco de sua montaria e descia suavemente ao chão. Ergueu a mão para ajudar Kelley a fazer o mesmo, amparando-a quando os pés dela tocaram a terra coberta de musgo. Ela ergueu os olhos para encontrar os de Sonny e viu seu enlevo refletido neles.

“Como...”, ela principiou, mas se virou ao som de risadas graves e ruidosas.

Vinham de um homem alto e bonito, que trajava roupas verde-escuras e ostentava os chifres de um cervo em seu capacete brilhante.

“Este é Herne, o Caçador”, murmurou Sonny em uma voz baixa, matizada de reverência. “O Bom Povo o chama de ‘o Chifrudo’.”

“Pensei que você havia dito que Herne era mortal”, sussurrou Kelley em resposta.

“Ele é... Pelo menos era. Nessa altura da vida dele.”

Kelley entendeu então que, de algum modo, Sonny havia feito surgir uma visão da vida de Herne, de quando o Caçador havia sido um príncipe.

“E os seres mágicos andam... andavam junto com ele numa boa?”

Sonny sorriu diante das palavras que ela escolhera.

“Os seres mágicos e os mortais andavam juntos com frequência... numa boa. Nos dias antes de os mortais ficarem com medo.”

Será que isso não aconteceu porque os seres mágicos ficaram assustadores?, perguntou-se Kelley enquanto Sonny a levava pela mão em direção ao centro da campina, onde havia magníficas mesas cobertas com um banquete fantástico.

“Eles conseguem nos ver?”, perguntou Kelley enquanto passavam por entre os seres mágicos.

“Não.” Sonny sacudiu a cabeça. “Eles não nos veem como somos, porque não estamos realmente aqui. Provavelmente eles nos veem como companheiros desse dia de muito tempo atrás.”

“Como é que você...”

“Magia. Quando eu era criança, Auberon me ensinou pequenas coisas... truques de festa, na verdade, se compararmos com o que os seres mágicos conseguem fazer.” Ele deu de ombros. “Coisas como fazer visões aparecerem. Eu tinha certa aptidão para isso. Se bem que, confesso, nunca havia tentando fazer nada assim tão complicado antes. Agora venha... Vamos pelo menos aproveitar nosso tempo aqui enquanto podemos. Esta não é uma história com um final feliz.”

Kelley estava prestes a perguntar-lhe o que ele queria dizer quando sua respiração ficou presa na garganta diante do que viu. *Como*, ela pensou, *algo podia ter dado errado quando havia criaturas como aquela no mundo?*

“Mab!”, gritou Herne, em uma saudação alegre, sua voz tingida pelo afeto inequívoco que sentia pela mulher de cabelos flamejantes e fantasticamente bela que saiu das sombras das árvores. “Minha rainha! Meu amor...”

Kelley jamais vira alguém com uma beleza e majestade tão ferozes quanto a rainha da Corte do Outono. Mab era como toda a glória ferina da estação outonal destilada em um só ser. Ela ergueu os braços em saudação ao Chifrudo, e o sorriso dela preencheu o bosque como o sol.

#

Kelley se esqueceu das palavras de mau presságio de Sonny. Na verdade, esqueceu-se de quase tudo – quase se esqueceu até de que já tivera outra vida – enquanto os dias transcorriam alegremente em banquetes, caçadas e canções. À noite, Herne e seus companheiros, Sonny e Kelley entre eles, deitavam-se sob as estrelas em cobertores ricamente tecidos, escutando o crepitar das fogueiras e a bela e estranha música dos seres mágicos. Durante o dia, eles cavalgavam pelas florestas em grande, imprudente velocidade, gritando e rindo em puro deleite. Para Kelley, o tempo parecia passar e, ao mesmo tempo, permanecer absolutamente parado.

Então veio o dia em que Mab, trajando um vestido da cor da meia-noite e sorrindo um sorriso secreto, inclinou-se para beijar a fronte do Príncipe Caçador, que estava deitado às margens cobertas de musgo de uma fonte borbulhante, descansando a cabeça no colo dela, sorrindo para ela. Ao redor deles, o grupo reluzente das Cortes Mágicas – os companheiros de caça de Herne – estiravam-se indolentemente, observando com uma diversão ociosa quando a rainha do Outono riu e levantou-se. Com gestos tão graciosos que parecia estar quase dançando, Mab contornou a lagoa. Alçando a voz em um canto de poder, ela retirou punhados de contas lustrosas, negras como azeviche, de bolsos ocultos nas dobras de suas saias.

Ao lado de Kelley, apoiado no cotovelo, Sonny ficou rígido de tensão, e de repente ela se lembrou de que ele a havia alertado de que a história não acabava bem.

Com os olhos verdes brilhando, Mab estendeu ambas as mãos sobre a superfície da lagoa e, abrindo os punhos, deixou as joias caírem na fonte. A superfície da água se enrugou e depois fervilhou, formando espuma branca e soltando vapor. Levantando-se e forçando os olhos para enxergar, Kelley avistou algo se movendo nas profundezas negras.

Um *kelpie* emergiu da fonte, invocado pelo canto da rainha das trevas. Kelley olhou para Sonny, muda de apreensão, enquanto Mab lançava seu feitiço, encantando o espírito das águas com seus amuletos, transmutando-o com sua magia em um espírito do fogo.

Sonny se levantou e observou, junto com Kelley, quando a criatura se contorceu, relinchou e ficou indistinta como fumaça, transformando-se de uma criatura que lembrava bastante aquele animal de temperamento dócil que estava no apartamento de Kelley em outra criatura ferozmente bela, um garanhão de pelos vermelhos como o pôr do sol e cascos fogosos, faiscantes.

“Minha rainha”, protestou um dos caçadores mágicos, inquieto. “Isto é *impossível*. Não deveria ser...”

Mab silenciou-o com um olhar.

Aproximando-se dela, os olhos de Herne se iluminaram de alegria ao ver o extravagante presente da amante. O Caçador saltou para o lombo do magnífico Cavalo Ruão. Mab lançou os braços ao ar e riu, com uma alegria quase de menina, quando, juntos, o Caçador e o cavalo saltaram para o céu, galopando celeremente sobre a copa das árvores. Na clareira, houve um movimento súbito e indistinto, como o bater de asas negras, e Mab desapareceu. Em seu lugar, um corvo voou entre as árvores, seguindo o Chifrudo e seu corcel.

“Nunca se viu isso antes”, murmurou o Caçador Mágico que havia protestado. “Conceder uma dádiva de poder mágico tão extravagante e perigoso a um mortal...”

“Mab está apaixonada”, disse a Caçadora a seu lado, sacudindo a cabeça.

“Ora, vamos! O Chifrudo não é um mero mortal”, disse outro, rindo ao montar o próprio cavalo, apressando-se em seguir Herne.

A maioria dos outros seres mágicos pareceu concordar e, com grande excitação, dispararam para se juntar ao companheiro mortal e seu novo presente na alegre caçada. Contagiada pela agitação e não querendo perder um momento da história, Kelley ergueu a barra das saias e correu para seu cavalo, com Sonny logo atrás dela.

O grupo galopou no rastro do Caçador. Quando os bosques se abriram em uma vasta extensão de colinas, todas as montarias mágicas saltaram para o céu, cascos trotando no ar sobre as

copas das árvores ao alçarem voo.

Com o coração na mão, Kelley segurou as rédeas com força, os dedos brancos, e arriscou dar uma olhada à direita e à esquerda. De um lado e de outro, os caçadores de Herne cavalgavam, maravilhados e etéreos em sua beleza; faces coradas pelo entusiasmo, cabelos ondulados e expressões uniformes de ardente alegria. Kelley jamais vira algo tão glorioso, jamais fizera algo tão excitante quanto cavalgar pelos céus com aquela hoste reluzente.

#

Dias e noites continuaram a passar com rapidez inebriante. Mab não apenas deu a Herne o Cavalo Ruão como também lhe forneceu esplêndidas presas para a caça. A rainha das trevas fez com que seus lacaios capturassem animais mágicos de suas próprias terras no Outro Mundo e os soltassem para que vagueassem pelas florestas do reino mortal de Herne. Tudo para satisfazer a paixão do amante por aquele esporte. Animais maravilhosos: cervos, javalis e ursos.

E logo os jogos e a diversão se transformaram em uma atividade muito séria. Os caçadores se tornaram obcecados, cavalgando em perseguição com o príncipe mortal e seu fantástico ganhão – homens e mulheres, cachorros e cavalos, correndo com descuidado abandono por sobre as florestas do velho mundo.

#

Os galhos das árvores prenderam-se nas mangas de seda de Kelley quando o grupo de caça freou bruscamente. Estavam no limiar de uma clareira onde havia um cervo real de pura cor branca em pose desafiadora, encurralado por um círculo de enormes cães de caça. Por três dias, Herne liderara o grupo em perseguição louca e animada àquela presa majestosa.

Kelley fora contagiada pela excitação como todos os outros, mas agora tudo o que sentia era um aperto doloroso no peito. Sem poder fazer nada, viu o Chifrudo, encorajado por seus companheiros, tirar uma flecha da aljava. A flecha de Herne voou com precisão letal, atingindo o pescoço do cervo real. O animal, tão branco quanto a neve, urrou e caiu de joelhos, o sangue escorrendo em um rio prateado que descia pela sua pele e acumulava-se na grama como metal fundido.

Os caçadores saudaram o triunfo de seu príncipe e duas belas damas do Outro Mundo correram até Herne, lançando seus braços ao redor dele, enquanto a imagem do cervo morrendo quase partia o coração de Kelley. Ao lado dela, Sonny emitiu um leve som de protesto. Kelley voltou-se para ele e viu seus olhos cinza-prateados faiscarem de raiva e tristeza à visão do animal abatido. Ela sentiu outros olhares sobre eles, virou a cabeça e viu Herne fitando Sonny – e em seguida, brevemente, a ela. O cenho do Caçador se franziu sob a aba do elmo reluzente. Após um momento, ele sorriu e se voltou a seus companheiros, o que levou Kelley a se perguntar o que ele teria visto.

Herne se aproximou do corpo do cervo, parando a poucos metros de distância. Houve um longo momento de silêncio na floresta, em que até os pássaros pararam de cantar. Kelley levou a mão trêmula à testa e percebeu que estava segurando as rédeas com tanta força que elas haviam deixado marcas vermelhas nas palmas.

De repente o cervo se mexeu e estremeceu no local onde caíra ao chão. A majestosa criatura voltou a respirar e sacudiu as patas, pondo-se de pé novamente. O cervo bateu as patas na grama e balançou a cabeça. Kelley mal podia acreditar nos próprios olhos. O cervo voltara à vida!

O Caçador ergueu o arco em saudação, e Kelley se voltou para Sonny, sentindo os cantos da boca se curvarem para cima em resposta ao largo sorriso que se espalhou pelo rosto dele quando o cervo saltou novamente para dentro da floresta, não deixando nenhum sinal atrás de si, além de um traço de sangue prateado sobre a grama.

Os caçadores vibraram, e tudo estava bem. Herne se voltou para os companheiros, passando o braço sobre os ombros de uma das belas caçadoras enquanto o grupo começou a cantar. Contudo, pelo canto do olho, Kelley viu um borrão escuro relampejar por entre as árvores – um corvo, que voava para as profundezas da floresta, seus grasnados ecoavam cruelmente.

#

Mais tarde, depois do pôr do sol, um farto e luxuoso banquete foi montado sobre uma alta colina. Herne estava especialmente feliz naquela noite, pedindo jogos e música; nunca estava sozinho, constantemente cercado pelas damas mágicas que o mimavam. Uma adorável garota removera o elmo de chifres de Herne e trançava uma coroa de folhas pelo cabelo dele, enquanto ele ria de uma história que outro caçador lhe contava.

No outro lado do topo da colina, sobre uma larga extensão de terra plana, uma partida furiosa de *hurling* – algo parecido com hóquei sobre a grama, mas jogado com uma bola prateada e bastões chatos de carvalho envernizado – estava sendo jogada em máxima velocidade. O olho destreinado de Kelley conseguia discernir poucas regras enquanto a batalha pela posse da bola brilhante se intensificava entre os dois grupos de seres mágicos. Parecia-lhe um caos animado e perigoso, e ela manteve distância. Todavia, não pôde deixar de notar que Sonny vagava pela margem do campo para vê-los jogar. A expressão dele era triste e desejosa, e Kelley adivinhou que ele estava pensando na própria infância no Outro Mundo, onde, sem dúvida, ele jogara *hurling* ou outro jogo semelhante.

Sem querer perturbar as reminiscências dele, Kelley caminhou um pouco para longe dos celebrantes e se postou à beira do topo da colina. Olhando para baixo, viu as luzes de uma pequena aldeia aninhada no vale, cercada pela densa floresta onde haviam caçado aquele dia. A lua cheia iluminava as casas, e Kelley viu as silhuetas de dois aldeões que saíam de suas cabanas para olhar para a montanha. *Eles podem nos ouvir*, notou Kelley, sem surpresa. As risadas e farra dos seres mágicos haviam atingido um volume clamoroso.

Kelley sentiu a pele se arrepiar; ergueu o olhar em direção ao horizonte e viu Mab em pé sobre uma distante colina descampada. O manto negro da rainha esvoaçava atrás dela, soprado

por um vento frio, enquanto ela observava as festas de Herne de longe.

A raiva, tão concreta quanto uma nuvem de tempestade, acumulava-se ao redor dela. No punho cerrado, ela segurava uma lança delgada com ponta de prata. Kelley, entretanto, também pensou ter visto os ombros da rainha das trevas se curvarem sob o manto – como se Mab chorasse.

Kelley se comoveu com o sofrimento dela.

Quando o amanhecer se aproximou, porém, a simpatia pela rainha do Outono se esvaiu. Enquanto Herne e seus caçadores dormiam, depois de se empanturrarem de carne, hidromel e vinho encantado espumante, Kelley despertou de um sonho perturbador e viu Mab infiltrar-se silenciosamente entre os companheiros de seu amante. Os lábios dela se moviam e um sopro sibilava entre seus dentes quando se ajoelhava diante de cada Caçador Mágico adormecido, amarrando amuletos ao redor de seus pescoços. Amuletos negros reluzentes.

Kelley ficou paralisada, percebendo que a rainha estava lançando uma maldição terrível enquanto traçava um caminho por entre os caçadores adormecidos. Assim que ela passou, Kelley ousou sentar-se e olhou para os caçadores que dormiam no chão. Horrorizada, ela viu os seres elegantes com quem convivera nos últimos dias se transformarem diante de seus olhos – tornando-se terríveis em sua beleza. Perversos. Perigosos. A magia da rainha os transmutara; não eram mais despreocupados, mas pareciam cruéis mesmo em meio ao sono.

Esgueirando-se em silêncio até os limites do acampamento dos caçadores, Kelley viu Mab descer a colina até a floresta lá embaixo. Chegando até a orla das árvores, a rainha brandiu a mão e fez surgir uma feia brecha na muralha entre o mundo mortal onde os caçadores dormiam, e o outro lado, revelando vislumbres de um reino mágico sombrio e proibido. Mab levou dois dedos aos lábios e assobiou – sem produzir som, ao menos para os ouvidos de Kelley. Em resposta, ouviu-se uma matilha de cães ferozes – Cães Negros – que saltaram da fenda entre os mundos para a floresta.

Agachada à beira do despenhadeiro da colina, Kelley viu os cães de Mab expulsarem os nobres animais da proteção das árvores, conduzindo-os como gado. Enquanto os Cães Negros mordiam as patas prateadas e a pele magnífica dos animais mágicos, Mab sacudiu o braço novamente e os Cães Negros os levaram para o outro lado da fenda. O céu começou a clarear no Leste no exato instante em que o último dos animais – o Cervo Real branco – atravessava a muralha.

“Ela vai escondê-los em seu reino, as Terras Fronteiriças, em locais onde nem os homens nem os seres mágicos podem encontrá-los”, disse Sonny, em voz soturna, saindo da neblina da madrugada e postando-se ao lado de Kelley para observar a cena com ela.

“E agora?”, ela perguntou, sem ter certeza de que queria mesmo saber. “O que vai acontecer agora?”

“Os animais mortais... não oferecem mais desafio aos caçadores”, respondeu Sonny com suavidade, retirando sua capa e passando-a por sobre os ombros de Kelley.

Provavelmente ele a vira estremecer. Ela não lhe contou que não havia sido de frio.

“Eles vão procurar outra presa”, disse ele.

Enquanto ele falava, o sol já estava nascendo. Os caçadores estavam despertando.

Herne e os caçadores enfeitiçados saudaram o dia com um brilho ávido de sangue nos olhos. Montando nos cavalos, partiram em perigosa velocidade rumo à floresta com uma nova crueldade tingindo-lhes a euforia. Sonny e Kelley também montaram em seus corcéis, mas se mantiveram bem atrás de seus, agora assustadores, companheiros.

Procurando por toda a parte por suas presas encantadas e não encontrando nenhuma, os caçadores enfeitiçados berravam, cheios de raiva e loucura, em suas perseguições sanguinárias. Freando bruscamente na orla irregular do bosque, olharam para cima e viram, no topo da colina onde haviam acampado, a rainha das trevas postada em pé, imóvel como uma estátua.

Mab sorriu friamente e levou uma grande trompa de bronze aos lábios. Kelley teve de largar as rédeas do cavalo e tapar os ouvidos quando a rainha soprou três notas que fizeram a terra tremer, convocando a Caçada Selvagem para a guerra.

Herne e seus caçadores pareceram enlouquecer diante do horrível som da trompa, investindo contra o céu e brandindo espadas subitamente flamejantes. Algumas das copas das árvores se incendiaram quando eles passaram, projetando um brilho alaranjado nas nuvens mais baixas e tingindo os seres mágicos com uma luz lúgubre e enfurecida. O Caçador e seus outrora belos companheiros, as feições agora contorcidas em ódio, voltaram olhos malévolos para a aldeia humana que ficava ali perto, a Oeste – a aldeia que Kelley contemplara durante a noite.

Horrorizada, ela se virou, em desespero, para Sonny, que agarrou o cabresto da montaria de Kelley no momento em que o cavalo começou a recuar, nervoso. Batendo os calcanhares nos flancos de sua montaria, ele girou os cavalos e levou Kelley para longe da Caçada o mais depressa que os corcéis conseguiam correr.

“Isso não pode estar acontecendo.” Kelley arquejou, sem fôlego, quando chegaram à floresta e ela freou o cavalo, forçando Sonny a dar meia-volta com sua montaria para retornar para o lado de Kelley. “Eles não vão matar aqueles aldeões, vão? Sonny?”

Sonny não pôde responder.

“Ah, meu Deus...”, sussurrou Kelley, virando-se na sela para olhar através das árvores ao escutar, ecoando no vento, os primeiros gritos de seres humanos caçados.

“Mab transformou-os de um grupo de caça em uma hoste guerreira letal, sanguinária”, desabafou Sonny, com uma amargura evidente. “Despertando todas as noites com o surgir da lua para cavalgar com um único propósito: matar.”

“Mas... e depois disso?”, murmurou Kelley, suplicando por um vislumbre de esperança. “O que acontece *depois* disso? A história não pode simplesmente acabar aqui...”

“Não.” Sonny ficara muito pálido, e sua voz soava fraca e distante. Fitava, com o olhar desfocado, as nuvens deslizantes. “Os soberanos das Cortes do Reino Encantado serão, enfim, forçados a entrar em ação. Eles se reunirão e, em um dos raríssimos momentos de concordância entre os reinos do Verão e do Inverno, Auberon, o rei do Inverno, e Titânia, a rainha do Verão, juntarão forças e expulsarão Herne do céu, derrubando-o da garupa de seu temível cavalo.”

Com um brilho de suor na fronte, Sonny apontou para um céu subitamente repleto de matizes tempestuosos que se deslocavam – ali onde os últimos resquícios espectrais da visão que ele havia produzido oscilaram diante dos olhos de Kelley. Ela viu outra fenda se abrir entre os

mundos e um grande redemoinho de luz e som jorrar dali. Viu Herne ser derrubado do corcel e despencar lá de cima em direção ao solo, como um cometa em queda.

Sem o seu Cavaleiro, o Cavalo Ruão voltou a ser um simples *kelpie*. Uma ordem de Auberon bastou para que desaparecesse, deixando para trás apenas as joias negras reluzentes, que cintilaram brevemente como estrelas no céu noturno antes de desaparecer também.

“E Mab?”, indagou Kelley, com a garganta seca.

“Foi confinada por Auberon e Titânia nas próprias terras, onde ainda permanece”, murmurou Sonny. “Uma prisioneira em seu reino sombrio, até hoje.”

Kelley não achou essa ideia tão reconfortante assim, mas não havia tempo para mais perguntas. Sonny estava reclinado sobre o pescoço da montaria e parecia estar perigosamente prestes a escorregar da sela.

“Precisamos ir”, disse ele estendendo o braço, enganchando os dedos ao redor da rédea do cavalo dela.

Ele virou a montaria e liderou-os até um banco de neblina que se erguia por sobre o brejo.

As névoas rodopiantes cerraram-se ao redor deles, e Kelley sentiu o cavalo ficar cada vez mais rijo e se transformar no cavalo de madeira do carrossel que havia sido antes, o que parecia haver um longo tempo.

XXIII

A neblina se dispersou e o mundo antigo onde Herne vivera desapareceu de sua visão. As imagens se apagaram e, com elas, o vestido de princesa. Ela se viu montada novamente em um pônei pintado do carrossel, balançando suavemente para cima e para baixo até que a cavalgada chegou ao fim. Virou-se para o lado e viu que os olhos de Sonny estavam fechados, e sua pele adquirira uma palidez cinzenta.

“Deu certo?”, ela indagou.

Os olhos dele se abriram de supetão, e ele concentrou o olhar sobre ela.

“Sonny?”

“Deu. Sem o seu líder, o poder da Caçada se reduziu, lançada no caos e na confusão. Auberon e Titânia conseguiram, então, lançar um encanto que os deixou dormindo para sempre em um lugar que não é deste mundo nem do Outro.”

“E Herne?”

“Livre. Finalmente...”, redarguiu Sonny, com tristeza. “Mas, apesar de ter sido libertado do terrível encanto, ele ficou arrasado, espiritual e fisicamente. Desesperado pelos crimes que cometera como líder da Caçada Selvagem, ele se refugiou, embrenhando-se nas florestas. Depois de tanto tempo passado na companhia dos seres mágicos imortais, Herne descobriu que ele próprio não conseguia morrer. Com o tempo, no entanto, século após século, ele foi se apagando, até que não restasse mais do que uma sombra de sua antiga grandeza. E a Caçada ficou adormecida durante mil anos.”

“Qual é o problema, então?”, perguntou Kelley, embora tivesse a inquietante sensação de que já sabia a resposta.

“Graças ao pérfido encanto de Mab, eles só permanecerão adormecidos enquanto não tiverem um líder.”

“Certo...”

A sensação de inquietude se intensificou, chegando-lhe à boca do estômago.

“E eles só ficarão sem um líder enquanto o Cavallo Ruão continuar sem um cavaleiro.”

“Mas eu vi o Cavallo Ruão sumir nos ares”, protestou Kelley.

“Ele sumiu”, concordou Sonny, a cor voltando-lhe lentamente às faces enquanto ele saltava da sela. “O Cavallo Ruão foi destruído. Mas os talismãs que Mab usou para *criar* o Cavallo Ruão

ainda existem.”

“E... estão todos enredados no pelo de Lucky. É isso?”

“Sinto muito.”

Então Lucky traz má-sorte, afinal, pensou Kelley.

Sonny ajudou-a a descer da garupa do cavalo pintado, e ela percebeu que seus joelhos estavam trêmulos. Ele levou a mão ao ombro dela para ampará-la.

“Não é tão ruim assim, Kelley. Pelo menos por agora. O cavalo está a salvo enquanto estiver na sua banheira. A água é uma espécie de via de passagem. Se ele permanecer nela, não estará neste mundo nem no Outro. Portanto, enquanto ele ficar assim, mesmo que alguém *sopre* a trompa de guerra de Mab, a chamada à Caçada Selvagem não o afetará.”

“Quer dizer que eu vou precisar ficar com um cavalo mágico na minha banheira por toda a eternidade?”

“Não. Só até o fim das Nove Noites, até que os Portais para o Outro Mundo se fechem de novo. Depois disso, não haverá jeito de a Caçada Selvagem atravessar para cá, e poderemos tentar remover o encanto.”

“E se o impensável acontecer? Se ele sair dali de algum jeito e a magia puder ser ativada?”

“Então, se alguém soprar a trompa de guerra de Mab, Lucky se transformará no *Cavalo Ruão*”, respondeu Sonny, em voz baixa. “O Cavalo Ruão busca um Cavaleiro. Assim que ele encontrar um Cavaleiro, os Caçadores despertam. Quando os Caçadores despertarem, eles se precipitarão para o Portal na garupa de seus corcéis fantasmagóricos e começarão a matar. Eles são insaciáveis e não podem ser detidos. Toda esta cidade... todo o reino mortal correrá o risco de ser destruído.”

Imagens de um dos seus pesadelos recentes afluíram à mente de Kelley. Manhattan banhada em sangue e fogo; ela mesma fitando as mãos que agarravam, com os nós dos dedos brancos, os pelos emaranhados de uma crina ferosa...

Ela estremeceu e olhou para Sonny.

“Será, então, algum tipo de coincidência maluca que o Cavalo Ruão esteja na *minha* banheira? E que *eu* seja a filha de um dos reis das Cortes Mágicas?”

Sonny deu um sorriso irônico.

“Eu não sei. Mas não acredito em coincidências. Acho que as duas coisas estão ligadas. Porque estou bastante seguro de que, em virtude do fato de você *ser* filha do rei do Inverno, alguém deseja a sua morte. Acho que foi por isso que alguém enviou um Cão Negro atrás de você. Para liderar a Caçada Selvagem na perseguição a você, especificamente...” A expressão dele ficou sombria. “Junto com todas as outras presas que eles possam encontrar no caminho.”

Kelley fitou-o de olhos arregalados.

“Isso não é mais ou menos como caçar uma codorna com um canhão? Será que essas pessoas nunca ouviram a expressão ‘danos colaterais’?”

“Suponho que sim. Mas para alguém como Mab, por exemplo, os danos colaterais são a parte mais divertida. E ela tem *mesmo* ressentimentos contra o seu pai. Por ter sido confinada após o incidente com a Caçada Selvagem.”

Kelley cruzou os braços, percorrida por um súbito calafrio, e resmungou:

“Sei. Essa Mab parece ser um amor de pessoa. Mas ela continua confinada?”

“Continua. Dentro do próprio reino, um local sombrio chamado Terras Fronteiriças. Ela possui, porém, agentes externos, por meio dos quais ainda consegue realizar suas vontades.” Sonny fez uma careta. “Auberon desconfia que ela está tentando reviver a Caçada. Se ele estiver certo, ela provavelmente tentará fazer isso na noite de Samhain, quando o Portal estará aberto ao máximo.”

Kelley estremeceu.

“Não sei se você sabe, mas os nova-iorquinos festejam o Dia das Bruxas pra valer. Vai ter muita gente indo a festas e crianças indo de porta em porta pedindo doces nas ruas no dia 31 de outubro. Isso parece uma receita pra uma verdadeira catástrofe, em termos de danos colaterais.”

“Os Guardiões Janos estarão vigilantes nessa noite”, ele garantiu, estendendo a mão para apertar-lhe o ombro. “Assim como estivemos e estaremos em todas as outras das Nove Noites.”

“Ótimo.”

“Falando nisso, Kelley...” De repente, Sonny pareceu exausto. Quando ele virou o rosto para o Oeste, ela pôde ver o cansaço gravado nos traços e ângulos de seu rosto. “Está ficando tarde. Você precisa sair do parque. Por favor. Não discuta comigo desta vez. Vá. O sol logo se porá, e eu preciso trabalhar.”

Ele aprumou os ombros, como se esperasse que ela fosse resistir.

Kelley até que tentou, mas apenas porque estava preocupada com ele.

“Você não devia pegar mais leve? Quero dizer, você tenta esconder, tenta bancar o durão e tal, mas eu vi as bandagens. Você se machucou mesmo, não foi?”

“Não foi tão grave assim.”

“Uau. Você é um péssimo mentiroso.”

Sonny franziu o cenho para ela.

“Além disso, parece que você não dorme há uma semana.”

Ela deu um passo hesitante, aproximando-se, e levou a mão ao tórax dele, fitando-o bem dentro dos olhos cinza-prateados. Ele lhe cobriu a mão com a sua, e ela pôde sentir o ritmo do coração dele batendo sob sua palma, através da camisa e das bandagens.

“Estou bem.”

“Tem certeza?”

Com a outra mão, Sonny afastou uma mecha de cabelos castanho-avermelhados dos olhos dela.

“Tenho.”

Ele sorriu para ela, e ela se sentiu derreter por dentro. O rosto dele se alterou completamente quando ele sorriu. Era como o sol nascendo.

“Mas”, continuou ele, “vou ficar melhor ainda se você estiver segura em casa e eu não precisar me preocupar com você esta noite.”

“Posso tomar conta de mim mesma, Sonny Flannery”, ela replicou, em desafio, mas sem muita convicção.

“Por favor?”, insistiu ele, recorrendo novamente àquele sorriso luminoso.

“Eu... Tudo bem. “Ela sentiu os lábios se virarem para cima em um sorriso tímido, em retribuição. “Serei boazinha. *Desta vez.*”

“Esta é a minha garota.”

Kelley ficou em silêncio. Aquelas cinco palavras de Sonny a deixaram completamente sem fala.

XXIV

Aquela noite acabou sendo tranquila, pelos padrões dos Janos.

Quando Sonny deixou Kelley na saída do Central Park, na rua 72 Leste, as sombras haviam se tornado longas novamente, e ele foi trabalhar. Só teve de sacar a espada uma vez e conseguiu até *convencer* um bando de espíritos da floresta a voltar pela fenda de onde vieram sem que nenhum deles sequer jogasse uma pinha na cabeça dele.

Talvez tivessem sentido pena dele, pensou Sonny ao caminhar pela Quinta Avenida após o nascer do sol e ver o próprio reflexo em uma vitrine. Ele parecia mesmo péssimo. Estava completamente exaurido, os olhos cercados por sombras tão escuras quanto hematomas.

O céu clareava sobre Nova York; um novo dia se iniciava. Sonny sabia que deveria ir dormir, mas, em vez disso, rumou na direção do endereço que finalmente conseguira arrancar do relutante Maddox.

Só era possível ter acesso à plataforma da escada de emergência por duas janelas. Pela janela do banheiro, Sonny viu, de relance, o pelo avermelhado do cavalo – um rabo que balançava de um lado para o outro por um vão entre a parede e a cortina do chuveiro. Sonny ouviu um murmúrio suave e regular – o *kelpie* estava dormindo e roncando. O Jano pensou, por um momento, em fazer... alguma coisa... mas o animal estava a salvo por enquanto. E Sonny começara a deixar de lado qualquer pensamento de violência contra a criatura, para não magoar Kelley.

Kelley... A outra janela era dela. O vão entre as cortinas mostrava-a aninhada na cama, dormindo tranquilamente. Quando ela se mexeu, durante o sono, o pingente de âmbar prateado e verde deslizou pela corrente ao redor do pescoço, repousando no gracioso contorno da clavícula. Sob a luz fraca do quarto, o pequeno talismã parecia quase brilhar.

Sonny fechou os olhos e buscou Kelley com seus sentidos. Com ela adormecida, era mais fácil ler os sinais que ela emitia...

Lá estava ela, como pequenas fagulhas brilhantes na escuridão. Seu brilho explosivo era contido, Sonny não tinha dúvidas, pelo rastilho faiscante do talismã que levava ao pescoço. Ela estava quase completamente oculta.

Lançando-se das escadas de ferro para o solo, Sonny decidiu que não voltaria ao seu apartamento para dormir naquela manhã.

O Avalon Grande se revelou fácil de invadir, mas o fato de que a tarefa deixou Sonny levemente sem fôlego o intrigou. Com seu treinamento de Jano, não deveria ter precisado fazer nenhum esforço. Os ferimentos haviam dificultado a tarefa.

Você é apenas humano, pensou ele. Isso lhe deixou um gosto amargo na boca. Especialmente agora que sabia que Kelley não o era.

Qual delas realmente é Kelley?, perguntou-se. A atriz iniciante em um teatro caindo aos pedaços... ou aquela criatura resplandecente no beco – aquela que ele vislumbrara quando o véu que a mantinha oculta tombara?

Sonny estava quase certo de que Kelley não tinha a menor ideia do que ela era na verdade – do que ela poderia ser. Ele se perguntou o que aconteceria quando ela descobrisse – Será que ela mudaria? Será que se tornaria como aqueles seres mágicos que ele idolatrara quando criança? Sonny não sabia ao certo se queria que Kelley se tornasse como eles.

Havia sido difícil para ele viver no mundo dos mortais ao longo do último ano. Tudo parecia um tanto pobre aos seus olhos acostumados com o Outro Mundo. Mesmo assim, cada vez mais ele se surpreendia pensando que talvez o Reino Encantado – com todo o seu esplendor mágico e selvagem – não fosse exatamente o lugar glorioso de suas memórias de infância.

Pensou em Kelley vagando pelos corredores do brilhante palácio de seu pai. Imaginou como se tornaria; um ser perfeito, mas distante. Fria. Indiferente. Sem precisar de nada, mas, por esse mesmo motivo, sem sonhar com nada...

Ele afastou aquele pensamento e se escondeu no sombrio camarote superior, repousando os braços na madeira gasta do encosto do banco em frente ao dele e relaxando enquanto a equipe de palco da manhã começava a entrar. Kelley não chegara ainda – era muito cedo –, mas Sonny estava tomado pelo calor da expectativa. Não que fosse deixá-la saber que ele estava ali – finalmente entendera que Kelley poderia não gostar muito de que ele a vigiasse. Além disso, o ator no papel de Oberon tinha sido bem explícito em seus avisos para que se mantivesse a distância. Não que ele representasse alguma ameaça para um Jano, mas Sonny respeitava o desejo dele de defender Kelley. O camarote escuro fornecia o ângulo de visão ideal.

Além disso, era escuro e aquecido. Quando Sonny acordou, horas mais tarde, foi apenas porque Bob lhe cutucava o ombro com uma espada de madeira usada na peça. Sonny sentou-se, assustado, mas o velho *bucca* pôs um dedo nos lábios, pedindo silêncio.

“Ora, ora, matador de seres mágicos”, sussurrou Bob, com um sorriso zombeteiro estampado no rosto. “Achei que estaria aqui em cima...”

“Sete infernos...” Sonny olhou em volta, confuso, e esfregou a mão no rosto. Que belo guarda-costas ele era! “Ela sabe que estou aqui?”

“Não... mas se continuasse roncando do jeito que estava, ela acabaria descobrindo. Achei que você não ia querer isso. Ela se acha bastante autossuficiente. Você deve ter notado.”

“Ela não sabe o que está enfrentando.”

“E você, sabe?”

“Tenho algumas teorias, mas... você poderia me ajudar.”

“Não sou famoso por ser prestativo.”

Sonny escolheu suas palavras com cuidado.

“Acho que você é uma vítima da... Como é que se diz? Da má publicidade. Acho que você é muito mais prestativo do que deixa transparecer. Eu sei por que o *leprechaun* trancou você num pote, por exemplo.” Ele inclinou a cabeça na direção dos bastidores, onde podia sentir a presença de Kelley em seu camarim. “O talismã no pescoço de Kelley. O trifólio. É o que a esconde e a protege.”

Bob lançou a Sonny um olhar avaliador.

“Tecnicamente... é um trevo-de-quatro-folhas. Trifólios têm apenas três folhas. Mas os trevos-de-quatro-folhas...”

“Eu sei, eu sei”, murmurou Sonny, com impaciência. “Magia poderosa. Forte proteção. As folhas representam os Quatro Portais, as Quatro Festividades, as Quatro Cortes dos Seres Mágicos...”

“E também Esperança, Fé, Amor... e Sorte. É poderoso de qualquer maneira, mas *aquele* talismã em particular é excepcionalmente potente. Os bandidinhos verdes fazem um bom trabalho, admito.”

“Você o *furtou* de um *leprechaun*?”

“Sim. E, a despeito da opinião popular, sou um péssimo ladrão. Ele descobriu rapidamente que havia sido eu e estava esperando por mim quando voltei.”

“Você pagou caro por isso.”

“Você não faz *ideia*.” O rosto de Bob se franziu em agonia. Seus olhos brilhavam com um triste fogo verde. “Detesto mel. Não consigo suportar.”

“Por que fez aquilo, então?”

O mais notório *bucca* a fazer travessuras no mundo dos mortais ergueu o olhar para o teto abobadado. Quando voltou a falar, sua voz era quase inaudível.

“Eu me deixei cativar. Por uma mortal.”

“Quem?”, indagou Sonny, mas algo bem fundo dentro dele sussurrou-lhe que já sabia a resposta.

“A sua mãe, Sonny.”

Sonny teve a sensação de que todo o ar do teatro havia sido sugado para fora. O peito lhe doía.

“Minha...”

“A doce e adorável Emmaline Flannery...” Bob suspirou. “Cometi o erro de passar pela cidade dela uma segunda vez, não muito tempo depois de Auberon ter me enviado para buscar você...”

“Pra me raptar, você quer dizer.”

“Raptá-lo, sim.”

A conversa anterior de Sonny com Kelley voltou-lhe à mente.

Bob prosseguiu:

“Na época, não pensei muito naquilo. Você era só mais outro fedelho humano insignificante a ser levado do berço. Não que eu não tivesse feito isso uma dezena de vezes antes. Ou mais.” A

expressão no rosto do velho *bucca* tornou-se contemplativa, os olhos pálidos cheios de lembranças. “Mas, daquela vez... Bem, depois que cometi o erro de retornar lá, não consegui tirar dos ouvidos o som do choro da sua mãe. Bah... Como o mel, suponho.”

Nenhum dos dois riu da piada.

Bob suspirou.

“Aquilo me transtornou. Não conseguia fechar os olhos por medo de ver os dela... Belos olhos azuis, avermelhados por causa do choro.”

O *bucca* balançou a cabeça, memórias e arrependimento perpassando-lhe a face.

Sonny desviou o olhar. Percebeu, de repente, que tinha os punhos cerrados.

“Bem, o tempo... ou o equivalente disso no Reino Encantado... passa”, continuou Bob. “Você já tinha aprendido a andar quando Auberon entrou na floresta um dia e voltou trazendo uma princesinha para a Corte no dia seguinte. Uma herdeira. Não foi, porém, uma ocasião de júbilo como teria sido se, digamos, ela fosse filha de Titânia também.”

“Kelley. Quem é ela? Quem é a mãe dela?”

“Eu nunca soube.” Bob deu de ombros. “Nunca perguntei. Não é o tipo de coisa que se *pergunta* ao bom rei Auberon. Não se quiser manter a cabeça ligada ao pescoço.”

“Ele nunca disse quem era a mãe dela?”

“Pode ter sido uma reles ninfa dos bosques, até onde se sabe. Os namoricos de Auberon eram lendários na época, e por isso ele e Titânia viviam brigando...”

“Por que ele não manteve a bebê escondida, então?”, perguntou Sonny.

“Bem, esse é o problema da realeza dos seres mágicos, rapaz”, replicou Bob. “Eles não costumam passar despercebidos por muito tempo. E aquela criaturinha brilhava como uma estrela nova. Não teria ficado oculta... mesmo que Auberon tentasse.”

Sonny sabia, por experiência própria, que isso era verdade. A visão de Kelley, revelada em toda sua magnificência no beco, estava impressa na mente dele como a imagem que permanece na retina após um *flash* fotográfico.

“O que aconteceu, então? Como Kelley acabou escondida neste mundo?”

“Foi porque o rei da Corte do Inverno, em sua incomensurável sabedoria”, respondeu Bob, a voz carregada de sarcasmo, “escolheu-me para bancar a ama-seca da criaturinha. Como punição por algum tipo de malvadeza insignificante da minha parte, sem dúvida. Auberon não é conhecido por sua grande capacidade de afeição... paternal ou de qualquer outro tipo. E ele parecia bem satisfeito em dedicar o pouco que *tinha* a você.”

“Por quê?” Sonny sempre se perguntara isso. Contudo, jamais fizera a pergunta em voz alta antes. “Por que eu?”

O *bucca* deu de ombros.

“Quem sabe? Capricho? A novidade de criar um filho que não fosse herdeiro? E você era um bichinho de estimação divertido, destemido, teimoso. Ele o mimava. Enquanto isso, a verdadeira filha ficava trancada no quarto... chorando no berço, noite após noite, sozinha.”

“Você teve pena dela.”

“Bah! Eu falei que já tinha ficado mole como pudim àquela altura!” O rosto de Bob se contorceu em uma expressão de náusea. “Aquilo quase me levou à loucura. Aquela choradeira

toda, a bebê berrando nos meus ouvidos, a mãe uivando na minha cabeça... As duas coisas pareceram se somar e subitamente fazer sentido.”

“E aí você ajudou a minha mãe a raptar a herdeira da Corte do Inverno bem debaixo do nariz do rei das fadas.” Sonny sabia que estava fitando o *bucca* com o queixo caído, mas àquela altura não conseguia evitar. “Por todos os deuses, isso foi uma loucura *total*, e das mais corajosas!”

“Eu teria tentado levar você também, mas, como falei, Auberon raramente tirava os olhos de você. Então, em vez disso, roubei um talismã de um *leprechaun*, agarrei a sua mãe e introduzi-a diretamente no quarto de Kelley no palácio. Um quarto grande e frio, cheio de objetos pontiagudos e sem sequer um chocalhinho de bebê à vista. Emmaline viu aquela triste princesinha e seu coração começou a se curar ali mesmo. Pendurei o talismã de trevo no pescoço da bebê pra encobrir o brilho dela, e assim foi. Fugimos!”

Sonny só podia fitá-lo de boca aberta; a extrema audácia da ação toda o abismava.

“Foi mais fácil do que imaginei que seria.” Bob sorriu com amargura. “Pelo menos, a princípio. Entramos, saímos, escapamos... até que Auberon ficou sabendo. Lá foi ele selando os Portais um por um... Bang! Bang! Bang!... enquanto corríamos. Consegui passar aos tropeções pelo Portal de Beltane, bem na Irlanda, por onde havíamos entrado, e, quando olhei pra trás, vi Emmaline e a criança presas entre os mundos. Só o que podiam fazer era saltar pela única fenda que restara no Portal de Samhain.”

“Cem anos mais tarde e a um oceano de distância de casa”, murmurou Sonny, compreendendo.

“Sim, e foi *isso* que atrapalhou o feitiço de Auberon. Foi como enfiar o pé numa porta que se fecha, entortando as dobradiças do Portal, imagino. Lá estava eu, incapaz de fazer qualquer coisa, preso no passado e me defendendo de um *leprechaun* furioso.” Bob balançou uma mão no ar. “Sem sucesso. Esse é o resumo da história.”

“E Auberon nunca tentou encontrar minha mãe nem a filha dele.”

“Ah, ele teve tudo quanto é tipo de chilique, ouvi dizer. Assinou decretos. Cabeças rolaram. Blá-blá-blá. Interpretou bem o papel de pai enlutado, considerando que nunca dera à pobre criaturinha uma gota de atenção enquanto ela vivera em sua casa. A questão não era a menina, entenda... Era só o orgulho ferido dele. E, infelizmente, isso também lhe deu uma desculpa conveniente pra passar a governar os seres mágicos com mãos de ferro.”

Sonny não podia negar que Bob tinha razão a esse respeito.

Bob suspirou.

“Bem, é a última vez que dou uma de sentimental.”

“E, no entanto, notei que você ainda *está* cuidando do bem-estar de uma certa princesa.”

“Como você sabe, a liderança das Cortes dos Seres Mágicos é transmitida somente pela linhagem sanguínea direta.” Bob lançou um olhar astuto a Sonny. “Quem sabe... A nossa garotinha pode, um dia, arrancar o trono do Inverno de debaixo do traseiro gelado do pai. E eu assumiria alegremente o papel de braço direito da nova rainha da Corte do Inverno, se me oferecessem.”

A mente de Sonny girava velozmente com as implicações do relato de Bob.

“Adoro esta cena...”, murmurou o *bucca*, inclinando-se sobre o banco para observar o palco, os olhos faiscando, divertidos. “Lembro-me da primeira vez que vi encenarem isso... O velho Willie fez ele mesmo o papel de Bottom. Ele não perdia uma deixa.”

Abaixo, no palco, os “trabalhadores braçais” encenavam a “peça dentro da peça”. Era uma história tragicômica sobre dois amantes, Píramo e Tisbe, separados por suas famílias cruéis, contrárias à sua união, e que se viram forçados a sussurrar sua devoção um ao outro pela fenda na parede que separava suas casas. A cena era para ser engraçada, mas Sonny sentiu-se estranhamente afetado pela angústia dos amantes.

A “peça” terminava com a longa e intencionalmente hilária cena da morte de Bottom, que se debatia no palco como um peixe fora d’água, com uma espada falsa de borracha flexível enfiada embaixo de um dos braços. Nesse instante, todos os atores ficaram paralisados onde estavam.

Por um breve momento, Sonny pensou que isso era parte da apresentação. Então, ouviu Bob sussurrar ao lado dele:

“Ai, *merda*.”

A temperatura despencou subitamente até o ponto de congelamento. O teatro ecoava com sons trovejantes como os de uma geleira se partindo. As portas duplas ao fundo do palco se abriram de supetão, e uma luz fria e maligna se projetou da soleira. Puck fez um sinal no ar com os dedos de uma das mãos e agarrou a nuca de Sonny com a outra. Sonny percebeu que Bob havia lançado um véu poderoso – poderoso o bastante para ocultá-los dos sentidos do rei da Corte do Inverno.

“O que está fazendo?”, murmurou Sonny. “Sou um Jano. Não há motivo pra me esconder do meu rei.”

“Ah, é mesmo?”, sussurrou Bob de volta. “Por algum motivo, tenho a impressão de que o seu rei diria que você anda em má companhia. Eu raptei a filha dele, lembra? Acho também que ele não apreciaria o fato de você ainda não ter lhe contado sobre a sua descoberta.”

“Eu ia contar!”

“Quando?”

“Depois que Kelley tivesse tempo pra se acostumar com a ideia”, respondeu Sonny, embora não tivesse bem certeza de que acreditava na própria afirmação.

Por que ele *não* contara logo a Auberon?

“Bem, isso não importa agora...” Bob espiou pela grade do camarote. “Acho que ela está prestes a se encontrar cara a cara com o pai, quer ela tenha se acostumado com a ideia, quer não.”

No palco abaixo, todos os atores, os membros da equipe e o diretor permaneciam paralisados como estátuas em um jardim. Auberon andou entre eles como um predador, examinando-lhes os rostos. Lançou um olhar em direção aos camarotes.

O feitiço de Bob resistiu. O rei se virou e continuou andando, indo na direção dos camarins e de Kelley.

XXV

Kelley não ficava chateada por ainda ter de ajudar nas tarefas de bastidores, embora agora estivesse desempenhando um dos principais papéis na peça. Ela era hábil em trabalhos manuais. Cantarolando, ligou a pistola de cola e começou a colar a pele falsa que cobria a orelha esquerda da cabeça de burro de Bottom, que ficava caindo a toda hora no rosto dela sempre que eles contracenavam.

A onda de ar gelado a atingiu como uma agressão física.

“Olá, Kelley.” A voz era grave, com um leve estalido sibilante. “Sou Auberon, rei da Corte do Inverno do Reino Encantado. Além disso, sou seu pai.”

Kelley sentiu uma pontada de medo atingir-lhe o estômago e ordenou às mãos que não tremessem. Até certo ponto, estivera esperando por aquilo. Ergueu os olhos do trabalho que fazia.

“Meu pai era médico.”

O rei do Inverno deu uma risada.

“Alguém que curava os doentes. Que nobre! *Você* não fica doente. Não precisa dessas criaturas. E *eu* sou o seu pai. Ninguém senão eu.”

“Meu *pai* era médico”, ela repetiu. Os nódulos de seus dedos ficaram brancos sobre a pistola de cola, enquanto ela a apertava para pingar uma gota de adesivo derretido na base da orelha. “Quando eu tinha quatro anos, ele me ensinou a fazer um curativo pra colocar no joelho quando eu o esfolasse. Depois, a minha mãe me mostrou como tirar o curativo sem que doesse. O que você já fez por mim? *Eles* eram os meus pais e me amavam. Como você ousa dizer que não eram?”

Auberon avançou um passo, entrando no camarim, e Kelley sentiu o trevo-de-quatro-folhas em seu pescoço faiscar e se aquecer.

Encarou o rei com ódio.

“Agora que sou, bem, quase adulta, você aparece de repente, como numa nuvem de fumaça, e quer reivindicar algum tipo de direito de paternidade sobre mim? O Pai Relapso vindo do Reino Encantado? Tenha dó!” Ela olhou para o teto. “Eu não conheço você. Nem quero conhecer. Você pode ter sido o responsável pelo meu nascimento, mas com certeza não tem nada a ver com o que me tornei. Planejo manter as coisas como estão.”

Para a sua surpresa, Auberon sorriu.

“Acho que é uma ideia excelente”, replicou ele. “E gostaria de ajudá-la nisso. Se não se importa.”

Kelley largou a pistola de cola e encarou o rei do Inverno.

“Perdão, mas...”

Ele a interrompeu:

“Exatamente, você deveria pedir perdão”, disparou ele, com uma inflexão nada sutil de ameaça na voz. “Se não fosse minha filha.”

Kelley pestanejou e baixou os olhos para a cabeça peluda em seu colo. Os olhos sem vida pareceram retribuir-lhe o olhar, cheios de cautela.

“Kelley...”, murmurou o rei, suavizando o tom. “Você sabe que está em grande perigo pelo simples fato de ser minha filha, não sabe?”

“E de onde vem esse perigo, exatamente?”

Auberon estendeu as mãos diante de si.

“Existem aqueles que querem usá-la... prejudicá-la... por causa do que você é. Quando a tiraram de mim, eu fiquei muito triste. Fiquei... furioso. Mas, com o tempo, encarei esse rapto como uma bênção disfarçada. Sempre tentei governar o meu povo com justiça, mas as Cortes do Reino são rebeldes e extremamente perigosas. Enquanto você permanecer oculta no mundo mortal, você está a salvo.”

“Você me encontrou.”

“Eu a encontrei quase por acaso. E só porque Sonny Flannery a encontrou primeiro. Mas você está certa. Há outros que podem se mostrar tão espertos quanto eu. E isso a coloca em grave perigo, minha filha. Você precisa permanecer oculta. Para o seu próprio bem, se não para o meu.”

“E se eu decidir me arriscar?”, perguntou Kelley. “Aceitar o meu legado, seja ele qual for?”

“Então, provavelmente, você perecerá”, respondeu o rei do Inverno, em voz baixa. “Eu lhe proponho um acordo. Eu me encarregarei de garantir que você continue vivendo a sua vida... a vida que construiu para si mesma. Posso transformá-la em mortal, se me deixar.”

Kelley ficou indignada.

“Você quer me privar dos meus direitos de herança?” Quase tudo o que ela aprendera a respeito do Reino Encantado naqueles últimos dias servira para deixá-la apavorada. O Outro Mundo parecia um lugar cheio de traições e perigos. No entanto, ela precisava admitir que, apesar de seus temores, uma minúscula parte dela se lembrava de quão maravilhosa havia sido a cavalgada com os seres mágicos que acompanhavam Herne nas caçadas. O vestido de seda e as joias, a cavalgada pelo céu com seres divinos tão belos que pareciam feitos com a luz das estrelas, rindo... Kelley fechou os olhos e afastou os pensamentos sedutores. Não. Ela estava certa de que não queria se tornar uma princesa do Reino Encantado, mas não deixaria Auberon saber disso. “Você quer me tornar “normal”? De que modo esse acordo poderia me favorecer? E em troca do quê? Não quero nada do que é seu. Nada.”

“Nem mesmo certo membro da minha Guarda de Janos?”

“Deixe Sonny fora disso! Ele não é seu pra que você possa dá-lo a mim.”

“Talvez não...” Com elegância, Auberon afundou em um sofá diante da cadeira dela e fitou-a. “Mas me conte. Como ele a vê agora?”

“Do que você está falando?”

“Agora que ele sabe. Que ele sabe *o que* você é.”

Kelley engoliu em seco para desfazer um nó que, de súbito, formara-se em sua garganta.

“Ah, minha querida jovem”, murmurou Auberon, com o gelo em sua voz subitamente se derretendo. Ela chegou a imaginar ter ouvido uma verdadeira preocupação nas palavras dele, “eu criei Sonny. Cuidei dele desde que ele era pequeno. Sei o que ele acha de mim e do meu povo. Ele nos respeita e, de fato, uma pequena e secreta parte dele sacrificaria quase tudo pela oportunidade de se *tornar* um de nós, mas ele não é capaz de nos amar.”

“Sonny não tem medo de vocês.”

“Não, não tem mesmo”, concordou o rei. “Na verdade, ele passou a maior parte de sua vida aprendendo a matar os meus semelhantes. Os *nossos* semelhantes. Ele é muito bom nisso.”

“Bem, esse é o maravilhoso legado que você lhe deixou, não é?” Kelley se recusava a desviar os olhos. Fitava-o olhos nos olhos, a fúria de suas emoções fazendo-lhe as mãos tremerem. “Bela maneira de criar o menino que você raptou.”

Auberon se levantou, os trajes luxuosos caindo em majestosas dobras ao seu redor.

“Não quero brigar com você, Kelley. Só lhe contei isso para poupá-la de maiores sofrimentos. Sonny Flannery jamais amará uma rainha das Cortes Mágicas. Ele não tem como mudar a própria natureza e, se você continuar sendo o que é, ele começará a se ressentir disso. É inevitável. Se você conservar os seus direitos de herança, minha querida jovem, você o perderá. Talvez não a princípio, nem de um dia para o outro, mas acabará por perdê-lo. Eu, no entanto, posso fazer com que você nunca precise ver a frieza se insinuar no olhar dele.”

“Saia daqui.”

“Pense nas minhas palavras.” Auberon se virou para sair, mas hesitou. “Você tem os olhos da sua mãe...”

“Saia daqui”, repetiu Kelley entre dentes cerrados, fechando os olhos ao lhe dar as costas. Quando os abriu outra vez, estava sozinha no camarim: trêmula, com uma poça pegajosa de cola quente acumulada sobre a mesa de maquiagem diante dela.

#

“Kelley?” Sonny apareceu na porta do camarim. “Você está bem? Ele não... fez nada contra você, fez?”

Sonny...

Kelley *vira* como Sonny havia reagido a ela no beco. Naqueles breves momentos em que ela se sentira... estranha. Lembrava-se da expressão nos olhos dele e não conseguia, nem mesmo em sua imaginação, traduzir aquele olhar em uma expressão de amor. E se Auberon estivesse certo?

“Kelley?”

De repente, ela pensou no restante do elenco e da equipe. Se Auberon tinha estado no teatro...

Ela se precipitou na direção da porta.

“Está tudo bem com o pessoal?”

“Eles estão bem. Bob está lá agora pra verificar.”

“Ele é um deles, não é?” Ela bateu o amuleto junto ao pescoço, lembrando-se das palavras de Bob no dia anterior. “Bob...”

“Ele era chamado de ‘Robin’. Entre outros nomes.”

“Ah, meu Deus...”, sussurrou Kelley.

“Ele é, de certa forma, a razão pela qual você veio parar neste mundo. Na verdade... nós dois, ao que parece.”

“Não entendo”, ela declarou.

“Eu também não entendia, até ele me contar, agora há pouco. Emma, a sua tia, tinha um outro nome: Emmaline Flannery.”

“Flannery? Mas...” Kelley entendeu tudo. “Era você. Emma me raptou porque Auberon raptou você.”

“Como eu falei”, Sonny esboçou um sorriso, “as Parcas têm um estranho senso de humor.”

“Você se parece com ela”, comentou Kelley. “Agora que sei da história, posso ver os traços dela em você. Toda aquela teimosia irlandesa...”

Um brilho despontou nos olhos cinzentos de Sonny.

“Eu gostaria de conhecê-la.”

“Você a conhecerá.”

Sonny lançou um olhar em direção à janela alta.

“Está ficando tarde.”

“Como sempre...” Kelley suspirou. “Você vai ter de partir logo.”

Sonny assentiu com a cabeça, em silêncio, e ajudou Kelley a se levantar. Ele a fitou, depois lhe tomou o rosto entre as mãos. Virando-lhe levemente a cabeça, passou os dedos pelos cabelos dela, afastando as mechas castanho- avermelhadas que lhe caíam sobre as faces.

“Você tem as orelhas dele”, observou ele, passando a ponta do dedo sobre uma ponta afilada.

Kelley estremeceu.

“E os olhos da minha mãe, ao que parece.”

“Ele disse quem...”

“Não. E eu não perguntei.”

Sonny baixou as mãos, e eles ficaram ali, a poucos centímetros de distância, em um momento embaraçoso. De repente, ele passou os braços ao redor dela e deu-lhe um abraço hesitante.

Kelley sentiu o coração se encher de emoção.

“Preciso ir agora”, sussurrou ele junto aos cabelos dela. “Mas... por favor, tenha cuidado esta noite. Enquanto eu não puder estar lá pra proteger você. Tenha *cuidado*.”

XXVI

“Só preciso saber duas coisas”, rosnou o Lobo Fenris, andando de um lado para o outro na frente dos outros Janos. “Onde querem que eu fique, e como faço pra matar seja lá o que for que precisa ser morto?”

“Bem, esse é o problema, Fen”, Sonny tentou explicar. “As respostas às suas perguntas são: ‘não sabemos’ e ‘não sabemos’.”

O Lobo revirou os olhos e foi se empoleirar nas costas de um banco. Após o nascer do sol e uma noite bem-sucedida de caçada, os treze Janos haviam se encontrado, a pedido de Sonny, em uma área isolada do Central Park, na qual a Guarda conseguiria se reunir sem atrair a atenção da polícia, que poderia confundir o grupo com algum tipo de gangue.

“A esta altura, todos vocês foram informados da possibilidade de que alguém esteja tentando despertar a Caçada Selvagem, certo?” Sonny fitou o rosto de cada um. “A principal suspeita é, sem dúvida, a rainha Mab, embora uma visita que recebi de uma de suas Bruxas da Tempestade pareça indicar que talvez tenha sido um engano da parte de Mab soltar o *kelpie* neste mundo. Ou talvez o coração dela tenha se abrandado e ela tenha mudado de ideia.”

“Mab não tem coração”, murmurou o Fantasma.

“Bem lembrado”, concordou Aaneel. “Não consigo deixar de pensar que ela simplesmente riria e bateria os pés de felicidade se uma coisa dessas acontecesse.”

“Bem... seja qual for o jogo que ela estiver jogando”, ponderou Sonny, “temos mais peças no tabuleiro com que nos preocupar, além da rainha do ar e das trevas.”

“Com certeza. Conte a eles com quem nós trombamos, velho Sonn.”

Sonny respirou fundo.

“A criança raptada.”

Os Janos, eles mesmos raptados quando crianças, fitaram-no com olhares perplexos, como se ele houvesse repentinamente falado em uma língua incompreensível.

“A filha de Auberón”, explicou Sonny. “A princesa perdida. O motivo do fechamento dos Portais. O motivo da *nossa* existência. Sei onde ela está.”

“Quem é ela?”, perguntou Aaneel.

“Ela... tem dezessete anos”, respondeu Sonny. “É atriz. Gentil. Feliz. E até... bem, até o momento em que lhe contei... ela não tinha a menor ideia do que ela é. Muito menos de *quem*

ela é.”

“Como isso é possível?”, indagou Bellamy, alternando o olhar entre Sonny e Maddox. Ao lado dele, a irmã franzira a testa, fazendo uma carranca.

“Ela tem se mantido bem escondida com a ajuda de um poderoso talismã”, explicou Sonny.

“Auberon sabe disso?”, questionou Beni.

“Eu não contei a ele...”

“Não conte”, interrompeu Cait.

“Por que diabos não?”, ralhou o Lobo Fenris, os olhos pálidos furiosos.

Cait ignorou-o.

“Pobre menina! Se Auberon descobrir onde ela está, vai querê-la de volta. A Corte do Inverno é um lugar tão frio e sem alegria!”

“Cait tem razão, Sonny”, concordou Camina, a testa ainda franzida. Seus olhos demonstravam preocupação. “Não conte a ele.”

“Vocês duas enlouqueceram?”, perguntou o Lobo, puxando da bota uma adaga de lâmina fina e testando-lhe o fio com o polegar. “Com os diabos, é a filha do rei! A menos que todos vocês tenham se esquecido, nós servimos à vontade do rei.”

“Nunca tivemos muita escolha nessa questão”, retrucou Cait, as faces corando de emoção.

“Podemos não gostar muito, mas assim são as coisas”, replicou o Lobo, em tom de zombaria. “Servir ou morrer. Voto por deixar o desgraçado levá-la. Talvez isso dê fim a essa idiotice de guardar esse maldito Portal. E aí *nós* poderemos ir todos pra casa.”

“Casa, Fen?” Maddox investiu subitamente contra ele. “O que exatamente é isso? Onde fica? E quando? Nenhum de nós tem uma casa a não ser *isto*. O aqui e o agora. Nossas casas foram roubadas de nós.”

Ele se virou para fitar o resto da Guarda e continuou:

“Eu vi essa garota. Ela pertence a este mundo. Querem que o rei do Inverno a leve embora e a afaste de tudo o que ela conhece?” Voltou-se de novo ao Lobo Fenris. “Sinceramente, é esse o destino que deseja pra ela?”

Houve um murmúrio entre o círculo de Janos, e Fenris girou a faca na mão e devolveu-a à bota.

“Está bem, está bem”, aquiesceu ele. “Não era uma sugestão séria. Bando de gente choramingas...”

“Calado, Fen”, ordenou Godwyn, lançando um olhar de advertência ao Jano resmungão.

“Mas e quanto ao rei?”, indagou Selene. “Ele *vai* levar a filha de volta ao Reino Encantado, quer ela queira, quer não.”

“Ele não a levou ainda”, respondeu Maddox. “Auberon sabe onde ela está. Já foi ao teatro em que ela trabalha e falou com ela. Contudo, ela ainda está lá.”

“Por quê?”, estranhou Bellamy.

“Porque ele provavelmente quer que ela pense que foi ideia dela quando ela partir, afinal”, sugeriu Aaneel.

“Ela não vai a lugar nenhum!”, rosnou Sonny, surpreendendo a si mesmo com a veemência de sua reação. Percebeu que o único lugar onde não queria Kelley era no Outro Mundo. Não

queria que ela vivesse entre o Bom Povo, constantemente exposta à sua crueldade gratuita, seus caprichos e sua natureza egoísta. Sonny não queria que Kelley aprendesse como era ser como eles, que se tornasse um deles. Especialmente se *ele* ainda estivesse preso ao mundo mortal. Pois, ao contrário de Fenris, Sonny não estava tão convencido de que Auberón reabriria os Portais e permitiria a passagem livre entre os mundos se Kelley retornasse com ele. O rei do Inverno gostava demais do firme controle que vinha exercendo sobre os súditos desde o seu fechamento. Sonny respirou fundo. “Escutem... Auberón vai ter uma grande surpresa se acha que essa garota vai baixar a cabeça obedientemente e fazer tudo o que ele manda.”

Ao lado dele, Maddox riu.

“Com certeza.”

“Mesmo que ele ache que o que está fazendo é para o bem dela”, murmurou Sonny, quase para si mesmo.

“E por que seria?”, indagou Aaneel.

Sonny hesitou; era só uma teoria que ele vinha formulando, mas, como dissera à Kelley, ele não acreditava em coincidências.

“Não acho que seja só por acaso que estejamos sob a ameaça do despertar da Caçada Selvagem ao mesmo tempo em que a filha do rei faz uma reaparição súbita. A rainha Mab tem espiões neste reino. E guarda enorme rancor de Auberón. E se ela ficou sabendo, de algum modo, que Kelley está viva, que está morando em Nova York, mas não sabe exatamente onde? Qual é a maneira mais fácil de eliminar uma pessoa numa multidão?”

“Eliminar a multidão”, respondeu Beni, em tom grave. “Isso é bem cruel.”

“Pra não falar da sujeira que vai fazer”, concordou Bryan.

“Mab adora um bom banho de sangue de vez em quando. Ela não teve muita oportunidade de semear a destruição desde que Auberón a confinou. Agora existe uma oportunidade perfeita para um pouco de diversão e muita vingança.”

“Realmente, não é impossível”, admitiu Godwyn.

Fenris riu.

“Parece que a sua atrizinha é um poço de problemas, irlandês.”

“Talvez pudéssemos pôr alguém pra vigiá-la”, sugeriu Percival.

“Já vamos estar bem ocupados, do jeito que as coisas estão”, protestou Lobo. “Especialmente se essa ameaça da Caçada Selvagem se concretizar.”

“Mas nossa missão é proteger as pessoas”, replicou Percival, irritado. “Mantê-las a salvo. E nada disso é culpa dela.”

“Perry tem razão.” Aaneel coçou o queixo, depois se voltou para os outros Janos. Suas próximas palavras pesaram como ordens. “Como Guardiões, não valeremos nada se acabarmos sacrificando alguns pelo bem de muitos no cumprimento dos nossos deveres. A garota não tem culpa. Ela deve ser mantida a salvo, se for possível.”

Ele se voltou para Sonny e continuou:

“Esconda-a de novo, Sonny. E esconda-a bem.”

“Onde?”, questionou Sonny. “E como?”

Aaneel pensou a respeito por um longo momento. Os outros Janos aguardaram pacientemente que ele voltasse a falar.

“Leve-a para o Green. Ela ficará a salvo lá. Poderá se esconder até que a ameaça da Caçada tenha passado, e então ficará a cargo dela decidir se quer ir com Auberon. E, se ela não quiser ir, pelo menos teremos tempo de descobrir um jeito de mantê-la escondida permanentemente.”

Sonny franziu o cenho, mas assentiu com a cabeça. Aaneel estava certo.

“Vou precisar pagar pela travessia.”

“Posso arranjar pra você”, ofereceu Cait de imediato. Ela abriu a aba superior da bolsa e remexeu lá dentro. “Tenho o bastante pra pagar pra duas pessoas. Eu mesma ia pra lá no meu próximo aniversário, mas, na verdade, não me diverti muito da última vez que estive lá.”

“Por que não?”, perguntou Maddox. “Eu nunca fui, mas ouvi dizer que é fantástico.”

Ao lado de Cait, Selene riu.

“Um dos garçons lá é um gnomo de jardim afetuoso demais. Não deixava Cait em paz.”

“Aquele verme”, resmungou Cait, corando.

“Ele ficava tentando espiar por baixo da saia dela e lambe-lhe os tornozelos!”

“Bem, de qualquer forma...” Cait lançou um olhar zangado à Selene, entregando a Sonny um saquinho de camurça vermelha tilintando com o som de moedas. “Aqui está.”

“Obrigado, Cait”, agradeceu Sonny.

“Por nada.” Ela sorriu. “Mas me faça um favor. Se, enquanto estiver por lá, vir um gnomo de barrete laranja carregando uma bandeja de bebidas, passe uma rasteira nele.”

“Tudo bem, mas só porque foi você quem pediu.”

#

De volta ao seu apartamento, Sonny dormiu por várias horas, um sono inquieto, forçando-se a ficar na cama por tempo suficiente para relaxar os músculos cansados. Ao se levantar, tomou um longo banho quente de chuveiro, e ao sair encontrou uma surpresa esperando por ele. Viu hora e lugar escritos no espelho embaçado do banheiro – instruções de Mab sobre quando e onde ele teria de entregar Lucky às lacaias dela, as Bruxas da Tempestade. Depois de limpar o espelho, Sonny fez a barba e trocou de camisa três vezes, tentando achar algo que – para ser sincero consigo mesmo – Kelley gostasse. Em seguida, saiu para encontrar sua voluntariosa princesa do Inverno.

XXVII

Alguém bateu à porta.

“Só um segundinho...”, gritou Kelley, largando a velha escova de cabelos que estava usando, sem muito sucesso, para desembaraçar a crina de Lucky.

O cavalo mágico roçou o focinho na mão dela, e ela o afagou.

Ouviu-se outra batida, desta vez mais insistente.

Kelley se levantou e andou até a porta.

“Tyff?”

Kelley abriu a porta e viu que não era Tyff.

O maior buquê de rosas que ela já vira tapava o rosto da pessoa que aguardava ali, segurando-o. Quando o buquê abaixou um pouco, Kelley viu os olhos de Sonny por sobre as rosas cor de pêssego.

Ficou encantada e, ao mesmo tempo, horrorizada. Como não estava esperando visitas, Kelley usava calças de ioga e um abrigo desbotado com capuz. Estava também coberta de pelos vermelhos da crina do cavalo e de açúcar do cereal Lucky Charms. Com um grito, ela pulou para trás da porta.

“Sonny! O que você está fazendo aqui?!”

“Vim ver você.”

“Você não pode!”

“Você aprendeu a arte da invisibilidade?”

“O quê? Não!” Ela pestanejou, permanecendo atrás da porta. “Quer dizer que eu poderia aprender?”

“Provavelmente.”

“Nossa...”

“Posso entrar?”

“Não! Estou toda desarrumada! Quer dizer, o apartamento está desarrumado.”

Ela olhou para trás e viu o apartamento impecável. Percebeu o sorriso na voz de Sonny quando ele insistiu:

“Na minha opinião, ‘o apartamento’ está absolutamente maravilhoso.” Ele enfiou as flores pela fresta entreaberta. “Posso entrar?”

“Tudo bem”, ela respondeu.

Entregando os pontos, Kelley apanhou o buquê da mão dele.

Ele a seguiu por alguns passos quando Kelley entrou na cozinha, mas parou quando um relincho agudo veio do banheiro.

“Isso é...?”

“O único cavalo que atualmente mora no meu apartamento?”, ela completou, enchendo um vaso com água. “É, é ele mesmo. Vá dizer ‘alô’ pra ele. Só, sabe como é... cuidado com as presas salientes e os olhos que emitem raios fulminantes.”

“Como é que é?!”

“Estou brincando.” Ela riu. “Vá. Ele é *inofensivo*. Você vai ver.”

Sonny sacudiu a cabeça.

“Você está se esquecendo de que, no meu ramo de trabalho, presas salientes e olhos que emitem raios fulminantes não são necessariamente incomuns.”

Enquanto ele entrava, com cautela, no banheiro, Kelley cortou as pontas dos talos e arrumou as rosas; eram mais de duas dúzias. Levou-as para a sala de estar, depositando o vaso sobre a mesinha de centro, e sentou-se no sofá. A seguir, tirou o elástico que lhe prendia os cabelos e passou os dedos por eles. Ouvia o som de água correndo na pia do banheiro. Em seguida, Sonny apareceu na sala, secando as mãos em uma toalhinha.

“Ele espirrou em você, não foi?”, ela perguntou.

“Foi. Espirrou mesmo.”

Kelley tentou ficar séria.

“Mas eu também notei que ele *não* tentou arrancar a carne dos seus ossos.”

“Eu quase preferiria que ele tivesse tentado”, replicou Sonny, aborrecido.

Kelley riu, remexendo no vaso.

“Elas são bonitas”, ela comentou, fracassando totalmente em dar à frase o tom casual que pretendia dar.

Ele deu de ombros.

“Depois do que você teve de passar nos últimos dias, eu achei que isso poderia...”

“Alegrar-me?”, ela concluiu, lembrando-se da primeira vez que os dois haviam se encontrado no parque. – Você vai desaparecer de novo antes que eu possa lhe agradecer?

“Não.”

“Obrigada.”

“Pelas flores? Ou por não ir embora?” Ele sorriu e sentou-se no braço do sofá. “Kelley... Preciso levar Lucky de volta para o Outro Mundo. Para a corte da rainha Mab.”

Kelley fitou-o, uma sensação gelada se espalhou pelo peito.

“Mab. Não é ela que provavelmente está causando todos esses problemas com Lucky, pra início de conversa? Não. Não vou devolver Lucky a ela.”

Kelley cruzou os braços, preparada para brigar.

Sonny ergueu a mão, tentando acalmá-la.

“Ela enviou uma de suas servas, uma Bruxa da Tempestade, pra falar comigo. Essa Bruxa falou que foi tudo um terrível engano. Que o animal... quer dizer, Lucky... jamais deveria ter

sido enviado a este mundo.”

“Essa Bruxa da Tempestade não pode estar mentindo?”

“Os seres mágicos não mentem. Eles podem não ser sempre os mais dispostos a falar a verdade, porém não mentem assim, abertamente. Kelley, eu sei quanto você gosta do Lucky.” Sonny se levantou do braço do sofá e foi sentar-se ao lado dela, segurando-lhe a mão entre as suas. “Mas ele não pode ficar na sua banheira pra sempre, não é? Se ele ficar, ele será um grave perigo para todo o reino mortal. Ele será destruído. Terá de ser. Senão ele se transformará no destruidor. Sei que você não deseja isso.”

“Eu só odeio a ideia de mandar Lucky de volta para aquele lugar...”

“Mab prometeu me conceder um desejo se eu o devolver, e o que pretendo pedir é que ele seja bem tratado e não seja submetido a nenhum outro feitiço.”

Kelley ergueu o rosto para fitar-lhe os olhos.

“Você faria isso? Considerando que você poderia pedir *qualquer coisa* a ela?”

Ele assentiu com a cabeça, e ela pôde ver nos olhos cinza que ele era sincero.

“Ele é importante pra você. Isso o torna importante pra mim.”

Kelley se levantou do sofá e foi até a porta do banheiro, apoiando-se no batente. Lucky sacudiu o rabo para ela e soprou uma bolha de sabão pelo nariz, em saudação. Ele aprendera a fazer aquilo quando lhe pediam e parecia se divertir muito com aquela habilidade. Kelley mordeu o lábio, tentando não chorar. Era uma bobagem. Sonny tinha razão. Ela não podia continuar a mantê-lo na banheira.

“Vou sentir falta dele, e não serei a única.” Kelley suspirou. “Tyff chegou a comprar uma montanha de caixas do cereal favorito dele.”

“Quem é Tyff?”, perguntou Sonny.

Antes de Kelley poder responder, a porta da frente se escancarou, e a sua colega de apartamento apareceu na porta, como se houvesse sido chamada. Assim que Sonny a viu, saltou do sofá e colocou-se em posição defensiva.

“Bruxa da Corte do Verão!”, gritou ele, adotando uma postura ameaçadora.

Os olhos de Tyff faiscaram como cometas. Seu belo rosto se contorceu em uma expressão de puro ódio.

“Matador de seres mágicos!, ela replicou.

“Se avançar mais um passo, você morre”, rosnou Sonny, interpondo-se entre Kelley e a porta. “Consigo ver por trás do seu véu, ninfa...”

“Não sou nenhuma reles ninfa, cão roubado!”, zombou Tyff. “Sou Tyffanwy do Lago, dama de companhia de Titânia, rainha do Verão! E você *não* vai querer se meter comigo!”

“Volte para o Outro Mundo e diga à Titânia que esta garota está sob minha proteção. Se vier atrás dela, você se arrependerá.”

Tyff pestanejou.

“Como é que é?”

“Ou é pra Mab que você trabalha de verdade, cadela?” A voz de Sonny soou grave e gutural. “A sua raça é volúvel nas alianças, eu sei. Bem, nem a rainha das trevas nem Titânia poderão tê-la. Kelley não é nenhum peão pra ser sacrificado nos seus joguinhos de poder!”

“Do que exatamente você está falando, seu lunático destrambelhado?”, guinchou Tyff.

“Pela minha honra de Guardião Jano, eu lhe digo que não deixarei que você toque num fio de cabelo dela!”

Kelley tentou desesperadamente intervir.

“Sonny, ela não é...”

“Tudo bem, Kelley, você está segura.”

“Pela sua honra de Guardião Jano?”, repetiu Tyff, sarcástica. “Ah, essa é boa! Janos não têm nenhuma honra. Se tivessem, você não estaria aí no meio do meu apartamento sem ter sido convidado!”

“Mentira. Este não é o seu apartamento...”

Kelley o interrompeu, quase gritando:

“É verdade! Este *é* o apartamento dela.” Kelley virou-se para a colega de apartamento. “E ele foi convidado. Eu o convidei. Tyff, entre e feche a porta. A senhora Madsen, a nossa vizinha, vai chamar a polícia se vocês dois não baixarem a voz!”

Os olhos de Sonny se estreitaram.

“Kelley, ela é mais perigosa do que você imagina...”

“Ah, pare com isso, mortalzinho.” Tyff avançou para dentro do apartamento e bateu a porta atrás de si. “Você sabe o que eu sou e sabe perfeitamente bem que não sou capaz de mentir. Por que diabos eu ia *querer* causar algum mal a ela? Ela me paga um aluguel absurdamente alto!”

Sonny endireitou um pouco as costas, parecendo absolutamente confuso.

“O quê?”

“Ela é minha *colega de apartamento*. Espere um minuto... é *você* o maluco que está espreitando Kelley no parque?”

“Sim, quer dizer, não!”, protestou Sonny. “Eu não estou espreitando ninguém!”

“Por que diabos um dos lacaios de Auberón está tão interessado em uma garota mortal idiota?”

“Ei!”, protestou Kelley.

“Mortal?” O tom de Sonny passou a ser de escárnio. “Quer dizer que você ainda não sabe?”

“Sabe do quê?”, replicou Tyff.

“Todo esse tempo morando sob o mesmo teto e nunca ocorreu a Tyffanwy do Lago, dama de companhia de Titânia, a rainha do Verão, que a sua colega de apartamento, uma “garota mortal idiota”, é também a filha perdida de Auberón?”

Tyff ficou ali, olhando atônita para Kelley.

“Ferrou”, ela resmungou, afinal. “Quando Titânia souber disso, vai me matar.”

XXVIII

“Como é que você nunca suspeitou que houvesse algo ligeiramente diferente nela?”, perguntou Sonny.

“Olhe pra ela!”, replicou Tyff. “Ela é tão normal que chega a ser estranho. Sem querer ofender, Kell.”

“Ahn... Não me ofendi. Eu acho”, murmurou Kelley.

Sonny soltou um ruído de desdém. Aos seus olhos, Kelley era absolutamente adorável.

“Ela *está* oculta por um véu poderoso, admito. Um talismã de *leprechaun*...”

“Ora, não me diga, Sherlock!”, resmungou Tyff. “Agora eu consigo ver.”

“Eu imaginaria que um ser mágico tão poderoso quanto você seria capaz de descobrir por conta própria...”

Sonny se divertia bastante.

Tyff fitou o Jano com irritação.

“Obviamente, meus sentidos foram embotados por este mundo. Estou por fora de tudo já faz...” ela contou nos dedos “... quase mil e quinhentos anos, sabe como é!”

“Ah.” Sonny assentiu com a cabeça, sentindo-se quase solidário. “Eu me esqueci da história. Você foi... o quê? Banida, não foi?”

“Pode-se dizer que sim.” Tyff fez cara de aborrecida. “Mas não *era* pra ser permanente. Era pra me deixarem voltar. Depois de eu ter... ‘cumprido a minha sentença’. E aí, o que aconteceu? O *seu* chefe imbecil trancou todas as portas.”

“Você podia ter tentado voltar”, retrucou Sonny. “Tentado fugir numa das noites de Samhain.”

“E me arriscar a topar com um de *vocês*, seus maníacos sanguinários? Não, obrigada.”

“O que você fez pra ser banida, afinal?”, indagou Kelley, fascinada.

“Pergunte ao Sir Lancelot, aquele verme. Espere... Não, não faça isso.” Tyffanwy fez um gesto com uma das mãos bem cuidadas, descartando a questão. “Foi um lance complicado.”

“Ceeerto, *Tyffanwy*...” Kelley ergueu as mãos para o céu. “Tem alguém que eu conheça que seja apenas um ser humano normal, não esquisito, completamente ordinário e sem graça?”

“Tenho certeza de que um ou dois dos seus amigos atores são quase normais”, respondeu Tyff, em tom duvidoso.

“São atores”, objetou Kelley. “Eles não chegam nem *perto* de ser normais. E, de qualquer forma, um deles é o verdadeiro Puck. Aparentemente.”

“O quê?” As sobrancelhas de Tyff ergueram-se até a linha do cabelo. “O Goodfellow? Ah, que maravilha. Escute, mantenha aquele *bucca* miserável longe deste apartamento ou não me responsabilizo pelos meus atos.”

Sonny deu um sorriso maroto.

“O que foi, vocês tinham um encontro marcado e ele deu o cano?”

“Cale-se.” Tyff olhou feio para ele. “Afim, o que você está *fazendo* aqui?”

“Vim levar Kelley para um lugar seguro. E, depois disso, volto pra levar o *kelpie*.”

“Só por cima do meu formoso cadáver”, zombou Tyffanwy.

“Não vou fazer mal a ele. Mas tenho de devolvê-lo ao Outro Mundo.”

Ele contou a Tyffanwy sobre a Caçada Selvagem e viu a pele dela ficar da cor de porcelana.

“Bem, acho que se pode dizer que, na minha ausência, a busca pelo poder, as traições e as intrigas políticas bateram todos os recordes no Outro Mundo”, comentou Tyff, rígida de fúria. “Isso vai além de simples briguinhas.”

“Vai mesmo”, concordou Sonny. “Muito além.”

“Eu *odeio* as Cortes!”, ela bufou. “Por que elas não conseguem deixar de lado toda essa interferência homicida idiota?”

“Gostaria de saber”, respondeu Sonny, em tom simpático.

Ele a entendia muito bem. Sem dúvida, Tyffanwy experimentara o medo e o ódio do reino e do povo do rei *dele* da mesma maneira que ele havia sido ensinado a temer e a odiar a rainha dela. Sonny considerou isso por um momento e pensou que talvez, somente desta vez, eles pudessem pôr suas diferenças de lado e trabalhar como aliados. Quem sabe ela pudesse ajudá-lo.

Ou, o que era mais provável, ela pudesse ajudar Kelley.

Sonny sugeriu um plano.

#

“Você quer que eu faça o *quê*?”

“Só desembarace todos os talismãs da crina e do rabo de Lucky”, pediu Sonny.

Tyff cruzou os braços e alfinetou-o com um olhar gelado e cortante.

“Estão atados com nós de elfo. Faz alguma ideia de quanto tempo isso vai levar?”

“Tyff...”

“*Dias*, Jano. Tenho uma vida social a manter, você sabe. Tenho um encontro com um *embaixador*, e você quer que eu cancele pra ficar sozinha no apartamento penteando um cavalo.”

“Tyffanwy... por favor? Depois de levar Kelley a um lugar seguro e garantir proteção pra ela, não sei quanto tempo vou ter antes que caia a noite de Samhain.”

“Isso é daqui a três noites!”

“Vou levá-la ao Green, e a passagem do tempo lá é complicada. *Você* sabe disso...”

“Quantas dessas coisas malditas estão amarradas no bicho, afinal?”

Sonny pensou ter ouvido um tom de resignação na voz de Tyff, e resolveu insistir.

“Eu perguntei à Cait... uma das Guardiãs Janos... sobre o encantamento. Ela entende de magia e acha que deve haver nove vezes nove talismãs. Ou seja, oitenta e um ao todo. Estou com três deles, o que significa que devem restar setenta e oito nós.”

“Não dá pra arrancá-los simplesmente? Como aqueles que você encontrou no lago?”, perguntou Kelley.

“Imagino que Lucky reagiria mal a isso, não acha? Ele pode ser manso, mas um coice bem colocado desses cascos pode ser mortal.”

“E se os cortarmos fora?”

“Não dá.” O tom de Tyff era desanimador. “Porque isso seria trapaça. Certo, Jano?”

“Tyffanwy tem razão, Kelley. Magia como esta tende a reagir mal... de modo perigoso... se alguém tenta... bem, trapacear. Não há mesmo um meio mais rápido. Nossa única esperança é desatar todos os nós. O encantamento precisa ser desfeito por inteiro, ou há a possibilidade de ele continuar em vigor. Sonny voltou-se novamente para Tyff, que lhe lançou um olhar furioso.”

“Eu odeio você”, ela disse.

“E depois?”, indagou Kelley nervosamente, sentada no sofá, de onde ficara escutando em silêncio às negociações. “E se todos os talismãs forem removidos?”

Sonny olhou para ela.

“Aí não haverá mais nenhuma ameaça de ele se tornar o Cavalo Ruão da Caçada.”

Kelley mostrou-se cética.

“Ele vai voltar a ser um *kelpie* normal e comum.”

“Como eu falei pra você, não acho que Lucky seja muito normal no que se refere a *kelpies*.” Sonny sorriu para ela. “Na verdade, o seu Lucky é o monstro de temperamento mais doce que já encontrei. Acho que algo da sua natureza deve ter sido transmitido para ele quando você o salvou, Kelley.”

Kelley olhou para ele.

“Está me chamando de doce?”

“Talvez...”

“Ai, vão namorar num lugar privado, vocês dois”, resmungou Tyff, enojada.

Ela foi até o armário do banheiro e tirou de um cesto um pente de dentes largos e várias escovas, olhando para os enfeites reluzentes e potencialmente mortais de Lucky.

“Obrigada, Lady Tyffanwy”, disse Sonny com gratidão e respeito genuínos, e alívio inundando-lhe o peito.

Ele teria tempo o bastante. Kelley ficaria a salvo, ele devolveria Lucky ao Outro Mundo sem medo, e a Caçada Selvagem permaneceria adormecida.

“Odeio você, Sonny Flannery”, repetiu Tyffanwy.

“Apenas se lembre de manter os cascos dele molhados. Pelo menos até que todos os talismãs tenham sido desatados.”

“Odeio você.”

“Todos eles... os do rabo também. São setenta e oito ao todo. E eu volto assim que puder”, prometeu ele.

Sonny voltou-se para Kelley.

“Você deveria se preparar pra partir.”

Kelley pestanejou, surpresa.

“O quê? Pra onde?”

“Pra fora daqui”, respondeu ele. “Se você concordar.”

“Mas está quase na hora do pôr do sol. Você não está... você sabe... a serviço?”

“Eu estava curiosa a respeito disso também, Jano”, disse Tyff olhando para trás, enquanto se sentava ao lado da banheira, remexendo em um dos nós. “Afim, estamos no meio das Nove Noites. Não está um pouquinho ocupado demais pra encontros românticos?”

Ao lado dele, Kelley se empertigou e soltou um gritinho.

“Eu já falei. Vou levá-la ao Green”, respondeu Sonny. “Desse jeito, estarei dentro dos limites do Portal. Vou estar ‘a serviço’.”

“Não acredito que quer levá-la *para* o Central Park”, protestou Tyff. “Esta noite.”

“Ela estará segura comigo.”

“É o que você espera.”

Tyff lançou a Sonny um longo olhar avaliador e pareceu chegar a um veredito sobre ele.

“Kelley?”, Sonny dirigiu-se a ela, ignorando o olhar crítico de Tyff. “Por que não vai se vestir?”

“Vista algo bonito”, sugeriu Tyff, voltando-se de novo para Lucky. “Espere, esqueça. Você não tem nada bonito.”

Ela largou o pente.

“Eu empresto alguma coisa pra você.”

XXIX

“Tyff? Por que é que as *suas* orelhas não são... você sabe...?”, perguntou Kelley à colega de apartamento, enquanto esta lhe ajeitava os cabelos habilmente em uma graciosa cascata ondulada.

“Pela mesma razão pela qual nunca deixei ninguém me fotografar do pescoço pra cima”, resmungou Tyff com dificuldade, já que segurava um punhado de grampos de cabelo entre os lábios. “Porque estou tentando passar por mortal há um milênio e meio. Antigamente, eu só lançava um feitiço pra disfarçar, ou deixava os cabelos compridos soltos, mas aí eu finalmente encontrei um cirurgião plástico fantástico na Nona Avenida. Ele era um druida curandeiro nos velhos tempos, e é *muito* discreto. Ei, você quer que eu marque uma consulta pra você?”

“Ahn... Vou pensar sobre isso.” Kelley passou um dedo pela ponta da orelha. “Elas não são *tão* pontudas assim, são?”

“Não, querida, claro que não!”, garantiu-lhe Tyff. “Na verdade, em você até que é bonitinho.”

“Obrigada. Se é que é mesmo um elogio. E obrigada também por me emprestar o vestido.” O tecido caía-lhe muito bem, em talhe bem ajustado ao corpo desde as finas tiras nos ombros até os tornozelos. “Tem certeza de que não é um pouco chique demais?”

“Como assim? Você não quer ficar bonita para o seu encontro romântico?”

“Você acha mesmo que é um encontro romântico?”, questionou Kelley, notando o pânico em sua própria voz.

“Acho que ele está tentando levar você para um lugar seguro”, respondeu Tyff. “Acho sim.”
Está vendo? Não é um encontro romântico. Droga...

De qualquer modo... Ele a estava levando para um lugar seguro? Colocando-a sob algum tipo de vigilância... Kelley não estava muito certa sobre como se sentia a respeito disso.

“Você gosta dele?”, perguntou.

“Eu não chegaria a tanto.”

“E será que *eu* gosto dele?”

Tyff deu um sorriso torto.

“Você vai ter de descobrir *isso* sozinha, menina.”

Kelley suspirou.

“Tudo bem, mas, falando sério, isso *não é* um encontro romântico, então por que eu estou vestida como se fosse a um baile de gala?”

Tyff deu uma risada e prendeu o último grampo no penteado cuidadosamente desarrumado de Kelley.

“O Green é um pouco mais chique do que os botecos que você está acostumada a frequentar, Kell. Confie em mim. Uma roupitcha estilosa e cheia de brilho é como se fosse o uniforme de lá.”

Kelley virou de um lado para o outro diante do espelho. Os cristais cintilantes, em tons champanhe, refletiam a luz, mas o efeito era sutil. Tyff cobriu-lhe os ombros nus com um xale de seda e beliscou-lhe o braço de leve.

“Como estou?”

“Deslumbrante. Mas não pergunte pra *mim...*” Tyff deu um passo para o lado para que Kelley pudesse ver Sonny, que esperava pacientemente na sala de estar. “Pergunte pra ele.”

Sonny se voltou e seus olhos se arregalaram. O olhar dele dizia tudo. Se até então o que eles estavam planejando não era um encontro romântico, a partir daquele momento passara a ser.

#

“Como foi a noite passada?”, perguntou Kelley, enquanto Sonny lhe segurava o braço para atravessarem a Quinta Avenida na luz evanescente do fim de tarde. Ela havia falado sobre vários assuntos sem importância desde que saíram do apartamento, sobretudo para evitar ter de notar o fato de que Sonny quase não conseguia tirar os olhos dela. “Quero dizer, a vigilância do Portal...”

“Foi calma, de modo geral.” Ele deu de ombros. “Pra mim, pelo menos. Maddox e os outros fizeram quase todo o trabalho pesado. Ele ainda acha que eu preciso me recuperar.”

“E você, não acha?”, ela perguntou, arriscando um rápido olhar para o rosto dele.

Ele ainda está olhando pra mim. Talvez o vestido seja chique demais mesmo...

Sonny sorriu.

“Eu preciso de menos tempo pra me recuperar do que um mortal comum. Estou bem.”

“Mesmo? Então por que Maddox está preocupado?”

“Ele só está dando uma de tia velha comigo.”

“Você é amigo dele.”

Ela agarrou o braço dele com mais força, sentindo-se um pouco instável sobre os saltos altos de Tyff.

“Eu sei. Ainda assim, ele está bancando a tia velha.”

Ela o fitou outra vez.

“Você parece *mesmo* um pouco... abatido.”

“Eu... ahn.”

Sonny franziu o cenho e desviou os olhos.

“Tudo bem”, ela acalentou. “Você fica bem assim, com um jeito meio rústico.”

Havia dezenas de carruagens alinhadas junto à calçada no canto sudeste do Central Park. Algumas eram puxadas por pôneis esbeltos; outras, por grandes cavalos de carga. Sonny examinou todas, uma a uma, e fez sua escolha.

Tomando Kelley pela mão, dirigiu-se a uma pequena carruagem branca de quatro rodas, enfeitada com grinaldas de flores de seda violeta e cor-de-rosa. A cocheira era uma mulher alta, de ombros largos, com um brilho penetrante nos olhos azul-gelo. O cavalo era um animal orgulhoso, branco prateado, que conseguia transmitir uma impressão de dignidade, apesar das vistosas plumas fúcsia de avestruz que balançavam no cabresto e da tinta roxa brilhante nos cascos. Provavelmente, era um dos favoritos entre os turistas, pelo mero aspecto *kitsch*, pensou Kelley.

O cavalo moveu a cabeça grande e nobre, cutucando-a insistentemente com o focinho assim que ela chegou perto o bastante.

“Você parece ter jeito com cavalos”, sussurrou Sonny.

“Belrix gosta de você”, disse a cocheira à Kelley. “Não é com todo mundo que ele se dá bem.”

“Ele é bonito”, comentou Kelley, afagando-lhe a face peluda.

“Gostaríamos de contratar os serviços dele. E os seus, se estiver disponível”, disse Sonny à cocheira.

“Não tem aparecido muita gente querendo passear no parque nessas últimas noites”, ela observou, com uma expressão cuidadosamente impenetrável.

“Provavelmente por causa do clima incerto”, sugeriu Sonny, com polidez.

“É. Provavelmente... Hoje em dia, está difícil distinguir uma estação da outra.”

“É verdade. Pode nos levar à taverna?”, pediu Sonny.

“À Tavern on the Green?”

“Você sabe a qual delas me refiro.”

Kelley ficou confusa. Havia apenas *uma* Tavern on the Green. Era um dos lugares mais famosos de Nova York.

A cocheira, porém, assentiu com a cabeça, devagar.

“Eu sei. Vai lhe custar um pouco mais, se é mesmo para *lá* que deseja ir.”

“Eu pago”, respondeu Sonny, pegando uma bolsinha pequena, de camurça vermelha. Puxou o cordão e retirou várias moedas, que depositou na palma da mão da cocheira. “Pra nós dois.”

“Muito bem”, ela retrucou, e fez um gesto com o pequeno açoitador que segurava. “Subam, então.”

Sonny ajudou Kelley a subir na carruagem e depois pulou para dentro. A carruagem começou a se mover. O repicar rítmico dos cascos de Belrix ecoava sob as árvores ao atravessarem o parque, passando pelos locais mais conhecidos. A estrada que seguiam passaria pelo carrossel, que eles já podiam avistar ao longe.

Kelley observou:

“Você sabe que aquele carrossel é o quarto já instalado naquele local? Dois dos anteriores se incendiaram.”

A cocheira se virou para olhar para ela.

“Nas excursões com guia, sou eu que dou essas explicações, em geral, senhorita”, ela comentou, em tom divertido. “Está tentando roubar o meu emprego?”

Kelley sorriu.

“Não, minha senhora. É que eu apenas me lembrei de ter lido sobre o carrossel num folheto.”

A cocheira assentiu com a cabeça.

“Certo. O que se diz é que o carrossel original era movido por um cavalo e uma velha mula cega que andavam sobre um caminho circular que ficava numa caverna embaixo do carrossel. Na verdade, o velho Belrix aqui fica chateado quando eu falo no cavalo e na mula.” As orelhas do grande animal se reviraram. “Ele parece pensar que esse tipo de trabalho não é lá muito justo.”

Kelley estremeceu diante da ideia daqueles dois animais caminhando em um círculo infinito, um deles cego, liderado pelo outro, longe do sol, só para a diversão de outras criaturas.

“O carrossel que está lá agora foi encontrado desmontado em Coney Island”, continuou a cocheira. “Eles o trouxeram para cá e o reformaram. Foi uma sorte. O Central Park não seria o mesmo sem ele, na minha opinião.”

“É”, murmurou Kelley, a palavra “sorte” fazendo-a se lembrar de um cavalo de outro tipo: Lucky. “Uma sorte mesmo.”

De ambos os lados da carruagem, as paisagens do parque se descortinavam.

“Sabe”, sussurrou Kelley para Sonny, “eu era fascinada pelo parque logo que me mudei pra cá. Era como se eu fosse atraída por ele. Agora, acho que isso não é exatamente uma coincidência. Sabendo o que este lugar realmente é. E quem eu... realmente sou...”

“Bem”, respondeu ele, como se refletisse sobre a questão, “eu lhe disse que não acredito em coincidências. Apesar disso, acho também que você pode ter se sentido atraída pelo parque porque ele é atraente. Muita gente é atraída pelo parque. Pessoas que não são... como você. Só por causa do que você é não significa que tudo esteja predestinado pra você, Kelley. Vou fazer o possível pra ajudá-la a ter a vida que deseja.”

“Você diria isso mesmo se eu decidisse aceitar o legado de meu sangue?”, ela perguntou, em voz baixa, para que a cocheira não escutasse. “Se eu aceitar o manto de princesa do Reino Encantado?”

Um pequeno nó de pânico se formou na garganta de Kelley ao dizer aquelas palavras, e ela engoliu em seco. O carrossel a lembrara, mais uma vez, do que poderia acontecer se decidisse se juntar ao Bom Povo. Embora Kelley não pudesse negar que havia um atrativo insidioso e sedutor naquela ideia, ela a aterrorizava quase tanto quanto a excitava.

“Kelley”, Sonny a fitou bem dentro dos olhos e segurou-lhe a mão, “eu vou ajudá-la a ser o que você quiser ser. Prometo.”

O medo desapareceu, e ela ficou como se estivesse hipnotizada. Naquela noite, os cabelos dele caíam em ondas negras de ambos os lados do rosto, e Kelley não resistiu à tentação de afastar uma mecha desgarrada e prendê-la atrás da orelha. O olhar dele ficou mais intenso. Kelley nem conseguia mais respirar.

“Estamos quase chegando”, anunciou a coqueira; com relutância, eles interromperam a troca de olhares.

Kelley pensou ter ouvido um timbre estranho, quase desumano na voz da mulher. Belrix acelerou as passadas até trotar.

Kelley se sentou mais ereta e olhou ao redor. O parque parecia familiar e estranho ao mesmo tempo.

“Para *onde* exatamente estamos indo?”

Sonny sorriu para ela.

“Já lhe falei. Estou levando você para um lugar seguro.”

“E você não tem de... ahn... trabalhar esta noite?”

“Esta noite você é o meu trabalho.”

“Ah...”

Ela não gostava muito da ideia de ser algum tipo de tarefa.

Sonny pareceu estranhar-lhe o tom de voz.

“Qual é o problema?”

“Nada. Só achei que... deixe pra lá. Acho que ser uma princesa significa que eu preciso ter um guarda-costas, né?”

“Algo do tipo. Todos os Janos concordaram que você deveria ser protegida.”

“Entendo. Todos os Janos concordaram, é?”

Kelley se afastou um pouco de Sonny, cruzando os braços à frente do corpo com força.

“Eu falei algo errado?”, questionou Sonny, franzindo o cenho com ar preocupado.

“Não.” Ela suspirou. “Não... eu só estou tendo um pouco de dificuldade para me acostumar com toda essa preocupação comigo. Acho que é isso. Eu devia ter sabido que... esqueça. Pra onde *exatamente* nós estamos indo?”

Ele não respondera à pergunta da primeira vez que ela a fizera.

Sonny olhou para a estrada à sua frente.

“Para um lugar em que há outros que podem proteger você. Caso eu não esteja com você. Eu espero estar...”

“Por que diabos você não estaria?” Ela riu. “Você sempre está comigo. Mesmo quando lhe digo pra ir embora!”

Sonny segurou as duas mãos dela com apenas uma das suas. Ao sentir os longos dedos fortes entrelaçados aos seus, o coração dela disparou. Sonny tocou-lhe a face com a mão livre e ergueu-lhe o rosto.

“Por favor, fique comigo”, sussurrou Kelley, subitamente amedrontada.

“Acredite em mim, Kelley. Se eu não ficar... é porque já morri.” Ele lhe acariciou os cabelos, e ela pôde sentir-lhe o hálito quente junto à testa, como um beijo. “Porque qualquer um que quiser fazer mal a você terá de me matar primeiro.”

Essa não é uma ideia tão reconfortante quanto ele parece pensar.

Ela estremeceu, e Sonny enlaçou-a com o braço.

Kelley pensou nas palavras de Auberon em seu camarim. Que não era da natureza de Sonny amar o que ela talvez viesse a se tornar. O que quer que *isso* fosse. Na verdade, Kelley sabia muito

pouco sobre o mundo do qual era herdeira.

No instante em que ela pensava sobre isso, Belrix fez uma curva, parando em frente à Tavern on the Green, e Kelley percebeu que estava prestes a fazer muitas outras descobertas.

#

Kelley já tinha estado uma vez na famosa Tavern on the Green do Central Park. Na primeira semana depois que se mudara para Nova York, a tia Emma fora visitá-la – um acontecimento raro, pois esta odiava a cidade – e levara Kelley para jantar lá. No interior, havia um labirinto de salões espelhados, vitrais rococós, galhadas de cervos montadas em paredes revestidas de castanheira e murais com desenhos de contos de fadas. O salão de jantar principal era um gazebo de vidro decorado com festões e uma grande variedade de candelabros extravagantes de todas as cores e tamanhos, fragmentando a luz em diversos arco-íris que dançavam pelas paredes pintadas com castelos de nuvens e cavalos alados.

No pátio, todas as árvores eram adornadas por fios com luzinhas elétricas e lanternas de papel penduradas entre os arcos de ramos. Os arbustos que cercavam o jardim eram aparados em formas fantásticas – um cavalo rampante, uma sereia e até, com o característico senso de humor nova-iorquino, um enorme King Kong feito de folhas verdes. Tudo aquilo lhe parecera maravilhoso.

Naquele tempo, meses atrás.

Contudo, agora, naquela noite, Kelley sabia que algo infinitamente *mais* maravilhoso a aguardava. Para começar, não havia carros no estacionamento. Havia, no entanto, uma carruagem em estilo antigo, puxada por quatro cavalos, que parecia um objeto cênico de *Cinderela*, da Disney.

Sonny pulou da carruagem e estendeu a mão para que ela descesse sem se machucar ou danificar o vestido de Tyff. Kelley não estava acostumada a usar sapatos com saltos tão altos. Ele lhe ofereceu o braço, com um sorriso radiante, e Kelley segurou-o. Ela achou que talvez estivesse corando, por isso desviou o olhar, a tempo de notar que o porteiro de longo fraque e cartola verdes não usava calças. Ele não precisava – por baixo da barra do fraque, suas pernas eram cobertas de pele marrom e terminavam em delicados cascos fendidos ao meio, como os de um bode.

“Sr. Flannery!”, exclamou ele, em saudação. Kelley notou que ele ergueu uma sobrancelha para o Jano, uma pergunta silenciosa implícita em sua expressão. “Há muito tempo que não honra a casa de Herne com sua presença. E a dama...?”

“A dama é minha convidada. Quero que ela receba atenção especial. Ela é... importante para mim. Para todos nós, creio.”

“Então ela é bem-vinda aqui, naturalmente”, replicou o fauno, tirando a cartola para saudá-la.

Kelley se esforçou ao máximo para não ficar olhando para os pequenos chifres que se curvavam para trás junto às orelhas peludas. O diminuto e estranho porteiro fez um gesto para

que entrassem, e as portas da frente se escancararam à sua aproximação.

“Ele disse casa de *Herne*?”, sussurrou Kelley, enquanto eles subiam as escadas.

“Disse”, respondeu uma voz grave, vinda de baixo da entrada em arco. “Eu sou Herne. Bem-vindos à minha Tavern on the Green...”

Sonny fez uma profunda reverência diante da figura magnífica postada diante deles.

“Meu senhor.”

Kelley sentiu o queixo cair. Fez uma reverência também, dobrando os joelhos, e agradeceu silenciosamente pelo semestre de aulas de balé que tivera na escola de teatro. Herne estava exatamente como ela o vira na visão que Sonny lhe proporcionara – como um deus tirado de um velho livro de lendas celtas.

Herne – o Caçador – em pessoa.

XXX

Herne vestia uma túnica verde sem mangas que caía em pregas até o chão, presa sobre o tórax nu e musculoso com uma pesada corrente de ouro. Suas calças eram de couro escuro, com a bainha inacabada e esfarrapada sobre os pés descalços. Nos pulsos trazia grossos braceletes de ouro e, ao redor da garganta, havia um pesado torque do mesmo metal. Os cabelos escuros foram penteados para trás e, de cada lado da cabeça, um par de chifres de cervo arqueava-se a partir de uma elaborada coroa que lhe cingia a testa. Os olhos faiscavam como o fogo em uma lareira quando ele os saudou.

Sonny não conseguia parar de olhar para a garota radiante ao lado dele, que se curvava graciosamente em uma reverência de respeito. Juntos, eles entraram na taverna de Herne.

Sonny puxou o Caçador de lado e falou-lhe em voz baixa, informando-o da verdadeira identidade de sua companheira, enquanto observava Kelley pelo canto dos olhos. O olhar dela vagava pelo aposento, seguindo as pessoas – as de aparência *normal* – que circulavam por lá. Eram insubstanciais, quase sombras – mulheres de salto alto carregando bolsas, e homens de terno e gravata, todos comiam e conversavam às mesas que estavam, ao mesmo tempo, claramente ocupadas por fadas com asas de folhas e meninas *selkies* de pele prateada com grandes olhos escuros, entre outros do Bom Povo em toda a sua infinita variedade.

“Eles estão mesmo aqui?”, ela sussurrou, apontando para a imagem nebulosa de um jovem casal que, pela aparência, achava-se na cidade a turismo.

“Quase”, respondeu ele. “Ou melhor, *nós* estamos quase *lá*. A taverna de Herne e a taverna do Central Park existem lado a lado, ocupando virtualmente o mesmo espaço... mas em mundos ligeiramente diferentes.”

“Estamos no Outro Mundo?”

“Não. Este é um lugar separado de qualquer outro mundo. Um tipo de refúgio seguro, criado por Herne, no qual os Seres Mágicos Perdidos – aqueles que fizeram a travessia e aqueles como Tyff, que ficaram aprisionados aqui ou que decidiram ficar quando os Portais foram selados – podem se reunir sem medo. Ainda fica no parque, mas é... bem... um tipo de território sagrado; acho que se pode chamar assim. Um santuário.”

“Ele quer dizer que os Janos não podem nos tocar aqui”, disse uma garota etérea que apareceu de súbito ao lado dele. Ela tinha a pele da cor de folhas novas e carregava no punho um

arco longo e fino. “Não podem nos matar aqui.”

“Ora, vamos, Carys.” A voz de Herne era gentil ao repreendê-la. Ele se interpôs entre eles. “Não aceito que desrespeite os meus convidados.”

“Não tive intenção de desrespeitar ninguém”, ela replicou, mas Sonny viu que era claro o que a caçadora mágica pensava dos Janos.

“Está tudo bem”, respondeu Kelley com firmeza, pondo-se do lado de Sonny e apoiando a mão sobre o braço dele. “Entendo que a profissão de Sonny não é exatamente a mais popular entre vocês. Também entendo que ele não seria o que é se não tivesse sido *raptado* do mundo dele pelo seu povo, em primeiro lugar. Mas, fazendo o trabalho dele, ele salvou a minha vida, e provavelmente a de outros, de uma criatura que, acredito, vocês chamam de Cão Negro.”

Os olhos de Carys se arregalaram um pouco, e a testa de Herne franziu-se de forma notável.

“Os Cães Negros atravessaram o Portal?”, ele indagou.

Sonny pigarreou.

“Só um, meu senhor, até onde eu saiba.”

“Um arauto da destruição...”, murmurou o Caçador.

“Espero que não. Os Janos estão tentando impedir que cheguemos a isso. Mas Auberon parece achar que alguém... talvez a própria rainha Mab... está tentando despertar os seus antigos companheiros, meu senhor.”

“Com que propósito?”

O olhar de Sonny transferiu-se para onde Kelley estava, ao seu lado.

“O Cão estava seguindo Kelley. Creio que seja *ela* a presa escolhida.”

“Então ela corre grande perigo”, concluiu Herne. “E ela não é a única. A Caçada Selvagem não se saciará com uma única presa. O mundo desta moça... e ela mesma... estão sob um perigo medonho.”

“Foi por isso que eu a trouxe aqui.”

“Cuidarei pessoalmente da segurança dela, então.”

“Obrigado, meu senhor.”

Herne gesticulou para que fossem mais para o fundo da taverna. A música espiralava em volta deles enquanto Sonny e Kelley saíam para o pátio, onde nuvens altas e finas se estendiam pelo céu como cortinas de renda rasgada. Kelley teve um sobressalto ao perceber que as pequenas luzes nas árvores eram, na realidade, *seres mágicos luminosos*: centenas de minúsculos seres alados esvoaçando de um galho para outro.

“Não vai demorar muito até que eu tenha de devolver Lucky à rainha Mab”, anunciou Sonny. “Mas, antes, quero lhe mostrar um pouco do lugar. Não precisa se preocupar, você está sob a proteção de Herne aqui. Ele sabe quem você é, e ele é o guardião mais poderoso que conheço a quem posso confiar a sua segurança. E este lugar deve mantê-la a salvo.”

“Até mesmo de algo como a Caçada?”

“Não se preocupe com isso.”

“Você não está respondendo à minha pergunta, e sim evitando responder a ela.”

“Eu sei.” Sonny sorriu, ignorando o olhar que ela lhe lançou. “Venha. Deixe-me mostrar-lhe o lugar...”

Em um canto onde, no mundo mortal, ficava o arbusto podado em forma de King Kong, uma enorme criatura de folhas se agachava. Videiras e vegetação se agarravam ao gigante, enredando-se na hera verde de sua barba, brotando como tufos de capim do pântano na imensa cabeça e nos ombros cobertos de musgo.

“O Homem Verde”, apresentou Sonny com reverência. “Ele é um espírito antigo, mais velho do que tudo isso. O Homem Verde estava nos mundos antes mesmo do Bom Povo. É a alma do mundo natural. Ele também gosta de um bom uísque, de vez em quando.”

Sonny acrescentou, em um sussurro:

“Herne tem uma adega excelente, pelo que ouvi dizer...”

O Homem Verde piscou para Kelley e ergueu uma enorme caneca de barro, e Sonny sorriu ao ver Kelley acenar timidamente com os dedos de uma mão para o velho deus de folhas. Foram adiante, em direção a uma fonte na qual a música dos respingos se misturava aos sons de risadas tilintantes. Eles viram o brilho de arco-íris prateado de uma longa cauda de peixe.

“Aquilo era uma sereia?”, perguntou Kelley, movendo-se em direção à borda de pedra da piscina.

Sonny segurou-a pelo braço.

“O Povo das Águas é... traiçoeiro. Perigosamente imprevisível.”

“Acho que vi uma”, confidenciou Kelley. “Uma sereia, quero dizer. Na noite em que resgatei Lucky do lago...”

“Viu, sim”, confirmou Sonny, esforçando-se para afastar o ressentimento de sua voz. “O nome dela é Chloe. Ela salvou a sua vida.”

“Eu deveria conhecê-la, então”, sugeriu Kelley. “Agradecer a ela.”

“Você deveria é ficar o mais longe possível dela”, retrucou ele, puxando-a para longe do chafariz.

Eles se aproximaram de uma banda de músicos de seres mágicos, e Sonny sorriu enquanto Kelley se balançava graciosamente com a música do Outro Mundo. Sua Estrelinha. Infelizmente, ele tinha consciência de que ela provavelmente não permaneceria sendo “sua” por muito mais tempo. Não se ela decidisse aceitar sua verdadeira identidade. “Aceitar o manto de princesa do Reino Encantado”, como dissera antes, na carruagem. Era uma escolha que traria consequências que continuavam sendo um mistério para ele. Sonny tomou uma decisão. Qualquer que fosse o caminho que Kelley decidisse tomar, e se ele pudesse fazer aquela jornada com ela, não desperdiçaria o tempo que eles *poderiam* passar juntos.

Ele se virou para ela de repente e estendeu-lhe a mão.

Surpresa, ela olhou para a palma estendida e depois para o rosto dele. Sonny compreendeu com clareza que faria tudo, daria tudo, só para ser capaz de fazer com que aqueles olhos verdes brilhassem. Ele se curvou em uma profunda reverência e olhou para ela. Ela lhe sorriu.

“Quer dançar comigo, Kelley?”, convidou ele.

O coração de Sonny se encheu de emoção quando ela depositou a mão na dele.

XXXI

A banda tocava belas músicas.
O tempo girava ao redor deles.
As estrelas rodopiavam lá em cima, no céu.
E eles dançavam.

#

Dançavam e dançavam, sem parar.

A mão de Sonny na cintura dela era forte e firme, e Kelley descansou a cabeça no tórax dele – com cuidado, sem se esquecer das ataduras sob a camisa. Ela fechou os olhos quando Sonny a puxou para mais perto. Nunca se sentira tão “em casa” como naquele momento. Contudo, não era o lugar que a fazia sentir-se assim. Era a pessoa.

“Este lugar não é pra mim, Sonny”, ela murmurou, fascinada pelas imagens e pelos sons que a cercavam. “Quero dizer, olhe para essas pessoas...”

Um grupo de súditos da Corte do Verão oscilava ao ritmo da música com uma beleza extraterrena. Kelley se sentia como uma das irmãs da Cinderela no baile. Sabia que seu grande pé desajeitado jamais caberia no sapatinho de cristal, e a única coisa que não entendia era por que o príncipe encantado ainda estava dançando com ela. Sonny não disse nada, porém ela sentiu as mãos dele subindo por seus ombros e insinuando-se por baixo de seus cabelos. Ele lhe abriu o fecho do colar e retirou-lhe a corrente do pescoço.

“Minha Estrelinha...”, sussurrou.

Então, os olhos dela ficaram momentaneamente ofuscados pela onda de brilho iridescente que preencheu o salão e que emanava dela própria. Ao redor dela, o brilho do maravilhoso Bom Povo pareceu diminuir e bruxulear – e assim responder à luminescência dela como luas que refletiam a luz do sol.

Os olhos cinza de Sonny refulgiram com intenso orgulho – e algo mais. Quando Kelley olhou dentro deles, sentiu o coração se encher com uma emoção desconhecida.

Sentiu-se alta. Com mais de três metros de altura. Mais alta até do que Sonny, ela percebeu quando o fitou de cima para baixo. Ela estava voando. Bem, pelo menos flutuando, a cerca de quinze centímetros do chão.

Kelley sufocou um grito e esperneou, mas isso só serviu para fazê-la subir mais alguns centímetros. Sonny estendeu a mão para segurá-la pelo cotovelo antes que ela ficasse fora de seu alcance. Virando a cabeça, ela viu um par de asas rendilhadas e fulgurantes que pareciam ter-lhe brotado dos ombros. Eram etéreas, quase espectrais, e resplandeciam com iridescência e luminosidade – como as asas de uma libélula prateada.

Herne baixou a cabeça coberta de chifres, em sinal de respeito.

Ao redor dela, os seres do Reino Encantado ajoelharam-se, inclinaram-se e sorriram para ela. Kelley corou. Sentiu as asas estremecerem e perderem a força, e caiu novamente no chão. Sonny a segurou em seus braços, e ela se agarrou a ele.

“Você vai ter de praticar um pouco”, sussurrou-lhe ele no ouvido, enquanto recolocava o colar no pescoço dela.

O brilho dela se reduziu, mas não se extinguiu por completo. A música recuperou a intensidade. Eles se abraçaram e voltaram a dançar.

#

Mais tarde, enquanto observavam os outros deslizando pela pista de dança, Sonny sobressaltou-se – como se, de repente, tivesse se lembrado de alguma coisa – e pegou a bolsa de couro que largara no banco ao seu lado. Retirou lá de dentro um maço de folhas amassadas, presas com ferragens de latão.

“Meu roteiro!”, exclamou Kelley. “Eu tinha certeza de que Bob o havia roubado!”

Sonny riu.

“Ele me disse que não é lá muito bom como ladrão. Desculpe-me. Faz dias que estou pra lhe devolver. É que, com toda essa agitação, eu me esqueci.”

Ela abraçou o roteiro contra o peito como se fosse um tesouro.

“Obrigada, mas acho que não vou mais precisar.”

“Já decorou todas as falas, então?”

Ela deu uma risadinha sem muito ânimo.

“Em teoria... mas, vamos encarar os fatos, Sonny. Eu estou a anos-luz do Avalon. Tenho a sensação de que não vou usar as minhas asinhas de seda outra vez por um bom tempo.”

Sonny se levantou de supetão.

“Venha comigo.” Ele lhe estendeu a mão. “Tem mais uma coisa que eu quero lhe mostrar antes de ir embora.”

Ele a conduziu por um corredor forrado de painéis de carvalho e que se transformava à medida que andavam, até que eles se viram caminhando por uma arcada verde e frondosa. Um túnel vivo.

“Onde estamos?”, perguntou Kelley.

“Pense neste lugar como algo semelhante àquela parede na peça que você está ensaiando. Aquela parede com um furo, pelo qual Píramo e Tisbe podem espiar e conversar entre si. A taverna de Herne fica no ponto mais alto do Outro Mundo, como uma bolhinha suspensa, que balança entre o Reino Encantado e o plano mortal. É o único lugar em todos os mundos em que os dois reinos se encontram e se fundem.”

Quando eles saíram de debaixo do toldo verdejante, Kelley se viu em uma praia rodeada por uma floresta e banhada por águas que ondulavam suavemente. Sonny apontou para um local adiante deles: lá, do outro lado das águas enevoadas de um lago calmo e silencioso, existia uma ilha. A princípio, Kelley pensou que os ramos das árvores estivessem pesados com a neve. Mesmo do outro lado do espelho das águas, contudo, ela sentiu o aroma das flores das macieiras.

“Não podemos chegar mais perto do que isso”, avisou-lhe Sonny. “Senão correremos o risco de ultrapassar a fronteira e, quem sabe, nos perdermos no Outro Mundo. Mas eu queria que você visse este lugar.”

“É bonito. Que lugar é este?”

“Um lugar lendário. Os livros de histórias o chamam de Avalon. Como o seu teatro. Está vendo? Você não está tão longe assim, afinal.”

Kelley mirou a ilha distante e suspirou.

“Que incrível, Sonny... Este lugar é maravilhoso. Por que me deixa tão triste?”

Ele refletiu sobre a pergunta por um momento, de cabeça baixa.

“Talvez porque você se sinta um pouco em casa aqui. O lar que você nunca soube que era seu.”

Ela sacudiu a cabeça, fitando a ilha enevoadada com olhos marejados.

“Esta Avalon é sua, não minha. A minha é um velho teatro arruinado, com um bando de atores desajustados e um diretor maluco. E estou prestes a decepcionar a todos eles terrivelmente. Jamais conseguirei ficar em pé sob aqueles refletores com aquelas asas e dizer aquelas palavras...”

“O que a faz pensar assim?”

“Não minta pra mim, Sonny. Você e seus amigos parecem pensar que eu vou ter dificuldade até mesmo pra sobreviver a esta noite. Quanto mais às próximas três...”

“Duas das quais provavelmente já se passaram enquanto dançávamos aqui.”

“Mesmo?”

“Mesmo. Viu? Até que você está se saindo bem nesse lance de sobrevivência até agora.”

“Tudo bem. Então, basicamente, o verdadeiro perigo está esperando por mim em Nova York, no teatro.”

Sonny olhou para ela sem entender.

“Estou perdendo o ensaio geral! Se, de algum jeito, eu *conseguir* voltar, vou ter sorte se Quentin não me esfolar viva.”

Sonny riu.

“Você *vai* voltar. Eu lhe prometo. Por isso, é melhor ir treinando suas falas.”

Ele a puxou para que se sentasse ao seu lado, em um gramado, e pegou o roteiro das mãos dela, folheando-o por alguns instantes, como se procurasse por algo. Parou em determinada página e apontou para algumas linhas.

“Aqui, por exemplo. Esta cena. Eu vou ler com você. Não, não discuta...” Ele ergueu uma mão. “Eu vou ser o burro. Só desta vez. Faça-me este favor, Kelley. Hoje estou com vontade de bancar o ator.”

Ela pegou novamente o roteiro e passou os olhos pela página, para ver que cena ele escolhera. Deu uma risadinha ao ler a sua primeira fala e devolveu-lhe o roteiro para que ele pudesse ler a parte de Bottom.

“Caramba! Vaidade é o que não falta por aqui, Sonny...”

“Shh.” Ele fez um gesto dramático. “Preciso me concentrar. Comece.”

Kelley abriu a boca em um bocejo exagerado e espreguiçou-se.

“Que anjo me tira de meu florido leito?”

Esperou pela resposta de Sonny, curiosa para ver o que ele faria com a canção ingênua de Bottom a respeito de um cuco.

Sonny fez uma cara de desalento e resmungou:

“Eu não sabia que teria de *cantar*... Tudo bem, vamos pular a minha fala. Passe para a sua próxima fala.”

Kelley conteve uma risada diante da gravidade da expressão dele e continuou:

“Canta outra vez, gentil mortal, eu peço. O teu cantar agrada ao meu ouvido... E a tua forma encanta o meu olhar.”

Tudo bem, essa parte é verdade. É, sem dúvida, uma forma muito encantadora...

“Diante de tais virtudes, já proclamo e juro, sem desculpas vãs, que eu te amo.”

Sonny franziu o cenho e ergueu a mão.

“Acho que você não disse direito essa última linha. Diga de novo.”

“Eu disse tudo de forma *absolutamente* correta!”

Ele ignorou os protestos dela.

“Recomece a partir de ‘diante de tais virtudes’.”

“Sonny...”

“Kelley!” Ele ergueu a mão outra vez. Era como se o espírito do Poderoso Q o estivesse possuindo, com todos os demônios! “Diante de tais...”

“Tudo bem, tudo bem!” Kelley revirou os olhos e voltou para o trecho que ele queria que ela repetisse. “Diante de tais *virtudes*, já proclamo e *juro*, sem desculpas vãs, que eu te amo. Melhorou?”

“Melhorou... A entonação só está um pouco fraca nas últimas três palavras. Tente de novo...”

“Que palavras? Eu te amo?”

“É.”

Ele fez um gesto com a mão para que ela repetisse a fala.

Ela se levantou e respirou fundo, concentrando-se na inflexão, tentando atender à vontade de Sonny. A seguir, inclinou-se para a frente e, em sua voz mais sincera e apaixonada, murmurou:

“Eu te amo.”

O rosto de Sonny estava a poucos centímetros do dela. Os olhos cinzentos faiscaram, e os cabelos negros sedosos caíram-lhe sobre o rosto quando ele inclinou a cabeça.

“Perfeito.”

O beijo que se seguiu também.

Perfeito.

Quando os lábios de Sonny se comprimiram contra os dela, foi como se o mundo ao redor de Kelley, ou melhor, *todos* os mundos ao redor dela se derretessem. A doçura de seu hálito a invadiu, e ela pôde sentir o coração dele batendo forte como um trovão junto ao dela, que também martelava no peito.

“Eu te amo”, murmurou Sonny, abandonando toda a encenação.

Ao ouvir aquelas palavras, lágrimas rolaram pela face dela.

“Ah, meu coração”, sussurrou ele, tomando-a nos braços.

Kelley se perguntou por que estava chorando. Poderia ser de medo, ou tristeza – medo de perdê-lo, tristeza pelo que ele já arriscara por ela... Ou talvez ela estivesse chorando de pura alegria incandescente. A verdade é que ela sentia todas aquelas emoções ao mesmo tempo.

Ele a abraçou por uma eternidade que lhes pareceu ser apenas um piscar de olhos quando eles ouviram passos vindos do túnel verdejante atrás deles. Sonny afrouxou o abraço, mas não a soltou, nem tirou os olhos dela.

Atrás deles, Herne pigarreou.

“Jano? Não quero incomodá-los, mas o meu porteiro está vigiando os céus do reino mortal e me informou que *Cailleach* estão sobrevoando o Central Park. Bruxas da Tempestade. Está chegando o momento da sua partida, se você quiser mesmo comparecer ao encontro marcado com as emissárias da rainha das trevas...”

“Obrigado, meu senhor.”

Com uma relutância perceptível para Kelley, Sonny a soltou e se levantou. Pendurou a bolsa no ombro e estendeu o roteiro à Kelley. Ela sacudiu a cabeça.

“Fique com ele”, pediu-lhe ela, colocando as mãos dele sobre as folhas amassadas. “Guarde o roteiro pra mim. Pra dar sorte.”

“Só se você prometer não se esquecer daquela fala”, respondeu ele, aproximando-se novamente.

Kelley sorriu para ele.

“Jamais.”

“Voltarei o mais depressa possível. Prometo.” Os olhos de Sonny brilharam com a intensidade de mil coisas não ditas, de promessas que envolviam muito mais do que apenas a sua volta. “Espere por mim...”

XXXII

Tyffanwy havia até amarrado um lacinho vermelho no topete de Lucky. Ele parecia um cachorrinho pequinês recém-saído do salão de beleza.

“Achei que deveria dar a ele um tratamento completo.”

Ela fungou um pouco, e Sonny notou que seus belos olhos estavam vermelhos.

“Obrigado por tudo, Tyff. Eu sei que você sabe como isso é importante.”

“É, eu sei. Diga a Mab que é melhor ela cuidar bem dele.” Tyff conteve um soluço. “Senão ela vai se arrepender! Ela está me devendo alguns favores também, e eu bem que posso cobrar, se me der na telha...”

“Direi a ela”, respondeu Sonny, anotando mentalmente para jamais contrariar Tyffanwy. “Vamos lá, Lucky. Vou levar você de volta pra casa e pôr um fim nessa história.”

Quando Sonny tirou uma corda fina da bolsa e amarrou-a frouxamente ao redor do pescoço dele, Lucky pareceu entender. O *kelpie* levantou os cascos delicados da banheira, um por um, e saiu para o piso do banheiro. Sonny olhou para a janelinha com ceticismo. Parecia pequena demais para o *kelpie* passar por ela, mas Lucky caminhou obedientemente até ela e cutucou a vidraça com o focinho. Sonny aproximou-se e abriu a janelinha. O cavalo mágico abaixou a cabeça de pelos ruivos e fez o impossível: espremeu-se pela pequena abertura e saiu à plataforma da escada de emergência.

Sonny seguiu atrás, notando que o *kelpie* descia com pressa os degraus de ferro. Da rua, Sonny acenou em agradecimento à Tyff. Depois, concentrando-se intensamente por um instante, ele utilizou seus poderes para lançar um véu de ocultamento sobre Lucky, tornando o *kelpie* invisível para poder conduzi-lo pelas ruas de Manhattan rumo ao Central Park, onde o entregaria para as Bruxas da Tempestade de Mab.

Nervoso, Sonny olhou para o céu enquanto andava. Em poucos minutos, o sol se poria, e seria oficialmente a noite de Samhain. Grupos dispersos de crianças fantasiadas e alguns adultos que iam para festas passaram por ele na rua; diversas abóboras esculpidas riam para ele nas janelas e varandas.

Mab escolhera um momento muito arriscado, refletiu Sonny. Provavelmente só para deixá-lo nervoso e satisfazer ao seu senso de humor perverso. Entretanto, nada disso importava agora.

Kelley estava a salvo; logo Lucky voltaria às Terras Fronteiriças, e ele teria posto um fim à ameaça da Caçada Selvagem.

#

Ao passar pelo Central Park, Sonny notou, com tristeza, que havia muitos seres humanos fantasiados perambulando pelas trilhas. Avistou o Castelo Belvedere ao longe, iluminado em tons berrantes de laranja e roxo. Algum milionário idiota obviamente decidira dar uma grande festa de Dia das Bruxas no Central Park naquele ano. Ele seguiu sua percepção de Jano para encontrar o local no parque em que as servas de Mab estavam esperando. A verdade é que, enquanto seguia as trilhas sombrias conduzindo o tranquilo e invisível *kelpie*, Sonny sentiu uma pontada de culpa. O pobre animal provavelmente não sabia o destino que o aguardava. Se sabia, aceitava-o com muito mais nobreza do que Sonny teria esperado de um animal. Ele reafirmou para si mesmo a promessa que fizera à Kelley, de que pediria proteção para Lucky.

Em sua mente, Sonny localizou três Bruxas da Tempestade pairando ali por perto. Chegou a uma pequena clareira redonda junto ao Lago das Tartarugas, diante do qual assomava uma enorme estátua de um antigo rei polonês montado em um cavalo de guerra. Lá no alto, viu as bruxas circulando como urubus cinzentos. Retirou o véu que cobria o *kelpie*, e Lucky surgiu ao seu lado, brilhante. Sonny abriu a boca para chamar as Bruxas, mas, de repente, seus sentidos de Jano dispararam um alarme. Uma fenda se abria ali perto.

Muito perto. Bem na frente dele...

Ele recuou um passo e ficou em posição de defesa.

Crac!

Não era uma fenda pequena. A rachadura produziu um choque que fez Sonny tombar de joelhos. Ao lado dele, Lucky relinchou, aterrorizado, e empinou as patas dianteiras, agitando os cascos no ar. Sonny sentiu que toda a Guarda de Janos havia sido alertada a respeito da rachadura. Ele sabia que aqueles que conseguissem viriam correndo.

O céu se encrespou. Olhando para cima, Sonny viu a rainha do ar e das trevas em pessoa, assentada sobre a estátua, muito acima do chão, como se esta fosse um trono. A silhueta de Mab se destacava contra o céu, emoldurada por duas grandes espadas cruzadas no ar pela estátua do rei. Só por diversão, Mab havia conjurado um par de abóboras de Dia das Bruxas e enfiara-as nas pontas das espadas da estátua. Elas refulgiam como tochas, iluminando a corte improvisada de Mab com um brilho funéreo.

“Espero que este encontro não lhe seja inconveniente, senhor Guardião”, ela principiou, em voz lânguida. “Eu estava concluindo alguns negócios com uma dama de minha corte, e ela se demorou um pouco além do previsto...”

Sob a luz fulgurante das lanternas de abóbora, Sonny avistou uma imagem horrível. Em seus longos dedos com garras, Mab segurava Chloe, a sereia, como uma boneca de pano pendurada pela massa emaranhada de seus cabelos loiros. O sangue lhe escorria pela boca, e

milhares de pequenos ferimentos marcavam-lhe os membros esguios. Chloe gemia desesperadamente de dor.

“Mab, minha senhora”, Sonny lutou para manter a voz firme, “eu... não sabia que a senhora percorria os caminhos do reino mortal.”

“Ah, diplomacia”, ronronou Mab. “Que amável. Se você se refere às correntes com que Auberon e aquela megera, Titânia, confinaram-me ao meu reino, elas ainda estão aqui.” Ela balançou um pé despreocupadamente, e Sonny viu uma corrente serpenteante de prata ligada a uma algema ao redor do tornozelo dela. Atrás da rainha, a corrente desaparecia no vórtice que se abria no céu, e havia marcas frescas, de um vermelho profundo, rasgando-lhe a pele pálida nos locais em que a algema lhe penetrava a carne. “Eu ainda estou amarrada, pequeno Jano. Mas pode escrever o que lhe digo: isso não vai durar muito tempo.”

“Meu tempo é curto, senhora. Eu esperava encontrar apenas as suas... emissárias.”

“Minhas bruxas.” Ela lançou um olhar para o céu, mas as Bruxas da Tempestade não estavam à vista. “Ah, elas estão por aí. Atacando um ou outro desses mortais que estão indo para festas, imagino. Deixemos isso de lado. Você cumpriu a tarefa que lhe dei?”

Sonny olhou para Lucky e respondeu:

“Obviamente, sim. Mas primeiro vamos falar sobre os termos do desejo que me será concedido.”

Mab revirou os olhos.

“Quero que cuide bem da criatura.” Sonny ignorou a expressão de desdém que ela lhe dirigiu, e manteve a voz firme. “Uma vez que eu a tenha devolvido, ela não deverá sofrer em suas mãos.”

Os olhos de Mab se estreitaram.

“Você ousa chamar a minha beleza ruiva de ‘criatura’?”

“Na medida em que a sua ‘beleza ruiva’ possui poderes latentes incrivelmente destrutivos, prefiro não elevar o seu *status* tratando-a de outra forma.” Era melhor não deixar que Mab soubesse que o *kelpie* fizera vários amigos, pois aquilo poderia ser usado contra todos eles. Sonny manteve um tom cuidadosamente neutro, embora houvesse sussurrado baixinho: *Desculpe, Lucky, eu não quis ofender...* “O que diz, Mab?”

“Tsc, tsc, tsc, você está sendo desrespeitoso”, reclamou Mab, com um riso zombeteiro nos lábios.

Sonny deu de ombros.

“Para ser respeitado, é preciso respeitar.”

A rainha das trevas deu uma risada bem-humorada, tilintante.

“Gosto de você! É um jovem corajoso. E eu que pensei que Auberon faria de você um frouxo. Que seja, então. O desejo está garantido. Agora, cumpra a sua parte do acordo. Entregue-me a minha preciosa menina.”

Sonny retirou a corda do pescoço de Lucky e o impeliu a avançar com um tapinha no traseiro.

“É um menino, na verdade. Se você tivesse se dado ao trabalho de verificar...”

Mab olhou primeiro para o nervoso *kelpie*, depois para Sonny. Então, dirigiu-lhe um olhar furioso.

“A sua piada carece de um componente necessário, meu pequeno amigo raptado dos mortais: humor. Agora, diga-me onde está a minha filha.”

“A sua...”

Sonny sentiu um frio no estômago. Relembrou a cena com a Bruxa da Tempestade em seu apartamento:

Este reino esconde algo que pertence à Mab. Sabias disso?, a Bruxa da Tempestade dissera. *Ela o quer de volta. Nunca deveria ter vindo para cá. Foi um erro. Encontra-o. Devolve-o, e a rainha conceder-te-á um desejo.*

Ele cometera o erro de julgamento mais básico que se pode cometer quando se lida com um ser mágico: tirara conclusões de modo apressado. Sonny presumira que a Bruxa se referisse ao *kelpie* extraviado e não se preocupara em esclarecer aquela questão.

Com súbita e cristalina clareza, Sonny percebeu que se enganara desde o início. Não havia sido Mab que tentara libertar a Caçada Selvagem, afinal.

Havia sido Auberon.

Para assegurar a sua posição no trono da Corte do Inverno, ponderou Sonny, o rei do Inverno seria capaz de sacrificar a própria filha. Sua filha... e de Mab. Faria com que Sonny o ajudasse e, ao mesmo tempo, colocaria a culpa em Mab pela volta da Caçada Selvagem. Sonny foi tomado de uma tristeza angustiada, que foi logo substituída por uma fúria glacial.

Os olhos de Mab se estreitaram enquanto ela o observava. Olhos verdes reluzentes que, se não fossem tão cheios de cruel maldade, Sonny teria reconhecido de imediato. Os mesmos olhos de Kelley.

Mab se inclinou um pouco para a frente.

“A minha Bruxa *explicou* a você qual era o acordo, não *explicou*?”

“De modo críptico”, resmungou Sonny, com os dentes e punhos cerrados. “E com uma gramática extremamente ruim...”

“Mas você concordou. Tanto naquele momento como agora.”

“Não.”

“E, em vez da minha filha”, a rainha das trevas deu um sorriso ameaçador, “você me trouxe um pônei.”

“Eu...”

“Se você tinha alguma pergunta, Jano, o momento de fazê-la já passou há muito tempo”, ela sentenciou, os olhos emitindo um brilho vermelho por um instante.

“Eu *supus*...”

“Ah, sim. Você sabe o que se diz sobre os perigos de ‘supor’...”

“Minha senhora, a culpa é minha. Deve haver alguma coisa que...”

“O acordo era para que me trouxesse a garota.”

“Não.”

“Onde ela está?”, protestou Mab. “O acordo foi rompido. *Você* o rompeu. *Você precisa* me contar.”

“N-n-não...”

Sonny caiu de joelhos e sentiu a cabeça ser jogada para trás, como se alguém o estivesse puxando pelos cabelos. Seus olhos se escancararam, por mais que ele tentasse mantê-los bem fechados.

“Ah...” ronronou Mab ao observar a mente dele lá de cima da estátua. “Ah, isso é maravilhoso... Por causa de você, pequeno Jano, o meu confinamento está encerrado! Você conhece as regras. Ao quebrar o pacto assumido, você me dá o poder de tomar para mim o que não me foi entregue como prometido. E, para fazer *isso*, eu vou precisar de liberdade.”

Com um sorriso perverso, ela viu a algema e a corrente delicada ao redor de seu tornozelo tremeluzir e reduzir-se a um fio insubstancial de chama prateada, e a passagem no céu atrás dela se fechou.

“Graças à sua encantadora incompetência, posso novamente ir e vir quando bem entender. Posso entrar na maravilhosa taverna de Herne. Tudo para que eu obtenha o que não me foi dado de livre e espontânea vontade. E posso criar um pequeno tumulto enquanto estiver lá!”

Ela deu uma gargalhada cheia de alegria.

Para Sonny, aquele era o som do fim do mundo.

“Isso funcionou melhor do que eu esperava. Graças aos seus esforços, mortalzinho. Não me esquecerei.”

Mab ergueu a mão, cortando o céu para abrir outra fenda diante dela.

Um pouco antes de ela atravessar a fenda, no entanto, vários Guardiões Janos irromperam de dentro das árvores, pouco menos de dez metros atrás de Sonny.

“Chloe!”, gritou Maddox. “Mab, sua desgraçada! Solte-a!”

Chloe gemeu e, de repente, a rainha das trevas pareceu se lembrar de que segurava a sereia pelos cabelos, a seis metros do chão.

Soltou-a.

Maddox quase foi rápido o bastante para conseguir pegá-la. Sonny estremeceu quando a cabeça de Chloe bateu no solo. Quando Maddox passou um braço ao redor dela e começou a levá-la, a sereia agarrou-lhe a manga, e Sonny ouviu um murmúrio cheio de dor:

“Eu não queria contar a ele... Mas ele ameaçou tirar a música de mim...”

“Contar a quem, Chloe?”, perguntou Maddox, com gentileza. “O quê?”

“Auberon. Sobre a garota.” A bela voz da sereia se reduzira a um fraco sussurro. “Mab ficou tão furiosa quando descobriu que contei a ele! Ela acha que Auberon quer fazer mal pra garota...”

“Shh...”

“Diga a Sonny... que eu sinto muito...”

A mão de Chloe pendeu, inerte. Rangendo os dentes, Sonny se lançou na direção da estátua. Mab queria briga? Estava prestes a ter o que queria. Sentiu os demais Guardiões Janos avançando atrás dele. Mab acariciou a estátua do cavalo embaixo dela e, de repente, ele resfolegou e empinou as patas dianteiras, jogando para trás a enorme cabeça de bronze. O chão se elevou como se um terremoto o sacudisse, derrubando os Guardiões Janos como se fossem brinquedos.

Ouviu-se um som agudo e metálico. Bem acima deles, a figura do rei há muito falecido descruzou as espadas.

Os grandes e pesados cascos do cavalo se libertaram da base da estátua, e a Guarda de Janos se ergueu para juntar-se à batalha contra a efígie de bronze de olhos vermelhos.

“Feliz Dia das Bruxas, crianças!” Mab desapareceu de vista, mas sua voz continuou gritando para eles. “Vou buscar a minha filha e brincar um pouco de ‘Doce ou Travessura’...”

A fenda girou como um vórtice até cerrar-se sobre si mesma, e uma tempestade de abóboras flamejantes caiu do céu.

XXXIII

“A senhorita me concederia a honra de acompanhá-la?”

Herne curvou a cabeça para Kelley ao deixarem a Ilha de Avalon para trás e retornarem à taverna propriamente dita.

Ela lhe sorriu e apoiou-se em seu antebraço musculoso. Eles passearam pelos jardins da taverna, passando por um grupo do que pareciam ser arbustos vivos – um deles na forma de um cavalo se pavoneando em torno do terraço, a crina e o rabo de folhas farfalhando quando ele erguia os cascos. Kelley se lembrou de Lucky e sentiu uma pontada de ansiedade. Estava preocupada com ele. E com Sonny, que havia ido entregá-lo a um ser assustador, de quem, até então, ela só ouvira coisas desagradáveis. Era estranho, pois o homem que agora a acompanhava tinha um dia amado a rainha das trevas. Ela vira isso na visão que Sonny lhe proporcionara.

“Nos dias antes de ela se tornar tão malévola, sim”, murmurou Herne. “Eu a amei. E ela também me amou. Às vezes, princesa, o amor pode ser algo terrivelmente destrutivo. Passei o tempo de várias vidas tentando pagar pelo que o amor me levou a fazer no passado.”

“O senhor consegue ler meus pensamentos?”, perguntou Kelley, com cautela.

“Não.” Herne riu com suavidade. “Apenas seu rosto. A senhorita olhou para o pônei, franziu o cenho, olhou para mim e a sua expressão se tornou pensativa. Foi bem fácil de interpretar.”

“Ah. Certo.”

“Mas, daqui por diante, especialmente quando estiver por perto do seu povo, eu a aconselharia a aprender a controlar seus pensamentos. Ou, pelo menos, a não deixar que transpareçam tão claramente em seu rosto. Isto é, se pretende assumir o legado de progeneritura.”

“O senhor acha que isso seria perigoso pra mim?”

“Acho que é o seu direito de sangue, e que a decisão é sua e somente sua”, replicou Herne. “Mas esteja avisada, princesa. Há aqueles que talvez não se sintam muito entusiasmados com a ideia de vê-la reivindicar esse direito. O rei da Corte do Inverno, por exemplo.”

“Meu pai? Por quê?”

“Só o herdeiro direto de Auberón pode herdar o trono dele. E os tronos do Reino Encantado precisam estar sempre ocupados.”

“Quer dizer que, sem um herdeiro, Auberón não precisa se preocupar em ter de ceder o reinado”, deduziu Kelley. “Mas eu achava que os seres mágicos fossem imortais.”

O Chifrudo ergueu a mão.

“Sim e não. Os seres mágicos são imortais *apenas* no sentido de que não envelhecem ou adoecem. Eles podem ser mortos.”

Certo, lembrou Kelley. *É isso o que Sonny faz.*

Os pensamentos dela se voltaram novamente para Sonny e para o que Auberon dissera...

Herne falava:

“Esse é o destino de todos os governantes do Bom Povo. Os reis e as rainhas dos seres mágicos são protegidos pelo poder dos seus tronos. Sem herdeiros, eles se mantêm absolutamente inatingíveis e sem inimigos mortais.”

“Então... eu sou uma ameaça a Auberon.”

“Poderia ser. Contudo, também poderia ser uma poderosa aliada, duplicando a força da Corte do Inverno.” Herne deu de ombros. “Não sei de que maneira o rei Auberon a vê. Ele é um estrategista que analisa tudo detalhadamente, e eu não tenho a pretensão de saber o que ele pensa.”

“Ele se ofereceu para me tornar humana.”

“Isso, por si só, já diz alguma coisa. Mas, por outro lado, se ele fez essa oferta para o bem dele ou para o seu... isso eu não sei dizer.” O olhar do Caçador era caloroso, simpático. “Pense bem nessa escolha, Kelley Winslow. Como alguém que viveu uma vida muito longa, emaranhado nos fios das teias dos seres mágicos, recomendo-lhe cautela ao lidar com as suas maquinações. Às vezes, é difícil distinguir amigos e inimigos. Outras vezes, não há distinção.”

“Ele tem poderes para isso?”, inquiriu Kelley. “O meu pai pode me tornar humana?”

“De certa forma...”, respondeu Herne. “Como rei da Corte do Inverno dos seres mágicos, ele certamente pode retomar o poder do trono do Inverno, que pertence à princesa por direito de sangue... mas apenas se o poder for cedido voluntariamente. Ele não pode arrancá-lo da senhorita.”

“Entendo.”

Herne a deteve.

“Se fizer isso, se eu fosse a senhorita, pediria a ele algo em troca. Um presente assim não deve ser desdenhado. Nem mesmo por um rei dos seres mágicos.”

“Vou tentar me lembrar disso. Obrigada.”

Herne andava lentamente ao lado dela.

“Está lidando com tudo isso muito bem, sabe?”, comentou ele com um sorriso na voz, como se captasse os pensamentos dela de novo.

“Ah, não estou, não. Fico dizendo pra mim mesma que isso não está acontecendo e que, com toda a certeza, estou sonhando.” Ela apertou o braço dele com a outra mão. “Mas até que é um sonho agra...”

De repente, Herne, o Caçador, agarrou-a pelos ombros e jogou-a violentamente contra uma coluna revestida de espelhos – afastando-a do caminho de uma abóbora flamejante que cortou a escuridão. A cabaça fogueira explodiu em uma bola alaranjada de chamas, ao atingir os ladrilhos do pátio da taverna.

Ao redor dela, os seres mágicos gritavam – alguns em pânico, mas a maioria em fúria. O Green era um santuário, e alguém acabara de violá-lo.

“Onde está minha filha?”, gritou o espectro aterrorizante que apareceu no céu sobre o pátio, vestindo um manto de asas de corvo, com cabelos vermelhos revoltos e olhos verdes faiscantes.

Algo se conectou na mente de Kelley em meio à súbita e intensa confusão.

Você tem os olhos da sua mãe, Auberón dissera...

Mab.

A rainha do ar e das trevas era a mãe dela.

“A princesa!”, berrou Herne. “Protejam a garota!”

Em torno dela, os Seres Mágicos Perdidos se agitavam, cintilantes. Em meio a uma enxurrada de invocações mágicas, armas de todos os tipos apareceram, seguras firmemente por graciosas mãos de ossos delicados. Kelley viu seres se levantar das profundezas da fonte – criaturas com garras e dentes, brandindo clavas e machados; e outras criaturas que não precisavam de armas.

O caos irrompeu, e só o que Kelley conseguiu fazer foi sair do caminho para não ser pisoteada por aqueles que tentavam protegê-la.

No céu, sobre a cabeça de Mab, Kelley viu espectros envoltos em mantos e capuzes, gritando pragas e lançando tempestades de raios sobre os guerreiros mágicos, com efeitos devastadores. Ela soube, de imediato, quem eram.

As Bruxas da Tempestade de Mab, ela pensou, chocada. *Estão aqui por minha causa...*

Algo devia ter dado terrivelmente errado com Sonny e Lucky...

Ela se abaixou e correu em busca da proteção do caramanchão que levava às margens do lago de Avalon. No entanto, existiam tantas passagens tortuosas na taverna que Kelley logo ficou completamente perdida. Precipitando-se por portas duplas de carvalho para o ar frio da noite, ela se viu de repente no estacionamento repleto de carros da Tavern on the Green de Nova York, de volta ao mundo mortal.

Um grupo de pessoas fantasiadas saiu pelas portas da taverna atrás dela.

“Feliz Dia das Bruxas, moça!”, balbuciou um deles, tirando um chapéu pontudo de mago para ela.

Kelley viu, surpresa e horrorizada, quando algo que lembrava um bugio com asas de morcego saltou das árvores sobre o homem desprevenido e retalhou-lhe o chapéu. Antes que suas garras pudessem dilacerar-lhe a carne, Kelley gritou para que as pessoas fugissem e, com uma das mãos, arrancou do pescoço o talismã de trevo. Ela esticou a outra mão sem pensar, desejando que a horrível criatura sumisse. Uma luz radiante brilhou em um halo ao redor dela.

Ouviu-se um estampido, e o animal desapareceu com uma expressão de grande surpresa no rosto. Kelley caiu de joelhos, seu brilho diminuindo, drenado pelo esforço necessário para fazer o que quer que ela houvesse feito.

Ao longe, ouviu sirenes e gritos.

Enfiou o talismã na bolsinha que lhe pendia do pulso e saiu correndo.

Após cair de cara no chão pela terceira vez, Kelley finalmente se livrou dos ridículos sapatos de salto de Tyff, sem se importar com o frio ou com o cascalho áspero do caminho. Ouviu mais gritos ao longe – berros aterrorizados de gargantas humanas. Subiu correndo um pequeno aclave e observou um panorama que poderia ter saído de uma pintura de Hieronymus Bosch – demônios torturando as almas dos condenados no Inferno.

Os Janos devem estar ocupados em se defender de Mab e seus seguidores, pensou Kelley, frenética, *e o Portal de Samhain ficou escancarado, desprotegido*. Todos os tipos de criaturas terríveis do Outro Mundo saíam pelas fendas. Qualquer um que tivesse o azar de ser apanhado no Central Park estava sendo perseguido e atormentado por seres que nenhum deles poderia imaginar. Kelley viu criaturas cobertas de espinhos e criaturas flamejantes e outras pálidas e ossudas com olhos gigantesco se espalhando pelo parque, com intenções perversas.

De todos os lados, chegavam-lhe os sons de sirenes no ar. Kelley sabia que os policiais de Nova York não seriam páreo para os enxames de monstros mágicos – a polícia não passava de comida para aquelas criaturas. Ela precisava fazer algo, e depressa. Tinha de encontrar Sonny. Ou, então, encontrar a única pessoa que ela sabia ter o poder para ajudá-la.

Quando suas forças retornaram, a luz começou a emanar de sua pele novamente. Kelley concentrou-se e seu brilho diminuiu quando ela sorveu para si até a última gota de poder de que dispunha e canalizou-o para ampliar a sua capacidade de percepção, a fim de tentar encontrar o pai.

Quando a presença dele lhe atingiu a mente, foi como o impacto de uma bola de neve jogada com muita força. De repente, ela sabia onde ele estava – ela só tinha de chegar lá. E depressa.

Um pouco envergonhada, Kelley virou a cabeça e olhou para as brilhantes asas rendadas que brotavam, flutuantes, de cada lado de suas costas. Usando toda sua força de vontade, conseguiu fazê-las bater – e depois bater mais depressa. Percebeu que os pés se erguiam do chão e sentiu uma onda de triunfo. No entanto, sua concentração falhou. As asas se franziram, e Kelley tombou para a frente, com o rosto caindo em um monte de folhas secas.

Praguejando, ela se pôs de pé e começou a correr.

XXXIV

“Herne!”, gritou Sonny, para se fazer ouvir em meio ao barulho infernal. “Onde ela está?”

Ao redor dele, a taverna estava em ruínas; fragmentos de cristal e pedaços de mesas quebradas cobriam o piso de mármore. Em alguns pontos, os Seres Mágicos Perdidos e as criaturas seguidoras de Mab prosseguiram em uma luta acirrada e incansável. O sangue se acumulava nos ladrilhos, vermelho e rosa pálido se misturando com respingos verdes e amarelos.

Sonny chegou junto ao Caçador em combate, que balançava um enorme machado em grandes arcos, abrindo espaço em torno de si.

“Onde está Kelley?”, repetiu Sonny.

“Nós a perdemos de vista durante a luta!”, respondeu Herne, erguendo a voz para que Sonny pudesse ouvi-lo. “Ela fugiu de volta para o parque.”

Ele abaixou o machado em um golpe que partiu em dois a cabeça de algo encaroçado e de expressão zangada.

“Vá! Encontre-a antes que Mab o faça. Ou que algo pior aconteça...”

Sonny virou-se e correu de volta ao pátio. Maddox fora o único Jano a acompanhá-lo ao Green; todos os outros estavam ocupados demais com a estátua enraivecida do rei. Os dois amigos se encontraram no pátio, onde também estava Lucky – pois o *kelpie* parecia não querer ficar muito longe dele. Sonny forçou a saída pelas portas da taverna, com os companheiros logo atrás. No estacionamento deserto, pararam por um momento para que Sonny orientasse seus sentidos em busca da chama inconfundível de Kelley.

“Por aqui”, anunciou Sonny, assim que a visualizou em sua mente.

O rastilho de sua Estrelinha faiscava loucamente agora, e teria sido impossível para ele não notá-la.

Sonny virou-se para correr rumo ao Sul pelo caminho que saía do estacionamento, mas, antes que ele e Maddox dessem mais do que uma dezena de passos, um carvalho à frente deles explodiu repentinamente.

Sonny cobriu o rosto com um braço e derrubou Maddox, afastando-o da trajetória dos destroços – milhares de farpas afiadas como agulhas que se projetavam em sua direção. O ar oscilou, e um cheiro forte de decomposição os envolveu. Os olhos de Lucky esbranquiçaram em seu rosto e suas narinas se alargaram.

Um pequeno exército de anões parecidos com *trolls* cercou os dois Janos e o *kelpie*, babando, brandindo machados e piques. Eram Barretes Vermelhos – chamados assim por causa do hábito repulsivo que tinham de ensopar seus longos barretes no sangue daqueles a quem matavam.

“E você achou que foi um saco lutar contra aquelas *pixies*”, grunhiu Maddox, agachando-se em posição defensiva ao lado de Sonny.

Um Barrete Vermelho avançou, e Maddox atingiu-o com um chute de judô, quase arrancando a cabeça da criatura. A lança que ela carregava voou de suas mãos inertes, e Maddox agarrou-a em pleno ar. Ao seu lado, Sonny pegou o maço com ramos de carvalho, freixo e espinheiro e sussurrou um encantamento, transformando-o em prata afiada. Lucky atacava com os cascos, tanto os dianteiros quanto os traseiros.

Iniciou-se uma luta de grandes proporções; os minutos sangrentos passavam depressa. Então, de maneira bastante inesperada, a ajuda caiu dos céus. Lobo Fenris saltou vindo sabe-se lá de onde para o centro da briga. Estraçalhando dois Barretes Vermelhos com as mãos nuas, os olhos enegrecidos pela loucura da guerra, ele se voltou para Sonny com um sorriso feroz.

“Maddox e eu vamos abrir caminho. Monte no maldito cavalo e vá, menino Sonny. Vá depressa.”

Maddox assentiu com a cabeça.

“Vá, Sonn. Vá! Encontre-a.”

Sonny passou a perna por sobre o lombo de Lucky, e o *kelpie* atravessou o caminho que Maddox e Lobo liberaram.

#

Graças aos deuses, Tyffanwy havia cuidado de remover todos os talismãs. Sem eles, não existiria Cavalo Ruão para chamar um Cavaleiro, e Sonny poderia cavalgar Lucky sem medo de despertar a Caçada. Ele precisava da velocidade do cavalo para encontrar Kelley a tempo – antes que Auberon ou Mab a achassem. Quando Lucky subiu uma colina, os cascos fustigando a terra, Sonny avistou o carrossel do Central Park, recortado em silhueta sob a luz dura da lua.

Uma única nota penetrante quebrou a escuridão silenciosa.

Uma nota da trompa de guerra de Mab.

Sob as coxas de Sonny, Lucky escoiceou e pinoteou, aparentemente tentando tirar o Jano de seu lombo. Sonny teria desmontado com prazer, mas, ao tentar fazê-lo, descobriu que não podia mais mover as pernas. Os joelhos apertavam com força os flancos do cavalo, e seu punho estava cerrado, agarrando a crina de Lucky.

A trompa soou uma segunda nota.

Nesse momento, Sonny mais ouviu do que viu os talismãs chocalhando uns contra os outros sob o laço que Tyffanwy amarrara no topete de Lucky. Estendeu a mão e puxou o laço, que se desfez, revelando três gemas de ônix escondidas na crina do *kelpie*, até aquele instante protegidas por um véu de ocultamento. O véu era tão sofisticado, tão perfeito, que não era surpresa que tanto ele quanto Tyff não as tivessem notado.

Sonny enfiou a mão livre na abertura lateral de sua bolsa e encontrou as três pedras da trilha para o lago. Aquelas que mostrara a Auberon.

Eram exatamente isso. Pedras. Pedregulhos comuns enfeitiçados para que se parecessem com as gemas de ônix que haviam sido amarradas por toda a crina do *kelpie*.

E o filho da mãe ficou lá fingindo, incriminando Mab sem nunca chegar realmente a dizer que fora ela a culpada, pensou Sonny com amargura, jogando as pedras no chão com uma fúria impotente. *Acho que sei agora de quem Kelley herdou o talento como atriz. O pai é um mestre dessa arte.*

Sob ele, o *kelpie* sacudia a cabeça violentamente. Sonny sentiu os músculos do cavalo se contraírem e se expandirem, a massa corporal aumentando e ganhando calor, como se tivesse dentro de si uma grande fornalha que lhe insuflasse uma nova vida.

Uma última nota horrível partiu o ar da noite. Entre as pernas de Sonny, o *kelpie* saltou, e o jovem Jano sentiu um segundo calor aflorar – no lugar em que, apenas um instante atrás, estivera o seu coração partido.

Ele nunca deveria ter se arriscado a montar no lombo do *kelpie*.

Amaldiçoou a si mesmo com amargura.

Mais um grave erro, Sonny...

Foi seu último pensamento coerente.

Um grande vazio se espalhou pelo seu peito no rastro do calor flamejante, e parecia não existir mais nenhuma razão para que ele combatesse a fúria intensa que o consumia. Sob ele, o garanhão fegoso deu um pulo para o ar, e o único impulso que ainda animava Sonny era o de caçar.

E matar.

XXXV

As notas da trompa de guerra atingiram Kelley. Ela tapou os ouvidos com as mãos e fechou os olhos, o que a fez tropeçar em algo que estava diante dela na trilha de cascalho – uma figura ensanguentada e de olhos arregalados.

Era Bob.

Ele ofegava como se tivesse corrido até ali desde o teatro. Estendeu o braço para Kelley e tentou falar, mas era como se mãos invisíveis lhe apertassem a garganta e lhe cobrissem a boca. Instintivamente, Kelley entendeu o que acontecia – não era só que o *bucca* estivesse sem fôlego: ele havia sido enfeitiçado. Bob lutava, em vão, para dizer algo, porém as palavras não lhe saíam da boca. Manchas de espuma rosada surgiram nos cantos dos lábios verde-claros.

De repente, como se as palavras do Bardo tivessem uma magia própria, ele começou a citar a sua própria fala da peça.

“Sobe e desce, sobe e desce”, cantou, gemendo com o esforço de fazer as palavras lhe saírem dos dentes cerrados. “Vou guiá-los, sobe e desce...”

Bob apontou para trás de si, com um dedo trêmulo.

“Se entro em cena, o medo cresce! Vai, duende, sobe e desce...”

Kelley queria ajudar o pobre *bucca*, mas se viu, em vez disso, impelida a olhar para além do local em que Bob se contorcia de dor – para o topo da colina, onde ficava o carrossel.

Uma energia escura e brilhante crepitava e bailava ao redor do carrossel. As portas de segurança, que estavam fechadas, como em todas as noites, oscilaram como uma miragem e desapareceram. Luzes estranhas e lúgubres dançavam e brincavam nas sombras embaixo do toldo do carrossel, e nuvens tempestuosas se agitavam no céu acima. Ao longe, Kelley ouviu os latidos do que parecia uma matilha inteira de Cães Negros.

Em pânico, tudo o que ela pensava era em se esconder. Ficar invisível.

Sonny não lhe havia dito que ela poderia fazer isso?

Os uivos se intensificaram.

Kelley passou os braços em torno de Bob e desejou, com toda a força de seu terror e desespero, desaparecer. Olhou para baixo e viu os olhos verde-claros de Bob se escancararem, e então ele desapareceu completamente. Ambos desapareceram.

Ela ainda conseguia ouvir a respiração entrecortada de Bob e senti-lo tremer ao seu lado. O esforço de lançar o véu quase a fez desmaiar. As trevas ameaçavam descer sobre ela, porém ela lutou bravamente, abraçando com força o *bucca* ferido.

Quando pôde ver nitidamente outra vez, olhou para o carrossel, e o aviso de Bob se tornou terrivelmente claro de repente.

O carrossel começou a girar, envolto em fumaça negra e cintilante.

Muito acima do carrossel, o magnífico garanhão feroso que antes era Lucky surgiu a galope. Ele gritava e golpeava com dentes e cascos, as longas pernas rodeadas de chamas. Na sua garupa, o Cavaleiro se mantinha ereto sem esforço, apesar dos corcoveios da montaria.

Kelley sentiu as forças se esvaírem e lágrimas rolarem-lhe pelas faces e, por um instante, o véu que ela conseguira invocar bruxuleou. O olhar do Cavaleiro se moveu e, por um momento, seus olhos se encontraram. Ela gritou-lhe o nome, mas a expressão dele permaneceu distante.

Fria e implacável.

Sonny...

A música alegre e ligeira do órgão do carrossel se transformou em uma cacofonia de estridentes gritos de guerra, e Kelley encolheu-se diante daquela ruidosa fúria. Viu, horrorizada, os cavalos de madeira do carrossel se contorcerem, ganhando vida como seres terríveis. Seus pesadelos estavam se realizando bem diante de seus olhos. Caçadores Mágicos sanguinários surgiam, adquirindo vida também, sobre as selas de cores alegres.

Os uivos dos Cães Negros ficavam cada vez mais próximos.

Kelley canalizou todas as forças que lhe restavam para o véu protetor que ela nem sabia direito como criara. Olhou para baixo e viu Bob e ela própria desaparecer de novo no exato instante em que a Caçada Selvagem emergia em plena noite.

Entoando terríveis cânticos alegres, os caçadores subiram ao céu para juntar-se ao seu líder, o Cavaleiro que montava o Cavalo Ruão. Uma matilha de Cães Negros ululantes irrompeu das árvores e pulou para os ares, seguindo o cavalo de perto.

Kelley voltou novamente a atenção para Sonny. Uma rajada de vento fez com que os cabelos dele rodopiassem loucamente ao redor do rosto belo e distante, enquanto seu olhar prateado vasculhava o espaço em que ele a vira encolhida junto com Bob apenas um momento antes. - Kelley sussurrou o nome dele, mas Sonny atravessou-a com os olhos, sem vê-la. Com uma expressão furiosa, ele girou a espada ao redor da cabeça e puxou brutalmente as rédeas do corcel feroso.

Juntos, eles subiram cada vez mais alto em espiral para dentro da tempestade, com a Caçada Selvagem seguindo-os de perto.

#

Tudo aquilo era culpa dela. Mesmo que jamais tivesse descoberto quem, ou o que, ela era, era por causa dela que tudo aquilo estava acontecendo.

Quando a Caçada Selvagem, galopando por sobre as copas das árvores, saiu do alcance de sua vista, Kelley deixou que o véu se desfizesse. Todos os seus membros tremiam por causa do esforço despendido para manter o véu, ainda que por pouco tempo. Aconchegado em seu colo, Bob ainda ofegava, sem conseguir falar. Retirando o trevo-de-quatro-folhas da bolsa, Kelley colocou-o ao redor do pescoço dele. Os arquejos cessaram quase que de imediato quando a aura protetora do talismã o envolveu, e ele olhou para Kelley com gratidão.

“O que aconteceu com você?”, ela perguntou, com a voz embargada ao vê-lo novamente.

“Auberon...” Bob foi acometido por uma tosse rouca e doentia. “Ele foi até o teatro procurar por você. Não gostou nem um pouco quando eu não quis contar pra ele onde você estava... Eu vim aqui pra avisar você. Nós estávamos enganados. A Caçada Selvagem... Não foi Mab. Foi Auberon. Só pode ter sido. Ele não quer que você volte. Quer que você desapareça. Que você morra.”

“Mas ele é meu *pai*...”, ela sussurrou.

Bob tentou dar um sorriso sarcástico, mas acabou conseguindo apenas uma expressão de dor.

“Receio que ele não tenha lhe enviado muitos presentes de aniversário, Kelley.”

“Graças a *você*, Goodfellow, eu não tinha o endereço dela.”

O som da voz do rei do Inverno fez Kelley pular. Ela se virou para vê-lo inclinar-se para pegar algo que caíra no gramado junto ao carrossel vazio. Quando ele se levantou, Kelley viu que Auberon segurava uma grande trompa de bronze na mão.

Ela se ergueu e se pôs à frente de Bob, a fim de protegê-lo. Sem a proteção do talismã que usara durante toda a vida, Kelley sentia a magia pulsando-lhe nas veias, mesmo exausta como estava. O ar parecia carregado, elétrico, ao tocar-lhe a pele.

“Impressionante”, comentou ele, enquanto descia a colina em direção à Kelley, seu olhar examinando-a meticulosamente, detendo-se nas asas prateadas luminosas. Parou diante dela e deu um sorriso gelado. “Bem, parece que filha de peixe, peixinho é.”

“Não me pareço em nada com você”, retrucou Kelley. “E jamais *serei* como você.”

“O que você vai ser, então? É evidente, pelo que estou observando, que você não pertence mais a *este* mundo...”

Ao longe, ouviam-se os gritos de seres humanos no parque enquanto a Caçada Selvagem e todos os outros seres mágicos perigosos espalhavam destruição pela noite.

“... ou ao que *sobrará* deste mundo. Depois que *eles* acabarem com tudo.”

Kelley estava prestes a desfalecer.

A voz de Auberon suavizou-se:

“É claro que tudo isso pode ser consertado. Mas apenas *eu* posso consertar a situação. Abra mão do seu legado, garota. Renuncie ao poder que reside em você, ao poder vindo da Corte do Inverno. Faça isso e eu lhe darei os meios de deter a Caçada Selvagem. Com a minha ajuda, você pode manter este mundo a salvo e resgatar Sonny Flannery do destino de Cavaleiro.” Ele apontou para o céu com a trompa. “Salve o homem a quem você ama, filha.”

“Eu gostaria *muito* que você não me chamasse assim...”, ela rosnou por entre os dentes cerrados.

Por mais forte que ela se sentisse, agora que sua magia havia sido libertada, Kelley sabia que ainda era muito inexperiente. Não sabia ainda sequer voar. Jamais conseguiria deter a Caçada Selvagem. Não se não tivesse ajuda.

“Vamos fechar o acordo, então?”, perguntou-lhe o pai.

“Que diabos, que alternativa eu tenho?”

“Receio que eu precise ouvi-la dizer as palavras”, respondeu ele, com frieza.

Kelley conteve um soluço.

“Sim, maldito seja. Dê-me o que for necessário para deter a Caçada Selvagem. Para que eu possa salvar Sonny. Faça isso e eu o deixarei tirar o poder da Corte do Inverno do meu sangue”, sussurrou ela, olhando bem dentro dos olhos frios e negros do pai.

“De acordo.”

Auberon avançou na direção dela.

“Espere.” Ao longe, Kelley avistou uma das Bruxas da Tempestade de Mab lançando raios em uma carruagem adornada. Lembrou-se do que Herne lhe dissera. “Quero algo mais em troca.”

“O quê?”

“Enquanto eu cuido da Caçada Selvagem, *papai*”, grunhiu ela, “eu quero que você expulse ‘mamãe’ e seu Exército de Doidas Varridas daqui do parque. E que, desta vez, garanta que ela jamais volte.”

“Com prazer, minha querida.” Auberon abriu um sorriso magnânimo e estendeu bem as mãos. “Com muito prazer.”

#

Auberon levou a mão à cabeça dela e murmurou uma palavra. O que aconteceu com o poder de Kelley foi como se, de repente, uma canção tocada numa gaitinha de boca passasse a ser executada por uma orquestra inteira. Ela iluminou todo o Central Park.

Então, de forma igualmente repentina, fez-se o silêncio. E a escuridão.

Kelley caiu de joelhos, sentindo-se vazia. Tão vazia que nem conseguia chorar.

Seu pai continuava postado diante dela, a pele gelada brilhando com a luz *dela*, e os olhos dele se encheram de um calor que até então estivera ausente. Ela o viu absorver para si todo o poder dela; o brilho se esvaiu, os olhos dele ficaram escuros outra vez.

“Muito bem”, ela murmurou, enfim, com uma voz fraca, abafada. “Como faço pra deter a Caçada?”

O rei baixou os olhos para ela, novamente tão distante quanto uma estátua de mármore.

“Não posso lhe dizer como. Mas eu *dei* a você os meios para realizar a tarefa. O resto você vai ter de descobrir por si mesma.”

“O quê?”

“Boa sorte, criança.”

Auberon se virou para ir embora.

Kelley ficou furiosa.

“Você é mesmo um filho da puta, sabia?”

“Talvez”, respondeu Auberon, olhando para ela com algo semelhante a remorso nos olhos. “Infelizmente, *you* também é. Lembre-se disso.”

Ele lhe acariciou o rosto e então se foi, correndo para dentro das sombras da noite e transformando-se em um falcão enquanto o fazia. Com as asas bem abertas, o rei se afastou com a trompa de guerra de Mab presa em suas garras.

Sem saber o que fazer, Kelley se voltou para Bob, que permanecia caído no chão, sem forças e imóvel. O feitiço havia protegido o *bucca* contra outras agressões, mas ele ainda estava seriamente ferido.

“Bob...” Ela o sacudiu até que ele gemesse. “Bob... Puck! Acorde! A Caçada Selvagem. Eles estão acordados outra vez, caçando seres humanos.”

Lá em cima, ela via a Caçada Selvagem fazendo loucas acrobacias no céu. Risadas cruéis ressoavam enquanto um dos Caçadores Mágicos perseguia uma mulher que vestia uma fantasia rasgada e ensanguentada de Cleópatra. Ao alcançá-la, ergueu-a do chão e a arrastou pelo ar, segurando-a pelos pés.

“Eles estão maltratando as pessoas!”

“Ah, é”, respondeu Bob, parecendo um tanto delirante. “Não se preocupe, eles estão só brincando. Logo começarão a matar...”

“Eu gostaria de evitar que isso acontecesse, se fosse possível, Bob. O que é que eu faço?”

“Você precisa falar com Sonny. Você é a única que pode...”

“Ele está a quase cem metros de altura!”

Bob deu uma risadinha e sua cabeça caiu para trás.

“Você é uma fada. Use as suas asas...”

“Auberon tirou as minhas asas!”, Kelley quase gritou de frustração.

“Ah...” A voz dele se reduziu a um sussurro, e suas forças declinaram. “Então você precisa encontrar outro jeito. Você tem *muito* poder...”

“Tinha, Bob.”

“Ainda... tem...”

“Do que você está falando?” indagou ela, em desespero. “Auberon tirou o meu poder... Eu renunciei a ele!”

“O que digo te espanta...”, balbuciou o *bucca*, seus olhos se fechando.

“Não, Bob! Chega de Shakespeare!”

Kelley sacudiu-o de novo, tentando tirá-lo do transe poético. Aquele não era o momento para aquilo.

“... mas espera.” Bob recitava os mesmos versos enigmáticos que usara para alertá-la em seu camarim. “O que nasce no mal, no mal prospera...”

Então Bob desmaiou de dor.

Sonny, onde você está quando preciso de você?

Era uma pergunta idiota. Kelley só precisava olhar para o céu para vê-lo brilhando sobre as copas das árvores como um cometa, com o grupo de Caçadores Mágicos assassinos logo atrás dele, perseguindo seres humanos aterrorizados pelo Central Park.

Kelley voltou-se para dentro de si, em busca de uma resposta. Quando fechou os olhos, encontrou-se novamente na visão que tivera em um dos ensaios, tanto tempo atrás, um lugar que ela agora reconhecia como a floresta de Herne – a clareira com a fonte em que Mab encantara o *kelpie*. Em sua mente, ela olhou para o outro lado da clareira e viu Sonny em pé mais uma vez, à sombra do bosque. Ele sorriu para ela, os belos lábios se curvando daquele jeito triste, e ergueu as mãos, com as palmas abertas. Os galhos brancos das bétulas atrás dele cintilavam sob a luz que saía das mãos de Sonny, formando um arco sobre sua cabeça como as galhadas de um cervo.

O Cervo Real branco...

Era isso.

Os olhos de Kelley se escancararam, e ela se sobressaltou com a revelação. O rei do Inverno podia retirar do sangue dela o poder que *ele* lhe dera... Mas Kelley apostava que ele não pudera retirar o poder herdado de *Mab*. Mab, a rainha do Outono, que governava as Terras Fronteiriças. Ela, que criara a Caçada Selvagem, que pervertera a natureza dos Caçadores Mágicos, roubando-lhes e escondendo-lhes a caça...

Mab, a rainha do ar e das trevas. Sua mãe.

Auberon lhe dissera para não se esquecer disso, mas ela não ousara enfrentar o fato.

Bob também a avisara. *O que nasce no mal, no mal prospera.*

Combater o fogo com o fogo. Era o que eles haviam tentado lhe dizer.

Fazendo o possível para ignorar o caos que a cercava, Kelley fechou os olhos de novo e sondou ainda mais fundo dentro de si mesma, procurando pela sombria e perigosa faísca do poder de sua mãe.

Ali está ela.

Tocou em algo em sua mente – uma energia tortuosa, serpenteante. Estava enterrada tão fundo que ela jamais a teria encontrado se Auberon não lhe houvesse tirado o brilho ofuscante dos dons que herdara da Corte do Inverno. A mente de Kelley recuou após esse primeiro toque, embora ela soubesse que teria de usar o seu poder negro. Extrair forças dele. Aceitá-lo.

Cerrou os punhos e, concentrando-se intensamente, chegou lá novamente. O poder do trono sombrio de Mab a envolveu, sufocante, esmagador. Ela se afogava outra vez, como na noite em que salvara Lucky. Até que, de repente, como uma chave que gira em uma fechadura, algo clicou. Uma porta se abriu dentro dela, e Kelley foi inundada de força e fúria. O poder de Mab correu-lhe pelas veias como ácido. Ela estava mortalmente gelada e em fogo ao mesmo tempo.

Estendendo as mãos à sua frente, Kelley rasgou o véu entre os mundos como se fosse feito de seda delicada, abrindo uma brecha bem no coração do reino de Mab.

Sem dar a si própria a chance de pensar sobre aquilo, ela se jogou para dentro do abismo.

O efeito sobre seus sentidos foi tão avassalador que ela quase não suportou. O fedor do terreno pantanoso era sufocante, e o ar úmido aderiu-lhe aos braços nus como gaze molhada. Entrara em um tipo de pesadelo; acima dela, galhos negros, esqueléticos, arranhavam o ar sombrio, e pequenos seres semelhantes a insetos lançavam-se contra ela, girando ao redor de sua cabeça, assobiando e estrilando furiosos. Kelley ignorou-os, abrindo caminho pelo lamaçal fétido rumo a um afloramento de terra coberta de musgo.

Quando chegou à margem, enfiou os dedos na argila esponjosa para sair de dentro da água turva. Algo deslizou junto ao tornozelo de Kelley, e ela gritou e retirou o pé da imundície, respirando com dificuldade por causa do esforço e do medo.

Ergueu-se sobre as pernas trêmulas e vasculhou o cenário lúgubre que a cercava. A neblina, densa e luminescente, cobria o terreno pantanoso. A floresta parecia observá-la com olhos invisíveis, malévolos, como se fosse uma intrusa.

Ela não era.

Por mais horrível que fosse aquele lugar, Kelley sentia uma perturbadora familiaridade. Era quase uma sensação de retorno ao lar – se é que uma casa mal-assombrada pode ser chamada de “lar”. Parte dela se sentia em casa ali, e aquilo a assustava mais do que qualquer outra coisa.

Perto dali, ela escutou o latido de cães. Mais Cães Negros. E eles vinham em sua direção.

O terror se apossou de Kelley, fazendo-a sair correndo, sem ligar para os galhos espinhosos que lhe arranhavam a pele, nem para os buracos, que ameaçavam derrubá-la a cada passo. Os uivos dos Cães Negros ficaram mais fortes. Podia ouvi-los esmagando as plantas do solo, logo atrás dela. Desesperada, Kelley estendeu os braços à frente do rosto e se precipitou por um bosque cerrado de arbustos, caindo em uma clareira onde uma lua cheia, lá no alto, derramava seus raios prateados sobre a grama.

Os Cães Negros estavam quase a alcançando.

Ela tentou reunir o poder que herdara da mãe, invocar outro véu, fazer alguma coisa – *qualquer coisa* –, mas o medo tornava impossível que se concentrasse. Fechou os olhos e pensou em Sonny. Ele estava lá, em sua mente, sob as árvores. Kelley viu um lampejo branco e prateado vindo de trás dela.

Agarrou-se mentalmente àquela brancura e atraiu-a para si.

Naquele instante, três enormes Cães do Inferno irromperam na clareira. Salivando e com um brilho escarlate nos olhos, eles a cercaram como se fosse uma presa abatida. E Kelley sabia que eles não se preocupariam em esperar que algum caçador chegasse e a matasse. Os poderosos músculos do líder dos cães se flexionaram, e ele pulou sobre ela, rosnando de fúria.

Kelley fechou os olhos e se preparou para morrer.

Ouviu o som de um impacto fortíssimo, e o rosnado se transformou em um ganido de dor. Os olhos de Kelley se escancararam – a tempo de ver o magnífico Cervo Real branco jogar o corpo inerte do primeiro Cão Negro contra uma árvore com suas enormes galhadas. Os outros dois cães não hesitaram: lançaram-se sobre o flanco exposto do cervo. O cervo bramiu e corcoveou, livrando-se de um deles e ferindo-o com seus chifres letais. No entanto, o último cão grudou-se no dorso do cervo com suas garras cruéis, e o sangue prateado escorreu pela pele branca, enquanto as pernas dianteiras do cervo cediam.

Kelley se ergueu de um pulo e gritou em desafio.

Um lampejo de energia das trevas explodiu a partir de onde ela estava e iluminou o bosque com uma luz cor de anil. O Cão Negro recuou e caiu no chão, morrendo sob os cascos inclementes do Cervo Real enfurecido.

O cervo virou a cabeça para Kelley. Os cascos prateados reluzentes estavam manchados pelo sangue negro do cão, mas ele ainda era a criatura mais majestosa que Kelley já vira.

O grande cervo arranhou o solo e bufou, os olhos refulgindo com fogo branco.

Kelley estendeu a mão e esperou, com um aperto de medo no estômago, enquanto ele se aproximava. Se o cervo não a aceitasse, tudo o que ele precisava fazer era balançar a cabeça para que as pontas agudas como adagas de sua coroa de chifres a destroçassem.

O cervo roçou o focinho na mão dela com narinas trêmulas. Então, ele abaixou a grande cabeça e fez uma reverência, dobrando uma das longas e graciosas pernas dianteiras para que Kelley montasse em seu lombo.

Ela quase chorou.

Montando, Kelley enfiou os dedos no pelo claro e espesso da crina do cervo. Agarrou-se com todas as forças quando o nobre animal saltou para o céu. Ele corcoveou e mergulhou, esperando, impaciente, que ela usasse de seu poder para rasgar outra fenda entre os reinos; então, atravessou o buraco a galope, nos ares, de volta ao reino mortal e à Caçada Selvagem.

#

Quando emergiram no céu sobre o Central Park, Kelley ouviu os Caçadores Mágicos urrarem de alegria incontida ao ver o Cervo Real branco.

Aquela sim era uma presa digna da Caçada Selvagem. Como Kelley esperara que fizessem, os caçadores abandonaram os aterrorizados mortais lá embaixo e incitaram suas montarias a sair em perseguição. Os Cães Negros que os acompanhavam uivaram como loucos e se lançaram atrás dela.

Subindo cada vez mais alto, Kelley os liderava, afastando-os do mundo dos mortais. Subira tanto que, ao olhar para baixo, podia ver as nuvens esfarrapadas. Enquanto os músculos do animal mágico embaixo dela se tensionavam e afrouxavam e depois se tensionavam outra vez, e os cascos pisavam no ar claro como se fosse uma trilha de floresta coberta de musgo, Kelley teve uma sensação de euforia como jamais experimentara – maior até do que a que sentira quando cavalgara com os caçadores de Herne.

Seguindo-a de perto, o Cavalo Ruão e seu Cavaleiro se aproximavam. Uma flecha roçou-lhe no rosto, e Kelley percebeu que seu tempo se esgotava. Quando Lucky e Sonny chegaram quase ao seu lado, Kelley recolheu os pés nus sob si, firmando-os sobre o amplo dorso do cervo, e agachou-se, equilibrando-se de modo precário. Respirou fundo.

Isso não vai ser nada fácil...

Kelley abriu uma fenda no caminho do Cervo Real. Puxou a crina prateada do animal, fazendo com que ele virasse para a direita, e jogou-se sobre o Cavaleiro – derrubando-o do

Cavalo Ruão.

Traçando um arco nos ares, a última coisa que Kelley viu antes de começar a cair foi Lucky flexionar os músculos e saltar pela fenda, ainda liderando a Caçada Selvagem e os cães enquanto estes se lançavam como loucos atrás do cervo. O grupo de caça pulou atrás do Cavalo Ruão antes que ele se transformasse de novo em um *kelpie*, passando através da fenda no céu, de volta ao reino de Mab.

Ótimo, ela pensou. Mab os criou. Ela que lide com eles agora.

Ela fechou novamente a fenda com a força do pensamento e sussurrou:

“Adeus, Lucky...”

Então Kelley e Sonny caíram.

Caíram como pedras na noite, precipitando-se sobre a terra.

Enquanto rolavam e rolavam pelo ar, Kelley procurou desesperadamente dentro de si pela força que poderia salvá-los – pelo poder da magia de sua mãe. Entretanto, a força apavorante que se alastrara dentro dela apenas instantes atrás se fora, reduzida a um mero filete. Tudo aquilo era novo demais para Kelley. E ela estava cansada demais. Eles estavam caindo, e ela sabia que não poderia fazer nada para impedir. Um soluço de frustração ficou-lhe preso à garganta – não era para terminar daquela forma.

Kelley sentiu os braços e as pernas de Sonny se enroscando ao redor dela, e percebeu que Sonny – o mortal, o humano Sonny – tentava fazer com que virassem no ar, para que suas posições se invertessem e, quando atingissem o solo, fosse ele quem suportasse o maior impacto. Com os braços a enlaçando com firmeza, Sonny aconchegou-a ao peito. Ela fitou os olhos cinzentos de Sonny e viu que ele a encarava serenamente, feliz. Contento por morrer, se fosse para salvá-la.

“Não!” Ela lutou com todas as forças para se livrar do forte abraço dele. “Sonny, não...”

Atrás da cabeça de Sonny, bem lá embaixo, ela pôde ver a negridão do solo implacável correndo para encontrá-los.

Ela se lembrou de quando eles dançaram. Ele a chamara de sua Estrelinha...

Kelley fechou os olhos com firmeza, lágrimas de esforço se congelando em suas faces, e invocou aquela imagem. A princípio, não havia nada – só um terrível vazio. Então, ela sentiu a pele começar a latejar. Faíscas elétricas, extraídas do ar carregado e tempestuoso ao redor dela, corriam para cima e para baixo de seus braços e suas pernas. O vento gritava-lhe nos ouvidos; o impacto esmagador com o solo era iminente. Kelley agarrou a frente da camisa de Sonny e abriu os olhos para vê-lo sorrir ternamente para ela.

“Seu bobo”, ela resmungou por entre os dentes cerrados. “Você não pode impedir minha queda...”

Imaginou que sua coluna vertebral fosse como um rastilho aceso e, com um esforço tão intenso que sentia como se fosse romper os próprios músculos e a carne, ordenou à estrelinha

que explodisse.

As omoplatas dela arderam com um súbito fogo negro, e o grito de triunfo de Kelley rasgou o céu.

“Não quando eu posso voar!”

O chão embaixo deles – a poucos centímetros de distância – resplandeceu com um súbito fogo roxo quando as asas de Kelley se abriram, delicadas como gaze, mas fortes o suficiente para utilizar o ar para impulsionar a ela e a Sonny novamente para o céu.

Com o canto do olho, ela viu, enquanto voava, que suas asas não eram mais prateadas.

Aquelas asas rendadas, cintilantes, haviam desaparecido – tiradas pelo pai. *Estas* que agora se desfraldavam atrás dela eram como as asas de uma borboleta exótica, escuras e faiscantes, como uma estrela que explode em tons de roxo.

O mundo ao seu redor brilhava em tons de ametista, banhado na luz violeta escura de suas novas asas.

Kelley era uma princesa do Reino Encantado.

Em desafio ao rei do Inverno, ela moldara o destino conforme a *própria* vontade. Uma expressão de admiração, quase de temor reverencial, espalhou-se pelo rosto de Sonny, e Kelley beijou-o depressa, antes que ele tivesse tempo de dizer alguma coisa. Sentiu os braços dele se cerrar em torno dela, enquanto eles subiam em espiral, sustentados por asas que eram tão escuras quanto a noite e tão brilhantes como uma estrela nova.

XXXVI

As botas de Sonny pousaram levemente em solo firme. Esmagaram a grama gelada, e assim ele soube que não estava sonhando. No entanto, o pesadelo parecia ter terminado. Ele soltou Kelley de seu abraço apertado e fitou-lhe o belo rosto. O brilho que emanava dela diminuiu, e as asas escuras tremeluziram e desapareceram. Pondo um dedo sob o queixo dela, ele ergueu-lhe o rosto, dando-lhe outro longo beijo nos lábios. O lindo vestido de Tyff estava manchado e em farrapos, e as pernas e os braços de Kelley se achavam cobertos de lama e arranhões. Suas faces, porém, estavam coradas pelo vento, e os olhos verdes faiscavam. Sonny nunca havia visto nada tão bonito em sua vida.

Por sobre o ombro dela, ele viu os cavalos de madeira do carrossel de volta aos seus lugares de costume, os olhos pintados desprovidos de fúria, as selas vazias.

O som de um lânguido aplauso alcançou-lhes os ouvidos, e eles se viraram rapidamente e viram Auberon de pé na trilha.

“Parabéns, filha. Eu não tinha certeza de que você seria capaz de encontrar a força necessária para derrotar a Caçada.”

Sonny levantou um dos braços para protegê-la, mas Kelley se colocou à frente dele e andou orgulhosamente ao encontro do pai. Ela estendeu a mão para a trompa de guerra que o rei do Inverno ainda segurava.

“É claro”, disse Auberon, os lábios se curvando ao passar-lhe o instrumento.

Agarrando a longa trompa de bronze com ambas as mãos, Kelley partiu-a em dois pedaços sobre o joelho, atirando-os no chão. Em seguida, sem dizer nada, deu as costas ao pai e voltou para junto de Sonny.

Ao longe, as sirenes ainda se faziam ouvir.

Sonny abriu os braços. Kelley mergulhou em seu abraço e encarou-o. Ainda tinha algo de selvagem no olhar dela, e Sonny não conseguiu conter um tremor diante do que via ali naquele instante.

“Está com medo de mim?”, ela perguntou, baixinho.

“Não”, respondeu ele, sem hesitar. “Com medo por você, talvez.”

O poder de Mab era algo assustador que ela teria de dominar, mas Kelley não precisava ouvir aquilo naquele momento. Os olhos dela se encheram de lágrimas, brilhantes e não derramadas, e

Sonny apertou-a nos braços e beijou-a.

“Minha Estrelinha... meu coração.”

“Se terminou aqui, meu Jano, ordeno a sua presença no Reino Encantado.”

Ele não precisava se virar para ver que Auberón permanecia ali, atrás deles.

Kelley emitiu um som sufocado, em negação.

“Pode ordenar o que bem entender”, retrucou Sonny, friamente. “Mas não vou a lugar nenhum com você.”

“Mab foi levada de volta ao Reino Encantado, mas não ficará escondida lá por muito tempo”, insistiu Auberón, com impaciência. “Ela retornará para ameaçar não somente o meu território, mas este aqui também, a menos que seja contida novamente. Você me ajudará a conseguir isso.”

“Não.” Sonny segurou Kelley com firmeza. “Não trabalho para quem traiu minha confiança.”

“É isso o que acha que eu fiz?”

A voz de Auberón era polida. Inquisitiva.

“Eu sei.” Magoava profundamente a Sonny dizer isso. “Você foi como um pai pra mim...”

“E você foi um filho obediente. E voltará a ser.”

Os olhos de Auberón ficaram completamente negros. Sonny sentiu uma dor aguda no peito, logo abaixo do medalhão de ferro, e ele o agarrou, incapaz de respirar.

“Pare com isso!”, gritou Kelley. “Não! Não pode levá-lo com você!”

“É claro que posso”, replicou Auberón, em tom indiferente.

“Fizemos um *acordo!*”

“Que de forma nenhuma incluía a permanência de Sonny neste mundo se você conseguisse fazê-lo voltar a si.” O rei deu de ombros com eloquente desdém. “Ele é membro da minha Corte. Ele deve obedecer.”

Sonny caiu de joelhos.

“Além do mais, preciso dele para desfazer o erro que ele próprio cometeu.” O rei do Inverno andou na direção dele, o olhar fixo no de Sonny. “Não é verdade, Sonny? Foi o seu erro, afinal, que libertou Mab. Por isso, é sua obrigação me ajudar a consertar a situação.”

“Não”, protestou Kelley furiosamente.

“E foi *você* quem pediu, filha, que eu garantisse que Mab ficasse longe deste lugar. Você não especificou como.”

Uma bela armadilha, pensou Sonny. Truques de seres mágicos.

“Não!”, Kelley berrou com o pai, mas Sonny sabia, em seu coração, que Auberón estava certo.

Mab estava livre novamente por causa *dele*. E tinha algo que Auberón não havia dito: Kelley permanecia em perigo por causa disso. Dependia de Sonny endireitar as coisas.

A dor lancinante no peito cessou abruptamente quando ele tomou sua decisão.

“Kelley.” Ele se pôs de pé e segurou-a pelos ombros, para que ela o encarasse. Sacudiu-a de leve, e as lágrimas correram pela face dela. “Não estou partindo pra sempre. Mas ele tem razão. Preciso fazer isso.”

“Mas...”

“Shh...” Ele a puxou com força contra o corpo e sussurrou, com os lábios roçando-lhe os cabelos. “Assim como Píramo e Tisbe na sua peça... Vou encontrar um furo na parede. Vou achar um caminho de volta.”

“Você sabe que a história deles tem um fim horroroso, não sabe?”, ela indagou, engasgando-se em um soluço.

“Ah, meu coração. E Shakespeare lá sabia de alguma coisa?” Sonny abraçou-a com força. “Ele provavelmente teria reescrito essa parte, se tivesse pensado melhor. Eu *vou* voltar pra você. Prometo.”

Quando Auberon veio na direção deles, Sonny sentiu Kelley se empertigar com um ódio frio. Ela se afastou dele e se voltou para o pai, os olhos verdes brilhando perigosamente.

“Preciso lhe dizer que vou ficar muito infeliz se algo de ruim acontecer a ele?”

“Não, filha. Não precisa”, respondeu Auberon, em tom suave. O rei fez um gesto com uma das mãos, como se esta fosse uma lâmina, e um portal crepitante se abriu para o Outro Mundo. “Venha, Sonny. É hora de ir.”

Kelley juntou-se a Sonny em um último abraço, e eles se beijaram como se, naquele instante, eles fossem as únicas pessoas em todos os mundos. Então, ele se virou e passou pela fenda. Auberon se demorou por mais um instante, olhando para Kelley, e Sonny ouviu-o dizer:

“Você tem mesmo os olhos de sua mãe.”

NOITE DE ESTREIA

1º de novembro

Faltava apenas pouco mais de uma hora para as cortinas se abrirem, e Kelley deveria estar nervosa. Em vez disso, sentia-se entorpecida.

Noite de Estreia. Hora da Magia. O apogeu de seus sonhos de infância alcançado...

E nada daquilo importava.

Sonny não estava ali para assistir. Ela se sentou em frente ao espelho de maquiagem, brincando desanimada com o aplicador de rímel, olhando para o pó que ela antes derramara na mesa e que não se dera ao trabalho de limpar.

Fora do camarim, ouvia a agitação dos outros atores – os meninos andando com passos pesados, o sussurro das saias quando as dançarinas passavam correndo. Ouvia o quase constante murmúrio dos atores e da equipe ainda tagarelando, trocando teorias sobre o que *realmente* acontecera no Central Park no Dia das Bruxas – gangues, alucinações em massa, alienígenas. A especulação corria à solta.

Pelo menos toda aquela agitação havia servido para desviar parte da atenção do desaparecimento de Kelley. Mesmo assim, precisara de 45 minutos de solenes desculpas e o reconhecimento relutante de Quentin do fato de que ele não tinha mesmo outras opções antes que ele concordasse em deixá-la voltar ao palco.

Mas agora? Kelley não se importava mais com nada daquilo. Nem mesmo o som do quarteto musical afinando os instrumentos nas coxias a emocionava.

Kelley ergueu o olhar ao som de uma batida na porta, que se abriu. O véu de ocultamento que Bob lançara sobre si mesmo encobria bem os ferimentos que recebera de Auberon ao tentar protegê-la.

Ela deu um sorriso cansado ao *bucca* quando ele lhe estendeu a mão, o colar com o trevo-de-quatro-folhas pendendo de um dos dedos.

“Achei que ia querer isto de volta.”

Kelley levantou o cabelo e se virou, de forma que ele pudesse lhe passar a corrente em torno do pescoço e prender o fecho.

“Pode dar um jeito pra que ele nunca mais se desprenda, Bob?”, indagou ela, baixinho. “Pra que o meu poder permaneça oculto pra sempre?”

Atrás dela, Kelley o sentiu hesitar.

“Eu poderia... mas tem certeza de que é isso o que quer?”

Kelley fitou o espelho e, nos olhos ali refletidos, pensou ver a mãe observando-a. Imaginou como seria ter silenciada a energia ondulante e irresistível que cantava em suas veias; eliminar a força e o poder e, com eles, a perversidade sussurrante que os acompanhava. O desejo ardente de causar o mal. O cruel desprezo pelas consequências...

“Poder é poder, Kelley. É o que você *faz* com ele o que importa”, declarou Bob. “Eu sei bem disso. E, se quer o meu conselho, eu manteria todo o poder que tenho por enquanto, se fosse você. Talvez venha a precisar...”

“Pra resgatar Sonny”, ela completou. “Talvez você tenha razão.”

“Venha comigo”, pediu ele. “Quero lhe mostrar uma coisa.”

Ele a tomou pela mão e levou-a para o palco, que se encontrava escuro, à espera de que as cortinas se abrissem. Kelley conseguia ouvir o murmúrio do público do outro lado. Bob guiou-a até o centro da parte frontal, onde as duas metades da cortina se encontravam, e abriu uma pequena fresta para que ela espiasse.

Kelley teve um sobressalto. Sentadas no centro da primeira fileira estavam Tyffanwy e tia Emma. E, do outro lado de Emma, segurando a mão dela, estava um sorridente Sonny Flannery.

“É só para o espetáculo”, sussurrou Puck junto dela. “Ele não poderá ficar pra ver você depois, mas me pediu que lhe desse isso.”

Era um envelope, feito de pergaminho claro com bordas douradas. Do lado de fora, estava escrito “Estrelinha”; dentro havia uma única folha amassada de papel – a página 26 do roteiro dela.

Sonny circulara três palavras em tinta dourada: “Eu te amo”.

Kelley pressionou a folha de papel contra o peito e se voltou, agradecida, para Bob.

“Como fez isso?”

“Não fui eu. O rei do Inverno deu a Sonny o suficiente de seu próprio poder pra que fizesse a travessia.”

“E como foi que *você* convenceu meu pai a fazer isso?”

Bob baixou a cabeça, em falsa modéstia.

“Um pouco de enrolação aqui, um pouco de negociação ali...”

“O que teve de dar em troca?”, ela indagou, desconfiada.

“Ah, não dei nada...”, respondeu ele, descartando a preocupação dela com um aceno de mão.

“Nada?”

“Nada demais.” Os olhos dele faiscaram. “Na verdade, achei um emprego fixo. Depois da noite de encerramento, vou voltar pra Corte do Inverno. Parece que Auberón está sem nenhum assistente decente desde que parti.”

“O *quê*? Ele torturou você, Bob...” Kelley olhou-o com perplexidade e gratidão. Ele fizera isso por ela. E por Sonny. “Tem certeza disso?”

“Conhece o provérbio, princesa... Mantenha os amigos por perto... e os inimigos mais perto ainda.”

Bob piscou para ela e deixou-a no palco escuro.

Kelley olhou de novo pela abertura na cortina, absorvendo cada traço do rosto de Sonny, sorrindo com deleite ao ver o modo como ele e Emma conversavam, riam e pareciam não conseguir desviar os olhos um do outro nem por um momento. Ela ficou observando-os até ouvir os músicos iniciarem a abertura. Kelley pestanejou para afastar as lágrimas de felicidade.

Tudo ficaria bem. Ela ainda tinha o poder da mãe. Entretanto, o que era mais importante, possuía inteligência e coragem, e agora sabia o bastante sobre o Bom Povo para tentar vencê-los em seu próprio jogo. No dia seguinte, Kelley começaria a planejar seriamente como resgatar Sonny para sempre; mas não naquela noite.

Aquela era a Noite de Estreia.

Hora da Magia.